



3 1761 07048399 5

200 Anos de Troça

GASETILHAS
PUBLICADAS EM
O SECULO

PREFACIO DE
António de (ampos)

PQ
9261
F482D6

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

SOCIEDADE EDITORA

LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA


95, R. Augusta, 95 | 3, R. Jvens, 37

LISBOA





DOIS ANNOS DE TROÇA



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto



EDUARDO FERNANDES

(ESCULAPIO)

DOIS ANNOS DE TROÇA

GAZETILHAS publicadas em O SECULO (94-95)

Revistas pelo auctor e prefaciadas por

ANTONIO DE CAMPOS JUNIOR



LISBOA

EMPRESA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade editora

LIVRARIA MODERNA || TYPOGRAPHIA

R. Augusta, 95 || 35, R. Ivens, 37

MDCCCC

PQ
9261
F482D6



Ao seu grande amigo

J. J. da Silva Graça

Director d'«O SECULO»

Offerece e dedica

O AUCTOR



CARTA AOS EDITORES

SRS.

Vão vv. publicar em volume as *Gazetilhas* graciosissimas de *Esculapio* e desejam que eu lhes escreva umas palavras preliminares, especie de prologo como elles foram moda para apresentação dos livros e dos auctores.

Lamento que batessem a tão má porta! Gosto dos versos como gosto da musica, a minha alma admira e sente commovidamente a divina arte d'esses enfeitiçadores, poetas e maestros, artistas da palavra feita melodia sonhadora do espirito, artistas da musica feita poesia dominadora dos sentidos; mas não sei escrever a respeito de uns e d'outros, e nem vv. imaginam o pezar com que lhes faço esta confissão!

Assim não posso, não me é licito fazer a apreciação critica do poeta e a analyse da sua obra. A minha audacia não chega ainda para simular uma competencia que não tenho e uma auctoridade de que toda a gente podia duvidar.

Querer dar ares de apresentação do poeta a umas

palavras preambulares que eu aqui escrevesse, seria cair n'uma vaidade pedantesca e ridicula de que, em boa hora o diga, me supponho incapaz.

Deus me livre de tal desastrada tentação!

Toda a gente que lê conhece perfeitamente o sr. Eduardo Fernandes, sob o seu famoso pseudonymo de *Esculapio*. Creio que por esse paiz fóra não ha quem saiba lêr que lhe não saiba tambem o nome e não lhe tenha lido as *Gazetilhas do Seculo*, tantas d'ellas encantadoras de singeleza e admiraveis de graça, muito portuguezas no rir e na fórma, o que é já raro merecimento n'estes apagados tempos de alta e baixa desnacionalisação; todas impregnadas de um certo sabôr comico muito nosso e d'uma espontaneidade que nos lembra as mais deliciosas quintilhas do Tolentino.

Havia de ter graça que eu me desse ares de apresentar aqui um poeta assim conhecido!

Mettia-me em bôa, se em tal caisse, para de algum modo urdir o preambulo que vv. desejam!

Desfechava uma troça medonha contra mim, desde Melgaço a Olhão, desde Campo Maior a Alcabideche, e tres mezes depois de eu ter caído em tal patétice, ainda os Açores e o Ultramar estariam de mãos na ilharga a rir da minha pessôa.

Não haviam de faltar soletracios que me perguntassem rancorosamente, como o sujeito da anecdota:

E a você quem o apresenta?

E tinham razão. Na provincia não ha leitores do *Seculo* que não tenham rido regaladamente com o chiste portuguezissimo dos seus versos, e em Lisboa então só talvez os cegos o não conhecem pessoalmente.

E' vêr nos theatros, nas ruas, nos cafés. Apparece elle, muito alto, dos mais altos d'esta nossa raça atarracada, de longa cabelleira como um bohemio de Mürger, de singular pallidez como um romantico do tempo de Musset ou de Soares de Passos, quasi tão magro como esse prodigioso estroina e extraordinario homem de genio que foi Bocage; apparece, e todos o vêem e todos o conhecem e dizem todos uns para os outros.

—E' o *Esculapio*.

E é elle. Ninguem se engana e ninguem o confunde com outro; nem pela figura typica nem pela fórma litteraria, tão sua, que se um dia escrever uma gazetilha, sem que a firme com o seu famoso pseudonymo, logo toda a gente ha de perceber que é d'elle, pois que nos seus ligeiros versos de todos os dias, cheios de graça, despretenciosos, tantos d'elles de uma certa alacridade scintillante como as espumas do champagne quando lhes dá a luz coada pelos crystaes: n'aquelles seus versos é que se verifica triumphalmente essa velha affirmacão de que *o estylo é o homem*, a coisa que eu conheço mais fallivel e de mais extraordinarias excepções, sob o ponto de vista da litteratura e da psychologia.

Ora! Quantos de estylo masculino, pujante, como a repercutir batalhas e a reflectir epopêas, quantos que parecem escrever do Sinai, á luz dos relampagos, sem *abat-jour*, com o elmo de Rolando por tinteiro, e são afinal umas timidias creaturas, de vosita feminina, de risiveis pieguices, muito vibrateis de nervos, incapazes de descer a escada ás escuras?

E quantos outros de estylo candido e devoto, que são uns reverendissimos patifes, ou de linguagem la-

crymosa e funebre, que no fim de contas teem passado a vida a rir como bohemios e a gosar como satrappas ?

Eu conheci um sujeito que escrevia adoravelmente uns contos de castos amores, de honestos idyllios do lar, n'uma linguagem carinhosa, cheia de bondade, mansa como um lagosito marginado de flôres, rutila e tépida como as manhãs de abril.

Pois disseram-me que o mariola dava sóvas de zulu na mulher, perdia as noites no *Chat-Noir*, e enganára indecorosamente uma afillhada do parochó da sua propria freguezia !

Vá lá alguém fiar-se em estylos ! Eu já uma vez escrevi uma tirada a respeito de navegações epicas, em que as phrases se me empolavam como as ondas e as palavras pareciam espumejar como as aguas revoltas do Oceano contra o arcaboço dos galeões antigos. Toda a gente diria que era prosa de um almirante d'outras eras, com antepassados nos *Lusiadas*.

Aquillo sim. Saiu-me estylo de enganar os proprios lobos do mar ! O Colombo e o Gama, se podessem lêr aquillo, tomar-me-iam por collega seu, muito sabido.

A linguagem roncava como as vagas contra os penhascos do Cabo, que eu nunca tive o gosto de vêr, e, Deus me perdôe, se até não era estylo que cheirava a ostras !

Pois afinal, a triste realidade é que eu vou vêr o mar a Cascaes em caminho de ferro, e uma vez que fui ao Lazareto, n'um barco de vela, estive quasi a invocar a Senhora do Restello, como se fosse n'uma caravella de Bartholomeu Dias para dobrar o Cabo das Tormentas !

E com tal susto historico cheguei ao fim da travessia, que até um brasileiro de barbas, que estava em cima, a uma janella, me deu a suggestão do gigante Adamastor!

Mas onde eu acho o asserto verdadeiro é nas gazetilhas de *Esculapio*. Ali sim, ali o *estyllo é o homem*. O homem alegre, moço, a rir do mundo despreoccupadamente; o homem que elle é.

E agora, na altura em que vae esta carta, feita a declaração solemne de que não posso intentar a critica do poeta e da sua obra porque sou para isso o lusitano mais deploravelmente leigo, e reconhecido que seria ridicula pretensão querer apresentar um homem como o sr. Eduardo Fernandes, sob a sua mascarilha de *Esculapio*; tenham vv. paciencia, acceitem as minhas humildes desculpas; mas é preciso concluir, e vou fazel-o expondo-lhes singelamente o meu voto de simples leitor, ácerca d'este poeta admiravelmente popular.

Leio-lhe de ha muito as gazetilhas, leio-lh'as regaladamente, e bemdigo os minutos de desafogo que tenho encontrado n'aquelles versos, que nos fazem coegas para nos fazer rir e comnosco riem tambem suggestivamente, como se os houvesse metrificado, n'uma hora de bemfazeja inspiração, a musa expansiva e jocosa da velha alegria portugueza, que não macaqueava Paris.

Colligindo e publicando em livro as gazetilhas de *Esculapio*, certamente as que elle preferiu e seleccionou, as mais scintillantes de graça, que são muitas, prestam vv. uma honrada e justa homenagem ao talento incontestavel do sr. Eduardo Fernandes, e põem nas mãos do povo o livro do seu

poeta mais dilecto. E' o livro em que elle ri deliciosamente e hade fazer rir tantos d'esses que, nos dramas da sua propria alma e nas luctas asperrimas da vida, carecem de um intervallo consolador e d'uma bemfazeja hora de repouso, vivida na suggestão e no encanto alegre da obra poetica de *Esculapio*.

E na homenagem d'essa edição, que é tambem serviço gratissimo aos que lêem, estará decerto um poderoso estimulo que leve o poeta a mais laboriosa tarefa e lhe desprenda o talento para mais arrojadados vãos.

Bem hajam vv. pelo seu emprehendimento. Felicito-os sinceramente pela sua idéa, e faço votos para que o poeta encontre o incentivo que merece.

26 de setembro
de 1900

De vv.
att.^o e devotado adm.^{or}

Antonio de Campos Junior.

Prefacio do Auctor

*Satyras prestam, satyras se estimam
Quando n'ellas calumnia fel não verte.*

BOCAGE—A Pena de Talião

*Feitos sobre o joelho, improvisados
Em noites de trabalho e borbórinho,
Medidos por dever, que é duro espinho,
Sem fórma, sem talento e sem cuidados,*

*Eis aqui vão os mal alinhavados
Correr de novo ao mundo outro caminho,
Sem mais valor que o vago desalinho,
Sem mais preço que uns risos provocados.*

*Possam elles de novo á gargalhada
Mover quem os compulse e não preciso
Outro premio melhor. E' quasi nada*

*Mas vale um mundo inteiro em meu juizo.
— Facil se torna a lagrima chorada,
Custoso é sempre provocar o riso.*

DOIS ANNOS DE TROÇA

GAZETILHAS

O Carnaval em Lisboa

Lá te vi leitor amado,
De velha e suja farpella,
Aos pulos pelo Chiado,
De nabiça na lapella,
Chapeu alto amachucado.

Lá te vi n'uma carroça
Mais outros da tua laia,
De tudo fazendo troça,
Vi-te vestido de faia,
Paivante e bengalla grossa.

Vi-te de faca na mão,
Focinho sarapintado,
Com enorme casacão,
Com o nariz mascarrado,
Faces tintas de azarcão.

Vi-te nos bailes dançando
Por entre nuvens de pó,
Vi-te as damas alagando
E vi-te catraspicando
Desarcado dominó.

Ri á farta por te ver
Quer de noite, quer de dia,
Mas não ri por graça ter,
Antes ri por perceber
A tua semsaboria !

Vi á farta, á farta vi
Como sem graça te vias,
Ri á farta, á farta ri
E até tu mesmo te rias,
Se tu te visses a ti !

A semsaboria nacional

Lisboa, a séria cidade,
Logo ao romper da manhã,
Sae da sua seriedade
E vae á noite á Trindade
Dançar com furia o *can-can*.

De dia n'esse Chiado
Aos outros joga tremoços,
Recolhe a casa sol nado,
Com o corpinho encharcado
Té á medulla dos ossos.

Da janella ao parapeito,
Luva atada n'um cordel,
Atira a cada sujeito
Com um certo engenho feito
De tirinhas de papel.

Nos *salsifrés* dança valsas,
Em suor toda se alaga,
Ri-se das vozes dos *salsas*,
De palhaço enverga as calças,
Empunha tosca bisnaga.

Quarta feira, estrudo fóra,
De tosse e gosma rebenta,
Escarra, lança, expectora,
Vae pagar á Boa Hora
Mil quinhentos e quarenta !

Febre de querellas

Pobres jornaes querellados
A's ordens do juiz Veiga,
Que vão ser guilhotinados
E por elle aproveitados
Para embrulho de manteiga !

Coitados dos jornalistas
A que o juiz carniceiro
Vae fazer jogar as cristas,
Mettendo-os, como uns fadistas,
Nas furnas do Limoeiro !

Triste vida a do coitado
Que rabisca nos jornaes,
Sempre, sempre querellado,
Pelo juiz condemnado
A penas das capitaes !

Infeliz do que nas folhas
Grossas verdades nos diz,
Que a maldita lei das rolhas
O faz metter nas encolhas...
—Pobre, coitado, infeliz !

Antes ir d'um garrotinho
Nas edades innocentes,
Antes comer pão de milho,
Antes das hervas ser filho,
Neto das aguas correntes.

Com a mania moderna
Do juiz Veiga, o nosso amigo
Que em tudo manda e governa,
Antes partir uma perna
Do que escrever um artigo !

Terça feira gorda

Hoje, finda a palhaçada
Do velho e tropego Entrudo
Põe-se um termo á gargalhada,
Não ha mais troça nem nada,
Cessa o riso e cessa tudo!

A *cocotte* malfazeja
Recolhe á vida de outr'ora,
Logar aos psalmos da Igreja,
Vamos pagar, salvo seja,
A fiança á Boa Hora!

Os trémoços a grelar
Começam pelo Chiado,
Que não se pode parar,
Que eu só penso alli passar
De nariz calafetado!

Não vi mascaras de geito
Por essas ruas de dia,
Que entrudo tão sem proveito!
O' que estúpido sugeito,
Que enorme semsaboria!

Tomára já que acabasse
Esta grande terça-feira,
Tomára já que isto passe
Por favor, que terminasse
Esta grande pepineira!

O' que tempo de loucura
Sem graça, estúpido, mono,
Que tempo de diabrura!
Se uns dias mais isto dura
Morria a gente de somno!

Quarta feira de cinzas

Como com mata-borrão
Se esvae um borrão de tinta,
Foi-se Entrudo o folião,
Agora contas na mão,
Agora borracha á cinta!

Não mais bailes na Trindade,
Não mais troças na Avenida,
Lisboa, a seria cidade,
Volta á sua seriedade
Por tres dias esquecida.

Hontem já pelas arcadas
Todo o mundo discutía,
Nas ruas já socegadas
Não havia mascaradas,
Nem já barulho se ouvia.

Só falava toda a gente
Nas querellas dos jornaes,
A discussão era quente,
A phrase viva e fremente
Nas ruas, praças e caes.

Da Madragôa ao Rocio,
Desde Belem ao Chiado,
Diziam n'um corropio :
—Não fica em Lisboa um fio
Vae tudo ser querellado !

Quem não cae nas esparrellas
E vê claro claro n'isto tudo
Deve ver, sem mais aquellas,
Que esta historia das querellas
Foi brincadeira de Entrudo !

As eleições

Só depois do centenario,
 Dizem jornaes informados,
 Teremos de deputados
 As faladas eleições,
 Que hontem, em magno conselho
 O governo reunido,
 O tinha assim resolvido,
 Taes eram suas tenções.

Os galopins cá da terra
 Não gostam nada da graça,
 Elles, os reis da trapaça,
 Destronados de repente...
 E um ouvi que a grossa turba
 Dizia, maluco e vario:
 — Até vir o centenario,
 Morre e nasce muita gente!

Parece, pois, que o governo
 Andou mal e fez asneira,
 Que a mofo o caso me cheira,
 A motins e zaragatas;
 Melhor andava se, em summa,
 Menor o praso fizesse,
 Pois que, até lá, arrefece
 O carneiro com batatas!

O terror

A policia atarantada
 Poz de banda os jornalistas,
 Já não quer saber de nada,
 Pois que anda na piugada
 Do plano dos anarchistas.

O Veiga passou em claro
 A noite de sexta feira,
 Não dormiu e, caso raro,
 Lourenço, Aguiar, Ferreira
 Gastaram de balde o faro.

Que, á noite, na Parreirinha,
 Foi um motim dos diabos,
 Cara de caso este tinha,
 Aquelle ia, est'outro vinha,
 Policias chefes e cabos.

Não havia um corredor
 Onde a mortes não cheirasse,
 Tudo inspirava pavor,
 Ficava mudo de horror
 Quem de noite lá passasse!

O' que aquillo assim agora
 E' de tremer de afflicção,
 E' peor que a Boa Hora,
 E' qual outra Inquisição,
 Lá por dentro e cá por fóra.

Eu seja feito em moinha
 Ou transformado em manteiga
 Se eu voltar á Parreirinha,
 Se eu torno a falar ao Veiga
 Sem resar a ladainha!

Guerra ao commercio

A questão commercial
Tomou grandes proporções,
O caso agora vae mal,
Porque o governo afinal
Não quer mais associações.

O commercio grita e berra,
Reune todos os dias,
Remexe mar, céus e terra,
Ao poder declara guerra
Com enormes gritarias.

Já muito tempo não tarda
De as lojas pôrem taipaes,
Que estala e rompe a bernarda
E ha correrias em barda
Das guardas municipaes.

Ao povo, triste pedinte,
Apertam de novo as cilhas,
As lojas fecham, de acinte,
E o pobre contribuinte
Tem de ir jantar a Cacilhas.

Rebenta um dia a campanha,
Quebra a corda no mais fraco,
A policia impa da sanha
E o pobre, do povo apanha,
Coitado, p'ra o seu tabaco.

Que isto das associações
Vae fazer, por minha fé,
Cruentas revoluções,
Ficam rindo os figurões
E quem paga... é sempre o Zé!

Um decreto

O governo fez decreto
Que hontem sahiu no *Diario*,
Foi um caso extraordinario
Hontem falado em Lisboa,
Nas arcadas, pelas ruas,
Tudo na coisa falava,
Tudo gritava e berrava,
Sem faltar uma pessoa!

Eu não li, mas vejo agora
Que o caso foi de chupeta,
Não havia uma gazeta
Que não trouxesse um normando;
E' que a coisa foi de estalo,
Foi obra muito falada,
Foi coisa mui celebrada,
Foi um caso miserando!

Eu vi que todos diziam
Muito mal do tal decreto,
Que tremia o chão e o tecto,
Que ao caso faziam figas.
Deixar porém ver o resto,
Que isto não vae de repente,
Tudo aquillo é boa gente,
Mas não me fio em cantigas!

A furia de prender

A policia anda inventando
Crimes a torto, a direito,
Passa o dia investigando,
Capturando, interrogando,
Outra coisa não tem feito.

Ora prende um anarchista
Por pôr na rua um cartaz,
Ora intima um jornalista,
Ora *engaveta* um fadista,
Coisas do demonio faz.

Nos calaboiços, ha gente
Mais basta que um molho de herva,
E' quasi a cunha uma enchente,
Que anda por lá penitente
Com dez dias de conserva.

O Veiga até vae mais cedo
Para o governo civil,
Entra a gente ali com medo,
Parece aquillo um degredo,
Que os presos são mais de mil.

Do mais rico ao miseravel,
A policia as unhas deita,
Vadio ou homem notavel
E' posto incommunicavel
Pela mais leve suspeita.

Transformado eu seja em gaz,
Eu seja feito em torresmo,
Eu seja um pobre rapaz,
Se o Veiga não é capaz
De se prender a si mesmo!

A furia de investigar

Quer saber por força o Veiga
Quem deu as informações,
Em mil investigações,
Coitado, gasta o toutiço.
Vae gente ao seu gabinete,
Mil perguntas lhe dispara,
Mas toda a gente declara
Que não tem nada com isso.

O Veiga revolve a terra,
Faz perguntas do demonio,
Pede, invoca Santo Antonio,
Nas mais duras afflições,
Acorda agora mais cedo,
Diz mal do seu triste fado,
Mas não sabe inda, coitado,
Quem deu as informações.

Por mais que faça e que gema,
O seu tempo perde o Veiga,
Faz a cabeça em manteiga,
Soffre mil tribulações.
Tenho dó d'elle, coitado,
Ao vel-o, com pena fico.
—Quem seria o demonico
Que deu as informações?

Um centenário

Desde de Faro até Mangualde,
Lisboa e seu arrabalde,
Arrayolos, Amarante,
Quer na rua ou quer na sala,
Sómente agora se fala
No centenário do Infante.

Muito chefe de família
Já poz no prégo a mobília,
Levantou dinheiro vario,
Comprou sedas, espartilhos,
P'ra levar mulher e filhos
A's festas do centenário.

O dom Henrique, coitado,
E' por hi aproveitado
Em coisas mil e tremendas,
Anda pintado nas caixas,
Desenhado nas bolachas,
Anda nas montras das tendas.

Mal diria o pobresinho,
Desgraçado, coitadinho,
Quando mil façanhas fez,
Que hoje assim era ultrajado!
Se soubesse, o desgraçado,
Morria agora outra vez.

O que vale ao pobre Infante
P'ra que, emfim, se não levante
Contra os destinos tyrannos,
E' que, obra do kalendario,
Só lhe fazem centenário
Uma vez cada cem annos!

Mais um feriado

Brevemente ha feriado
Por essas repartições,
Tempo a festas consagrado,
Mais uns poucos de tostões
Saem da burra do Estado.

O pobre do amanuense,
Desgraçado fomenica
Que um triste ordenado vence,
Na cama mais tempo fica
Sem que no ponto mais pense.

Os estudantes não vão
Aturar o professor,
Não se lembram da licção,
Nem de dar no corredor
Uns aos outros canelão.

De manhã, pela Avenida,
Ninguem poderá romper
Dos theatros á saída
Farta-se a gente de ver
Muita gente conhecida.

E' de ver com que alegria
Se recebeu a noticia,
Todo o mundo se influaia,
Pensando já na delicia
De estar na cama de dia.

Apenas certos bregeiros
Acolhem a concessão
Nem tristes, nem galhofeiros...
— Os que andam annos inteiros
Sem ir á repartição!

Uma praga

O' que praga de Onofroffes
 Que eu vejo n'esta cidade,
 E' no Circo, é na Trindade,
 E' no Principe Real,
 O' que praga de adivinhos,
 Que massada de magia,
 O' que grande epidemia
 Grassa agora em Portugal !

A coisa pegou na moda,
 Já ninguem nos livra d'ella,
 Toda Lisboa se péla
 Pela tal fascinação.
 Os *mediums* fazem prodigios,
 Os *mediums* são uns portentos,
 Os *mediums* são uns talentos,
 Fazem grande sensação.

Não se vê senão nas ruas,
 Becos, travessas, calçadas,
 Pessoas embasbacadas
 Falando na tal magia,
 Somos um povo perdido,
 Perdemos o que ganhámos,
 Em pouco tempo voltámos
 Ao tempo da bruxaria.

Deus grande, Deus das alturas,
 Tem dó de nós, desgraçados,
 Deixa-nos cá socegados,
 D'esta miseria não mofes,
 Bem basta a nossa desgraça,
 Ouve, attende o nosso grito,
 Antes as pragas do Egypto,
 Que a praga dos Onofroffes !

A festa no Porto

Dizem do Porto que ha gente
 Que dorme á noite na rua,
 Em casa não mette o dente,
 Não dorme na parte quente,
 Ressonando á luz da lua.

Rompe a manhã, tudo acorda
 Ao roar do foguetorio,
 Sem da cama estar á borda,
 Qual n'um hotel dos da corda,
 Qual n'um outro dormitorio.

Reflecte o sol na vidraça
 Os raios da viva chamma,
 Vem o cortejo na praça
 E a multidão toda passa
 Por cima d'aquella cama.

A' noite o pobre coitado
 O seu destino maldiz,
 Vae-se deitar conformado,
 Depois de ter desenhado
 No chão o leito com giz.

Se aquillo fosse em Lisboa
 Nada d'aquillo se dava,
 Não havia uma pessoa
 Que dormisse assim á tóa,
 Por cá ninguem se deitava.

Que o Veiga fero, iracundo,
 A soberba ideia tinha
 De uma rusga, furibundo,
 E mettia todo o mundo
 No pateo da Parreirinha !

Dia de folga

Tudo tem seu feriado
N'estes tempos do Onofroff,
Todo e qualquer empregado,
Só eu ando condemnado
A não ter um regabofe.

Acho o caso extraordinario,
Injustiça e sem razão,
E hoje faltó ao meu fadario.
Por causa do centenario,
Não venho á repartição.

O fim da festa

Hoje acaba a patuscada
Na terra da Reboleira,
Acabou-se a vida airada,
Acabou-se a brincadeira,
Por ora não ha mais nada.

Que foi por lá o diabo,
Não se viu nem ouviu nada,
Passou-se fome de rabo,
Sobre as pedras da calçada
Do corpinho se deu cabo.

Hoje chega a comitiva
Que foi ao Porto gosar,
Muita flôr e muito viva,
Mil foguetes a estalar
Pela cidade festiva.

Hoje termina a folia,
Hoje acaba a reinação,
Não mais, não mais alegria,
Toca a ser semsaborão
Por esta semsaboria.

Gente que foi á cidade
Das tripas e do Reimão
Voltou de lá com vontade,
De ir ao Porto com tenção,
Mas só por necessidade.

Que eu não tinha indá largado
Este assumpto superfino,
Andava o leitor massado,
Que o centenario henriquino
Ficou roido de um lado!

Dia de mandria

Hoje não ha versalhada
Que vou p'ra a cama scismar,
Sem matutar em mais nada,
Onde pára o Bacellar,
O tal da carta adorada.

Talvez que tome café,
Faça o mais que não se diz
E vá ler, de luz ao pé,
O que dizem do Burnay
As gazetas do paiz.

Os vivas

Muito viva hontem se deu
N'essa estação da Avenida,
Toda a gente ensurdeceu,
Um dos vivas ouvi eu
Q e hei de ouvir por toda a vida!

Um viva ouvi que, partido
A's dez horas do Rocio,
Fez tal e tanto alarido,
Que á noite ainda era ouvido
Junto á torre do Bugio!

Outro ouvi de tal tensão
Que partiu como um vae-vem
Até ao Conde Barão
E foi ter, como um tufão,
Ao Poço do Borratem.

Outro vi, onda ruidosa,
Quando sahi do jornal,
O céu já de côr de rosa,
Seguindo a rua Formosa
Até á Patriarchal.

Outro ouvi pelo Chiado
Té á praça do Camões,
Cantando coisas ao fado,
Com seu chapéu desabado,
Melenas e maticões.

Que foi tal a quantidade
Que os vivas, presentemente,
São nova calamidade,
E eu creio que na cidade
Ha mais vivas do que gente ;

Protesto d'um galopim

Bonifacio Vaz da Motta,
Galopim acreditado
Que só no governo vota,
Candidato a deputado
No sitio da Porcalhota.

Vem fazer, por este meio,
Ao governo da nação,
Que manda, ordena no seio
Da tal representação,
Um protesto mesmo em cheio:

«Os filhos que Deus lhe deu
«Não comem ha mais de um mez,
«A mulher adoeceu,
«Calotes tem mais de dez,
«Tarecos, tudo vendeu.

«Em casa só tem miseria,
«Gatos, piolhos, baratas,
«Não parece a cousa seria
«De andar transferindo a leria
«Do carneiro com batatas.

«Requer pois, com certo afinco,
«Na desgraça em que se vê,
«Eleições antes—não brinco—
«Do tal dia vinte e cinco.
«E Receberá Mercê.»]

Tem razão o galopim
No que diz nas redondilhas,
Eu tambem digo que sim
Pois tambem me falta a mim
Assumpto p'ra gazetilhas.

Outro Onoffrof

Com tanto *onoffrofisar*
 Como eu vejo por ahi,
 Não sei onde irei parar,
 Que eu já ando a matutar
 Na sciencia do *Serni*.

O *Serni* do *cabaret*,
 O tal *Serni* do *Jardin*,
 O *Serni* ou lá o que é,
Serni, *Serná* ou *Serné*,
 O tal *Serni* ou *Serin*.

O florista do Chiado
 Que tanta flôr nos vendeu,
 O florista delicado,
 Que ha dias appareceu,
 Agora *onoffrofisado*.

Só faltava que a florista
 Que a gente viu por ahi
 Desse agora em magnetista,
 E' na verdade uma artista
 A tal *madame Serni*!

Tenho a mente em sinapismo,
 Trato tudo aos pontapés,
 Eu pasmo, eu matuto, eu scismo,
 Que nos faça magnetismo
 Quem nos fazia *bouquets*!

Em legitima defeza

A minha pobre cabeça
 Hoje tem o quer que seja,
 Não ha coisa que eu não veja
 Junto de mim, a dobrar.
 Apesar d'isso, eu não tenho
 Fama de ser piteireiro,
 Passo bem um dia inteiro
 Sem um só gole tomar.

E' que sinto cá por dentro
 Como se fôra um martello
 Que me agarra no cabello,
 Põe-me os miolos a arder,
 Sinto uma dôr tão aguda
 Que nem um verso só faço,
 Sinto um tremor no espinhaço
 Que nem me posso lamber.

Tenho que ir pôr sinapismos,
 Beber genebra ou cachaça,
 Nem mesmo sei o que faça,
 Que nem posso pôr-me em pé.
 —E' que estou assim doente
 Por ter lido hontem, massado,
 Um artigo publicado
 Sobre a questão do Burnay!

O noivado do inquilino ¹

Vae alta a renda na mansão do triste,
 O dia vinte, com vagar, chegou
 E o senhorio, de recibo em riste,
 Não tem descanso, que inquilino eu sou.

Que paz tranquillal... mas á porta, á porta,
 Uma argolada com fragor rangeu;
 Negro phantasma, que o olhar entorta,
 Sobre as escadas, a cabeça ergueu.

Ergueu-se, ergueu-se, na carteira escassa
 Campeia a fome com sinistra côr,
 O triste geme, na mortal desgraça,
 Os filhos berram pelo corredor.

Ergueu se, ergueu-se, com recibo enorme,
 Olhou em roda .. não achou vintem...
 Um gato preto sobre a cama dorme
 E o triste parte, procurando alguem.

Chegando perto d'um portal contiguo,
 Em casa terrea, lá da rua ao fim,
 Parou, sentou-se, com accento ambiguo
 Estas palavras murmurou assim :

«Casa de prego, em que ardo e tenho tudo,
 «Onde o relógio tive que empenhar,
 «Que é da casaca, mais do sobretudo,
 «Quanto de juros tenho que pagar ?

«Tres mezes, prazo que depressa finda,
 «Juro maldito, que me rouba a paz ;
 «Quem da cautella se lembrára ainda
 «Que, n'outro prego, reempenhada jaz ?

«Abandonado, sem vintem, nem cousa
«Que possa ao prego vir trazer aqui,
«Ai! quão pesado me tens sido, ó Souza,
«Preguista infame, tenho dó de ti!

«Ai! quão pesado me tens sido!» e em meio,
A bolsa exausta lhe caiu no chão,
Vinte catellas arrancou do seio
E uma rasgada nota de tostão.

«Talvez que possa dar em padre-nossos
«A renda toda do semestre ou mez,
«Ao Limoeiro vão parar meus ossos,
«Que a calotice também tem seus quês.

—«Oh! nunca, nunca!» N'um falar fanhoso,
Responde um typo que parece alguém ..
«Oh! nunca, nunca!» repetiu vaidoso
O pobre triste que não tem vintem.

Cobre-lhe as fórmias um casaco horrendo,
Mais umas calças de vermelha côr,
Um chapéo alto de pendor tremendo
Lhe cerca as ventas d'um mortal pallôr.

«Não, não perdôo, não dispenso nada :
Vês o recibo ? Tens dinheiro ahi ?...»
E, já sem forças, cae por sobre a escada,
Todo a tremer, a estremecer por si.

«Feliz que eu era se recebo a renda,
«Do teu dinheiro vendo a cruz emfim,
«Que a calotice já não tem emenda,
«Largar-te á perna vou um beleguim.

«Não vês ao longe da Boa Hora a rua ?
—«Oh! vejo sim... lá vejo o tribunal !
—N'aquelles bancos é que o pobre sua,
Quando, por sorte, não aveza real !

«Oh! vem! que a renda, a contra-fé intima,
«Hoje me pagas o dinheiro emfim ..

«Quero o teu sangue, quero pôr-te em cima
«Enorme albarda que me pesa em mim!

E, ao som dos sinos d'uma igreja perto,
Vão os tarecos de sinistro alvor
Sobre as costellas de um gallego esperto,
Cujo pescoço já perdeu a côr.

Quando, na praça, despontava o dia,
Já da mudança nada havia então
Mais que uma casa funeral, vasia,
Toda esfregada por ignota mão.

Porém, mais tarde, na calçada immunda,
Entre as pégadas de cavallos, bois,
Ouviu-se o estrondo de tremenda tunda,
Eram os *gajos*, a soccar-se os dois.

Logar a concurso

Em Madrid, morreu ha dias
O carrasco da cidade,
Que, á conta da humanidade,
Tanta canella espichou,
Posto o logar a concurso,
Acudiram varias gentes,
A chusma dos concorrentes
Foi tal que nunca acabou.

E' notavel que um emprego
Seja assim tão desejado,
Logar tão ambicionado
Em Lisboa nunca vi,
Deve ser logar graúdo
Com um lucro fabuloso,
Não ha logar tão rendoso
Como carrasco em Madrid.

Quem me dera ser de Hespanha
Cidadão ou natural!
—Sou filho de Portugal,
Não sei cantar *seguidillas*—
Que ao concurso referido
Eu concorria primeiro...
—Sempre ha de dar mais dinheiro
Do que fazer gazetilhas!

Que o officio de carrasco
Deve ter pouco trabalho,
Muito mais em qualquer talho
Tem um pobre cortador,
E eu dei annos já no officio,
Dou enormes garantias,
Que enforco todos os dias
A paciencia ao leitor.

A mania do suicidio

Voltou de novo a mania
De se matar toda a gente,
Não se passa em claro um dia
Que não haja um padecente,
Todo o mundo se asphyxia,
Tudo morre de repente,
Voltou de novo a mania !

Por meio de enforcamento,
Grosso cordel na guela,
Matam-se a cada momento,
A morte o corpo enregela,
N'um verdadeiro tormento,
Mas tudo espicha a canella
Por meio de enforcamento.

As gazetas, em noticias,
Impam de estylo enfunado,
Fazendo em prosa as delicias
Do leitor impressionado,
Andam sem folga os policias,
Gastam seu palavriado
As gazetas, em noticias !

Dão cabo da medicina
Se começam n'este andar,
Que ha doutor de raça fina
Que já não tem quem matar,
Já não tem gasto a morphina,
Com tanto suicidar
Dão cabo da medicina !

Chegam as afflicções

Os estudantes, coitados,
Começam tendo afflicções,
Os actos estão chegados,
Toca a estudar as licções
P'ra não serem reprovados.

As aulas todas fecharam,
Os actos estão á porta,
Para os que não estudaram
Anda a coisa muito torta,
Que sempre *em branco* ficaram.

Sobre os livros da materia
Queimam agora as pestanas,
Mettem no casco uma leria,
Não dormem quatro semanas,
Que a coisa está muito séria.

Adeus cafés no Martinho,
Damas de lindo regaço,
Adeus orgias de vinho,
Sempre debaixo do braço
O negregado livrinho.

Que o ser agora estudante
E' coisa negra e mofina,
E' um martyrio constante,
E' soffrer de *carolina*,
Dôr de barriga irritante.

Qual phantasma, a negra lousa
Causa arrepios e tedio,
A mente nunca repousa,
P'ra descobrir um remedio
Contra o *virus da raposa* !

O acto novo do «Sarilho»¹

<p>Hoje só penso em <i>Sarilho</i>, Em acto novo e mais nada, Eu hoje não gazetinho, Anda a musa atrapalhada, Vae-lhe nascer mais um filho.</p>	<p>Que espero ver o leitor Logo á noite no theatro, — Já lhe agradeço o favor — Fazer barulho por quatro, A gritar : auctor ! auctor !</p>
<p>Qual condemnado a morrer, Passo o dia no oratorio, Nem um verso sei fazer, Ando triste e merencorio, Com vontade de morrer.</p>	<p>E eu descer d'um rompimento, Dando o meu braço ao collega, Em vivo agradecimento... —Ai, Jesus! se a coisa pega... Ai, Jesus, eu arrebento !</p>
<p>Que a coisa—vou-lhes contar, Mas não digam a ninguem — Não é coisa de espantar, Coisa grande, mas tambem Não deve desagradar.</p>	<p>Desfalleço de alegria, Vendo a p'osa dos papeis Que a <i>Roda Viva</i> elogia... —E são mais uns tantos réis Que eu recebo cada dia!</p>

A parada da municipal

<p>Vae um bulicio infernal Nos Paulistas e nos Loyos, Bulicio phenomenal Pelos mil diversos coios Da guarda municipal.</p>	<p>Com ar de desconsolado, O corneta da terceira Disse ha pouco a um soldado: —Nem p'ra escrever á sopeira Tenho ao menos nm bocado!</p>
<p>Os <i>guitas</i> tão denodados Andam em viva afflicção, Limpam com cal os doirados, Fazem fardas no casão, Dão rebolo nos terçados.</p>	<p>Trabalham varios fachinas, Andam bestas em tropel, Fazem-se mais barretinas, Ninguem pára no quartel, Nas casernas, nas cantinas.</p>
<p>O vinte e nove da quarta Disse ha pouco ao vinte e sete: — Não anda esta gente farta, Que assados em que nos mette, Que gente esta, um raio a parta !</p>	<p>Ao vel-os n'essa Avenida, Lisboa fica pasmada, Ao pensar, estarrecida, Com^o houve tanta <i>mexida</i> Por causa de uma <i>parada</i> !</p>

¹ Revista do anno de 1863. em que o auctor collaborou, representada com grande successo no theatro da Rua dos Condes.

Tempo quente

Que me dizem ao calor
 Que hontem fez, não dizem nada?
 Pois eu, meu caro leitor,
 Tenho a camisa ensopada
 E derreto-me em suor.

Olha se a tal macacôa
 Do maldito vibrião
 Não desampara Lisboa!
 Com esta suffocação,
 A cousa estava bem boa?

Eu, se faço um movimento,
 Sou qual outro contador,
 Faço-me em baulha, em unguento,
 Não posso com tal calor,
 Se não acaba, rebento!

Quem me arranja agua nevada,
 Mas antes d'isso fervida,
 Com cousas dentro ou filtrada?
 Quem me arranja uma bebida,
 Refresco, carapinhada!

Calcula, ó tu que me lês,
 Que já mudei de camisa
 Por duas vezes ou tres,
 Não corre um sopro de brisa,
 Calculem, pensem vocês!

Já mais póros eu não tenho
 Para tamanha aguadilha,
 Sentir frio é vão empenho...
 —Ponho ponto á gazetilha,
 Vou á Siberia e já venho!

Tempo inconstante

Depois do grande calor,
 Veio a maldita da chuva
 Importuna e semsabor,
 Lançou-nos o tempo a luva,
 Vamos de mal a peor.

Andamos a distillar
 Agua por todos os lados,
 Não podíamos parar,
 Agora andamos molhados,
 Todo o dia a enxugar.

Nem quantas carapinhadas
 Houvesse n'esses cafés,
 Agora nem com gemadas,
 Pois que trazemos os pés
 Na maior das caldeiradas.

Andei de fato fininho,
 Sem camisola nem nada,
 Hoje trago no corpinho
 Andaina mais encorpada,
 Quatro colletes de linho.

Que tempo tão inconstante
 Que me apoquento e me rala,
 A mudar a cada instante
 De guarda chuva e bengala,
 Chuva, ou calor suffocante!

O tempo, n'este mudar,
 N'esta troça, n'este brinco,
 Já parece adivinhar
 Que o tal dia vinte e cinco
 Não tarda em se approximar!

Caso mysterioso

Não ouviram já falar
N'um grande e novo mysterio
Que eu não quero desvendar,
Caso grave e caso sério,
Que anda uma coisa no ar?

Não ouviram já dizer
Que anda ahi o quer que seja
Que eu nem desejo saber,
Certo mysterio que esteja
P'ra se dar a conhecer?

O que será? E' mexida
Que ande ha tempos preparada,
Deu alguns signaes de vida,
E' por causa da parada
Que vamos ter na Avenida?

Foi a guerra na Guiné
Onde houve mortal chacina,
Varios tractos de polé,
Será nova *carolina*,
Novo *bacillo*, ou o que é?

Vae cair o ministerio,
Vae o sol bater na lua,
Vamos passar de hemispherio,
O que será que na rua
Se fala em ar de mysterio?

Que coisa tão complicada,
Que emmaranhado hieroglypho,
O' que custosa charada,
Que horroroso logogrifho!
—Querem ver que não é nada?

Um sonho

Hontem, sonhei que tres typos
N'uns capotes rebuçados,
Até aos dentes armados,
Me tinham vindo falar
E me disseram baixinho,
Com medo que alguém ouvisse,
Que n'um prompto me vestisse
Que a coisa estava a estalar.

Eu puz ao cinto uma espada,
Puz na cabeça um turbante,
Cavalguei n'um rocinante,
Cingindo negra armadura,
Entreí no campo da liça,
Rapei de alva durindana,
Em torno o sangue espadana
E eu sempre fura que fura.

Mil phantasmas me accommettem
Abrindo fauces horrendas,
Vozes sonoras, tremendas
Saem de negro alçapão ;
E eu sempre em veloz carreira,
O ilhal do bico apertando,
Tudo ferindo e matando,
Como um raivoso leão.

Acordei, vi-me no quarto,
Na cabeça um cobertor,
Nas mãos o despertador,
Semi-morto de cancelira,
No travesseiro a cavallo,
Como um tigre accommettia,
Raivoso, á pancadaria
Na mesa da cabeceira !

Novas côrtes

Quando aberto o parlamento,
A's vezes não ha sessão,
Não se discuté um momento,
Que os deputados não vão
A's côrtes tomar assento.

E' preciso o presidente
Deitar os pés á parede
E fazer-se impertinente,
Lançar á porta uma rede
E arrebanhar toda a gente.

Em lhes não cheirando a dia
De grandes espalhafatos,
A sessão só principia
Com meia duzia de gatos,
Contando os da galeria.

Agora que está fechado
O palacio de S. Bento,
Não houve um só deputado
Que não fosse ao parlamento,
Ao novo, ao pé do Chiado.

Ninguem podia na sala,
Com o cheiro a sovaquinho,
Tudo berra, tudo fala,
Cada orador um moinho,
Cada palavra uma bala.

As côrtes, pensando eu entro,
São capoeira taluda,
Com muitas aves no centro,
Quando se abre, estão na muda
E não dão uma p'ra dentro !

Oito horas de trabalho

Quem trabalha a noite inteira
Curvado sobre uma mesa,
Fazendo prosa da teza
E rimas de estylo vario,
Quem gasta tinta aos almudes
A fazer besbelhotices,
Sua, escrevendo tolices,
E' ou não é operario ?

Quem cantou a *carolina*
Por bastos dias a fio,
Quem andou n'um corropio
Pela cidade a vapor,
Quem arranjou mil noticias
Aos quatro ventos da fama,
Que o leitor roeu na cama,
E' ou não trabalhador ?

Pois eu que fiz essas coisas
E inda mais que não relato,
Eu que andei por pó de gato,
Mais expedito que um raio,
Hoje, não quero massada
Quea mente cançar-mevenha,
E' justo que eu tambem tenha
O meu primeiro de Maio !

A primeira toirada

Grande chapéo desabado,
Cinta vermelha e jaqueta,
Seu laçarote encarnado,
Sae de casa o lisboeta,
Verdadeiro *aficionado*.

Lá vae, com seu bengalão,
Contemplando o céo sereno,
Dando-se um ar de pimpão,
Até ao Campo Pequeno
Ver a primeira função.

Vae ver os bois apartar,
Com a vista a praça explora,
No sector toma logar...
—Caramba! Comece á hora!
Logo começa a gritar.

Bébé Chico faz successo,
O Botas toca a corneta,
Sae do toiril um *malesso*
E o meu bom do lisboeta
Dá palmas com um possesso.

Vem a pé pela Avenida,
Farto de se divertir,
E é vel-o, a noite caida,
No Marrare a discutir,
Tomando qualquer bebida.

—Não calculas rico filho
Esta toirada foi rara.
Eu todo me maravilho...
Que grande pega de cara
Que fez o *Pataterillo*!

A segunda dos Prazeres

Hontem, segunda de sestas,
Fui até ao cemiterio,
Entrei com ar grave e serio
No campo da eternidade,
Vi os ranchos de operarios,
Sentados sobre os jazigos,
Jantando como uns amigos,
Bebendo vinho á vontade.

A' noite, vim por hi fóra,
Andando, tira que tira,
Bailei com todos o *vira*,
Na rua o fado bati,
Cantei com mil ovarinas,
Bailei com cem catraeiros,
Alegres e galhofeiros,
Burguezes dançando vi.

Como é bello o vêr no prado,
Pachorrento, os bois lavrando,
E andar cantando e dançando
Sobre a cova de um defunto,
Como é triste o fazer versos,
Em constante redondilha
E engendrar a gazetilha
Sem ter um reles assumpto!

A missa campal

Então, a missa campal
Que anda ha tempos projectada
Ja não se faz afinal,
Ficou a coisa gorada,
Não se pensa mais em tal ?

E' porque o tempo está mau
Que não celebram a missa,
Ou porque ha guerra em Bissau ?
Fica a missa de remissa
Em aguas de bacalhau ?

Então, porque é que se diz
Ha mais de um grande semestre
Por todo o nosso paiz
Que ha de haver missa campestre ?
Ficou em vasa barris ?

A gente devota, então,
Que usa contas e cilicio
E faz constante oração,
Tem de ir ver o sacrificio,
Por força, á Encarnação ?

Quem concorre aos lava-pés,
Sabe a côr do paramento,
Vae ás egrejas e Sés,
Terá de ir ao Sacramento
Ouvir o *Ite missa est* ?

Ha mais de seculos tres
Que em tal se fala e bastanté,
Não se faz dentro de um mez,
Tem tempo o senhor infante
De adoecer outra vez !

Carta ao Padre Eterno

Senhor ! São sete da noite,
A chuva cae ás golphadas,
O vento é qual outro açoitado,
Não ha ninguem que se affoite
A passar n'essas calçadas.

Eu, que saí ha bocado
Porque tive de fazer,
Vim p'ra o jornal encharcado
E tenho estado a escorrer
N'uma cadeira sentado.

Na rua, as poças malditas
Fazem-me andar n'uma fragua,
Molho as meias, molho as fitas,
Tendo de andar ás cabritas
P'ra não cahir dentro de agua.

Dou nas pedras cada bordo,
Que, de tanto tropeção,
Da conta mal me recordo,
Metteu agua no porão
Um sapato por bombordo.

Ora é preciso lembrar
Ao grande Deus das alturas
Que hoje o céu deve aclarar,
Dando volta ás fechaduras
D'esta chuva banhar.

Vae-se arrematar!

Quanto me dá o governo,
Quanto paga o Mariano,
Onde me emprega o fulano
Que as côrtes se quer propôr?
Quanto me rende este voto
Que eu tenho na freguezia,
Quando vale a regalia
De um cidadão eleitor?

Previno que não sou d'esses
De consciencias baratas,
Nem carneiro com batatas,
Nem o Quintão me convence,
Não vou lá por quatro libras,
Nem por vinho do Cartaxo,
E pelintra e reles acho
Um lugar de amanuense.

Só quero emprego graúdo,
Só quero uma posta boa,
Quero mostrar-me em Lisboa
Com trem, cavallos e luxo,
Quero gastar bons dinheiros,
Ir a grandes patuscadas,
Quero comer jantaradas,
Quero encher bem este buxo!

Quem quizer, mande uma carta,
Pague primeiro o recado,
Com tudo muito explicado,
Com grandes explicações,
Se me agradam as vantagens,
Falar-me venha, mas corra,
(Que eu voto mesmo que morra
No dia das eleições!

Ainda as eleições

Eleições! E não se passa
D'este assumpto corriqueiro,
Como ha de a gente ter graça,
Ser, emfim, gazetilheiro,
Todo piada e chalaça?

No rodapé do jornal,
Tratam-se assumptos diversos,
Mas como se ha de afinal
Fazer rimas, fazer versos
Em metro de Juvenal?

Eleições! O galopim
Póde da coisa gostar,
Mas o que me importa a mim
Que elle ande a galopinar,
Que tenho eu com isso, emfim?

Que me importa que fulano
Compre votos a tostão?
Que tenho eu com que sicrano
Prepare grande eleição
Ao deputado beltrano?

Se eu não vou á freguezia,
Se eu não falo ao regêdor,
Não entro na sacristia,
Se eu não conheço o prior,
Se eu não recebo maquia?

Não serei eu quem lhes pegue
Se querem galopinar.
Quero que tudo se esfregue,
Podem até ir votar
No diabo que os carregue!

O nome do peixe

Em Paço d'Arcos um peixe
Que appareceu no mar largo
Satio, goraz ou pargo
De uma enorme proporção,
Tem feito o pasmo das gentes,
A turba varia e pasmada
Pergunta se elle é pescada,
Sardinha, bóga ou cação.

Chamado um naturalista,
Que os ha cá e de primeira,
P'ra não dizer uma asneira,
Entupiu, ficou calado...
Será tainha, ou fanéca,
Arraia, ameijoa, lampreia,
Será besugo, ou baleia,
Ou bacalhau albardado?

Chamadas a toda a pressa
As ovarinas da praça,
Não descobriram a raça:
Do tal passaro bisnau,
Se era savel, espadarte,
Se camarão, se dourada,
Lula, chóco ou peixe espada,
Salmonete ou carapau!

Anda tudo encordoado
Sem saber o que é o peixe,
Não ha ninguem que não deixe
De lá cahir, como um pato...
E não haver quem se lembre,
E n'isto mal acredito,
De levar como perito
A Paço d'Arcos... um gato!

A companhia dos galopins

Real circo da nação,
Lisboa, tantos de tal,
Matinée, grande funcção,
Não custa nem um real,
E ainda se paga um tostão.

Elenco da companhia:
Pinoia, Montes, Bandeira,
Bacellar, Lucas, Leiria,
Cavalleiros, Oliveira,
O *Zé da Escada*, o *Pipia*.

Feijão branco e Feijão frade
São as ingenuas do drama,
De uma grande ingenuidade,
Leiras é primeira dama
E outra gente em quantidade.

Sobe á scena a grande peça,
Dos mais bellos dramalhões,
Não faz doer a cabeça,
Tem por titulo: *Eleições*,
Fazem-se ensaios com pressa.

Os coristas afinadós
São em córos os decanos,
Andam a ser ensaiados
Na capella dos Caetanos,
Por galopins consummados.

A scena mais principal
E' passada no urdimento,
E' a pintura real
Do palacio de S. Bento,
Depois da bomba final.

A cholерina

Tenho a machina instestina
Qual cuco, sem regular,
Atacada pela fina
Cholерina ou *carolina*,
Como lhe queiram chamar.

Dar lhes-hei mesmo doente
Os versos cá do jornal,
N'estes trabalhos da mente
Sou rijo, forte e valente,
Não dou baixa ao hospital.

Tenho toda a tripalhada
N'um maldito desarranjo,
Tenho a pansa escangalhada,
Não como nada, nem nada,
Isto anda muito macanjo.

Maldita peste me ataca
Nervos, tripas e tendões,
Ando agora com macaca,
A precisar de uma maca
N'este tempo de eleições.

Tu que me fazes penar,
Carolina de uma figa,
Não podias esperar?...
— E se eu não posso ir votar
Por me doer a barriga ?!

A urna adorada

(Musica da Grã-Duqueza)

Depois de amanhã,
Começa a campanha
No nosso paiz,
Que vae tudo andar
Em palpos de aranha
Por ahi se diz,
Nas varias egrejas
Que espigas se apanha,
Mettendo o nariz.

Já cheira a carneiro
Pela sachristia,
Que consolação!
Que ricas batatas
Tem a freguezia,
Que vinho a tostão!
Que grande inferneira
Vae ser n'esse dia,
Que grande eleição!

O' urna adorada,
Meu sonho de amor,
Que assiste á chamada
Do pobre eleitor.

O' que chapelada,
Que magua, que horror!
Que grande massada
P'ra o pobre eleitor!

A' urna!

A' urna, cidadãos! Na freguezia,
Tudo a postos está galopinando,
Já, com voz cava, um cidadão chamando
Os outros vae em lengalenga fria.

Logo ao raiar de tão solemne dia,
Ao templo afflue um grande, enorme bando,
Todo o mundo eleitor se move, quando
O renhido combate principia.

A' urna, cidadãos! Que, no cruzeiro,
Qual em taberna vil, sordida furna,
F'ervem batatas, cresta-se o carneiro!

Ide com cara seria e taciturna,
Envergae vosso fato domingueiro,
A' urna, cidadãos! A' urna! A' urna!

Cidadão eleitor dos meus peccados,
Com quem ha tempos brinco e gazetillo,
Vae deitar o teu voto, rico filho,
Vae fabricar mais quatro deputados.

Tira-te hoje, eleitor, dos teus cuidados,
Veste camisa nova e com mais brilho,
Limpa o teu *frack* sério e mais casquilho,
Põe os teus collarinhos engommados.

Que eu quero ver-te em volta da tal meza,
Qual mendigo que vae buscar um bodo,
Em sisuda e correcta correnteza.

Que eu quero, a rir, arrebentar-me todo,
São eleições á antiga portugueza,
Com vinho de tostão, copos a rôdo!

Vocês vão ver quem amanhã se espeta,
 Mal rompa o dia, a ver n'essa Avenida
 Os galopins que governaram vida,
 A' custa do eleitor, pobre pateta !

Este uma verba açambarcou secreta,
 Traz a familia toda bem vestida,
 A'quelle uma pensão foi concedida,
 Est'outro fartas rendas engaveta.

Aquillo é que é gosar ! Vendeu o voto,
 Mas ficou, co'a familia, governado,
 Deixou de andar com fome e semi-roto.

Não quer saber quem seja o deputado,
 E' um typo qualquer, talento ignoto,
 Que apenas diz nas côrtes — Apoiado !

Depois da batalha

Sobre os loiros da victoria
 Dormem os seis deputados,
 Sonhando sonhos de gloria,
 A pensar nos apoiados
 E em bellezas de oratoria.

O cidadão eleitor
 Discute a nova eleição,
 Os galopins, o prior,
 A grande escamoteação
 Perante Nosso Senhor.

Os jornaes publicam listas
 Com todos os resultados,
 Trabalham os jornalistas,
 Ha telegrammas cifrados
 De além mar e das conquistas.

Os *Pinoias* que suaram
 Comprando votos aos centos,
 Que por conta trabalharam
 Fartos e grossos proventos,
 Mil empregos arranjaram.

Em Lisboa, toda a gente
 Do clero, nobreza e povo,
 Se apresentou de repente,
 Vestindo o seu fato novo,
 Com farpella alvinitente.

Impam de luxo os malsins,
 Passada a necessidade,
 Fazem pandegas, festins...
 — Lisboa, eterna cidade
 De marmore e galopins !

Pudera!

Quem venceu? Foi o governo?
Olha a grande novidade!
Tinham dinheiro á vontade,
Muito e muito galopim...
Venceu a lista de chapa,
Todos na lista votaram,
Venceram, tripudiaram?
Tambem eu ganhava assim!

Dê-me o governo uma grosa
De empregos dos mais taludos,
Doze typos façanhudos
De corpo bem alentado,
A's ordens toda a policia,
Do Estado toda essa gente
E vão ver, em continente,
Quem é que sae deputado!

Ponham-me quatro carneiros,
Vinte kilos de batata,
De carrascão grossa data
A' minha disposição,
Oito typos com cacetes,
Dinheiro a todo o momento,
Eu faço o recenseamento,
Verão quem ganha, verão!

Assim, vencendo o governo,
Como já se preparava,
Se a lista que governava
Era a que já se sabia,
Podia vir no *Diario*
Essa tropa nomeada...
—Não tinha a gente a massada
De ir votar á freguezia!

Novo codigo

Bate-se agora a policia
Com novo regulamento,
Já hontem li a noticia,
Mas não tive um só momento
P'ra ver as leis da milicia.

Qualqner guarda que a não faça
E, ante a tropa teso fique,
Seja da esquadra da Graça,
Do pateo de D. Fradique,
Sae-lhe bem cara a chalaça.

Só hontem n'um corredor
Um guarda todo zangado
Eu vi, com todo o furor,
Manifestar-se damnado
Contra o Veiga e o major.

Pois que o menos que acontece
Ao policia desgraçado
Que ás ordens não obedece
E' ser logo fuzilado...
Credo! O' mana! Até parece!

Dizem que a nova potencia
Que impera na Parreirinha
Nas leis mostrou tal sciencia
Que não ha uma só linha
Sem falar da continencia.

E' qual um novo manjar
A tal lei, pasmo de mil,
Que a gente coma ao jantar.
— O *Mayonnaise* de civil,
Com lagosta á militar.

Panacéa difficil

A maldita *carolina*,
Cholerina ou lá o que é,
 Molestia audaz e mofina,
 Grossos tratos de polé
 A varia gente propina.

Uns bebem agua fervida,
 Outros bebem aguardente,
 Ha gente que passa a vida
 N'uma *turca* permanente,
 Com medo da delambida.

Jornaes publicam massadas
 Com medidas a tomar,
 Mil varias mixorofadas,
 Não cessam de publicar
 Opiniões apanhadas.

Uns dizem que é meningite,
 Uns dizem que a coisa é rheima,
 Outros falta de appetite,
 Outros persistem na teima
 De que é a gastro-enterite.

Um pastilhas aconselha,
 Outro que pilulas siga,
 Outros chá de segurelha,
 Já tenho feito á barriga
 Coisas do arco da velha.

Já vou tendo parecença
 Com aquella creatura,
 Sem piada e sem offensa,
 Que escapava da doença,
 Se não morresse da cura!

Uma virago

Carolina Alves Brochado,
 Costureira de alfayate,
 Fez um protesto inflammado,
 Contra enorme disparate
 Hontem aqui pespegado.

A' noite, na redacção,
 Quiz-me, por força, falar,
 E, com grande inflammação,
 Começou a protestar,
 Na seguinte pregação:

— Saiba senhor redactor,
 Que eu sou mulher muito honrada
 E não consinto ao senhor
 Qualquer dichote ou piada,
 Nem seja lá a quem fôr!

— Mas venha cá, ó menina,
 Disse-lhe eu, pouco contente,
 Eu fiz-lhe alguma verrina?
 — Não disse que toda a gente
 Andava co'a *carolin*?

Pois eu, em nome das damas
 Que usam tambem do meu nome,
 Não quero o dito nas lamas,
 Não preciso de cognome,
 Não necessito de famas!

— Retiro a phrase maldita,
 Que tanto a tem inflamado,
Coralina é mais catita.
 — Satisfez-se a supradita
 Carolina Alves Brochado.

O microbio

Ando com medo ao bacillo,
Ao tal bacillo do Koch,
Ao microbio, ou que é aquillo,
Que trouxeram a reboque
Das margens sujas do Nilo.

Tenho medo que algum dia,
Antes do fim d'este abril,
Venha a tal epidemia
E que me estique o pernil,
Que grande semsaboria!

Eu que inda faço tenção
De viver até aos trinta,
Ando com minha afflicção,
Posto que ainda não sinto
Na barriga alteração.

E' caso bastante sério
Morrer de morte macaca,
Subir ao celeste imperio
Embruhlado n'uma sacca,
Caminho do cemiterio.

A gente da sanitaria
Anda a tomar providencias,
Muita gente grada e varia
Puxa por quantas sciencias
Tem na testa solitaria.

Se isto vae de lés a lés,
Se a molestia se derrama,
Antes do fim d'este mez,
Alugo casa em Alfama
E nunca mais lavo os pés!

Ultimas vontades

Se eu morrer de cholerina,
Vadé retro Satanaz,
Quero que todo o rapaz
D'estes termos de Lisboa,
Quero que, no cemiterio,
Em magua e tristeza immersos
Deitem carradas de versos
Por sobre a minha pessoa.

Eu já tive esta barriga
Um tanto desafinada,
Felizmente não foi nada,
Dentro de um dia arribei,
Póde ser que a tal maleita
Venha outra vez ter commigo,
Das profundezas do umbigo
Negros mysterios não sei.

Eis porque eu, antes da morte,
Sem dar fim ao meu tormento,
Quero fazer testamento,
Que elle ha morrer e viver,
São as ultimas vontades
De um triste gazetilheiro
Que passou um lustre inteiro
Gazetilhas a fazer.

Quero morrer descansado
D'essa doença mofina,
Da maldita cholerina
Que ora afflige Portugal,
Quero ter ramos de flôres
Na derradeira morada,
Quero ter muita piada
Na gazetilha final!

O céu atacado

Tambem hontem atacado
Foi da nova *carolina*
O céu sombrio e nublado,
Vomitou chuva da fina,
Deixou o mundo molhado.

O mar com tudo arrebenta
Das margens pelas escarpas,
Era a chuva tão cruenta
Que nem a mula das farpas
Poude escapar da tormenta.

Hontem em vez de toirada
Cahiu chuva como burro,
Ficou a gente encharcada,
Os bois ficaram no curro,
Não sahiram da manada.

O céu encheu-se de azia,
O céu passou mal a noite,
Teve a tal epidemia,
O vento como um açoitte
Por entre a chuva bramia.

Se não lhe passa a maleita,
Todo eu sou dôr e sou magua,
Que o coitado d'esta feita
Almudes e pipas d'agua
Sobre nós hoje nos deita.

P'ra curar taes afflicções,
Quem acha qualquer tisana
Que ao céu despache as sezões,
Porque é que o doutor Pestana
Não lhe applica as injecções?

Escapei!

Felizmente, ainda estou vivo,
Não morri da *carolina*,
Não precisei o medicina,
Que me amparasse o *cadavel*,
Inda faço gazetilhas,
Vivo e mais são do que um pero,
Mais uns annos inda espero
Ter vida forte e saudavel.

Não dei ganho ao cangalheiro,
Passei bem toda a semana,
Não precisei do Pestana
Nem das suas injecções,
Que o tal microbio, o bacillo
Que nos abre o ataúde
Inda me deu mais saude
N'estes nervos e tendões.

Eu não sei mas este corpo
Sinto-o bom muito obrigado,
E' lisongeiro este estado
Em que me encontro na vida
E, apesar de que o microbio
Anda a dar cresta na gente,
Eu não me sinto doente
E não bebo agua fervida.

Não abuso das bebidas
Que dizem ser um remedio,
Apenas bebo, por tedio,
Um copinho de genebra,
Mas é que tenho a certeza
De não ser *carolinado*,
Que é muito certo o dictado:
— Vaso ruim nunca quebra!

O beneficio do Queiroz

A'manhã, n'esta cidade
Ninguem tenha *carolina*,
E vá á noite á Trindade,
Que apanha festa da fina,
Uma grande novidade!

A'manhã, n'esta Lisboa
Ninguem apanhe o bacillo,
Que apanha festa da boa,
Poucas vezes vê d'aquillo,
Bem que se mate e se môa.

Se o *pae* Queiroz, o Raymundo,
Tivesse a soberba idéa
De ao theatro dar mais fundo,
Mandar rasgar a plateia,
Cahia lá meio mundo.

Vem gente da Mouraria,
Acóde gente da Alfama,
Vem gente de Austria, da Hungria,
Despovôa-se a moirama,
A Belgica, Alexandria.

A sogra do Bonifacio,
A sobrinha do Munhoz,
A mana, a tia do Ignacio,
Tudo quer ver o Queiroz
No *Brazileiro Pancraccio*.

Já me contou um porteiro
Que é de tal guisa o bulicio
Que p'ra conter o berreiro
Só fazendo um beneficio
Que durasse um anno inteiro!

Discutem os sabios

A medicina anda á bulha
Sobre se ha cholera ou não,
Indaga, mexe, vasculha,
Larga a sua opinião,
As gazetas atafulha.

Sociedade esculapina
Hontem côrtes celebrou
E, em conclusão viperina,
Que é o cholera aventou,
Que não é tal *carolina*!

Morri! Já tenho a barriga
Na posse do negro bicho?
Minha saude periga,
Vou na carroça do lixo!
Que pouca sorte! Que espiga!!

Onde pára esse diabo
D'esse microbio maldito,
Que eu quero d'elle dar cabo,
Emquanto as tripas vomito
E em diarrhéas acabo!

Vou-me deixar, no jornal,
De o que escrevo virgular,
Que o tal microbio, afinal,
Póde-se cognominar
Bacillo grammatical!

Vou dizer mal ao meu fado,
Tenho a cabeça perdida,
Eu morro *encholerisado*,
E eu nunca na minha vida,
Me lembro de andar zangado

Vejam lá em que ficam!

Elle ha cholera afinal,
Ou não ha, fazem favor ?
Eu posso morrer do mal,
Ou tenho de ir a vapor
P'ra longe de Portugal.

O Pestana diz que sim,
O Pestana diz que não,
E não se entende por fim,
Ha ou não ha, ou senão
Eu vou dar cabo de mim.

Que uns dizem que a coisa mata,
Outros que até dá saúde,
E não ata nem desata,
E toda a gente se illude
Com tamanha patarata.

Eu posso, ó doutor, deixar
A' bambalhona esta vida,
Sem com coisas me ralár,
Ou copos de agua fervida
Tenho sempre de emborcar :

Posso andar, segundo o estylo,
Em rasgada rapióca,
Fazer á vontade o chylo,
Ou tenho de andar á cóca
Do demonio do bacillo ?

Eu d'este mundo não parto
Sem tudo se decidir,
Quero, de incommodos farto,
O São Pedro prevenir
P'ra me arranjar la um quarto.

Os anacletos ¹

Anacleto Antão Almada,
Dos toiros frequentador,
Nunca perde uma toirada,
Procura o melhor sector,
Faz sempre grande chiada,
Chama tolo ao lavrador,
Chama á corrida boiada,
Mas veja seja o que fôr,
Não percebe mesmo nada.

Quando vê tudo a gritar,
Logo se ergue furibundo,

Abandona o seu logar,
Ameaça a terra, o mundo,
Levanta a bengala ao ar,
Altivo, fero, iracundo.

A' noite, pelos cafés,
Trata tudo aos pontapés.

Como Anacleto ha mais gente
Que se espeta na barreira,
Não diz, não sabe o que sente
A não ser qualquer asneira.

Oh! que se Deus nos mandasse,
N'um dos seus grandes decretos,
Um raio que nos livrasse
D'esta praga de Anacletos !

¹ Esta gazetilha foi inserta no *Sol e Sombra*, semanario tamomachico. D'ella nasceu o chamar-se *anacleto* ao individuo que diz perceber de toiros e nada percebe.

Carta de um cholero de 1856

Ao dos versos redactor,
Olympo, reino de Jove,
Por especial favor,
Mez de abril, a vinte e nove,
Illustrissimo senhor:

Eu morri da macacôa
Que agora chamam *bacillo*,
Teve esta minha pessoa
Carolina, ou seja aquillo
Que agora grassa em Lisboa.

No meu tempo, quem morria
A vida tinha acabada,
E ninguem lhe remexia
Os buxos e a tripalhada,
Como acontece hoje em dia.

Não era vivo o Pestana
E o doutor o mais profundo
Não andava uma semana
Fazendo artigos de fundo
Em calorosa chicana.

Vejo que em Lisboa estão
Mais sabios, ao que parece,
Pois que essa gente em questão
Do tal cholera adocece
E morre de indigestão.

Eis porque hoje lhe escrevi
Senhor dos versos damnado:
—No tempo em que eu lá vivi,
Fui do cholera atacado
E do cholera morri!

A outhorga

Hontem, deram feriado
Por essas repartições,
A' noite, vi do Chiado
O Castello illuminado,
Ouvi salvar os canhões.

Vi tambem de grande gala
No's quartéis as sentinellas,
Vi muito e muito magalla
Com barretina de pala,
Luminarias nas janellas.

De tarde, pela Avenida,
Era tanta a confusão,
Tal movimento, tal vida,
Que uma pedrinha caida
Não cairia no chão.

A cidade respirava
Um ar de contentamento,
Tudo contente girava,
A menor coisa cheirava
Ao maior divertimento.

Perguntei a toda a gente
O que isso vinha a dizer,
Tudo assim tão de repente,
Ninguem soube, finalmente,
A' pergunta responder.

Conclui, ao fazer d'esta
Dando voltas aos topetes,
Com clareza manifesta:
—No Porto, fazem a festa,
Lisboa deita os foguetes.

Coplas do philarmonico do Fundão, cantadas pelo actor
Fialho, no acto novo da revista o SARIILHO

<p>Eu pertenço ao <i>fun gá gá</i>, Tá tá rá tá tá, Ao <i>fun gá gá</i> do Fundão, Rataplão, plão plão, Outro no mundo não ha, Tá tá rá tá tá, Com tamanha afinação, Rataplão, plão, plão</p> <p>Não ha banda ou sol-e-dó, Pó pó ró pó pó, Que faça tanto chinfrim, Ratachim, tchim, tchim. P'ra harmonia basto eu só Pó pó ró pó pó, Nunca se viu coisa assim, Ratachim, tchim, tchim.</p>	<p>O mestre empunha a batuta, Toca o bombo, boum, boum, Uma delicia se escuta, Tapum, olaré tapum. Como o nosso <i>fun gá gá</i> No mundo não ha nenhum, Tá tá rá tá tá tá, Tapum, olaré tapum.</p> <p>Farto estou de tocar já, Já tenho pôdre o pulmão, Ando escamado por cá, Que me ferraram o cão. Eu vinha todo liró, Na <i>massa</i> fiado vim, Faço tudo em terra e pó, Se me não pagam a mim!</p>
---	--

Ainda o centenario

<p>Porto, 2--O centenario Tem sido festa de estalo. Porto, 2--E' um regalo Andar gosando por cá. Porto, 2--Ninguem calcula Como isto é bello e formoso. Porto, 2--Com tanto goso, A gente não pó-le já.</p>	<p>Lisboa, 2--Isto marcha Pela fórma do costume. Lisboa, 2--Ardo em lume Por não poder ir por lá. Lisboa, 2--Ó que zanga Não ver as festas do Porto. Lisboa, 2--Ando morto, Que massada que isto dá.</p>
---	--

Porto 2--Ha luminarias
Pela rua embandeirada.
Lisboa 2--Que estopada
Na Avenida e n'isto tudo!
Porto, 2--Vou ver as festas,
Ando cheio de alegria.
Lisboa 2--Passo o dia
A vel-as... por um canudo!

Sabbado d'Alleluia

A Alleluia appareceu
Nas egrejas da cidade,
Todos viram menos eu
Vir a santa claridade
Lá dos zimbórios do ceu.

Que era tanta e tanta a gente
A ver se via a Alleluia,
A' porta, o povo tão rente,
Tanta saia e tanta cuia
Eu tinha na minha frente.

Que, por mais que os olhos puz,
Massado do cantochão,
Nos braços meigos da cruz,
Era tudo escuridão,
Não consegui vêr a luz!

O *fun-gá-ga* na capella,
N'uma alegre melodia,
Tocava musica bella,
A' cerca de luz do dia,
Tó carocho, onde está ella?

E apenas ouvi dizer:
—Como o templo está bonito,
Isto é digno de se vêr!
Mas a Alleluia, repito,
Não a vi apparecer.

Só quando, emfim, toda a gente
Saiu do templo, de esguelha,
E' que eu a vi, de repente.
—Tinha um chinó d'uma velha
Mesmo dos olhos em frente!

O sexto peccado

Que festa vae na cidade
Da tripa mais do Reimão,
O povo as ruas invade,
Tudo está, todos estão
Gosando a solemnidade.

Os comboios de Lisboa
Não podem com tanta gente,
Nunca vi tanta pessoa
Côm ar alegre e contente,
N'uma pandega bem boa.

Hoje no Porto, não cessa,
Desde o romper da manhã,
A festa louca e travessa,
Do Repouso a Campanhã,
De Mattosinhos a Leça.

Desde a Lapa aos Congregados
Do Rocio ás Fontainhas,
Ha balcões ornamentados,
Luminarias, tijellinhas,
Arcos, balões enfeitados.

Feliz d'aquelle, d'alguem
A quem sorri o destino,
E' feliz como ninguem,
Lá foi—olaré quem tem!
Ao centenario Henriquino.

Tambem eu ia e tu ias,
Leitor, o que a gente perde!
Se houvesse grossas maquias,
Inda que andasse dez dias
Sustentado a caldo verde!

Versos glosados

*Hoje começa a festa
Do centenário Henriquino!*

GLOSA

<p>Tudo brinca e tudo dança, Lisboa é qual um Mar Morto, Tudo vae gosar ao Porto, <i>Hoje começa a festa.</i> Não quero pôr na lembrança</p>	<p>Meu triste fado mofino, Joguei tres noites no quino Não ganhei uma cravella E não vou á bresundella <i>Do centenário Henriquino!</i></p>
--	---

Mais um mote

<p><i>Quem me dera ter dinheiro Que eu lhe daria destino,</i></p>	<p><i>Que ia já como um catita, Ao centenário Henriquino!</i></p>
---	---

GLOSAS

<p>Sou um pobre aventureiro, Um desgraçado, afinal, De meu não tenho um real, <i>Quem me dera ter dinheiro!</i> Sou um reles batoteiro Por mais que jogue no quino, Perco com tal desatino, Que ao jogo já tenho agoiro, Quem me dera pregos de ouro <i>Que eu lhe daria destino!</i></p>	<p>Qem me dera ter a dita De me poder divertir, Quem me dera poder ir, <i>Que ia já como um catita,</i> Toda a gente se espevita No prazer mais superfino, Tudo vae, velho e menino, Tudo bilhete comprou, Só eu afinal não vou <i>Ao centenário Henriquino!</i></p>
---	--

Novo mote

*Para as torradas manteiga,
Por cima café limão.*

GLOSA

<p>Não ha juiz como o Veiga Em todo o mundo, lá fóra, Suspira guitarra, chora, <i>Para as torradas manteiga.</i> Gente esperta e gente leiga</p>	<p>Ao governo da nação Um grande conselho dão, Para salvar o paiz: —Por baixo o Veiga juiz, <i>Por cima café limão.</i></p>
--	---

O «busilis»

Pala vras leva-as o vento.
A coisa tem seus espinhos,
Falta-me força e talento,
Não ha casos de espavento
A que fazer uns versinhos.

A nau do estado navega
Nas salsas ondas do mar,
Na branca espuma escorrega,
Segue o seu rumo, vae cega,
Nas aguas a deslisar.

Cantando, o homem do leme
Doidas cantigas desgarras,
O barco voga e não treme,
Nas mãos do piloto geme
Grosso bordão de guitarra.

Nem um bando de gaivotas
Turva a pureza do céu.
Nem o mar, ás cambalhotas,
Inunda praias ignotas,
Fazendo grande escarcéo.

Não parece a nau do estado
De outros tempos, revoltosa,
Ó fado que foste fado,
Mudaste o mar revoltado,
Em fresca maré de rosas !

Antes levar com um pau
Do que fazer gazetilhas,
Deus ponha o tempo bem mau,
Que agora a nau não é nau,
Mas um vapor de Cacilhas !

Hypnotismo

O Onoffroff tem virado
O siso a toda a Lisboa,
Anda tudo hypnotisado,
Tudo anda magnetisado,
Sem falhar uma pessoa.

Vê-se gente a matutar
Pelas ruas, noite e dia,
Sobre o magico a pensar,
A descobrir, a inventar
Segredos de alta magia.

Em casa, no americano,
Na Avenida ou no Chiado,
Sempre se encontra um fulano
Que nos pergunta:—Ó sicrano,
Já foste magnetisado ?

E eu que do caso me ria
Hontem comprei um livrinho
De grande sabedoria
E até eu tenho a mania
De ser um grande adivinho !

Hei de morrer a estudar,
Hei de andar posto na espinha,
Inda hei de dar que falar,
Mas hei de magnetisar
O Veiga da Parreirinha.

A coisa é muito bicuda,
Grande bico a coisa tem,
Mas vou saber, que me gruda,
Onde é que calha a *taluda*
Na loteria que vem.

Semana Santa

Já nos templos se levanta
 Certo cheiro a rosmaninho,
 Chegou a Semana Santa,
 Chegou o tempo santinho.
 São sete dias de crenças,
 De rezas e devoção,
 Quinta-feira de Endoenças,
 Sexta-feira de Paixão.

Já nas ruas da cidade
 Andam casaes de perús,
 Anda toda a humanidade
 A amendoas fazendo jus.
 Pede amendoas o carteiro
 E o pobre distribuidor,
 Na montra do confeiteiro,
 Ha caixas de varia côr.

Eu já gastei varios cobres
 Em diversas consoadas,
 Contemplei ricos e pobres,
 Comi amendoas torradas,
 Tambem fui ver ao Chiado
 No domingo a procissão,
 Ando de rezas cançado,
 Sou, emfim, um bom christão.

Apenas ando a scismar
 Que esta semana em que estamos,
 Na Paschoa vae acabar,
 Desde domingo de Ramos
 Tendo assim d'esta maneira
 Grandes, novas regalias,
 Porque é esta a verdadeira
 Semana dos nove dias.

Descanço dominical

Aos domingos, mestre Veiga,
 Não quer saber de querellas,
 Nem sequer a pensar n'ellas
 Gasta a sua phantasia,
 Trabalha toda a semana,
 Vae ler artigos no inferno
 E faz como o Padre Eterno,
 Descança ao setimo dia.

Os jornaes falam de tudo.
 Berram, gritam e esbravejam,
 Sem que, todavia, sejam
 Pelo juiz querellados.
 É bom que o juiz previna
 Os jornalistas incautos
 Que não levanta mais autos
 Aos dias santificados.

Pois não se vê nos theatros
 Meios preços, lá n'um dia
 Em que toda a freguezia
 Vê, por metade, os artistas ?
 E' que o juiz faz o mesmo
 Com as querellas das folhas
 E tambem a lei das rolhas
 Tem um dia p'ra accionistas!

O poder supremo

O Veiga da Parreirinha
 E' quem governa a nação,
 E quem manda em toda a linha,
 Tem faca e queijo na mão,
 Põe, dispõe, prende, esquadrinha.

Jornal que tenha vontade
 De certas coisas dizer
 Vê se na necessidade
 De as dar ao Veiga p'ra lêr
 Antes da publicidade.

Um redactor principal
 Que em graves artigos pensa
 Tem que ir ao Veiga, formal:
 — *Vocelencia* dá licença
 Que isto saia no jornal?

Quem faça um communicado,
 Antes de ir á redacção
 Encommendar o recado,
 Tem de ir ao Veiga, senão
 Não sae nada publicado.

A folha não corre mundo,
 A folha commette um erro;
 Se o Veiga grave e profundo
 Não lê annuncios de enterro,
 Não lê artigos de fundo.

Eu, que não faço uma linha
 Que não seja um som disperso;
 Sem a menor picoinha,
 Tenho que ir mostrar o verso
 Ao Veiga da Parreirinha!

A estatua de Nabuchodonosor

Mais forte que pedra e cal
 O ministerio hoje está,
 Curou-se em breve do mal,
 Andou assim meio tal,
 Mas poz-se valente já!

Eu não sei o que tomou,
 Nem qual foi a geropiga
 Que tão de prompto o curou,
 Se, por acaso, applicou
 Quatro bixas na barriga.

Só sei que o governo agora
 Já não póde escorregar,
 Já não se póde ir embora,
 Não vae do nicho p'ra fóra,
 Por muito tempo ha de estar.

Quem d'antes por hi dizia
 Que mudava a situação,
 Que fazia, acontecia,
 Co'os dentes todos mentia,
 Que a mudança era palão.

Não se conhece na historia
 Coisa com tanto vigor,
 Um baluarte de gloria,
 Semelhante á tal memoria
 De Nabuchodonosor.

O peor é se taluda
 Viração parte uma amarra,
 Que p'ra baixo tudo ajuda.
 E' caso se o tempo muda
 E o vento sopra da barra.

Ha de cair !

Anda o ar muito agitado
Pelo Terreiro do Paço,
O ministerio, coitado,
Já nem póde erguer um braço,
Já sem forças, derreado.

Houve grande novidade
Lá pela diplomacia,
Não se sabe inda a verdade,
Posto que já se sabia
Ser enorme a gravidade.

E, por isso, o ministerio
Hontem andou a cair,
E' que é tão grave o mysterio
Que ninguem se póde rir
Tratando de um caso serio.

Em que enormes afflicções
Hoje andarão os ministros,
Parados os corações,
Sérios, graves e sinistros,
Tremendo em mil convulsões!

Ninguem saia hoje de casa.
Não queira arriscar a vida,
Vê-se em pancas, vê-se em braza,
Leva a cabeça partida,
Que isto vae ser uma rasa !

E' enorme a derrocada,
Toda a terra ha de bulir,
Não dou nada, mesmo nada
Pelas pedras da calçada
Onde o governo cair !

Os prestimanos

Onoffroff do diabo,
De applaudir-te dóe-me o bofe,
Ao vêr-te todo me babo,
Tens-me feito ir ás do cabo,
És o diabo, Onoffroff !

Onoffroff do demonio,
Por mais que de ti se mofe,
És qual outro Santo Antorio,
Mais complicado que um nonio.
És o demonio, Onoffroff !

Ao vêr—não torno, prometto—
Como tu fazes aquillo,
Por mais que á frente me metto.
Vejo tudo preto, preto,
Como a casaca de um grillo !

És um habil prestimano,
És um prestimano-mór,
A todos mettes n'um canno,
Mas, no torrão lusitano,
Ha quem trabalhe melhor !

Eu conheço uns dois ou tres
Que, com elles em duello,
Atrapalhado te vês,
Por mais que ao bestunto dês,
Ficas dentro de um chinello !

Para que a tua pessoa
Isto não julgue um invento,
Uma mentira, uma lôa,
Fica uns mezes em Lisboa,
Deixa abrir o parlamento !

Nova camara

No mundo commercial,
Pela bolsa e pela praça,
Vae um barulho infernal,
Sem se ouvir uma chalaça,
Tudo serio e sepulchral.

A discussão é cerrada,
Muito azeda já se vê,
Lisboa não toma nada
Da tal *camara* falada,
Do commercio, ou não sei quê.

Eu ouvi hontem dizer
Mil coisas phenomenaes,
Coisas que custam a crêr,
Picoinhas de morrer
E outras coisinhas que taes.

Não se cala o meu tendeiro,
Entre a manteiga, o presunto,
Faz discurso desordeiro,
O cortador, o padeiro
Tudo fala em tal assumpto.

Que a tal *camara* engendrada
Por graça do ministerio,
Vae ser coisa celebrada,
E' de rir á gargalhada,
Que ninguem a toma a serio!

Coisa tal em nossas eras
Não lembra ao judeu da tamara,
São enganos, são chimeras,
Vão fazer, em vez de *camara*,
Um café de *camareras*!

Duellos

Hontem, diz que houve um duello,
Ouvi dizer aos visinhos,
Não sei quem foram padrinhos
Nem que gente se bateu,
Só sei que fez seu barulho
Tão repentina noticia
E que a pobre da policia
Não descançou nem comeu.

N'estes tempos tão bicudos
Em que impera a *carolina*,
Que é qual ave de rapina
Sobre o *cadavel* da gente,
Acho asneira e das chapadas,
Quando a peste nos assola,
Bater-se alguém á pistola,
De bacamarte na frente.

Eu, se tivesse um duello,
Do que Deus me ha de livrar,
Que eu não gosto de brincar
Com sabres, armas, espadas,
Mesmo porque não avézo
Bom dinheiro e farta renda,
Para pagar a merenda
No Antonio das Caldeiradas,

Agarrava no microbio
Que nos faz passar horrores
E em ambos os contendores
Dava injeções pelos rins,
Punha-os depois n'um bom quarto
O tempo d'uma semana,
Um tratado co'o Pestana,
Outro co'o Sousa Martins!

Dia de espiga

Hoje, em alegre ranchada,
Luminarias na barriga,
Toda Lisboa adorada
Irá em cata da espiga,
Do peixe frito e salada.

Por essas hortas abanca,
Bebendo copos de vinho,
Bambochata alegre e franca,
Com piadas ao fadinho,
De alegria carta branca.

O burguez pantafaçado
Leva o lenço com merenda,
No braço o seu sobretudo
E janta n'uma vivenda
Com mulher, filhos e tudo.

Na mais leda bacchanal,
Nos Pacatos, nas Feiteiras,
Fazem amor sensual
Alambicadas sopeiras
A' guarda municipal.

O povo em ar folião
Gosa dos campos o viço,
Traz á noite o seu pifão
E recolhe-se ao cortiço
Trazendo a espiga na mão.

Faço tenção eu tambem
De lá ir, co'a minha gente,
Posto que isto não vae bem,
N'esta *espiga* permanente
De nunca ter um vintem!

Batalha de flores

No mais doido festival,
Toda Lisboa se expande,
Vestiu custoso enxoval
E foi vêr ao Campo Grande
A tal batalha floral.

Andavam em procissão
Filas e filas de trens,
Andava muito peão,
Um sem cessar de vae-vens
De toda a população.

Nas hortas houve salada,
Peixe frito e cambrinha,
Lisboa ficou tachada
E, ao voltar pela noitinha,
Acabou tudo á facada.

Que por esses hospitaes
Só se curaram feridas
Com dez pontos naturaes,
Houve cabeças partidas
E outras mazellas que taes.

Lisboa gosta da festa,
Anda farta de gosar,
Mas, no fim, desencabresta
E acaba por se irritar
Quando enche de vinho a testa.

P'ra ter tal fim desordeiro,
Eu não sei em que lucrou,
Depois de gastar dinheiro,
Ter andado como andou
Seis horas no picadeiro!

Lamentação de uma camelia

Andei em palpos de aranha
 Hontem n'aquella Avenida,
 Tomei parte na campanha,
 Em mil assados mettida,
 Nunca vi furia tamanha !

Nasci n'um vaso encarnado
 D'uma janella da Baixa,
 Foi o meu pé arrancado,
 Meu corpo depositado
 De papelão n'uma caixa.

Passei ás mãos da condessa...
 Não me lembro agora qual,
 E fui parar á cabeça
 D'uma menina *borgess* ;
 Que me tratou muito mal:

Pois que, nas mãos agarrando
 Meu corpo todo delicia,
 O bracinho levantando,
 Me foi, sem dó, atirando
 Ao casaco d'um policia.

O qual, raivoso, me atira
 De um velhote á molleirinha
 Que, fulo e fero, me vira
 Sobre o collo da Cinira
 Que andava na cadeirinha¹.

Quem me diria, escondida
 Do meu vaso nos refegos,
 Que, um dia na minha vida,
 Andaria na Avenida
 A's costas de dois gallegos ?

Ainda a batalha

Prezadissimos leitores
 D'esta minha versalhada,
 Meus amigos e senhorês,
 Hoje ha batalha de flôres.
 Não lhes conto mesmo nada.

Que eu logo n'essa Avenida,
 Se por sorte não chover,
 De farpella a mais garrida,
 A batalha referida
 Mais o leitor irei vêr.

Veremos damas de estalo
 Nos seus *landaus* enfeitados,
Petit-mâitres a cavallo,
 Mais emproados que um gallo,
 Em *facas* escarranchados.

Veremos bellas pequenas
 Com camelias atirando,
 Loirãs, brancas e morenas,
 Com cravos, com açucenas,
 Com lilazes batalhando.

Veremos bastos janotas
 Botando aristocracia,
 De solla rôta nas botas,
 Veremos mil idiotas
 Arrotando fidalguia.

Apanha o leitor, por junto,
 Uma enorme maravilha
 E eu masso o fraco bestunto,
 Que vou arranjar assumpto
 P'ra fazer a gazetilha.

¹ A distincta actriz Cinira Polonio andou n'esse dia pela Avenida, n'uma cadeirinha *tirada* por dois cidadãos de Tuy.

Lamentações d'uma rosa

Fui nascida n'um quintal
 Perto da Penha de França,
 Plantada ao pé d'um faval,
 Tinha meu corpo em creança
 As folhas côr de coral.

Afinal, desvaneceram
 No andar do tempo as taes côres,
 De vivas esmoreceram,
 Para a batalha das flôres
 L'or tal causa me venderam.

Fui cabir nas mãos callosas
 De um brasileiro ricasso
 Que me atirou com mais rosas
 Ao dôce e fino regaço
 De dama das mais formosas.

A qual, com modos bregeiros,
 Entre as mãosinhas me agita,
 Entre os dedos feiticeiros,
 Pegou-me um rapaz catita,
 Aspirante de lanceiros.

Aos saltos sobre a calçada,
 Qual outro polichinello,
 Fui, por fim, arremessada
 A certa coisa puxada
 Por um cavallo amarello¹.

Como eu me mato e me ralo,
 Como o mundo é torpe e vario!
 Eu das rosas o regalo
 Puxada por um canario
 Com feitio de cavallo!

Vão à missa!

Até que a missa campal
 Em que ha dez annos se fala
 Hoje se reza afinal,
 E' missa de grande gala,
 De elemento official.

A tropa da guarnição
 Lá vae prestar homenagem
 A' santa religião
 E apanha a grande vantagem
 De um augmento de ração.

Eu tambem vou, sou amante
 De taes festanças campestres,
 A' missa mirabolante
 Falada ha quatro semestres,
 Pelas melhoras do infante.

Lá irei vêr as beatas,
 Ao ar livre, mastigando
 Orações em grandes datas,
 Olhos ao céu levantando,
 Corpos na terra, de gatas.

Deve ser festa de estalo,
 Da maior ostentação,
 Deve tocar o badalo,
 Tão badalão badalão,
 Mal que entre a cantar o gallo.

A tal missa annunciada
 E' pretexto menos mau,
 Coisa mesmo preparada
 Para ir á *Perna de Pau*
 Ao peixe frito e sallada!

¹ Andava na batalha um trem puxado por um rocinante pintado de amarello.

A convocação

Muito pandego o decreto
 Que eu hontem vi no *Diario*,
 Um decreto extraordinario,
 Que não lembrava a ninguem,
 Um decreto do *Fervilha*
 Decreto determinando,
 As taes côrtes convocando
 Para o outubro que vem.

Diz-se n'esse tal decreto
 Que as côrtes supracitadas
 Foram por lei adiadas
 Em janeiro e certo estou
 Que nas urnas das egrejas,
 Por mal dos nossos peccados,
 Foram feitos deputados
 No mez de abril que findou !

Ora adiar uma coisa
 Que inda não tinha nascido
 E' caso assim parecido
 Com sonho, espasmo ou chimera.
 Só se o novo parlamento
 D'esta terra abençoada
 Vem a ser como a pescada,
 Que antes de o ser já o era.

Foi-se a peste

Parece que a *carolina*
 Já não dá signal de si,
 Foi-se co'a trupia a mofina,
 Pois, segundo ha pouco li,
 A coisa está mais benigna.

Os Esculapios, collegas
 Só no nome, que em mais nada,
 Já não andam em refregas,
 Uns aos outros á lambada,
 A debaterem-se ás cegas.

Já não morre tanta gente
 De congestão cerebral,
 Já não morrem de repente,
 Foi-se o cholera afinal,
 Foi-se a peste, felizmente.

Não fazem os cangalheiros
 Grandes proventos agora,
 Não ganham tantos dinheiros,
 Que o microbio foi-se embora,
 Paz na terra aos enfermeiros!

Carolina malfadada
 Que tanto assumpto me deste,
 Adeus, doença adorada,
 Adeus, filha, que te preste
 Esta minha versalhada !

Faça-se um grande arraial
 Com foguetorio do estylo,
 Com banda da *mancipal*,
 Que de *virgula* o bacillo
 Passou a *ponto final* !

Guerra às flores

A pobre flôr que, nos vasos,
Vida faz leda e ligeira,
Debruçada na trapeira
Do mais alto quinto andar,
Tem tido agora um camarço,
Pobresinha da coitada,
Que anda a triste definhada,
Sem se poder aguentar.

Na quinta feira da espiga,
De lama em pôdre salmoira,
Andou n'uma dobadoira,
Soffreu tratos de polê,
E, agora, em montras de luxo,
Que a matassem mais valera,
Faz de figura de cera
No palacio do Burnay.

Um cravo ouvi que em queixumes
A rosa se lastimava,
Pelas petalas chorava
Lagrimas tintas de côr.
— Comadre, dizia o triste
N'um pranto que a dôr encerra,
N'esta desgraçada terra
Nem já se pôde ser flôr.

Ah! que se eu fosse camelia,
Não passo de sardinheira,
Eu saberia a maneira
De n'um prompto me vingar!
Cravos, rosas, lyrios, goivos
Reunam toda a mestrança,
Que ha um meio de vingança:
—Fazerem grêve... e murchar!

Entendedor de toiros

Pancraccio foi á toirada,
Mais a mulher, mais os filhos.
Tomou logar na bancada,
Viu correr doze novillos
De raça desafinada.

Pancraccio era a vez primeira
Que ia a tal divertimento,
Nunca vira uma trincheira,
Andava em vivo tormento
Por vêr a tal brincadeira.

O Botas não conhecia
Senão por ouvir falar,
O Pancraccio não sabia
O que era metter um par
Com arte e sabedoria.

Nunca vira ir um forçado
P'ra a cabeça de um *tinante*,
Nunca vira um par *cambiado*
No *morrillo* de um *boiante*,
En su sitio collocado.

Mas o gado não prestava
E o Pancraccio, o demonico,
Que outra cousa vêr julgava,
Aos murros ao *Bebe Chico*
Por pouco não desatava.

—Se outra algum dia fizer,
Consinto que no cachaço
Eu sinta o que o boi não quer...
Melhor do que isto inda faço
Em casa, mais a mulher!

O beneficio de Pepa

Como todos os actores,
A Pepa, a Pepa Roiz
Fez hontem festa. Que flores!
—Que fariam os senhores?...
—Pois foi o mesmo que eu fiz!

Ella mandou-me um balcão
E, como eu não sou de Tuy
Malcreado cidadão,
Não lhe quiz dizer que não,
Acceitei a coisa... e fui!

Lá fui gosar á Trindade
Os Vinte e oito de Clarinha,
Sentado á minha vontade,
Sem ter a necessidade
De me dobrar pela espinha.

N'este apuro de dinheiro,
Tal gratidão por mim trepa
Pelo *balcão* lisongeiro,
Que eu quizera ser caixeiro
D'esses teus olhos, ó Pepa!

Fiquei tão lisongeadado,
Linda Pepa do *Tim-tim,*
Que devias ter notado
Como eu fui atrapalhado
A' noite ao teu camarim.

Obrigado a taes favores,
Sem poder dar-lhe um abraço,
Sem lhe poder mandar flores...
—Que fariam os senhores?...
—Pois é o mesmo que eu faço

O lavrador do Pouceirão

Quem passar no Pouceirão,
N'estes dias de afflicção,
Plim, plão,
Ha de ver um figurão
Atrevido e valentão,
Pimpão,
Empunhando um bengalão
Sem ponteira e com castão
Na mão,
Vermelho qual pimentão,
Mais feroz que um furacão
E então
Fujam, fujam, que o dragão
Vae fazer revolução,
Questão,
Tudo mette na prisão,
Tudo põe a agua e pão, . . .
Senão

Fujam, fujam que um canhão
Tem debaixo o casacão,
Tão, tão,
Tão enorme e taludão,
Que faz medo e confusão,
Pois não!
O homem ferve em cachão,
Como o vinho de tostão
Do Quintão.

(Passando á Mascotte)

Mas ninguem tem ao macacão,
Que hão de deitar-lhe,
Que hão de deitar-lhe,
Mas ninguem tem ao macacão,
Que hão de deitar-lhe
A mão!

Ralham as comadres

Por causa das eleições,
Vae um motim nos jornaes,
Tão complicadas questões,
Vituperios taes e taes,
Tão horrendos palavrões,

Que qualquer que os olhos ponha
N'uma gazeta local
Que em taes discussões se enfronha
Tem de esconder o jornal,
P'ra não córar de vergonha!

Este faz intrigalhada,
Aquelle applica uma tosa,
Est'outro larga piada,
Tudo aquillo n'uma prosa
Vergonhosa e descarada.

Que os candidatos fulanos
Não passam de pataratas,
São uns tolos, uns badanos,
Que ha carneiro com batatas
Na capella dos Caetanos.

N'esses artigos de fundo,
Ha tanta pornographia,
Ha tanto remoque immundo
Que espanta que a porcaria
Se deixe assim correr mundo.

De fóрма que eu vendo como
Em questões eleitoraes
As folhas tomam assomo,
Ponho de banda os jornaes,
Vou ler o *setimo tomo!*

Ad non petendam pluviam

Senhor Deus lá das alturas,
Das espheras ignoradas,
Que tremendas bateladas
De chuva nos enviaes
E fazeis com que na terra
Ande um pobre desgraçado
Até aos ossos molhado,
Saltando nos lamaças.

Senhor Deus, pae de nós todos
Nosso pae tão adorado,
Que sobre o nosso telhado
Immenso estrago fazeis,
Mandando bategas de agua,
Que nos encharcam a casa,
A vós Senhor, a vós praza
Que um tal designio mudeis!

Permitti Senhor amado
Que, no proximo domingo,
Não caia de chuva um pingo,
O céu se mostre sereno!
Se tal, Senhor, não succede,
Comvosco zangado fico,
Quero ir ver o *Bêbé chico*,
Quero ir ao Campo Pequeno!

Coisa nova

Uma grande novidade
 Porque eu me mato e seringo :
 — Este anno, eterna verdade,
 Por grande casualidade,
 Calhou a Paschoa ao domingo!

Alguem me diz que sabia
 D'este caso complicado,
 D'esta grande anomalia,
 Que calhou no mesmo dia
 Tambem n'este anno passado.

Que é cousa muito sabida
 Esse alguem accrescentou,
 Que é cousa já conhecida,
 Que a tal Paschoa referida
 Sempre ao domingo calhou!

De fórma que eu que não sei
 Verdades d'esse theor
 Embatucado fiquei,
 Puz-me a pensar que não dei
 Boas festas ao leitor!

Desgosto atroz e tyranno
 Vem pesar na minha cruz,
 Um tormento sobrehumano,
 Deixei de apanhar este anno
 Alguns casaes de perús!

Vou já supplicar de quem
 De S. Pedro na cadeia
 Governa, que mais ninguem,
 Que calhe, no anno que vem,
 A Paschoa á segunda feira!

Maldita chuva!

A chuva molhou-me as botas,
 Encharcou-me o meu casaco,
 Por mais que eu desse o cavaco,
 Não deixava de pingar,
 Cheguei a casa n'um pinto,
 Todo o corpo me escorria,
 Tive de estar todo o dia
 N'uma janella a seccar.

Molhei carnes, molhei ossos,
 Molhei pêlos do bigode,
 E nem um verso me accóde,
 A musa não se despacha,
 Tenho o cerebro empenado,
 A mente como uma pilha
 E não faço a gazetilha
 Sem galochas de borracha!

O' tardes de primavera,
 O' tempo das passeiatas,
 Nas hortas em bambochatas,
 Peixe frito em mesa tosca,
 Que isto dos versos precisa,
 P'ra ter talento e piadas,
 Tal e qual como as toiradas,
 Muito sol e... muita mosca.

Quinta feira santa

Andei a vêr as egrejas
E os thronos dos confeiteiros,
Os paios dos merceeiros
E as luminarias dos talhos.
Havia gente nas ruas,
Nunca se viu tal enchente,
No meio de tanta gente,
Andei mettido em trabalhos.

Do que vi fiquei pasmado,
Que nunca vi coisa assim,
Que borborinho sem fim,
O' que enorme confusão!
Fiquei em suor desfeito,
Morto de fome e canceira,
Rasguei toda uma algibeira
Do meu pobre casacão!

Ora um velho me empurrava,
Ou me pisava um fedelho,
Ora levava um joelho
De encontro a qualquer parede,
Como não tenho relógio,
Ninguem m'ó vinha roubar,
Mas foi bom abotoar,
Não fosse o lenço na rede.

Então, á porta dos templos,
Que inferneira, que ingrezia,
Toda a gente me pedia
Esmola, *massa*, conforto,
Que até houve uma capella,
Coisa assim nunca se viu,
Onde um rapaz me pediu
Esmola p'ra o Senhor Morto!

Quarta feira de trevas

Apanhei na Encarnação,
Onde fui o officio vêr,
Uma medonha injeccão,
Não me podia mexer,
Fiquei farto de sermão.

O martello que eu levava,
Sem que alguém dêsse por isso,
P'ra vêr se a velha pregava,
Afinal não fez serviço,
Ficou virgem como estava.

Eu já não via o altar,
Não me succede outra a mim,
Não me tornam a apanhar,
Nunca ouvi tanto latim
Tanto tempo mastigar.

Que, quando ouvi o barulho,
Applicando bem a orelha,
Metti-me como um gorgulho,
Mas não encontrei a velha
No meio do serrabulho.

Velhas vi de vario lote,
Velhas vi, sem sobrancelhas,
Dando o braço ao seu velhote,
Eram todas muito velhas,
Mas não usavam capote!

Na vespera das trevas

O riso esvae-se ás golfadas
Tal como o fumo das brevas,
Acabam as gargalhadas,
Em quarta feira de trevas,
Não ha logar p'ra piadas.

Ao officio logo hei de ir
Ao templo da Encarnação,
De joelhos hei de ouvir
Mastigar o cantochão,
A' cerimonia assistir.

Hei de ver os ciriaes
Apagados um a um,
O prior, outros que taes,
Faces roxas do jejum,
Com vestes sacerdotaes.

Hei de ouvir ajoelhado
Resmungar a ladainha
Com cara de attribulado,
Mãos postas, curvada a espinha,
A face sobre o sobrado.

Hei de no meu cathecismo
Decorar a Avé Maria,
Fazer ao demo exorcismo,
Hei de passar todo o dia
A pensar em mysticismo.

Hei de um martello levar,
Bem seguro n'uma azelha
P'ra quando tudo acabar,
Ao chão, com força, pregar
Um capote de uma velha.

Procissão de Ramos

Era de tarde. O Chiado
Regorgitava de gente,
Tinha um ar endomingado,
Tinha um aspecto imponente
Do Camões ao outro lado.

No Carmo, estava a tocar
O sino, plão, cataplão
Via-se gente a gritar:
— Lá saiu a procissão,
Lá vem a desembocar!

Tudo esperava o momento,
Ao ar levando o nariz,
Já tocava o Sacramento,
Já passava ao chafariz
O pendão, ondeando ao vento.

Uma velha rabugenta
De chapelinho e regalo,
Orçando pelos setenta,
Poz-me, n'isto, um pé n'um callo
Que, por um triz me arrebenta.

Passou primeira irmandade,
Passou depois um andor,
Passou a comunidade
E eu a contas co'uma dôr
Que o pé direito me invade.

Quando acordei, nem pendão,
Nem irmandades, nem velas,
Nem padre, nem sacristão.
— Fiquei a ver as estrellas
E não vi a procissão!

Tudo chapado

Os policias da secreta,
 Dos policias os primeiros,
 Quaes moços ou cautelleiros,
 Vão ser agora chapados,
 Vão ter uns passes impressos
 Em desusados cartões,
 P'ra que saibam os ladrões
 Por quem são catrafilados.

Vi hontem uma das chapas
 Com letras de varias côres,
 Com mil diversos labores,
 Desenhos ricos e bellos,
 E pareceu-me mais propria
 A tal chapa sobredita,
 Para um rotulo catita
 De vinho de Carcavellos.

Tudo chapou a policia
 Desde a gente de jornaes,
 Gallegos, outros que taes,
 Chapou ás cegas, a esmo,
 Anda com furia a policia
 De tudo a chapa marcar,
 Não tendo mais que chapar,
 Até se chapa a si mesmo.

A desinfecção

A roupa desinfectada
 No posto que a desinfecta
 Sahiu de lá mascarrada,
 Vermelha, azul, verde, preta,
 Lilaz, laranja, encarnada.

A roupa foi á caldeira
 Do grande Pero Botelho,
 Mas ficou de tal maneira
 No sobredito aparelho
 Que nem queimada á lareira.

Os donos da sobredita
 Fizeram grande chinfrim,
 Um d'elles com força apita,
 Um chora que não tem fim,
 Outro em mil raivas se irrita.

Era enorme a romaria
 Junto á tal desinfecção,
 Na rua não se rompia,
 Era grande a multidão,
 No posto não se cabia.

A roupa ficou queimada,
 Tudo grita aqui d'el-rei,
 Ficou a roupa rasgada,
 Como não foi, eu não sei,
 Na caldeira evaporada!

Que se 'a molestia denota
 Symptomas mais aggravados,
 Se as unhas de fóra bota,
 Ao sermos desinfectados,
 Ficamos nós em pelota!

Para o fado

*Dizem que um medico fôra
Inventor da guilhotina,*

*Deu bem rapidez á morte,
Mostrou saber medicina*¹

Não se sabe finalmente
Se o microbio *pestandoide*,
Se o bacillo *martinsoide*
E' que dá cabo da gente,
Todos morrem de repente
Da peste devastadora,
Qual outra metralhadora
Em nos matar não repouisa,
A Meca saber da coisa
Dizem que um medico fôra.

Em luctas na *Sociedade*,
Passam ás noites a vida,
N'uma assembléa homicida
D'esta pobre humanidade,
Berram, falam á vontade,
N'um inflammado transporte,
Tiram microbios á sorte
E mais isto, mais aquillo,
Mas só sabem que o bacillo
Deu bem rapidez á morte.

A sciencia anda a reboque
Nas cabeças dos doutores,
Em discussões taes senhores
Uns aos outros dão remoque,
Será bacillo de Koch,
Ou será a *coralina*?
A sciencia não atina
Com tão medonho successo,
Curando pelo processo
Inventor da guilhotina.

Como já cheira a massada,
Lucta de asneira perenne,
Das taes medidas de hygiene
Resolvi não fazer nada,
Não tomo mais boticada,
Quero que a gente mais fina
Diga, se a peste mofina
Me não roubar qual larapio:
—Sim senhor, mestre *Esculapio*
Mostrou saber medicina.

Mote glosado

Anda á solta a gatunagem,
A policia anda a dormir.

GLOSA

Em tudo ha roubo e pilhagem,
Por toda a parte ha ladrões,
Fazem roubos aos montões,
Anda á solta a gatunagem.
Não prendem a malandragem,

Todos a deixam fugir,
Quem se quizer prevenir
Feche a ferrolhos a porta,
A policia não se importa,
A policia anda a dormir.

1 Celebre epigramma de Bocage.

Hymno dos padeiros ¹.

(Musica da PORTUGUEZA)

Heroes do pão quente e morno,
Legião valente, immortal,
Levantae as pás do forno
Contra a tal municipal,
Entre as brumas do Monsanto,
Padeiros, leveda o pão,
Viva o novo batalhão,
Toda a tropa mette ao canto!

Às armas! Sobre os fornos fornecer,
Não mais roscas enroscar!
Não mais farinhas amassar!

Tudo em torno da bandeira,
Tudo come carapau,
De Aljubarrota a padeira
Todo o mundo corre a pau,
Desde Belem ao Dafundo,
De Algés a Penamacôr,
Dá teu braço vencedor
Padeiros novos ao mundo!

Às armas! Sobre os fornos fornecer,
Não mais roscas enroscar!
Não mais farinhas amassar!

Cá na serra, tanto monta
Que nos queiram perseguir,
Com pedras se lava a affronta
E' tocar, dançar e rir!
Raios partam a massada
De levantar de manhã,
Na tarefa insulsa e vã
De fazermos a fornada.

Às armas! Sobre os fornos fornecer,
Não mais roscas enroscar!
Não mais farinhas amassar!

As modas femininas

Hoje, a moda nas senhoras
Tomou um tal incremento,
Que as damas mais tentadoras,
Verbi gratia as mil leitoras
D'estes versos de espavento,

Trajam enormes vestidos
Com folhos descommunes,
Os hombros muito saidos,
Com rendas, com embutidos
E outras mistellas que taes.

Que não será de pascar,
Na Avenida ou no Chiado,
Quando uma dama passar,
Ter tudo que se afastar,
Ver o transito vedado!

Que as pessoas de feição
Que passam junto ao trambolho,
Como as damas hoje estão,
Em grande risco estarão
De lhe vazarem um olho!

¹ Por occasião da falada grêve dos padeiros que se homisiam na serra de Monsanto.

Discurso do capitão aos padeiros

Olé ! Caramba ! Salero !
 Baia ! Baia ! Caracoles !
 Ronca la gaita de foles,
 Fa'a o xeu cabo geral !
 Bejo Cangas, bejo Bigo,
 Bejo tamem Redondella,
 Mirandella, Mirandella
 E mais coizas e tall !

Mala rabia me rebiente,
 Tomem xentido, ó rapazes,
 Xe io non venxer os cabazes
 Que io soy un gran capitán,
 Nem com quatro mil chinguíços,
 Nem com seis mil chafarizes,
 Que lhes rompo esses narizes,
 Xe non amaxam mais pan !

Malo demo me consuma,
 Malo raio me estropasse,
 Xe io hoje aqui os deixasse
 Xem me metter com bocês !
 Mala scentelha me coma,
 Malo demonio me rape,
 Xe non rompo este bivaque
 E atiro dois puntapés !

Fala a justiça illustrada
 Aos xidadões da Galicia,
 Falo io que xoi da policia,
 Disposto a non dar a borda,
 Ou bolta tudo ao xeu forno
 Ou faxo coixa de espanto,
 Ou xae tudo do Monsanto,
 Ou bae tudo a pau e corda !

Os estudantes

Capa ao hombro e de batina,
 Cá temos os estudantes,
 Sessenta e tantos tratantes
 Dos corações das donzellas,
 Moços galhardos, janotas,
 De cabellos apartados,
 Patuscos matraquiados
 Nas mais rijas brezundellas.

Tem um ar de Lusa Athenas
 Esta pacata Lisboa,
 De Belem á Madragôa
 Já tudo cheira a *geraes*,
 Ouve-se a *cabra* tocando,
 Os *bedeis* andam ligeiros,
 Passam na rua os *archeiros*
 De lança em riste, *marciaes*.

Ouvem-se os ais do *caloiro*
 Na *porta ferrea* pilhado,
 Já sem cabelo, obrigado
 A' maior barbaridade,
 Vê-se a sombra protectora
 Da pasta do quintanista,
 Um *novato* guitarrista
 No *penedo da Saudade*.

Futricas que ides passando
 N'esses becos e calçadas,
 Fugi das capas traçadas,
 Que abrigo das *mócas* são !
 Eu não ponho os pés na rua
 Por estes dias mais cedo...
 Com franqueza, tenho medo
 De apanhar um *canelão* !

Indecisão

Não sei se vá á tourada,
Se vá de Alcantara á feira,
Se vá gozar a boiada,
Se vá curar a lazeira
Nos pãlcos da palhaçada.

Não sei se vá ou se não
A's festas de Santarem
Ou se vá vêr o balão,
Ou me dirija tambem
A qualquer festa ou sermão.

Preciso divertimento,
Quero encher estes pulmões,
Se mais trabalho, rebento,
Trago osangue em convulsões,
Ando pôdre, amaréllento.

Mas não sei se me vá rir
Vendo de pretos *lunduns*,
No *Pincha* o peixe a frigir,
Multidões nos *pim-pam-puns*
Bonecos a demolir,

Ou se vá ver o *Minuto*,
Ou se vá ver o *Faico*
Mettendo farpas no bruto,
Quero gastar como um rico,
O peito encher devoluto.

Eu nem me quero lembrar,
Que me faz andar em brazas
Se em tal coisa entro a pensar,
Que a fatal renda das casas
Hoje tinha que pagar!

Fui roubado!

Quem trabalha um mez inteiro
N'um trabalho de empreitada,
Sempre a fazer versalhada
Muitas vezes sem assumpto,
Quando chega o dia trinta,
Corre veloz e ligeiro
A receber o dinheiro,
Visto que deu ao bestunto.

Eu já tinha hoje assignado
O meu recibo da costa,
N'um canto a quantia posta,
Recebi e tal e tal,
E todo me preparava,
Tinha arranjado um suspiro
Para ir atirar um tiro
Ao caixa cá do jornal.

De repente, um calendario
Que ante mim se pendurava,
Onde eu sempre consultava
Quaes os dias de jejum,
Disse-me baixo um segredo
Que a principio não ouvi,
Mas que logo percebi:
—Este mez tem trinta e um!

De fórma que hoje a penuria
Vem deitar-me os seus galfarros,
Não tenho nem p'ra cigarros,
Morro á fome d'esta vez.
Não é isso o que me rala,
Que ando a tudo acostumado,
Rala-me o ter trabalhado
De bórla um dia no mez!

Para o fado

Meninas, vamos ao *vira*,
Que lá vem a viração,

Que este *vira* são dois dias,
Santo Antonio e S. João.

(Cantiga popular.)

Sóbe ao ar doido foguete,
A bomba estala na rua,
A' luz velada da lua
Tudo canta o minuete,
Todos tocam clarinete,
Na dança tira que tira,
Anda aos estalos na pyra
Alcachofra dê má raça,
Meninas, vamos á praça,
Meninas, vamos ao *vira*.

Os versos d'aquella rosa
São trovas ao meu amor,
Feitos por um trovador
Que cançadas rimas glosa.
Musa pouco escrupulosa,
Tem suaves harmonias,
Faz-nos doidas alegrias,
Faz-nos de gozo chorar,
Toca a rir. toca a gosar,
Que este *vira* são dois dias.

Sôa a guitarra bragueza,
Tocando a *verde canninha*
Na praça o povo se apinha,
Brincando em rude franqueza,
Canta em còro a *Portugueza*,
Aos saltos, a multidão,
Todos alegres estão,
Anda tudo embriagado,
Vamos lá bater o fado,
Que lá vem a viração.

Queijadas da queijadeira
E uma corneta de barro,
Vou, fumando o meu cigarro,
Té á praça da Figueira,
Gosto d'esta pepineira,
Gosto d'esta reinação,
Quero abrir o coração,
Correndo como uma corça...
—São dois pandegos de força
Santo Antonio e São João.

Toiros de morte

Fala-se em toiros de morte
E ha discussão muito accesa,
Phrase de rija e da tesa
Por esses varios jornaes,
Uns querem que o Mazzantini
Dê na praça uma estocada,
Outros querem simulada
A morte dos animaes.

Uns querem que o toiro morra
Em hastes limpas na praça,
Outros querem que se faça
Parodias e fingimentos.

Uns dizem que a grande festa
Tem encantos sobre encantos,
Outros fazem mil espantos,
E aventam mil argumentos,

Eu de tal nada percebo,
Sou um leigo na materia,
E' discussão muito seria,
Demanda sabedoria,
Eu não sei nada de touros
E vou ver se alguém me ensina
Vou tomar com mestre Pina.
Licções de tauromachia,

A policia e os jornaes

O major escamurrou-se
Com furia que deu nas vistas,
O juiz Veiga zangou-se,
Passa fóra, jornalistas.
Pum! Catapum! Acabou-se!

D'ora ávante a Parreirinha
Não dá nem uma noticia,
Quem as quizer, adivinha,
Nanja que as dê a policia,
O major faz-se fuinha.

Todo e qualquer suicida,
D'esses dos casos fataes,
Quando a coisa decidida,
Manda a noticia aos jornaes,
Antes de acabar co'a vida.

Se alguém fôr assassinado
Por dois ou tres malandrões,
Manda o caso bem narrado,
Que ganha cinco tostões
Em dinheiro de contado.

Gatuno que um roubo faça
Manda dizer-nos primeiro,
Seja em Belem ou na Graça,
Em Bemfica, no Arieiro,
Dentro de casa ou na praça.

Que o major p'ra se vingar
D'esta ou d'est'outra verrina
Manda a todos enforçar,
Só deixa noticiar
O que se passa na China.

Não lamentos, Imprensa, o teu estado,
Major tem sido muita gente boa,
Não nos póde fechar toda Lisboa,
Milhões de casos tens noticiado.

Tem lá o seu feitio de soldado,
Quer ver se de feroz alcança a c'rôa,
O Veiga tem, terá, ha de ter prôa
E o governo civil nos tem fechado.

A noticia has de ter grande e famosa,
De abarrotar columnas da gazeta,
Entre mil tropos, florear vaidosa.

Coisas nos dava o Veiga de chupeta,
Mas não sejas, Imprensa, cuidadosa,
Que tambem nos pregava muita peta!

Para o fado

Chorae varinas chorae!
Fazei enormes berreiros!

Ninguém vae dançar o *vira*,
Faltam na praça os padeiros!

Pela praça da Figueira,
Tudo era monotonia,
Nem sombras d'essa alegria
Outr'ora tão prazenteira,
A *bança* trina ligeira,
Acordar os eccos vae,
Das cordas pranto lhe cae,
O bordão solta queixumes,
Arden com tristeza os lumes,
Chorae, varinas, chorae.

Já não anda a garotada
Tocando pelo Rocio,
N'um enorme corropio,
Entre a malta embriagada,
Não se ouve aquella chiada
De quando o povo delira,
Na dança a tropa não gira,
Toda a sopeira se enxofra,
Ninguém deita uma alcachofra,
Ninguém vae dançar o *vira*.

Os versos de pé quebrado
Saltam dos cravos por cima,
Choram lagrimas de rima,
Sobre o vaso espedaçado,
O mangerico encrespado
Solta arrancos derradeiros,
Pulam de raiva os craveiros,
Fogem ramos de alfazema,
Rapioqueiros da gemma,
Fazei enormes berreiros!

E' que alguma coisa falta
Entre aquelle borborinho,
Sente afflicção o povinho,
Ha só tristeza na malta,
Desde o vadio ao peralta,
Todos estão corriqueiros,
Já não tocam os gaiteiros
Ninguém se alegra um minuto,
Vestiu-se a praça de luto,
Faltam na praça os padeiros!

As faltas do vereadores

Os senhores
Vereadores
Nunca vão
A's sessões,
São favores
A' nação,
Pois então!

Quaes meninos
Dos rabinos,
De massada
Não vae nada,
Que ladinos,
Que bem dada
Palmatoada

Que folia,
Que alegria,
P'ra ralar,
P'ra massar
Minoria,
Que, a berrar,
Quer bufar!

Dou rasão!
Estopadas
Cabo dão
D'estas vidas,
Diz que estão
As massadas
Prohibidas!

A gréve dos padeiros

D'esta feita, é que eu me zango
E fico mais que damnado,
Eu sempre tão socegado,
Eu sempre bonacheirão,
Mando a todos os padeiros
Para o diabo que os leve
Se se declaram em gréve
E não amassam mais pão!

Eu sem pão, seja gallinha,
Seja pescado ou marisco,
Seja emfim qualquer petisco
Dos que eu costume comer,
Não vae nada á minha bocca,
Gosto de codea e miolo,
Dou em parvo, dou em tolo
E sou capaz de morrer!

Não sei nada de peneiro,
Não possuo taes adornos,
Eu não sei coser nos fornos
Farinha grossa ou da fina,
Tenho na varia sciencia
Mui vasta sabedoria,
Mas lá da tal padaria
Não pesco nem patavina!

Eu sem pão sou homem morto
Fico estrompado do peito,
Se a gréve vae a effeito,
Fico sem alma e sem vida,
Se a coisa dura alguns dias,
Seja feito em boccadinhos,
Se não me atiro aos *pãesinhos*
Que andarem pela Avenida!

Um cortejo

Nunca vi tanta batina,
Nem tanta sobrepeliz,
Nunca vi tanta menina,
Nunca vi tanto petiz,
Tanta gente pequenina.

Nunca vi tanta pessoa
A' beirinha dos passeios,
Saiu de casa Lisboa,
Os balcões estavam cheios
E as ruas, de pôpa á prôa.

Nunca vi tanta irmandade,
Nunca tanto sacristão,
Nem tanta communidade;
Nunca vi tanto pendão,
Tanto bispo e tanto abbade.

Comprido cordão de gente
Nas ruas fazendo roscas,
Que ficaram certamente
Com as egrejas ás moscas,
Saiu tudo de repente.

Era um cordão complicado,
Era um cordão de alto lote,
Pois que, em todo o povoado,
Não havia um sacerdote
P'ra fazer um baptisado.

Que enorme complicação,
Que maravilha e esplendor,
O' que santa devoção,
P'ra ser uma procissão
Só lhe faltava um andor!

Intrigas no bairro

Um jornal bem informado
Deu-nos hontem a noticia
De que os grandes da policia
Tiveram zanga entre si,
Que andam mosquitos por cordas
Pela negra Parreirinha,
Ditos, cabala, intriguinha
E outras coisas que eu não li.

O Veiga contra o Sarmento
Anda fero e furibundo,
Come o Dias meio mundo,
O Correia é um papão,
Ferreira diz mal do Antunes,
Fala Aguiar do Lourenço,
Fazem um barulho immenso
O *Fagulha*, o Sacarrão.

Em todos os gabinetes
Ha piadas, picoinhas,
Como senhoras visinhas
Não se fartam de aggre-dir,
Se um dia ha grande desordem
Entre os grandes da milicia,
Se ha desordem na policia,
Quem é que lhe ha de acudir ?

Dizem que o Queiroz da guarda
Tem de piquete os soldados,
Com cartuchos embalados
E outra espingarda maior,
Se ha desordem na policia,
Fere, mata, estripa, esfolo,
Vae p'ra o Cabeço de Bola
O Veiga mais o major !

Uma folgança

A'manhã, n'esta cidade,
Temos grande procissão,
Levando a comunidade
De Jesus o Coração
Com grande solemnidade.

Tomam parte confrarias,
Não ha distincção de côr,
De todas as sacristias
Sae enfeitado um andor
E ha salvas de artilharias.

Mal que acabe a procissão,
Temos parodia na praça,
Cravinho e mangericão,
Grande festejo se faça
Ao santo guarda portão !

E' dia e noite a folgar,
Entre enorme borborinho,
Toca a rir, toca a dançar,
E' encher esse papinho,
Que isto não torna a voltar !

Folguem velhos e meninos,
Tudo vae á rapioca,
Toquem bombos, toquem sinos,
Tudo baila e tudo toca,
Tudo canta alegres hymnos !

Toca a vestir novo fato,
Toca a agosar uns momentos,
Tudo faça espalhafato...
--Qualquer dos divertimentos
Não póde ser mais barato !

O Senhor da Serra

Fostes ao Senhor da Serra,
Meu caro amigo leitor,
Eu não sei cá da terra,
Cá fiquei n'este calor
Que os toutiços embezerra.

Que me dizes aos descantes
A' sombra dos matagaes,
Aos petiscos fumegantes,
Ao chilrear dos pardaes,
A's bebedeiras constantes ?

Que tal o vinho por Bellas,
O peixe frito e salada,
O tinto, o verde ás tijellas,
A grande, enorme enfiada
De homens, damas e donzellas ?

Os monstros pedindo esmola
Junto á capella do santo,
Agua fresca que consola,
Grossa merenda n'um canto,
Summo de uva por quartola ?

Que tal de cara as meninas
Pelas aléas da quinta,
Rechonchudas ovarinas,
Padeiros de rôxa cinta,
Os rôtos vendendo sinas ?

Não sei d'este atoleiro,
Tu que *fostes* ao Senhor
Diz-me o que *vistes*, ligeiro,
Que eu hoje sou o leitor
E tu o gazetilheiro.

A raça amarella

A China declarou guerra
Ao seu visinho Japão,
O mandarim foi á serra
E os magnates da nação
Revolveram mar e terra.

O Japão refilou já,
Em pé de guerra se pôz,
Vae o demonio por lá,
Guerra com bagos de arroz
E com chavenas de chá.

Vestem palhoças de palha
Os chinezes militares
E, com tunicas de malha,
Fazem jogos malabares
Sobre o campo da batalha.

As relações estão tensas,
Tudo fica em pó de lixo,
Ha continuas desavenças,
De turbante e de rabicho
Chinezes de unhas immensas.

As japonezas de Yedo
A's ordens de um mandarim,
Breve pé, pequeno dedo,
Aos chinezes de Pekin
De couraças mettem medo.

Sobre tamanho baralho
D'este caso bellicoso,
Inda hei de vêr um trabalho
Do Cyriaco Cardoso
Ou de Rio de Carvalho !

Uma bernarda

Quem passasse no Rocio
 Hontem, á hora da nôa,
 Desconhecia Lisboa
 Tão pacata geralmente,
 Que era policia correndo,
 Da secreta e da fardada,
 Um cordão de gaiatada,
 Um borborinho de gente.

Eu corri a vêr a coisa
 E fiquei de bocca aberta,
 Entre a turba que me aperta
 E me atira aos empurrões,
 Vendo muita gente presa
 Homens, femeas e meninos,
 Bartholomeus Constantinos
 E mil varios figurões.

Que será, que não seria,
 Todo o mundo perguntava

E, em grossas filas passava
 Gente presa, mais de mil,
 Chefes brandiam chanfalhos,
 O Veiga ordens despedia
 Com uma voz que se ouvia
 Junto ao governo civil.

Té que soube finalmente
 Que, n'uma certa assembleia,
 Se fizera patuleia
 E houvera grande chinfrim,
 Pensei depois que isto mesmo
 Succede a todo o momento
 No chamado parlamento
 E não procedem assim.

E' que lá diz o dictado,
 Por varias vezes citado
 Que «ao menino e ao borracho,
 Põe-lhe Deus a mão por baixo»

O Ventura do Lyceu

O Ventura do Lyceu
 Dos rapazes quer dar cabo,
 Qualquer mania lhe deu,
 Faz perguntas do diabo,
 Que elles não sabem nem eu!

Rapaz que seja chamado
 A fazer *litteratura*,
 Quando fôr interrogado
 Por padre mestre Ventura,
 Sabe que fica *chumbado*.

Os rapazes, quando vão
 Fazer exame, de medo,
 Morrem de viva afflicção,
 Que o Faria de Azevedo
 E' peor do que um papão.

O Epiphanio fica atraz
 Com tanta carnificina
 Que o Ventura agora faz,
 E' peor do que morphina
 Que se applicasse ao rapaz.

Em Lisboa toda a gente
 Anda de susto passada,
 C'o a grande furia do lente,
 Quando fazem a chamada,
 A tremer dizem: presente!

Antes cair n'uma praça
 Doente d'um mal sem cura,
 Antes acabar co'a raça,
 Do que cair na *desgraça*
 De ir á mesa do Ventura!

As revistas da policia

A policia coitadinha
De continuo é revistada,
Passa a vida na parada
Do pateo da Parreirinha,
O major, de manhãsinha,
Depois de aparar os calos,
Monta fogosos cavallos,
Diz com furia ás suas gentes:
—Mandem-me cá os agentes
Porque quero revistal-os!

E os pobres da segurança
Lá vão ás ordens do chefe,
De barriga téfe, téfe,
Pernas sempre n'uma dança,
Nenhum pára nem descança,
Não sei como ha quem resista,
Andam com falta de vista,
Faltos de côr, esfalfados,
Já dizem, esbodegados:
—Arre com tanta revista!

O major não quer saber
De cançassos nem desgraças,
Quer alli por força as praças,
Perfiladas as quer vêr,
Hão de por força saber
Manobrar o peixe espada,
Quer ter a guarda formada
E que, desde a calça lisa
Té á fralda da camisa,
Seja toda revistada!

Se isto dura um anno inteiro,
Acaba a corporação,
Não merece o trabalhão
Ganhar tão pouco dinheiro,
Se um anno dura, um milheiro
De guardas vae para o cano,
Perdem ossos e tutano,
Deixa de haver mais milicia
E fica sendo a policia
Uma revista do anno!

Outro centenario

Deve sair no *Diario*
Que dá leis cá n'este burgo
De leis um grosso sudario,
Santo Antonio, o thaumaturgo,
Vae ter tambem centenario.

Vão comprar-lhe um novo manto,
Dar-lhe um andor mais decente,
Na cidade, a cada canto,
Ha de pedir toda a gente
Cinco réisinhos p'ra o santo,

De novas sobrepelizes
E batinas de baetilhas,
Padres de varios paizes
Vém por cá quebrar bilhas
A's moças nos chafarizes.

De murças de côr do almagre,
Barrete de varias côres,
De meias côr de vinagre,
Farão diversos priores
Dos peixes novo milagre.

Entre muita pasmaceira,
Sae enorme procissão,
Faz-se em Lisboa uma feira,
Póde cantar-se o *Malhão*
Pela Praça da Figueira.

Em Tuy, lá foi contratado
Um batalhão de gallegos,
P'ra casar, no dia azado,
Varias velhas, mil pespegos
Que nunca tenham casado.

A parada da guarda

Na quinta feira ha parada
Da guarda municipal
Que, nas Salesias formada,
Vae aprender, marcial,
A brandir o peixe espada.

O Queiroz vae ensinar
A's tropas do seu commando
Costellas acutilar,
Dar pancadaria quando
O povo se amotinar.

Os *guitas* vão de espingarda,
De patrona vão os *guitas*
Simular uma bernarda
E fugir como uns catitas
Se houver gritos ao da guarda.

Vão fingir enorme bulha,
Fazer uso da coronha
Que os costados esfrangulha,
Aprender pouca vergonha
Quando fôrem de patrulha.

Vão causar do mundo o espanto
Marchando como uns heroes,
Vão trocar a senha e santo,
Vão contar os caracoos
Que mataram no Monsanto.

O Queiroz vae contratar
Quatro creadas bregeiras
Fartas já de namorar
Para a tropa exercitar
No namoro das sopeiras!

A senhora doutora

Em Coimbra, uma senhora
Tomou grau de bacharel,
Temos mais uma doutora,
Vestiu saias o bedel,
Foi festa commovedora.

Pela mansa, a mulher anda
A tirar-nos o direito,
Tudo faz, em tudo manda,
Com paciencia e com geito
Vae pondo o homem de banda.

Vae de dia para dia
Subindo novos degraus,
Pelas escolas enfia
E desata a tomar graus
De leis e philosophia.

Virá tempo, não agora,
Em que vultos femininos
De tudo nos porão fóra,
Irão grandes assassinos
Defender á Boa Hora.

Permitta o fado tratante
Que a esposa que Deus me der
Seja formosa, elegante,
Mas tambem seja a mulher
Mais tola, mais ignorante!

Não quero vêr, ricas filhas,
Um dia, se eu me casar,
Ella a fazer gazetilhas
E eu na cozinha a tratar
Dos pannos e das rodilhas!

Inconstancias do tempo

Hontem, bom tempo de dia,
Borrasca pela tardinha,
De manhã sol, alegria,
A' tarde a negra chuinha,
Agua, lama e ventania.

Burguez que, de leve roupa,
Foi ás hortas passeiar
Regressou de vento em pôpa
Sem casaco de abafar,
A farpella n'uma sopa.

Mais rôxo do que uma amora,
Todo por dentro molhado,
Suei por mais de uma hora,
A' tarde, mudou-se o fado,
Fiquei molhado por fóra.

N'um portal aos pulos entro,
Casaco e calças alinho,
E, do patamar no centro,
Vi que estava encharcadinho
Todo, por fóra e por dentro.

O chapéu n'uma rodilha,
O meu chapéu dos domingos,
O meu fato enche uma bilha,
A cabeça cae-me aos pingos
No papel da gazetilha.

De dia, o loiro arrebol
Ao mau tempo lança a luva,
Murcha á tarde o girasol...
— Sahi de chapéu de sol,
Entreí de chapéu de chuva!

A guarda pretoriana

Na guarda municipal
Vão metter artilharia,
Canhões e fuzilaria
E mais coisas e tal.
Que vae ser de Portugal
Com tão valentes dragões!
Corra o sangue aos borbotões
Pelo Rocio e Chiado,
Seja o povo trucidado
Pela bocca dos canhões!

Quem verá correndo as peças
Pelas ruas da cidade,
De Belem á Piedade,
Desde Alfama até Caneças!
Grande Queiroz, não te esqueças
De dizer ao batalhão
Que não dispare o canhão
Sem primeiro prevenir,
Quero deitar a fugir
Mal que accendam o morrão!

Chorae lagrimas molhadas
Escrivães da penna grande,
Vossa vassoira desande
A chorar pelas calçadas,
Dizei queixas repassadas
De magua funda e saudosa,
Suspirae em verso e prosa,
Gritae por alguns minutos
Que ides ter substitutos
Na artilharia manhosa!

O «Sal e Pimenta»

Peça nova na Trindade
Do compadre Sousa Bastos,
Em revista raridade,
Cujo nome anda nos fastos
Da historia da hilaridade.

O Zé Rapaz açodado,
Nos camarins tudo azul,
Tudo a vestir-se apressado,
Suando em bica o Gazul,
O ponto rouco, estafado.

O Silva a fumar cigarros,
O Queiroz todo formal,
O Alfredo deitando escarros,
Todo alegre o Portugal,
Augusto, Amelia de Barros.

De coristas linda tropa,
Tudo de malha e corpete,
Que ha por lá cada cachopa
Que ao mais cançado vegete
As camarinhas ensopa.

Scenario todo catita,
Versalhada de morrer,
Peça de effeito e bonita,
Peça que se deve ir vêr,
Que mil palmas arrebita!

Quizera, posto de rastos,
Dar-te de beijos noventa,
Beijos puros, beijos castos,
Viva o teu *Sal e Pimenta*,
O' compadre Sousa Bastos!

A gatunagem

Os ladrões andam damnados
Na pacifica Lisboa,
Que nem póde uma pessoa
Deixar a casa sósinha,
Que ao voltar não vê ostrastes,
Encontra a casa roubada,
Desde o quarto da creada,
Té aos confins da cozinha.

Ha gatunos amestrados
Em toda a patifaria,
Gente de sabedoria
Da mais fina e mais selecta,
Malandros de toda a casta
Tão mestres em *trabalhar*,
Que até deram em roubar
Os policia's da secreta.

Nas noticias das gazetas
Que ha pouco de lêr acabo,
Vi que foi roubado um cabo
Dos secretas da policia!
Quando a milicia é roubada,
Que será do safardana
Que tem a pobre cabana
Sob as guardas da milicia!

E' que, pela Parreirinha.
Deram-se agora ao trabalho
De cingir novo chanfalho
De novas complicações,
E a milicia anda damnada,
Por toda a parte se queixa,
Que o chanfalho não os deixa
Correr atraz dos ladrões!...

Ainda a parada

Fui vêr a guarda ás Salesias,
Gostei do grande exercicio,
Que manobras, que bulicio,
Que certeza no marchar,
Que garbo que tinham todos,
De vento as mochilas cheias,
Que graxa pelas correias,
Que primor de manobrar!

Ah! que se eu fôra sopeira
A' tropa não resistia,
A todos consentiria
Que me fizessem amor,
Diria, abanando o lume,
Varrendo o lixo da escada,
A' tropa toda formada:
— Marchem lá, façam favor!

Aquelles vivos vermelhos
Do *bonnet* e da fardeta,
Todos côm de malagueta,
A mexer como rubis,
Devem ter novos segredos
N'estas coisas de Cupido,
Fazem perder o sentido
A's sopeiras do paiz!

Ah! que se eu fosse creada
Mandava á fava a panella,
As couves, a pimpinella,
Mais a patroa feroz,
Deixava queimar a sopa,
Requentar-se o refogado,
Tinha tudo preparado
E casava co'o Queiroz!

Um dia nas hortas

N'um dia primaveril,
Dá gosto n'essas estradas
Andar sob um ceu de anil,
Com botas empoeiradas,
Agua fresca no cantil.

Hontem fui de manhãinha
Dar um passeio campestre,
Passei alegre vidinha,
Gosei mais que n'um semestre
Por esta terra alfacinha.

Fui ao Gama das Picôas
Almoçar como um catita,
Comi comidas das boas,
Salame, batata frita,
Cabrito assado, canôas.

Custou-me pouco dinheiro,
Não ha casa mais em conta,
Tem um bello cozinheiro
E um vinho que tanto monta
Não tem outro o mundo inteiro.

Joguei a malha depois,
Arranjei callos nos dedos,
Perdi quatro e ganhei dois
E, á sombra dos arvoredos,
Puz me a vêr pastar os bois.

Fiquei triste ao ir-me embora,
De lá voltar fico em braza,
Não ha melhor coisa agora,
Que não parece uma casa
De escrivão da Boá Hora!

Esperteza policial

A policia é muito esperta,
Com franqueza, com franqueza,
Em certos crimes é certa,
Tem uma tal esperteza
De ficar de bocca aberta!

Tres assassínios se dão
E os agentes os mais finos
Cem mil rusgas. passar vão,
Prendem logo os assassínios
Que se entregam á prisão.

Mas, quando um outro faquista
Das contas foge ao ajuste,
Anda a policia na pista,
Mas, por mais que barafuste,
Nem sequer lhe põe a vista.

Não é que não faça nada,
Nem tenha grande trabalho,
Mas é que anda atrapalhada
Com o seu novo chanfalho,
São tudo effeitos da espada.

Em rusgas constantemente,
Suando em pingos de tocha,
Anda morta aquella gente,
Mas nem mesmo o cabo Rocha
No seu roubo mette o dente.

Não ha governo civil
Como este de Portugal,
Tem feito façanhas mil,
Nem o Alvares Cabral
A descobrir o Brazil!

A mania do suicidio

E' moda agora as sopeiras,
Por qualquer coisa de nada,
Subir ás altas trapeiras
E partir as mioleiras
Sobre as pedras da calçada.

Deram n'isto os suicidas,
Adoptaram este meio
De acabarem com as vidas,
Costellas, pernas partidas
Sobre as lages d'um passeio.

Por questões de coração,
Agruras do namorar,
Ficam mortas de paixão,
Zás, é logo um trambulhão
Do mais alto quinto andar.

E' de todas as janellas,
E' por todas essas ruas,
Transformam corpos em pellas,
Ficam com vinte costellas,
Em vez da cabeça, duas.

Cabo do mundo vão dar
Em menos de meio anno
Com tanto suicidar,
Nas ruas, vou sempre andar
Nas calhas do americano.

Não suba alguma á janella,
Se o pensar sinistro tem
De partir uma costella,
E fique eu debaixo d'ella
Suicidado tambem!

Scena de pugilato

Hontem, dos toiros na praça, Houve por cordas mosquitos, Houve tabefe e murraça, Com policia e sem apitos, Espectaculo de graça.	Outro actor, tambem pimpão' N'outras eras delegado, Desatou ao cachaço, Foi tudo catrafilado Para a proxima estação.
Um actor dos mais pimpões, A quem n'um certo jornal Se disseram palavrões, Ao critico theatral Foi pedir satisfações.	Não gostei da coisa ali, Foi pouco azado o momento, Com pezar a questão vi, Zanguei-me porque perdi Um dos toiros do Zé Bento.
Os dois pegaram se ao socco, Jorrou sangue o corredor, Partiu-se um chapéu de côco, Ao critico e ao actor D'aqui lhes gabo o descôco.	D'ora ávante, quando o <i>espada</i> Quizer ferrar soccos quatro Em censor de nomeada, Procure-o, dê-lhe pancada. Na platéa de um theatro!

O celebre Mendonça

O Mendonça dos padeiros, Que agora estão socegados E voltaram aos peneiros, Dois agentes disfarçados Traz sempre por fraldiqueiros.	Como um feroz anarchista, A policia anda a seguil-o E nunca o perde de vista; Quem mandou fazer aquillo Deve ser grande estadista!
O Veiga da Parreirinha Tem mêdo que o demagogo Faça nova giraldinha E ao Monsanto deite o fogo Com mais gréves de farinha.	Se o homem vae para o Monte, Ao monte vae a policia, Segue-o mal que o sol desponte, Tem medo a fera milicia De outra Maria da Fonte.
E' vel-o andar na cidade Com dois policias atraz Como qualquer dignidade, Não consentem que o rapaz Ande na rua á vontade.	Os seus agentes mais finos A secreta desengonça N'estes trabalhos mofinos, Como prender assassinos, Se ella anda atraz do Mendonça?

Movimento feminista

Nas columnas de um jornal
Musa vi nova e brejeira,
Metro emfim de Juvenal,
Senhora gazetilheira,
Actriz e coizas e tal.

Novo engenho superfino,
Linda musa e linda face,
Olhar meigo e purpurino...
Entrou cá na nossa classe
O elemento feminino.

Gazetilhas a atirar,
Piada como se quer,
Feminino versejar,
Entrou no verso a mulher,
Todo me vou consolar.

Tenha cuidado, senhora,
Que isto aqui sia mais fino,
Isto é coisa atrazadora
E o seu collo alabastrino
E' coisa tão tentadora...

Haja festa e foguetada
No reino da gazetilha,
Haja folga e vida airada,
Saudemos a nova filha
D'esta musa abençoada.

Somos do mundo os primeiros
Em verso, se Deus quizer,
Atrevidos, linguareiros,
Entrou no caso a mulher,
Vão nascer gazetilheiros!

O calor

Eu vou decididamente
Comprar um fato de brim,
Este calor assa a gente,
Não posso viver assim,
Tenho fogo interiormente.

Na tismada moleirinha
Que trago exposta ao calor,
Assava-se uma sardinha,
Sáe o suor em vapor
Do corpo n'uma sopinha.

Morro um dia suffocado
N'uma cama do hospital,
Cáio um dia fulminado,
Como se fôra um pardal
Que caisse de um telhado.

Tenho em lume o corpo inteiro,
Ha calor dentro de casa,
O meu corpo é um brazeiro,
Cada membro é uma braza,
Ando sobre um fogareiro.

O fato faz-me afflicção,
O' quem pudera andar nú!
Não é preciso fogão,
O comer, de manhã crú,
A' noite está um tição!

Deus dos páramos eternos
Em que tudo isto se encerra,
D'este calor matar quer-nos,
Que se mudaram p'ra a terra
As profundas dos infernos!

Os cachaços de Tuy

Não ha coisa mais valente
Que o cachaço de um gallego,
Tem força como um labrego,
E' qual machina infernal,
Que ha cidadão da Galliza
Que arrobas levanta a rôdo
E aguentava o mundo todo
Por sobre a espinha dorsal.

Hontem, foi vel os suando
Debaixo das padiolas,
Como movidos por molas,
Carregando como uns bois,
Sobre as costas o chinguiço,
Alegres e prazenteiros,
Resmungando aos companheiros :

—Baia, axerta! Um, dois, um dois!

Se tal fizesse, um guindaste
Rebentava com certeza,
Mais forte que a fortaleza
E' de Tuy um cidadão,
Mal comidos, mal bebidos,
Sustentados a tocinho,
Uma caneca de vinho
E uma *cunca* de feijão!

Mudaram casas inteiras
Das ruas mais affastadas,
Famílias, sogras, cunhadas,
Mães, esposas, paes e filhas...
Se os deixam á redea solta,
Juro aqui á puridade
Que mudavam a cidade
De Lisboa p'ra Cacilhas!

Bota abaixo

Ilha do Grillo, coitada,
Morres de morte macaca,
Não te fica uma barraca,
Tudo te vão arrazar,
Que o pezado camartello
Tens de prôa em breves dias
E as tuas alvenarias
Ao enxurro irão parar.

Não mais nas tuas entranhas
Dormirá raça de gente,
Que a policia não consente
Que alegre passes a vida,
Bota fóra essas famílias,
Esses casebres despeja,
Quem lá móra, salvo seja,
Que vá dormir na Avenida.

Ilha do Grillo, começa
A fazer teu testamento
Pois que lançadas ao vento
As tuas cinzas serão,
Faz a mala, arranja a trouxa,
Vão-te arrancar da cidade,
Pensa emfim na Eternidade,
Faz acto de contricção.

Os pobres ficam sem casa,
O microbio sem jazigo,
Morrem caindo comtigo
Esses vetustos telhados,
Padecem teus habitantes
Fomes, sedes, crestas, frios,
Mas são mais uns senhorios
Da grande lista cortados!

Protecção à moagem

Mostra o governo tesura,
Mata em Monsanto os padeiros
Faz chacina e diabrura,
Manda abrir os Limoeiros,
Prende, fere, enforca, fura.

Refilam os das moagens,
Declaram que não ha trigo,
Mil carinhosas mensagens,
O governo muito amigo,
Mil preitos de vassalagens.

O Mendonça faz chiada,
Pé de guerra em Portugal,
Toda a tropa arrebanhada,
A guarda municipal
Afiando o peixe espada.

Os das moagens barulho
Fazem em coisas de pão,
Tudo recolhe o estadulho,
Haja paz, haja união,
Passe no caso um vasculho.

Os gallegos vão p'ra a terra,
Os outros vão pr'a o quartel,
No Monsanto ha rija guerra,
Sobre fogoso corcel
A guarda revolve a serra.

Uns levam medonho estoiro,
Tratam outros de mansinho,
Para uns rá, para outros toiro ..
— Moageiro com padrinho
Nunca se viu morrer moiro !

A espada dos chefes

Os chefes de segurança
Andam mancos de um dos lados,
Vivamente atrapalhados,
Do Barros ao Amorim,
Não andam como a mais gente,
Aos tombos pela calçada,
Porque não pódem co'a espada,
Não se entendem co'o telim.

Um vi eu de luva branca,
Arrastando á durindana,
Só lhe faltava a canana,
Faltava-lhe o boldrié,
Que parecia um lanceiro
Andando marcialmente,
Qual capitão ou tenente
De cavallaria a pé.

A policia está bonita
Com seu novo fardamento,
Já parece um regimento,
Falta-lhe só o penacho,
Que com a nova reforma
Do telim e mais da espada
Ficou militarizada
Da cintura para baixo.

Que inda espero ver os guardas
De cinturão, barretina,
De mochila e carabina,
De pesada durindana,
Uniformes multicôres,
Plumas de pennas de gallos,
E o major a commandal os,
A cavallo n'uma canna!

O mez de Maria

Foi-se o fatal mez de maio,
Chamado o *mez que hade vir*,
Foi-se co'a trupia, deixae-o,
Que nos deixe de affligir
E que nunca o parta um raio!

Foi o mez das afflicções
Que nos fez andar em brazas,
Foi o mez das comichões,
O mez da renda das casas,
Foi o mez das commoções.

O prego agora abarrota
De carradas de mobilia,
Anda nas mãos do agiota
O sustento da familia,
Em casa núa em pelota.

Foi um mez dos de alto lá,
Mais que os outros tinha um dia.
Que ninguem sabia já
Quando o mez acabaria,
Não foi mez, foi coisa má.

Fez um calor de rachar,
Por bastas vezes choveu,
Ninguem podia parar,
O maldito não morreu
Inda ha de resuscitar.

P'ra o anno, se a macacôa
Até lá viver me deixa,
Se a coisa me correr boa,
Vou p'ra fóra de Lisboa,
A ver se o typo me deixa !

Maldito calor !

Se este calor continúa,
Vou de Lisboa fugir,
Eu não posso andar na rua,
O sol parece frigir
Meu corpo, súa que súa !

Hontem depois de passar,
Tres horas na vida airada,
Cheguei a casa a pingar,
Era um cheiro a carne assada
Que não podia parar.

Que andar na rua á torreira
Do sol, que os membros invade,
E, andar n'uma fogueira,
Lisboa não é cidade,
Passou a ser frigideira.

Em casa, tiro as farpellas,
Ponho-me nú em pelota,
Abro todas as janellas,
Janto e ceio á frescalhota,
Mas na rua é que são ellas !

Que, se ando mais um bocado,
De calor me volvo afflicto,
Desfeito, pôdre, massado,
Chego a casa quasi frito,
Mais, do que frito, torrado !

Que um dia, n'este fogão,
Sou feito em negro torresmo,
Chego á triste collissão
De me comer a mim mesmo
Com um môlho de villão !

Perseguição do Mendonça

O Mendonça, o dos padeiros,
Agora têm tido sorte,
Conhece mil carcereiros,
Tem corrido os Limoeiros,
Vae ser condemnado á morte.

Por ver o Mendonça almejo,
Que o Mendonça é raridade,
A sorte d'elle desejo,
Que é o primeiro que eu vejo
Com o dom da ubiquidade.

Quando em Lisboa, do Porto
Mandam-lhe ordem da prisão,
O Mendonça é homem morto,
O caso saiu-lhe torto,
Foi parar á Relação.

Que em Lisboa e nos tripeiros,
A dois tempos delinquiu,
Tudo questões de padeiros,
Pasmem d'isso os companheiros,
Coisa tal nunca se viu.

Quando no Porto, de cá
Mandam ordem de o prender,
O homem não sabe já
Onde é que o querem metter,
Se está preso aqui ou lá.

Hontem, constava que vão
Partir em dois o padeiro,
P'ra resolver a questão,
As pernas p'ra a Relação
E o corpo p'ra o Limoeiro!

Dia de festa

Bem que ficasse adiado
De Jesus o Coração,
Hontem, dia destinado
Por toda a população,
Foi dia sanctificado.

A familia do Simões,
A familia do Moraes
Leram as varias secções
Que publicam os jornaes
Das *Festas e diversões*.

Muita gente na Avenida,
Por todos esses passeios
Muita gente conhecida,
Nas ruas os carros cheios,
Muito luxo e muita vida.

Empregados da nação
Apanharam feriado,
Tiveram um aлегrão
E mandaram, n'um só brado,
Ao demo a repartição.

Theatros abarrotando,
Faustuosas equipagens,
Janotas monoculando,
Bellezas nas carruagens,
Aspirantes namorando.

Desde o rico ao farroupilha.
No mais alegre conjuncto,
Tiveram gosos em pilha...
— Só eu não tive um assumpto
P'ra fazer a gazetilha!

Um empeno

Dei um geito no pescoço
 Hontem, a vêr o balão,
 Ou fracturei algum osso,
 Ou dei grande torcegão,
 Ou parti algum caroço.

Que o maroto do Godard,
 Em vez de ir ao seu destino,
 Parou, deixou-se ficar,
 Lá por de cima, o mofino,
 Cá p'ra baixo a namorar.

Fui jantar, sentei-me á mesa,
 Sem vêr nem prato nem tacho,
 Co'a a garganta inchada e tesa,
 Nem p'ra cima nem p'ra baixo
 Me'passou a sobremesa.

Amargurado jantar,
 Jantar em angulo recto,
 Não podia mastigar,
 Olhos pregados no tecto,
 Sem poder vêr o manjar.

A' noite, na redacção,
 Aos collegas não falei,
 Não via nada no chão,
 Toda a noite a vêr fiquei
 No tecto o negro balão.

Quem me vir ahí passar
 Mais teso do que uma calça,
 Ha de dizer ou pensar
 Que comi pernas de salsa
 E não as quero quebrar!

Um comicio

Que medonha estragação
 De tropos, de verborrhêia
 Foi a tal reunião
 Da moderna patuleia
 Que quer salvâr a nação!

Gastaram mais oratoria
 Que um anno de parlamento,
 Tudo contou uma historia,
 De palavras disse um cento,
 De tal não ha cá memoria!

Orador, de voz já rouca,
 Berrava como um damnado,
 N'uma furia insana, louca,
 Tudo saiu constipado,
 Com cuspo ao canto da bocca.

Houve tal que p'ra berrar,
 Tendo das phrases o vicio,
 Não se podendo calar,
 Andou antes do comicio
 Quatro dias sem falar!

Eu só queria um vintem,
 E já não era tolice,
 Por cada letra que tem
 Tudo o que por lá se disse
 E não se disse tambem!

Que a fallada reunião
 De a ler fiquei quasi morto.
 Com tanta conversação!
 Não devia ser no Porto
 Mas em Tavira ou Olhão!

Lamentações de um comboio

Eu sou a locomotiva
De todas mais desgraçada,
Tenho a caldeira arrombada,
Metto agua pelos postigos,
Andam commigo em bolandas,
N'uma rede varredoira,
Sempre n'uma dobadoira,
Zás que zás, quem merca os figos.

Eu sou o *fourgon* mais triste
Que ha por toda a ferrea linha,
Tão má sorte como a minha
Não tem o mais triste cão,
Tenho perras estas molas,
Não posso com as bagagens,
Deixo um dia as carruagens
E morro n'uma estação.

Eu sou o *wagon* mais pobre
Que ha n'este mundo de Christo,
Por mais tempo não resisto,
Fazem-me andar n'um sarilho,
Que entra o anno e sae o anno
E eu galgando essas estradas,
Tenho as rodas estragadas,
Fazem de mim andarilho.

Eu sou aquelle comboio
Em que os regios visitantes
Fazem viagens constantes
Pela terra portugueza,
Já deito sangue do cano,
Tenho varias anemias,
Se isto dura mais uns dias,
Entysico com certeza!

O Mello do «Seculo»

O Mello cá do jornal,
Toda Lisboa o conhece,
Rapaz alegre, jovial,
Que em toda a parte apparece,
Vivo demonio afinal.

Tinha umas barbas franjadas,
Côr de libras esterlinas,
Sedosas, muito apartadas,
Um encanto das meninas,
O goso das namoradas.

Como é um grande telhudo,
Enorme rapioqueiro,
A imagem viva do Entrudo,
Hontem entrou n'um barbeiro,
Foi se ás barbas, rapou tudo.

Quando o vi na redacção,
Com cara de rapadinho,
Tive enorme tentação
De o pôr em lenços de vinho
De lhe dar um bofetão.

Como aquelle heroe de outr'ora,
Elle as barbas venderia?
Zangou-se, deitou-as fóra?
Com tal cóрте pensaria
Ficar mais bonito agora?

Não mais inspirar paixões
O teu rosto agora póde;
Déste cabo das feições...
— Antes rapasse o bigode
E deixasse matações!

O Santo Officio

No processo do Parente,
Pelo que vejo contado,
Quem foi afinal julgado
Foi o Veiga da policia,
Que o delegado, berrando,
Metteu grossa picoinha
E atirou-se á Parreirinha
E a toda aquella milicia.

Tive pena do discurso,
Gostava de o ter ouvido,
Não me contento em ter lido
Dos jornaes a narração,
Que o homem disse lá coisas
De fazer falar um mudo
Comparou aquillo tudo,
Com a santa Inquisição!

Santo Officio um pardieiro
Com calaboiços cuidados,
De lustre e lustre lavados,
Viveiro de parasitas?
O Sante Officio, ó da toga,
N'um chinello mette aquillo,
Era um palacio de estyllo
Com dependencias catitas!

D'ora avante e, com a venia
Da gente de calça branca,
Que as costellas me desanca
Se lh'o mandar o major,
Vou tratar o dito cujo
Por esta phrase tão meiga:
— Dom Frei Francisco da Veiga,
Do reino inquisidor-mór.

Profecias do Bandarra

Dizem do Porto que estão
Varias gentes a esperar
Noticia de sensação,
Que está prestes a chegar
El-rei Dom Sebastião.

A nevoa no rio Douro
Não deixa bem distinguir
O falado batel de ouro
Em que o monarcha ha de vir
De volta do campo mouro.

Quatro velhos engelhados,
De sentinella na praia,
Um cordão de conjurados
De Villa Nova de Gaya
A' rua dos Congregados.

Cinco velhas retorcidas
Passam na Torre da Marca,
Nos capotes encolhidas,
Lôas cantando ao monarcha,
Nenias de choro sentidas.

Um typo cantando está
Não se sabe bem aonde:
— *Sem demora parta vá!*
Longinqua voz lhe responde:
— *Barr a jóra, já, já, já!*

O gentio numeroso
Faz enorme espalhafato
E tudo espera ancioso
Chegue o Gervasio Lobato
E o Cyriaco Cardoso.

A noite na feira

Fui hontem girar á feira,
Vi dos pretos os *lunduns*,
Tomei farta petisqueira,
Fui jogar aos *pim-pam-puns*,
Abanquei na queijadeira.

N'uma bancada, gramei
Alguns actos n'um theatro,
Não ouvi nada, não sei,
Que era um barulho por quatro,
Mas com fraqueza gostei.

Comi sardinhas assadas,
Bebi vinho do Samouco
Em lonas esburacadas,
O peixe soube-me a pouco,
Tenho as guelas gretadas.

Comi safado pastel
Que serviu de sobremesa,
Gosei o povo em tropel
E lançava com certeza
Se ando mais no *carroussel*.

Tomei café, aguardente
No café das camareiras,
Larguei biscoitos insolente,
Ia partindo as cadeiras,
P'ra me dar ar de valente.

Depois de fazer por junto
Mil tolices, disparates,
A pensar dei ao bestunto
No que padecem os vates
Para arranjar um assumpto!

Mudança de calças

Da Parreirinha o major,
Que é quem governa a nação
E de todos é senhor,
Decretou hontem calor
A toda a corporação.

Fez tocar a reunir
E, em voz grossa, voz enorme,
P'ra bem se fazer ouvir,
Mandou a todos despir
As calcinhas do uniforme.

E ordenou que se trocasse
A calça negra e chinfrim,
Que esta ao démo se mandasse
E toda a gente enfiasse
A bella calça de brim.

Quando vi um da milicia
Passeando cabisbaixo,
Tomei nota da noticia,
Desconheci a policia
Da cintura para baixo.

Um guarda disse ao derrick,
Moçoila d'entre as moçoilas,
Que no tempo abafadiço
Passam a fazer serviço
Em camisola e ceroilas.

Sellos falsos

O Veiga da Parreirinha
 Anda ahí pelos cabellos,
 Sonha de noite com sellos,
 Almoça e janta estampilhas,
 Passa a vida interrogando,
 Mettendo gente em clausura,
 Já não se entrega á leitura
 D'estas minhas gazetilhas.

Já não pensa em pavorosas
 Nem n'outros divertimentos,
 De dia passa tormentos,
 A' noite tem pezadellos,
 Não sabe coisas dos *bufos*,
 Não attende a toda a gente,
 Que só vê constantemente
 Sellos, sellos e mais sellos.

Deitam no vinho campeche,
 Deitam mistellas no vinho,
 Deitam sebo no toucinho,
 Ao café misturam grão
 E agora, por mal do Veiga,
 Que não se póde lamber,
 Deram tambem em fazer
 Os sellos com confeição.

Esta nova philatelia
 Tem dado ahí que pensar
 A quem quer colleccionar
 Todos os sellos creados,
 Que até dizem que um matuto
 Com a mania em questão
 Passa a fazer collecção
 De sellos falsificados!

Declaração gallega

Bento Rabilhas Virella,
 Moço de esquina, aguadeiro,
 Natural de Redondella,
 Que aspira a sota-bombeiro
 E tem grossa clientella,

Participa á freguezia,
 Com grande pezar e magua,
 Que hoje a contar do meio dia,
 Não vende um só barril de agua
 Nem qualquer recado avia.

Pois que, tendo occasião
 De pela vida fazer
 E botar um figurão,
 Homem de ferro vae ser
 De S. Jorge á procissão.

Por essas ruas da Baixa,
 Com armadura gigante,
 Com capacete e tarracha,
 Poderão vê-lo flammante,
 Marchando a toque de caixa.

Hoje, é qual outro Magriço,
 Qual Quichote ou Jancho Pança,
 A'manhã, troca o serviço,
 Vae fazer uma mudança
 Com pau e corda e chinguiço.

Hoje, das honras no enxurro,
 Monta um cavallo de raça,
 Lá caio, acolá te empurro,
 A'manhã o dia passa
 A carregar como um burro!

Mais um theatro

Eu não fui ao Dona Amelia
Que hontem foi inaugurado,
Persegue-me o triste fado,
Não consigo ter dinheiro,
E á porta vi tanta gente
Que entre talas imprecava
Que vi que não arranjava
Nem um reles gallinheiro.

O bilhete cá da casa,
Ha vinte dias pedido,
Foi hontem distribuido
Até ao cabo do mez
E eu, que gosto de ir de borla,
Ando a isso acostumado,
Por tolo, fiquei pintado,
Co'o bilhete d'esta vez.

Contentei-me em ir ao largo
Vêr passar as carruagens,
Vêr sair das equipagens
As sedas mais roçagantes,
Mirei as luzes de fóra,
Tenho o cartaz na memoria,
Vi sair cheios de gloria
Mais tarde os comediantes.

Mas, se hoje alguém me pergunta
Se eu não fui ao Dona Amelia,
Sim, com toda a contumelia
Respondo, feito Ignez de Horta
—Então que tal?— A cadeira
Ficava muito affastada,
Com franqueza, não vi nada,
Sou surdo como uma porta!

Guerra ás iscas

Dizem que vão tributar
Aquella coisa encarnada
Que se costuma empregar
P'ra acender a cigarrada,
Quando se está a fumar.

Aquella fita comprida
Com que lume se petisca,
N'um canudito escondida,
Coisa a que ahí chamam *isca*
E por tal é conhecida.

Fumador desventurado
Que fumas magro paivante
Em negra tasca comprado,
Cigarrinho interessante
Em papelão embrulhado,

Tens que o luxo abandonar,
Deixar de ser fumador,
Tens de deixar de fumar,
Que a isca vermelha em côr,
Vão agora tributar.

Tiram te coiro e cabelo,
Veste a boquilha de luto,
No fuzil vão pôr um sello,
Só não apanham tributo
As iscas do Cotovello.

Não te deixam em socego,
Não te permitem fumar,
Em tributos não dás rego,
Tens agora de voltar
Aos taes de *espera gallego!*

O pobre Joaquim Silva

Hontem, em frente á Trindade,
 Não se passava com gente,
 A berrar constantemente,
 Uma balburdia, um motim,
 Toda a gente se empurrava
 P'ra comprar um bilheteinho,
 Com tamanho borbórinho,
 Fizeram doido o Joaquim.

O Joaquim Silva, um maroto
 Que faz hoje o beneficio,
 Que mais parece um comicio,
 Tanta gente o quer ir vêr!
 Mesmo na *Flor de S. Roque*,
 Junto ao café do *Maneta*,
 Desde o passeio á valeta,
 Não se podia romper.

O desgraçado jurava,
 Chorando em voz de falsete,
 Que não tinha um só bilhete,
 Que o deixassem por favor
 E a turba já revoltada
 Forte berreiro fazia,
 A dizer, com gritaria:
 — Tem bilhetes, sim, senhor.

A' noite, entre sinapismos,
 O pobre Joaquim, coitado,
 Todo o corpo causticado,
 Quasi sem forças, sem vida,
 Dizia a varios amigos,
 A quem contava o bulicio:
 — Passo a fazer beneficio
 Na rotunda da Avenida!

Alugam-se casãs

Em Lisboa ha muito escripto
 Por essas varias janellas,
 O senhorio anda afflicto,
 Não recebe essas cravellas,
 Chora e pragueja, o maldito.

Nos annuncios dos jornaes,
 Só ha casas p'ra alugar
 Em condições taes e taes,
 Por tres mil réis um andar
 Com agua e gaz e quintaes.

Ha senhorio encravado
 Que dá co'o predio em pantana
 E que fica arruinado
 Se dentro em uma semana
 O não tiver alugado.

A casa de trastes nua
 Faz no pobre calafrios,
 Lisboa abanca na rua
 E, por troça aos senhorios,
 Vae dormir á luz da lua.

Do céo faz tecto e telhado,
 Faz no chão a cama raza,
 Depois de tel-a riscado,
 Não pede renda de casa
 O Padre Eterno, coitado.

Eu por mim passava a vida
 Das pedras fazendo solho...
 Se fôr coisa decidida,
 Já hontem fui marcar de olho
 Um dos bancos da Avenida.

Modestia áparte

*Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho o teu fado ao meu...*

Bocage'

Faz hoje annos que morreu
O meu collega Camões,
Modestia áparte, pois que eu
Nunca fiz composições
Como o Luiz escreveu.

Elle fez versos que estão,
Como o seu nome, e do escravo,
Em grande celebração,
Eu faço versos de ceartil,
Somos collegas ou não?

N'uma casa do hospital
Deu, desgraçado, ao pernil,
Comido de cruel mal,
Sem ter de seu um ceartil,
N'este ingrato Portugal.

Depois, nos fastos da historia,
Seu nome brilhou por dez,
Coberto de estranha gloria,
Entre varios capilés
Lhe ergueram uma memoria.

Não sou eu que, por quintilhas,
Muito falado hei de ser.
No reino de Apollo e filhas,
No dia em que eu fallecer,
Morrem minhas gazetilhas.

Mas se o meu estro não tem
Nem de Camões os extremos,
Confesse o leitor tambem
Que n'isto nos parecemos]
De andar sempre sem vintem!

O batalhão da batata

Da policia o capataz
Arvorou-se em general,
Revistas ao copo faz
E não quer ficar atraz
Da guarda municipal.

No pateo da Parreirinha,
Qual se fôra um regimento,
O corpo de manhãsinha
Manobrou, formou em linha,
De chanfalho e fardamento.

O major, de durindana,
Dragonas, calça de lista,
De capacete e canana,
A cavallo n'uma canna,
Passou ás tropas revista.

O quatro mil da terceira
Foi mandado fuzilar,
Por não saber a maneira
De fazer logo á primeira:
—Alto frente, perfilar!

O mil e cem da segunda
Foi mandado suspender
E há de apanhar grossa tunda
Por dizer em lingua bunda:
—A' rectaguarda, volver!

Toda a tropa commandada
Por um qualquer *Zé qui tolis*,
Vae fazer nova parada,
Que será effectuada
No pateo de Rilhafolles!

Transferencia

O poder moderador
E o cardeal da nação
Houveram por bem dispôr
Addiar a procissão
Do Coração do Senhor.

Amanhã, já não ha festa.
Nem foguetes, nem barulho,
Transferida, ao fazer d'esta,
Para principios de julho,
Em dia a que mais se presta.

Mas não deixa a sexta-feira
De ser dia destinado
A ferias e madraceira
E dia sanctificado
Fica da mesma maneira.

O amanuense aproveita
Ganhar de borla uns tostões,
De madrugada se deita,
Em vez de um dois Corações
Tem a gente d'esta feita.

O calendario zangado
Com estas alterações
Anda raivoso, irritado,
Em vez de um, dois Corações
Pozeram no desgraçado!

Vae decidir Onoffrof
Sobre tal entalação,
Faz-se festa, ninguem mofe,
Amanhã do Coração,
No mez de Julho a do Bofe!

Combate na serra

Os padeiros acamparam
Junto á serra do Monsanto,
Berraram, barafustaram,
Fizeram barulho tanto,
Que grossa gente juntaram.

A guarda municipal
Poz-se logo em pé de guerra,
Fez lá quartel general,
Tomou o cume da serra,
Fez de sangue um hospital.

Anda a batalha imminente,
Tudo toca a furrieis,
Toda a mavortica gente
De prevenção nos quarteis,
Desde o soldado ao tenente.

O grande Napoleão
Nunca teve uma batalha
Como esta, de sensação.
Ferve o pelouro, a metralha,
Balas são bolas de pão.

Aguerridos os padeiros
Arranjam novos sequazes,
E fazem, como uns guerreiros,
Barricadas dos cabazes,
Fortalezas dos peneiros.

Na serra vae um fragor,
Vae um barulho infernal,
Mas seja lá o que fôr,
Só vae á serra, afinal,
O pobre consummidor!

Antes da victoria

Resuscite dom Quixote
E Sancho Pança escudeiro,
Hajaalguem que emfim derrote
O batalhão, o magote
Dos taes moços de padeiro.

Que a guarda municipal
De tanto não é capaz,
Muitas fumaças e tal,
Mas é covarde afinal
E tem medo do cabaz.

Que os padeiros lá na serra,
Mesmo do monte no pico,
Declararam crúa guerra,
Não mais fornecem á terra
Pão de fôrma ou pão de bico.

Adeus, ó rosca adorada,
Adeus, ó pão de vintem,
Adeus, fatia torrada,
Adeus, assordinha amada,
Adeus, farinha tambem!

Se o padre santo soubesse
O que isto me faz ralar,
Como a guerra me endoidece,
Talvez de Roma viesse
P'ra a gente pão amassar.

Tudo pede !

Por Mafoma ou Mafamede,
Com mil raios do demonio,
Tanto pedir já me fede,
Toda Lisboa me pede
P'ra a cera de Santo Antonio!

Vou na rua, as raparigas
Todas se agarram a mim,
Largam-me enormes cantigas,
Se não dou, fazem-me figas,
Fazem enorme chinfrim.

Os rapazes, agarrando
As abas do meu casaco,
Pedindo e choramingando,
Correm traz mim resmungando,
Porque me sabem do fraco.

Que eu não posso ver pedir
Seja lá pelo que fôr,
Sem logo, logo cahir,
Sem me deixar illudir,
Movido por cruel dôr.

Mas sou tão apoquentado
N'essas ruas, tanto e tanto,
Que ando ha dias depennado
E o dinheiro do ordenado
Não chega p'ra dar ao santo.

Que seja esta face núa
Mais dividida que um nonio,
Se eu não mandar á tabúa
Quem me pedir pela rua
P'ra a cera de Santo Antonio!

Que massada !

Com mil lavas de vulcão,
Com mil raios do demonio,
Tornou-se a seringação
Da *cera de Santo Antonio*
Em *cera de São João* !

Os rapazes nas calçadas
Pedem-me sempre dinheiro,
Se não dou, largam piada,
Fazendo enorme berreiro
Atraz de mim, ás pedradas.

Ha thronos por toda a parte
Com bonequinhos de barro
Ornamentados com arte,
Cada garoto um galfarro,
Não ha dinheiro que os farte.

Se caio em dar consoada
Ao principio de uma rua,
Não me larga a garotada.
Berram que se ouve na lua,
Enchendo toda a calçada.

Andam prendendo as mendigas
Que esmolam o negro pão,
Não prendem as raparigas
Que pedem p'ra o São João,
Pedem p'ra o santo? ... Cantigas !

Grossas dividas já fiz,
Em dinheiro me derreto,
Vou fugir d'este paiz,
São Pedro, juro, prometto,
Não apanha uma de X !

Tratado de paz

Onde digo que digo já não digo,
Torno outra vez a dar-vos as noticias,
Pódem contar com beijos e caricias,
Sou de todos estrenuo, ardente amigo.

Se ás vezes como um tigre me empertigo,
E' por mostrar quem sou aos meus policias,
Isto são furias falsas e ficticias
A que importancia alguma eu mesmo ligo.

Aqui na Parreirinha, ha franca entrada
E eu não ia cair na patetice,
Dando lhes tudo, de não dar mais nada.

Tudo achou muita graça á caturrice
E não mais fará caso, por massada.
Quando elle diz que diz mas que não disse.

Ora eu não sei que balda seja aquella
Do major andar sempre empertigado,
Se ninguem lhe faz mal, ser tão zangado
Faz-lhe cahir um dia essa espinhella.

Porque não vasa a bilis na tijella
E essa chronica zanga põe de lado?
Tratar a gente á moda de soldado
E na cara fechar-nos a cancella? . . .

Se a gente póde andar tão direitinho,
Tu cá, tu lá, perfeita maravilha,
Se a gente póde ser tão amiguinho. . .

Amar-nos, como um pae que ama uma filha. . .
Mas não chore major. Se faz beicinho,
Ponho ponto final na gazetilha!

Quero eu dizer que a gente das gazetas
E' boa, meu major, gente da fina,
Se um dia, la por coisas, se encanzina,
Vinga se no jornal? . . . São tudo tretas!

A gente vae beber nas vossas tetas,
A noticia extrahir da vossa mina,
Não podemos fazer qualquer verrina,
Nem metter nos jornaes nenhumas petas.

Que isto passou, major, sem mais aquella,
Fornecẽ-nos a paz bastos ensejos
Dẽ darmos cordeal apertadella.

Inda se hão de trocar cartas e beijos,
Vocencia lá de cima, da janella,
E a gente cá de baixo aos gargarejos!

Nova molestia

Uma nova epidemia
 Hoje grassa na cidade,
 Microbio que, na verdade,
 Tem do bacillo o feitio,
 Molestia que não tem cura,
 Que as entranhas come e mina:
 --A maldita *carolina*
 Do maldito senhorio!

Coitado do amanuense,
 Desgraçado jornaleiro,
 Que não avesa dinheiro,
 Nem proventos, nem fazenda,
 Que hoje não come, não dorme
 E de tudo o mais se priva,
 Na maldita perspectiva
 De ter de pagar a renda!

Felizes dos penhoristas,
 Avarentos agiotas,
 Que hoje abarrotam de notas,
 Impam de fartos tostões!
 Feliz de quem é vadio,
 De quem jaz no Limoeiro,
 Não tem casa nem dinheiro,
 Também não tem ralações!

Por mais que os medicos teimem,
 Não descobrem a vaccina
 D'esta nova *carolina*,
 Microbio com tão maus fins,
 E' bacillo atravessado,
 E' bacillo d'uma canna,
 Com que não entra o Pestana,
 Nem mesmo o Sousa Martins!

Apparato bellico

Quasi que ia um batalhão
 Hontem o Urbino buscar
 E trazel-o da estação
 Ao sitio onde vae passar
 Sob os ferros da prisão.

Trotava a cavallaria
 Com desusado estreitor,
 Marche, marche a infantaria,
 Julguei ouvir o clangor
 Das peças de artilheria.

Urbino vinha guardado
 Por sessenta coroneis,
 Inda por cima algemado,
 Todo o mundo dos quarteis
 Marchava junto a seu lado.

Tanto que alguem que passava
 Ouvindo tremer a terra,
 Entre sustos, perguntava
 Se d'alguma nova guerra
 Por acaso se tratava.

Reluziam charlateiras,
 Armas batiam no chão,
 Cruzavam-se as bandoleiras,
 Em toda a noite, o *Pimpão*
 Teve accesas as caldeiras.

O apparato dito cujo
 Me fez de riso perder
 O que haveria — eu já fojo! —
 Salvo seja, p'ra prender
 O Zé Bento de Araujo?

A morte do Santo

Santo Antonio falleceu,
Foi á cova de caixão,
Deu-lhe uma coisa e morreu,
O evangelista João
A' meia noite nasceu.

A alcachofra requeimada
Jaz na carroça do lixo,
A grande noite é passada,
O santo caiu do nicho,
Fez-se em terra, cinza e nada.

Doidas cantigas ao fado
Já ninguém ouve na rua,
Nem vê dançar um bailado
Popular, á luz da lua,
Com grande sapateado.

Já não nasce a madrugada
Com tão vibrantes lampejos
Sobre os olhos da ranchada,
Já não toma gargarejos
A' janella a namorada.

O Santo Antonio deixou
Doirado throno e docel,
Aos penates retirou,
O cravinho de papel
Faltou lhe o vento e murchou.

Votou-se o santo a morrer,
Que consta no firmamento,
Porque não podia ver
Tantas velhas a fazer
Pedidos de casamento.

Antes da morte

Hoje, vou cantar o *vira*
Para a Praça da Figueira,
Na dança gira que gira,
Ver os festejos da feira,
Cantar cantigas á lyra.

Vou ver de sucia os padeiros
Com as gentis ovarinas,
Tocando gaita os gaiteiros,
Bombas, trombone, ocarinas,
Flautas, violas, pandeiros.

Vou ver as damas á praça
Em frente dos manjericos,
Largar-lhes doida chalaça,
Vou entrar nos bailaricos,
Vou divertir-me de graça.

Vou ler as quadras chibantes
Pelos cravos de papel,
Ouvir saudosos descantes,
Ver o susurro, o aranzel
Da turba dos passeiantes.

Vou comprar um rouxinol,
Vou ser um vivo demonio
Até ver nascer o sol,
Vou comprar um Santo Antonio
Entrar dos doidos no rol.

O santo é meu padroeiro,
Tem de entre os santos meu voto,
Não me faz gastar dinheiro
E eu sou um grande devoto
Do santo casamenteiro.

O padrão da batalha

Sobre a serra do Monsanto,
Em sitio azado das faldas,
Feito de loiça das Caldas,
Vae construir-se um padrão
Do feitio de uma rosca
Com emblemas de padeiro,
Tendo por cima um peneiro
Com a seguinte inscripção:

«Vos vinte e mais dois de junho
«Cá do nosso kalendario,
«N'este campo solitario
«Onde a desgraça me tem,
•Foi ferida uma batalha
«Terrivel, sanguinolenta,
«Foi uma lucha cruenta
«Em que não morreu ninguem.

«Dois grillos e um pintasilgo
«Que dormitavam na serra
«Foram victimas da guerra,
«Deram no monte ao peneiro,
«Os despojos do combate
«E a fina flór dos guerreiros
«Jazem, feitos prisioneiros,
«Junto ao Governo Civil.»

As gerações do futuro,
Ao verem tal documento,
Hão de ficar um momento
Cheias de pasmo e de espanto,
Dirão, ao ver os soldados
Velhinhos, cobertos de annos:
— Honra e gloria aos veteranos
Da batalha do Monsanto!

Novo Jehovah

Quando Deus formou o mundo
E as humanas creaturas,
Dizem velhas escripturas
Que seis dias trabalhou,
Fez os astros e os planetas;
Fez o mar e fez a terra,
Seis dias andou na berra
E ao setimo descançou.

O Veiga com as batotas
Parece-me o Padre Eterno,
E' um Jehovah moderno
Feito á nossa semelhança.
Andou seis dias ruscando,
Foi uma calamidade,
Fez os *pontos* da cidade
Andar em continua dança.

Farto de tanto trabalho,
Ao cabo de dias sete,
Deixou em paz o valete,
Deixou o quino jogar,
Poz a policia no prego,
Largou a perna ao banqueiro,
Poz á solta o batoteiro,
Deixou o monte imperar.

Nas batotas ninguem gosta
D'esta attitude tão meiga
Do falado juiz Veiga
Cá da terra senescal,
Andam passados de susto,
Grande medo tudo sente
Que qualquer dia rebente
O diluvio universal.

A quem me roubou a carteira

Mão gatuna e traiçoeira
Roubou-me cinco mil réis,
Uma nota corriqueira
Que eu tinha com mais papeis,
Dentro da minha carteira.

Quem m'a roubou foi tão fino
Que eu nem sequer dei por tal,
Dormindo perdera o tino,
Acorde sem um real
A chorar o meu destino.

P'ra ganhar essa quantia,
Fiz eu ba-tas gazetilhas,
Passei tormentos e azia,
Dedos ladrões e pandilhas.
M'a levaram n'um só dia.

Cinco mil réis adorados
Ganhos com tanta afflicção,
Por toda a vida chorados,
Hei de partir essa mão
Por quem me foram roubados.

Eu quizera reaver
Essa quantia falada,
Quem foi quizera saber,
Tres dias de patuscada,
Com mulher, vinho e prazer.

D'este roubo da carteira
Vou-me queixar á milicia,
Hei de pedir ao Ferreira
Uma esquadra de policia
Dentro da minha algibeira.

Pobre mobilia !

A mobilia capturada
N'esta tal rusga de agora
Foi em carroças levada
Ao pateo da Boa Hora
Onde está depositada.

Um canapé de palhinha
Que passou noites ao frio
Nas lages da Parreirinha
Chorava gottas em fio
De caruncho e de morrinha.

Tive dó do desgraçado
E fui traz elle a correr,
Fui-me postar a seu lado
P'ra mil coisas lhe dizer
Que o deixassem consolado.

Ai, senhor — rugiu o triste
N'um gemido guttural—
Não sei como ha quem resiste,
Eu não percebo afinal
Em que este mundo consiste!

Pois eu que fui fabricado
Por um mestre marceneiro,
Homem probo e muito honrado,
Sou prezo por batoteiro
E n'um carcere lançado ?

Na muda, torci um pé,
Tudo em mim se desarreiga,
Soffri tratos de polé!
—Uma victima do Veiga
Este pobre canapé!

As festas ao santo

Venho agora do Seixal,
Sem vir por mar, a reboque,
Venho agora do arraial,
Fui á rua de S. Roque,
Diverti-me menos mal.

Bandeirinhas, luminarias,
Dois coretos de alto lá,
Figurinhas, luzes varias,
Não faltava o «fun-ga-gá»
E outras coisas secundarias.

Do Duque junto á calçada,
Um arco estava roliço
A pedir uma enfiada
De alguns paios com chouriço
Pela rama entrelaçada.

O meu collega Camões
Não o deixaram dormir
Junto d'elle aos encontrões,
Teve por força que ouvir
Mil varias variações.

Os sargentos aspirantes
Namoravam pela rua
As donzellas delirantes,
A' luz das luzes. da lua,
Dos seus olhos faiscentes.

Esta festa calhou bem,
Que fez render os cordeis
Aos que um kiosque alli tem...
— Um capilé de dez reis
Hontem custava um vintem!

Na casa da batota

Fala uma roleta

Eu sou aquella mesa esverdinhada
Com riscos, traços, cruces e algarismos,
Abysmo sou, maior que mil abysmos,
Onde cae o dinheiro e não sae nada.

Da sordida miseria sou cunhada,
Irmã do vicio e mãe dos alcoolismos,
Movem-se contra mim mil exorcismos
De mais de uma familia desgraçada.

Jaz sobre mim um batalhão de notas,
Tenho mais de um em horas depennado,
Sou a deusa das casas de batotas.

Foi meu corpo ao desterro condemnado,
Fui posta aqui, ao pé d'um par de botas,
No Governo Civil junto ao Morgado.

Fala um valete

Vae, misero valete lazarento,
Para o barril do lixo livremente,
Faze um *saltinho*, emquanto t'o consente
De guardas mil faminto ajuntamento.

Esta sota, teu unico ornamento,
Por signal de ser presa tanta gente,
De torta banca ficará pendente,
Despojo inútil de um baralho ao vento.

Vae-te em paz que, em havendo algum dinheiro,
Hei de mandar fazer, mas em teu nome,
Grande carambolim scbre o banqueiro.

Aqui, não mais a banca o *ponto* come,
Que fugiu como um rapido sendeiro,
Não joga mais p'ra não morrer de fome!

Fala um jogador

Jogando estava a roda mais famosa
E nunca se viu gente tão madura,
Mas ver jogar assim, fura que fura,
Mette dentro a roleta mais gulosa.

Ella a *massa* expulsou toda oleosa
Com algum cobre e notas á mistura
E uma pá de bambú de alimpadura
Serviu sobre uma duzia mal cheirosa.

Ora vá lá a gente mais catita,
Quando venha a policia que, ligeira,
Os *pontos* prende, orelhas arrebita.

Para a ir ver servir de prisioneira
Na casa onde o major e o Veiga habita,
No sombrio palacio da Parreira!

Adeus á patria

A' hora a que o leitor dorme
Repimpado em sôfa cama,
Abraçado co'a madama,
Solteiro, dormindo a sós,
Sonhando com castanholas,
Com *jamon* e chocolate,
Já eu vou, bate que bate,
Caminho de Badajoz.

Fui pôr a musa no prego
Para os gastos da viagem,
Embarquei na carruagem
E elle ahí vae por hí fóra,
Tambem quiz ter um sueto,
Deixar de ser Juvenal,
Mandei á fava o jornal,
Decidi-me e fui-me embora.

Adeus, ó patria do Veiga
E das rugas ás batotas,
Adeus, ó paiz de ilotas
Onde eu ha annos nasci,
Levo no peito uma magua
Grande, enorme, não pequena,
Mas, apesar de ter pena,
Não posso chorar por ti.

Vou gosar as *malagueñas*
E as *muchachas* de mantilha,
Abandono a gazetilha
E os grandes tormentos seus,
Vou ver matar o *Faico*,
Adeus ó grande Avenida,
Que eu tenho direito á vida,
Tambem sou filho de Deus!

Fala um estrangeiro

Badajoz, 15 — Vou indo
De saude menos mal,
Por cá me vou divertindo
Sem ter á perna o jornal,
A gosar um tempo lindo.

A ver os pés das *manolas*
Que, com *gracia* e com *salero*,
Repençam castanholas
E dançam doido *bolero*
Com cantigas hespanholas.

Já tomei uma pañcada
De leite com chocolate,
De comida preparada
Com pimentos e tomate,
O vinho é que não vae nada.

Que antes beber carrascão
Do que fóra se deitasse,
Com medonha confeição,
Lavadura que passasse
Pelas pipas do Quintão.

Não se pôde com calor,
Não ha um sopro de brisa,
Ando alagado em suor,
Já deitei fóra a camisa
E á fresquinha me vou pôr

Adeus, amada gentinha
D'essa Lisboa tão meiga,
Terra grande e patria minha,
Saudades ao juiz Veiga
E á gente da Parreirinha!

Em lingua estranha

Como que ayer por mañana
De Badajoz he llegado,
De ver jugar la jindama
Y de beber chocolate.
Olé, la sal! Viva España
Y Badajoz, la ciudad!

Como que, entrando en Lisboa,
En la estación de Rocio,
Me metieron en un coche
Onde um ratito dormi,
Llegando en un cuarto de hora
Junto al Gobierno Civil.

Iba a coger impresiones,
Mirar el rostro del Veiga,
A saludar el major,
Mirar de largo el Ferreira,
Pero estaba, caracoles!
En una casa de muebles!

Que mientras yo la corrida
Gosaba, leguas distante,
La gente de policia
A la carcel arrastrava
Los que nel juego del quino
Placidamente jugaban.

Vaia que guasa, compare,
Vino encontrar en Lisboa!
Que esto es peor que habitando
Nel principado de Monaco.
Solo deja el juez jugar
El treinta y uno de boca!

Canto de cysne

Ultimo dia de praça,
Despedida ao mangerico,
Rôta d'um lado a chalaça,
Muita dança, muito bico,
N'este mundo tudo passa.

Santo Antonio folião
Foi á praça da Figueira,
Lógo a seguir S. João,
Acabou a brincadeira
O santo guarda portão.

Não mais pela madrugada
Se irá á fonte cantar
Cantigas á desgarrada,
Acabou de se queimar
Alcachofra já queimada.

Não mais meninas de olheiras,
Entre cançados bocejos,
Vaidosas namoradeiras,
Irão tomar gargarejos,
Debruçadas nas trapeiras.

Não mais por esses salões
Se dançarão contradanças,
Não se verão mais cordões
De homens, meninas, creanças
Com enfeitados balões.

Homem, rapaz ou mulher
Que mais divertir-se queira;
Se hoje á noite o não fizer,
Vá á praça da Figueira
P'ra o anno, se Deus quizer!

Mudança de estado

Certo sujeito anafado,
Borguista zaragateiro,
Passa em breve a novo estado,
Deixando de ser solteiro
P'ra se tornar em casado.

Hontem, na borga final,
Quiz fazer a despedida
Para o laço conjugal
E carregou p'ra a má vida
Co'a gente cá do jornal.

No copado de uma quinta,
Houve hontem tal patuscada,
Comida, vinhaça tinta,
Que foi a carne á carrada
E litros de vinho aos trinta.

O pançudo amphytrião,
Fogoso como agua raz,
Botou no fim oração
Sobre a vida de rapaz,
O viver do solteirão.

Eu não fui e tive pena
De não ir ao tal almoço,
Pacata pandega amena,
Encher-me até ao pescoço,
Rir á farta com tal scena.

Ver preparar p'ra o tormento
O pançudo de uma figa,
Que é um grande soffrimento
Acostumar a barriga
A's peias do casamento!

Sempre a rir

Que terra tão reinadia
Vae sendo o meu Portugal,
E' o paiz da folia,
Um reino pyramidal,
E' gosar, haja alegria!

Chega aqui um brasileiro
De uma viagem massado
Logo o fazem prisioneiro
E é logo recambiado
Outra vez para o estrangeiro.

Tudo vae fóra da terra,
Gentinha de toda a laia,
Todo o mundo anda na berra,
Ha festejos na Atalaya,
Festas ao Senhor da Serra.

Ha cirios pela cidade
Em todas as direcções,
Ha muita festividade,
Anjos, virgens e pendões,
Romeiros em quantidade.

Um mestre escama quiz dar
Um assumpto menos mau,
Quiz de si dar que falar
E ao circo do Carapau
Foi os leões barbear.

Isto é constante entremez
Que as ilhargas arrebita
Este torrão portuguez.
— Vivesse a Maria Ritta,
Que morreria outra vez!

O fim da lucta

Em dia de S. João,
Para sempre me hei de lembrar,
Comi um kilo de pão,
Por n'esse dia acabar
A nova revolução.

Andava já com saudade
Do bello pão de pataco,
Comi á minha vontade,
Fartei-me de encher o sacco
E cevei-me em quantidade.

O' pão das minhas entranhas,
Que me dás consolação,
Delicias tantas, tamanhas,
Janto pão, almoço pão,
Sinto alegrias estranhas !

O' rosca do meu consolo,
Meu amado pão de bico,
O' meu prezado miolo,
Como, ao mastigar-te, eu fico
Pateta, maluco e tolo !

Minha codea idolatrada
Que minha fome adivinhas
E és um goso acompanhada
Ou com tisanadas sardinhas,
Ou uma decilitrada !

Se me prender qualquer dia
A morte, qual juiz Veiga,
Já jurei que não morria,
Sem comer uma fatia
De pão barrado em manteiga!

Uma rusga

Tenho dó dos batoteiros,
Palavra de honra, coitados,
Que estavam nos taboleiros
A jogar tão socegados
Os seus chupados dinheiros.

Caiu lá toda a secreta,
Coitados, faziam dó,
Apanhou-os mesmo á preta
E metteu no *chelindró*
Banca, pontos e roleta.

Um pobre conde de espadas
Ouvi eu, triste, a chorar,
Com as plumas desbotadas,
Sem poder endireitar
As pontas amarrotadas.

Um az de copas berrava
Aos gritos pelo baralho,
Um tres de oiros apitava,
A sota, feita um frangalho,
Ao rei de paus se abraçava.

A cara dos pobres pontos
Inspirava compaixão,
De susto perdidos, tontos,
Olhos cheirando a caixão,
A' morte submissos, pomptos.

Quão feliz eu me julguei
Ao vêr gente conhecida
Gemendo em ferros de el-rei,
Que eu felizmente não sei
Jogar a bisca lambida !

Efeitos da rusga

A policia hontem andava
Com formidaveis olheiras,
Laivos de sangue escarrava,
Tinha fraqueza e peneiras,
Quasi em pé não se aguentava,

Que na noite antecedente
A policia tinha andado
Em rusgas constantemente,
Foi na cidade assaltado
Um sitio pouco decente.

Houve guarda que ficou
De tal forma commovido
Que nunca mais se deitou
É sem forças, abatido,
Ao chefe se apresentou.

N'esta rusga extraordinaria,
N'este processo tão tolo,
A policia ficou varia,
Deu volta a rusga ao miolo
A toda a judiciaria.

O Veiga que não se metta
Em mais rusgas, porque fica
Sem um real na gaveta,
Com certeza que entisica
Toda a policia secreta.

Que hei de n'uma gazetilha
Dar-vos medonha noticia
Que graça ha de ter em pilha,
Quando vir toda a policia
A tomar salsaparrilha.

O diabo á solta

Hontem, disseram que andava
Na rua á solta o diabo,
Andei a vêr se o topava,
Se uma pontinha do rabo
Ao menos catrapiscava.

Fui vêr se o via na arcada
A discutir orçamentos,
Vi varia gente enluvada,
Varios meninos portentos
E gente desempregada.

Nos ministerios andei,
Nas varias repartições,
B-lzebuth não encontrei,
Só vi muitos mandriões,
Com varios typos falei.

Fui do Rocio ao Chiado,
De Alfama ao Beato Antonio,
Da Avenida a todo o lado,
Mas não achei o demonio
Com seu focinho tismado.

Onde é que elle se metteu,
Que diabo será feito
Do phantastico Asmodeu,
Anda acaso com despeito
D'este S. Bartholomeu ?

Só se o Veiga, o catitinha,
Da policia capataz.
Pensou que tal não convinha
E ferrou com Satanaz
Nas covas da Parreirinha !

Novo major

Sua alteza o caro infante
Foi ha pouco promovido
A major,
Pois que vae ser commandante,
Do batalhão aguerrido,
Tambor-mór

Dos ferozes artilheiros
Que se vão juntar á guarda
Mancipal
P'ra matar gente aos milheiros
Se fizer qualquer bernarda
Portugal.

Tal noticia recebida,
Produziu n'esta cidade
Sensações,
Toda a gente anda influida
Por ter hoje a magestade
Mais galões.

Quer vêr um major que guia
Qual sota de americano,
Grandes trens,
Honra e gloria á monarchia,
Senhor mano do seu mano,
Parabens !

Causou-me enorme surpresa,
Meu caro e preclaro infante,
Tal noticia,
Porque estava vossa alteza
A calhar p'ra commandante
Da policia !

Reclamo á Mercedes

A Mercedes na Trindade
Deixou o povo abysmado,
Que é de morrer na verdade
A Blasco a cantar o fado.

Despovoou-se a cidade,
Ninguem se poude mexer,
Todo o mundo quiz ir vêr
A Mercedes na Trindade,
O povo as portas invade
Ao Sousa Bastos pasmado,
Ficou o povo apertado,
Era qual dia de boda,
Que aquella plastica toda
Deixou o povo abysmado.

Parecia uma irmandade
O povo á porta a sair,
Todos gostaram de ouvir,
Que é de morrer na verdade,
Quando a fria eternidade
Meu fio tenha acabado,
Quando já tenha chegado
Essa quadra derradeira,
Ai, ponham-me á cabeceira
A Blasco a cantar o fado.

Ventres em perigo

Não passa um dia em Lisboa
Sem haver uma facada,
Sem morrer uma pessoa,
Ou ficar feita em salada
Na Alfama ou na Madragôa.

No hospital os enfermeiros
Passam a noite a coser
Mil ferimentos ligeiros,
Feridos passam a ser
Em vez de homens uns fanqueiros.

Que por esses hospitaes
Tudo anda em trabalho activo,
Os moços e outros que taes,
Ha já falta de adhesivo
E de pontos naturais.

Os enfermeiros, coitados,
Ao acabar os serviços,
De tanto cóрте esfalfados,
Passam a fazer chouriços
De sangue de esfaqueados.

Toda a policia trabalha
A correr, constantemente,
Andando sempte na balha,
Só p'ra prender essa gente
Que usa de faca ou navalha.

Companhia na cidade
Se vae fundar, ha quem diga,
Uma enorme sociedade,
'Bonança ou *'Fidelidade*,
P'ra segurar... a barriga.

Um barbeiro dos diabos

Já vae cheirando a massada
O mestre escama que rapa
Uma barba já rapada,
Que uma leôa não papa
Por nos livrar da estopada.

O mestre escama, o marau,
O barbeiro amolador
Que vae fazer ao sarau
Os queixos ao domador,
No circo do Carapau.

Se um conselho não acceita
Que nos versos lhe vou dar.
E os ouvidos não ageita,
Hei de ir-lhe á loja gritar :
— O' mestre, tem obra feita ?

Leve em braza dois tições,
Molhe o pincel no agua raz,
Deixe-se lá de sabões
E vá fazer, se é capaz,
As suissas aos leões.

Antes ter barba crescida
Qual preso posto em refens,
Cabelleira retorcida,
Do que gastar tres vintens
N'essa navalha homicida.

Você merece elogio
Mas, ó mestre, não se zangue,
Não me sujeito ao seu fio,
Deve fazer muito sargue
Quem tem tanto sangue frio !

A loja do Cruz

Té que emfim appareceu
A Alleluia no Rocio,
Abaixo o panno desceu,
Já tem um outro feitio,
Transfigurou-se, cresceu!

O largo já tem mais luz,
Tem novo aspecto a cidade,
Tudo ali brilha e seduz,
Corre povo em quantidade
A vêr a loja do Cruz.

Ninguem entre de jaqueta
N'esse luxo oriental,
Nem de safada fardeta,
Vá p'ra comprar um jornal
De casaca e calça preta.

Nunca mais vende paivantes
O Cruz da tabacaria,
Levam cresta os *almirantes*,
Que agora na Galeria
Só ha charutos chibantes.

Té do Monaco o herdeiro
A Lisboa hontem chegou,
Foi ao Rocio ligeiro
E no balcão se hospedou,
Fez do Cruz seu hospedeiro.

Ha tabacos de alto lote,
Ha cachimbos e boquilhas
E parece, sem dichote,
Que se comporam cigarrilhas
Em casa d'uma *cocotte*.

E' pena, sendo tão fino
Desde o balcão ao telhado,
Que esse luxo marroquino
Fique de fóra tapado
Com o chapêu do Gualdino!

Resposta à letra

«O paiz não quer palavras!»
(*Hintze Ribeiro.*)

Musica do Sol-e-dó das «Intrigas no Bairro»

O paiz não quer palavras,
O paiz que quer então?
Elle pede alguma coisa?
Vocês o que é que lhe dão?
O paiz não quer palavras,
Seja o que você quizer,
Elle pede alguma coisa?
Então o que é que elle quer?

O paiz não pede nada,
A pedir nunca eu o vi,
Se você deu qualquer coisa,
Com franqueza eu não ouvi!
O paiz não pede nada,
Não pede nada o paiz,
Se você deu qualquer coisa,
Não chegou ao meu nariz!
Tápum, tápum, etc.

A mordação

A mulher amordaçada
 Por numerosa quadrilha
 Tem sido ahí tão falada
 Que eu quero na gazetilha
 Deixal-a bem celebrada.

Ao tenente coronel
 Quero fazer mais ao Veiga
 Um grande, enorme aranzel,
 São policias de manteiga,
 São policias de papel!

Nova espada tem o chefe,
 O major novos galões,
 Mas andamos tefe, tefe,
 Não nos matem os ladrões,
 Não nos preguem um tabefe.

Se o Amorim mais o Gil,
 De Belem, da Boa Vista,
 Policias, cabos aos mil
 Andam sempre na revista
 Pelo governo civil!

Se agora sua excellencia
 Ex-major anda na lua,
 Se agora sua eminencia
 Quer os seus guardas na rua
 Sempre a fazer continencia!

Que os ladrões façam n'um figo
 A cidade amordaçada,
 Ponham Lisboa em perigo,
 Que a policia anda estafada
 Com patrulhas de castigo!

A China e o Japão

China, vinte—Os Japonezes
 Deram cabo do sultão!

Yedo, vinte—Os Chinezes
 Infestaram o Japão,
 Vieram cá quatro vezes!

Pekin, vinte—Um mandarim
 Perdeu na guerra o rabicho!
Japão, vinte—O campo chim
 Vae ser feito em pó e lixo,
 Não fica nada em Pekin!

Cada vez está mais crúa
 A guerra Japão e China,
 Já ninguem adora a lua,
 Tudo vem fazer chacina
 Aos tombos no meio da rua.

Telegrammas recebidos
 Por variados transportes
 Dão os ares remexidos,
 Falam em quatro mil mortes
 De Chinezes conhecidos.

Um general japonéz
 Deu tal queda do cavallo
 Que matou chinezes tres,
 Um china matou um gallo
 A cacete d'uma vez.

Perigo novo, imminente
 Ameaça toda a terra,
 Ilhas, mar e continente,
 Os chinas andam em guerra
 E não fazem chá p'ra a gente!

A furia de subir

O juiz Veiga da Parreira
Dê quem lhes tenho falado
Por muita e varia maneira
Vae ser breve nomeado
Juiz de classe primeira.

D'onde estes boatos sordem
Não houve quem me affirmassê
Que fica o Veiga, concordem,
Juiz de primeira classe,
De primeirissima ordem.

Mais azedo do que um fel,
O major Moraes Sarmento
Fez grande, enorme aranzel,
Por não ter o fardamento
De tenente-coronel.

Do Veiga mil coisas diz,
Tem um profundo desgosto,
Anda a torcer o nariz,
Que elle não subiu de posto,
Subiu primeiro o juiz.

Um ao outro faz intriga,
Andam á bulhã os dois chefes,
Ao Veiga o major faz figa,
Quasi que estão aos tabefes,
Um dia envolvem se em briga.

Ai, major, tu pódes crer
Que ao subir a general,
Coisa que espero de vêr,
O Veiga já ha de ser
Do Supremo Tribunal!

Ainda os Chinezes

Cada vez mais intrincada
A guerra Caino-Japão,
Vae por lá uma salsada,
Vae por lá uma questão
Que ninguem percebe nada.

Telegrammas recebidos
Dizem que a coisa está seria,
Os Chinas muito mexidos,
Sangue, tripas e materia
Pelos campos aguerridos.

Jornal que bebe do fino
E canta n'esta questão,
Redactor de grande tino,
Até disse que o Japão
Era um paiz pequenino.

E' que a gente do jornal
Não passou de Celavisa,
De Carregado ou Pombal,
Que ha quem diga que a Galiza
É maior que Portugal.

Quem me dera ser soldadó
Do cinco de infantaria,
Quizera ser destacado,
Como heroe combateria
Nos terrenos do mikado.

Valente como um dragão,
Brandindo torto bambú,
Rabicho e grande roupão,
A cavallo, semi-nú,
N'uma jarra do Japão!

Questão de barriga

Anda-se gente a queixar
De que lhe dóe a barriga,
É coisa que anda no ar,
É vel-os muito á formiga
Nos cantos a suspirar.

Já quatro na redacção
Andam de mãos nos umbigos
Em grande atrapalhação
E vão fazendo os artigos
Com a barriga no chão.

Vem procural-os alguém,
Pergunta pelo fulano,
Não lhe responde ninguém.
—O que é feito de sicrano?
—Foi ali fóra, já vem.

Esta nova epidemia
Faz-me lembrar a mofina
Esse mal, aquella azia
Que se chamou *Carolina*
E desceu á campa fria.

Tem que fazer o Pestana
E mais o Sousa Martins
Que, dentro de uma semana,
Vae haver novos chinfrins
E discussão d'uma canna.

Fazem discursos de estylo
E arranjam famosa briga
A vêr o que seja *aquillo*,
Se isto da dôr de barriga
É microbio ou é bacillo!

Um deserto

Assaltos á mão armada
Agora todos os dias,
Um malandro sóbe a escada,
Rouba-nos varias quantias
E deixa a gente esmurrada.

Agora é que vale a pena
Comprar uma móca boa,
Uma espingarda pequena,
Que isto aqui não é Lisboa
Mas sim a serra Morena.

Quem tiver dinheiro fuja,
Fica sem vida e sem *teca*
Na cidade dita cuja,
Que estamos n'uma charneca
Ou no pinhal da Azambuja.

A policia não se importa,
Ouve tudo e vae-se rindo
Sem que prenda quem se *corta*,
Vá-se o leitor prevenindo,
Não tire a tranca da porta.

Bem que tenha nova espada
E passe a vida em revistas,
Linda nente reformada,
Não quer saber de fadistas,
De assaltos á mão armada.

Lisboa é quasi um sertão,
Viva o major, viva o Veiga,
Aí que grande reinação,
Para as torradas manteiga,
Por cima, café e limão!

Para a guitarra

Só de uma banda,
De uma banda só,

(*Cantiga popular*)

A policia anda ruscando
As batotas corriqueiras,
Só pataqueiras,
Só pataqueiras,
Só pataqueiras,
Pataqueiras só.

Consente que vão jogando
Varias casas, das primeiras,
Só pataqueiras, etc.

Vae ao seio das familias
Capturar os batoteiros,
Só pataqueiros, etc.

Apprehende-lhe as mobilias,
Os baralhos, os dinheiros,
Só pataqueiros, etc.

Vae a rusga parecendo
Que protege as afillhadas,
Só patacuadas,
Só patacuadas,
Só patacuadas,
Patacuadas só.

De umas filhas vae fazendo,
Faz das outras enteadas,
Só patacuadas, etc.

Uma aposta

Lendo um jornal estrangeiro,
Vi que em Londres, Inglaterra,
Entre meninas da terra,
Houve aposta singular,
Uma apostou que ao piano
Por longo tempo tocava,
Outra apostou que valsava
Muita horas sem parar.

Uma poz-se a dar aos dedos,
Outra poz-se a dar á perna,
Era a valsa quasi eterna,
Era a musica sem fim,
Baila, baila o bailarico
Sem que parasse a valsista,
Té que a pobre pianista
Cançou e parou por fim.

Cada vez mais animada,
A valsa bumba que bumba,
A menina zumba, zumba
Dando ao pé pelo sobrado,
Até que a gente que via
A constante dançarina
Parou a corda á menina,
Tudo estava agoniado!

Menina que tem uns dedos
No bracinho tão cançado
De saltar pelo teclado,
Corte a mão e deite-os fóra,
Quanto á da valsa, meu peito
Em terno amor se arrebita.
—Que pequena tão catita
Para puxar uma nóral

A cantiga do moleiro

Estava o banqueiro
Mostrando um bogalho,
Vem o juiz Veiga,
Tirou-lhe o baralho.

Salta um dos pontos
Por uma janella,
Vem o Ferreira,
Rasgou-lhe a farpella.

Salta uma sota
De traz da atafona,
Vem o Lourenço
E dá-lhe taponas.

Gritam as cartas
Fazendo berreiro,
Larga, ó Antunes,
O nosso banqueiro.

Ouven-se gritos
De toda a familia,
Larga, Morgado,
A nossa mobilia.

Salta o juiz Veiga
Com furia homicida
Desde o chinquilha
A' bisca lambida.

Arre *seu* Veiga,
Que está muito quente,
Pois que não deixa
Jogar toda a gente.

Lisboa mette
Na ferrea prisão,
Tem o baralho
Fechado na mão.

Tudo morto!

Em breve a municipal
Do furibundo Queiroz
Vae ser qual outro arsenal!
Senhor, que será de nós?
Desgraçado Portugal!

As peças de artilharia
Vão em breve ser montadas,
Quem verá a bateria
Pelas ruas e calçadas?
Que enorme fusilaria!

Zé Povinho, Zé Povinho,
Faz acto de contricção,
Faz testamento, velhinho,
Lá vem a guarda! Uh papão!
Pobre povo, coitadinho!

Ao mais ligeiro zum-zum
De baralha na cidade,
Não fica vivo nem um!
Meu Deus, que barbaridade,
Vem a guarda e catapum!

Já não brande o *peixe espada*
Pelas ruas qualquer lôba
De fardeta debruada,
Não maneja a *meia arroba*
Que nos cae sobre a lombada!

Saiba qualquer desgraçado
Que fizer qualquer baralha,
Ou que caia embriagado,
Que á rua sae a metralha
E fica bombardeado!

Outra subida

Senhor major da policia,
Receba os meus parabens,
Pois tive a grata noticia
Que vae ter mais uns vintens
De ordenado na milicia.

Soube emfim que já foi feito
Novo e sellado papel
Que o promove de direito
A tenente coronel,
Dois largos em vez do estreito.

Quando o vir ora passar,
Em vez de dizer:—Vocencia
Como está, vae trabalhar?
Faço a minha continencia
Perfilado á militar.

Vou pôr oculos fumados,
Gastar em vidros uns tostões,
Tenho os olhos inflammados,
Pódem ao ver os galões,
Ficar encataratados.

Dizem que tal promoção
Tem já dado intrigas mil,
E' a causa da questão
Que ha no governo civil,
Desde o Veiga ao Sacarrão.

Diz que o Veiga anda a curtir
Profundo enorme desgosto,
Não cessa de repetir
Que o major subiu de posto
Sem elle tambem subir!

A morte dos padeiros

Dizem que vão acabar
De vender pão pela rua
E que o dono vae mandar
Os seus moços á tabúa
Por d'elles não precisar.

Não mais vereis nas calçadas
O desenvolto rapaz
Com as mangas regaçadas
Sob o peso do cabaz,
Calças brancas engommadas.

As creadas de servir
Choram n'um vivo berreiro,
Já não vão a porta abrir
Ao namorado padeiro
Com quem se fartam de rir.

As ovarinas na praça
Dão suspiros de cortar
O peito de uma fataça,
Não mais poderão beijar
As mãos pingando de massa.

A alma aos pés de todas cae,
Suspiram pelas esquinas,
Pranto dos olhos lhes sae,
Chorae, chorae, ovarinas,
Chorae, sopeiras, chorae.

Que a suppressão, afinal,
De vender na rua o pão,
Sopeiras, não vos faz mal,
Que resta a consolação
Dos primos da *mancipal!*

Partida do sol

O sol, farto da massada
De sêr tão primaveral,
Já hontem não tomou nada,
Deu-nos um tempo infernal
É uma chuvinha damnada.

A chuva basta e tão fina,
Mais veloz do que o sigillo,
Leve, aerea, purpurina,
Fez ao sol o que ao Cyrillo
Fez o maroto do Pina.

Na terra, a gente bailava
Como bailam os bonecos,
Porque a chuvinha molhava
Farpella, corpo, tarêcos ..
Por toda a parte encharcava.

O sol corrido e passado
Deu ás de Villa Diogo,
Fugiu do céo apressado,
Sumiu-se em flócos de fogo
Pela chuva trespasado.

Mas o sol p'ra se vingar
Ao mundo declarou guerra,
Ninguem o viu afastar,
Mas á noite, cá na terra,
Era um calor de rachar.

Em breve, ardente e tyranno,
Trespasará a neblina,
Fazendo á chuva, o magano,
O que ao maroto do Pina
Fez o bom do Mariano!

Alviçaras

Dá-se um prato de arroz doce,
Um boião de goiabada,
Uma morcella fumada
E ainda o mais que ha para dar
A quem disser onde pára
Um certo Pina tyranno
Que poz fóra o Marianno
Do *Diario Popular*.

Aquelle Pina esfaimado
Que um dia foi a São Roque
E poz tudo aquillo a toque
De caixa no meio da rua,
Aquelle Pina que escreve,
Aquelle Pina com sorte,
Pina dos teuros de morte,
Que dá pinotes na lua.

Morreu acaso de peste,
Cairia n'algun cano,
Qual outro Chrispiniano
Que á meia noite caiu?
Matou-se, foi-nos roubado
Pelo amor de alguma dama,
Caiu debaixo da cama,
E por baixo se sumiu?

Os gatunos das carteiras
Que estão sendo interrogados
De tal modo são damnados,
Aquillo é gente tão fina,
Que o Marianno roubassem,
Como quem rouba manteiga?
—Eu vou-me queixar ao Veiga
Que me roubaram o Pina!

Noticias de crise

No politico horisonte
Correm boatos sinistros
Que eu não sei como lh'os conte.
Dizem que estão os ministros
Já na barca de Caronte.

Que o ministerio coitado
Já começou o estertor,
Vaen'este mez.mais chegado
Dar a alma ao Creador,
Ungido e sacramentado.

Que o governo não podendo
Aguentar-se no poleiro
Vae cair—choque tremendo—
Já chamou o cangalheiro,
A trouxa ficou fazendo.

Tal desgraça, não discuto
Se se incommoda a nação,
Não me afflige um só minuto,
Mesmo não faço tenção
De andar vestido de luto.

Que o demonio n'elle pegue
E o leve ás chammas mais fundas,
Que não páre nem socegue,
Que vá cair ás profundas
Do diabo que o carregue.

O que me faz mais aquella
Com boatos de tal laia,
Tanto dar á taramella,
E' que o ministerio caia
E não parta uma costella.

Beneficio de tres

—Onde vaes, ó do barrete,
A correr pela Avenida?
—Vou já comprar um bilhete,
Hoje quero ir á corrida,
Vou á festa do Cadete!

--O' tu vestido de luto
Onde vaes com tanto empeno?
—Nada vejo, nada escuto,
Vou hoje ao Campo Pequeno
Ver a festa do *Minuto*!

--Onde vaes, Heliodoro
Da Cruz Savedra Lançada?
—Hoje não corro, devoro,
Hei de ir por força á tourada,
A' festa do Theodoro!

E não se fala em Lisboa
De outra coisa. De Belem
Aos confins da Madragôa,
Ouvi já dizer tambem
Que não falta uma pessoa.

Ando agora a descobrir,
Eu que sou *aficionado*,
Que penso em me divertir,
Para não ficar tramado,
A qual das festas hei de ir.

Não se póde ir de uma vez
Sem se faltar a nenhum,
Mas juro em bom portuguez
Que, se fôr á festa de um,
Hei de ir á festa dos tres!

Boatos alarmantes

Lá nas Africas a coisa
 Parece estar remexida,
 Que a pretalhada induzida
 Por gente que nos quer bem
 Deixou de banda o batuque,
 Fez de flexas grande data
 E transformou a cubata
 De pancada em armazem.

Os jornaes todos fizeram
 Longos artigos de fundo,
 Prosa que vae correr mundo
 E que eu, já digo, não li,
 Pois já sei que uns barafustam,
 Outros que deixa e que torna
 E os restantes agua morna,
 Uns em *lá*, outros em *si*.

E' claro que os do governo
 Dizem que a coisa é mentira,
 Embora a *Havas* refira
 As coisas passadas lá,
 Os outros inda accrescentam,
 Com vermelhos commentarios,
 Mil mortes, mil casos varios
 Que elles souberam por cá.

Eu conclui da contenda
 Que quem vae ficar tramado
 E' cá o povo, coitado,
 O grande, eterno jumento
 E acerca de providencias,
 Se o boato tiver curso,
 E' mais ou menos discurso
 Quando abrir o parlamento.

Festa de annos

O Queiroz da *mancipal*
 Fez annos n'este outro dia,
 Houve festa e arraial
 E a primeira companhia
 Apanhou rancho real.

Pois que o Queiroz inflammado,
 Com franqueza principesca,
 Por agradar ao soldado,
 Mandou dar á soldadesca
 Perú com arroz assado.

Os *guitas*, toda a semana
 Costumados ao feijão,
 Puzeram na *retambana*
 Enorme illuminação,
 Balões á veneziana.

Houve brodio na parada,
 O' que enormes bebedeiras,
 A companhia tachada
 Poz-se aos vivas ás sopeiras
 Pelo toque da alvorada.

Se houvesse qualquer bernarda,
 Se houvesse pancadaria
 Em que interviesse a guarda,
 A primeira companhia
 Dava socco e murro em barda.

Que era ver por esses ruas
 Os *guitas* de sabre nú
 A brandir as meias luas,
 Que eram, com o tal Perú,
 Em vez de *guitas*, *perúas*!

O fim da campanha

As manobras terminaram,
Acabou-se a brincadeira,
As manobras acabaram,
Acabou-se a chuchadeira,
As forças já retiraram.

A tropa toda esfalfada
De mil tratos de polé
Ao acabar a massada
Atirou co' o boldrié,
N'um canto depoz a espada.

A soldadesca aguerrida,
O batalhão coxo e manco
Abandonou a má vida,
Atirou-se ao feijão branco,
Cançado de tanta lida.

Não mais por esses casaes,
Falsos tiros atirando
Aos descuidados pardaes,
Os pobres irão marchando
Atraz dos officiaes.

Já por todo o regimento
O ripanso se disfructa,
Ha grande contentamento,
Não mais no campo da lucta
Se dormirá ao relento.

Já disse o dez da terceira,
Um cabo mau como as cobras:
— Acabou-se a pepineira,
Que, a respeito de manobras,
Só com alguma sopeira !

Questão jornalística

O Pina diz que botava
Um *Diario Popular*
Que a todos amarrotava,
Mas ainda não vi botar
A folha que annunciava.

O Pina emfim fugiria
Ou deu-lhe algum accidente,
Alguma coisa teria,
Morreria de repente,
O que é? Que foi? Que seria?

A final o Marianino,
Sem ser o Pina, o Cyrillo,
Ficou no jornal, ufano,
De nada valeu aquillo,
O Pina deitou ao cano.

Só por um dia corrido,
Depois adeus ó menina,
Ao jornal reconduzido,
Comeu-te o Cyrillo ó Pina,
O' Pina foste comido !

Eu qualquer dia requeiro
Ao das unhas encravadas
P'ra que diga ao conselheiro
Que largue duas piadas
Ao Pina pantomimeiro.

Só se o Cyrillo, o *Catão*,
Comeu o Pina ás fatias,
Ou com molho de villão,
E tem passado estes dias
A fazer a digestão.

Phrase celebre

Em regra! Tal foi a phrase
Do discurso da corôa,
Esse phantastico ukase
Que assombrou toda Lisboa
E que caiu pela base.

Pelas ruas, nas arcadas,
Onde a cidade se alegra
A falar n'estas massadas,
Estas palavras: *em regra*
Foram mais do que faladas.

Os politicos berraram,
Os influentes disseram,
Os empregados clamaram,
Os ministros não quizeram,
Os *leaders* barafustaram.

Em regra o marido diz,
Em regra a esposa nos fala,
Em regra berra o petiz,
Em regra ninguem se cala,
Em regra todo o paiz.

Outra phrase não conheço
Assim o mundo a correr,
Mais popular no começo
(Que *Assim não me venhas vêr*,
Que *Estás lá ou és de gesso?*)

Tal importancia adivinho
D'este negocio bicudo,
Porque me diz um visinho
Que, *em regra*, quem paga tudo
E' o pobre do povinho!

O bicho

Já quasi toda a cidade
Tem ido ao museu da Escola,
O povo as salas invade,
Tudo se empurra e se esfola
Para vêr o *peixe frade*.

Hontem que era quinta feira
Não parou um só minuto
Do costume a pasmaceira,
A vêr o lombo do bruto
Não faltou uma sopeira.

As meninas abysmadas,
As mães, as tias, as manas,
Sogras, noras e cunhadas,
A cont molar os badanas
Ficaram tempo paradas.

Uma velha que tambem
Se achava nos concorrentes,
Da multidão no vae-vem
Dizia por entre os dentes:
—Que bocca que o peixe tem!

Quando no fundo do mar
O pobre peixe vivia
Entre os seus, *sem se ralar*,
Mal diria elle que havia
De dar tanto que falar.

Na sua tosca peanha,
Embalsamado, o tal bruto
—Oh! Que cabeça tamanhá!
E' hoje o substituto
Do tal lagarto da Penha.

Tudo ruscado!

A policia rusga tudo
E ainda mais alguma coisa,
O Veiga está cabeçudo,
Não socega, não repouisa,
Vê Braga por um canudo.

Elle é rusga aos batoteiros,
Não ha empenhos de amigos,
Elle é rusga aos desordeiros,
Agora rusga aos mendigos,
São as rusgas aos milheiros.

Maltrapilhos enfezados,
Creancinhas lazarentas,
Cegos, surdos, aleijados,
Velhos, velhas bolorentas,
Todos são catrafilados.

Quem entra na Parreirinha
Ouve de longe o clamor
De muita e varia gentinha:
— O' meu rico bemfeitor,
Quem me dá uma esmolinha?

Todo o mundo grita e berra,
São lamentos mais de mil,
Parece fóra da terra,
Tem o governo civil
Um ar de Senhor da Serra.

N'esta febre de dinheiros,
Eu tenho que me raspar,
Deixar os meus companheiros
Quando o Veiga annunciar
A rusga aos gazetilheiros!

Principia a guerra

Quando a gente hoje se erguer
Do fôfo colchão de lã,
Já se estarão a bater
Antes da luz da manhã
As tropas, se Deus quizer.

Mergulhado em vivo somno,
Do lençol por entre as dobras,
Dorme o leitor com entono,
Principiam as manobras,
As taes manobras de outomno.

O ramelloso soldado
Dá tiros *pim catapim*,
A marchar meio acordado,
No rancho bacalhorim
Já pensando, esfomeado.

O pançudo official,
Beijo caído e casmurro,
Vae marchando inda que mal,
Batendo *beefs* de burro
Sobre um corcel marcial.

Vê-se no campo inimigo
Uma faina desusada,
A tropa corre ao perigo
Matando a passarinhada
Pelas cearas de trigo.

No fim da grande campanha,
Um cadaver fumegante
Fica no campo, entre a sanha:
— A bolsa do Zé Pagante,
Que é afinal quem se alanha!

Carta de Hespanha

Badajoç, oito—Cá ando
N'esta terra do *jamon*,
Estas delicias gosando,
Por ahi vae tudo bom,
Menos mal se vae passando?

O Pina já deu signal
De seus talentos mostrar?
Já pôz á venda o jornal,
Já sahio o *Popular*?
Vem verrinoso? Que tal?

Esse ministro recente
Que em Lisboa conheci,
Já empregou muita gente?
Já se sabe por ahi
De alguma rusga imminente?

O Veiga na Parreirinha
Continúa a ser senhor?
Houve alguma *janeirinha*?
Já regressou o major
Lá das berças da terrinha?

Foram presos batoteiros
Por algum novo covil?
Houve só casos ligeiros?
Pelo governo civil
Só ha presos carroceiros?

Fóra d'ahi tanta milha,
Mil voltas dou ao bestunto
Cá na terra da mantilha,
Que eu quero encontrar assumpto
P'ra fazer a gazetilha.

Os sete

Já são sete os conselheiros,
Numero triste e sinistro,
Já temos mais um ministro,
Mais uma pasta tambem,
Já temos por gloria nossa
Com novo grupo selecto,
Um ministério completo
Como um carro de Belem.

A nau do estado veleira,
Vogando ao sopro da brisa,
Nas celsas aguas deslisa,
A verga dançando geme,
Corta as ondas balouçando,
Desdobra a vela enfunada,
Não tem medo da nortada,
Tem mais um piloto ao leme.

Deus queira que os sete agora
Façam mais que os seis fizeram,
Que nenhuma prova deram
De ser grandes mareantes,
Se a coisa estava tremida,
O mar bastante picado,
Se o barco estava arrombado,
Ficou tudo como d'antes.

Já são sete, apenas sete,
Qual no *Burro* do Lobato,
Sete folegos de gato
Que sete vezes arranha,
Que o destino ou Deus permitta
Que cessem os disparates,
Não sejam sete alfaiates
Para matar uma aranha!

Os tres ratas

O CYRILLO

Sou Marianno primeiro.

O PRESADO

E eu o segundo.

O PINA

E eu o terceiro.

OS TRES

Somos tres jornalistas, catões sem par,
Fazemos as verrinas do *Popular*.

O CYRILLO

Mil artigos de fundo

O PRESADO

Saltam das pennas

O PINA

Mais do tinteiro.

OS TRES

Andamos em demanda, por mil questões,
Uns pomos fóra os outros aos empurrões.Que a nossã gazeta
E a casa tambem
E' de tanta gente,
Não é de ninguem,Que o nosso *Diario*,
Com tal corropio,
E' qual vasadoiro, } (bis)
Terreno baldio.Vae-se estudar a maneira (bis)
De sairem tres jornaes,
Uma folha verdadeira, } (bis)
Tres redactor's principaes.O' que rapioca,
Que jogo de empurra,
Que grande engenhoca,
Que coisa caturra!Constante verrina,
Palavroso estylo,
Uma vez do Pina, } (bis)
Outra do Cyrillo

OS TYPOGRAPHOS

A gente não sabe,
Ignora afinal
Em que nome iremos
Fazer o jornal.

OS TRES

Somos jornalistas,
Do jornal ufanos,
Esta é a gazeta } (bis)
Dos tres Mariannos

A abertura

Quando calha na taberna
De vinho abrir-se um tonel,
Tudo folga e dá á perna,
E' qual medonho aranzel
De soldados na caserna.

Hoje que abre o parlamento
Tambem ha festa de estallo,
Um arraial de espavento,
Muito trem, muito cavallo,
Muito e vario fardamento.

De fórma que a tal funcção
Ha dias annunciada
N'esses papeis da nação
Cheira-me a pipa chegada,
Sabe-me assim a Quintão.

Ando a vêr os deputados
D'umas sardinhas em frente
A comer como esfaimados,
Dizendo p'ra o presidente :
— Venham lá dois separados.

Parece que estou a vêr
Junto ao balcão os ministros
Aos tachygraphos dizer :
— Tragam-nos dois *decinistros*,
Tambem queremos beber !

Toca a comer quanto corra
Porque o briol não é mau !
E' beber a tripa fórra,
Ha pasteis de bacalhau
E vinho em cima da borra !

Desordem na tasca

Já hontem no parlamento
Houve tumulto e chinfrim,
Começa o divertimento,
Mas começou pelo fim,
Vae ser bonito S. Bento !

Logo á primeira sessão
Se viu grego o presidente,
Houve quasi bofetão,
Custou lhe a amansar a gente,
Que grande revolução !

Houve diversas piadas
Entre os varios chinfrineiros,
Orações apimentadas,
Preparam-se os carpinteiros
P'ra concertar as bancadas.

Já muitos dos deputados
Se muniram com apitos,
Vão requisitar soldados
P'ra logo aos primeiros gritos
Acudirem açodados.

Junto ao retrato real,
Vão pôr, segundo noticia
Que hontem chegou ao jornal,
Uma esquadra de policia
E um posto municipal.

Na mais cheia das secções,
Boletim parlamentar,
Não se narram mais sessões,
Passam-se agora a narrar
Nas *Desordens e aggressões*

Um duello

Como gatos assanhados
Valentes como leões,
Eu vi hontem agarrados
Pela praça de Camões,
A' tarde, dois deputados.

Não sei lá que tinha havido,
O que entre os dois se passou,
O combate foi renhido,
Não sei como um não ficou
Com o *zimborio* partido.

Era socco e bofetada
Que até o proprio poeta
Voltou a frente bronzeada,
Era sopapo e *galheta*,
Era murro, era *latada*.

Um galo em ciume ardendo,
Quando apanha o seu rival
Não faz o que ia fazendo
Aquelle fero casal
De deputados. Tremendo !

De garotos mais de mil,
Grossa turba se juntou,
Vendo a batalha febril,
Té que um policia os levou
Para o Governo Civil.

Vendo aquelles bofetões,
Eu fiquei n'esse momento
Perguntando aos meus botões
Se mudára o parlamento
Para a praça de Camões.

Uma vergonha

Foi vergonhoso o que se passou
he je na entrada para as galerias da
camara dos deputados. — *Correio
da Noite*.

Não mais n'aquelle antro entro,
Se estiver lá vou-me embora,
Quando aquillo é cá por fóra,
O que será lá por dentro !
Não serei eu qu m me affoite
N'esse meio aventureoso,
Aquillo *foi vergonhoso*
Que o diz o *Correio da Noite*!

Qualquer o caso em si ponha,
Vocês, ó envergonhados,
Se hontem vou aos deputados
Eu morria de vergonha !
Bem fiz eu que não me metto
Em altas cavallarias,
Se hontem vou ás galerias
Tingia a cara de preto !

Foi vergonhoso que o diz
Um serio e grave jornal
Que se imprime em Portugal,
Que corre todo o paiz.
Pensae n'isto, ó moralistas,
E assentae n'esta verdade
Que é melhor ir á Trindade
Vêr as pernas ás coristas !

O' mães, cunhadas e tias,
Oçam-me n'este momento,
Não mais vão ao parlamento,
Não mais vão ás galerias !
Antes dar cabo da vida
Ou morrer assassinada . . .
Quando aquillo é á entrada,
O que será á sahida !

Fala o Caes das Columnas

Ai adeus acabaram-se os dias
Em que eu tinha as columnas em pé,
Eu zombava de mil ventanias,
Eu troçava da grossa maré!

Já não sou Caes das Columnas	E a outra que me restava
Que uma columna fugiu	Hoje desapareceu,
Presas das ondas gatunas,	Foi p'ra a onda que a levava,
Foi p'ra o rio que a partiu!	Foi p'ra a maré que a lambeu!

Fugiram ambas, sem talvez que o pranto
Te inunde as faces de escutar meus ais,
E eu fiquei mudo e só cá n'este canto,
Eu sem columnas já não sou um caes!

Não ha porta sem batente,	Não ha beira-mar sem dunas,
Nem bengala sem ponteira,	Filhos ou filhas sem paes,
Não ha theatro sem gente,	Não ha caes sem as columnas,
Nem mobilia sem cadeira,	Não ha columnas sem caes!

Dorme que eu velo, seductora imagem,
Grata columna que em meu seio vi,
Dorme impossivel que adorei na vida
E, hoje na morte, sobre o lodo vi!

Eu sou caes não ha que ver,
Mas sem columnas não sou,
Eu sempre quero saber
A posição em que estou!
De cair ninguem me impede,
Eu não sou tratado a serio,
Quero vêr o que succede
Se cair o ministerio!

Partem-me as ondas gatunas
Estas minhas aduelas,
Eu sou o Caes das Columnas,
Mas como as iscas... sem ellas!

Um bombo d'uma festa

Que trepa que tem levado
De phrases no parlamento
Este governo, coitado,
Não tem parado um momento,
Por mão de mestre escovado.

Com pancadas de bordão,
De sangue o corpo lhe encheram,
Foi com pau, não foi á mão,
Tão sómente se perderam
As que caíram no chão.

Se eu fosse assim tão zurzido,
Já não podia parar,
Porque ou já tinha morrido
Posto de pernas ao ar,
Ou feito a trouxa e fugido.

Mas é valente e não nego
Que ninguem o vê morrer,
E' mais duro do que um prego
D'antes quebrar que torcer,
Com bordoadas de cego.

Que aquillo cada orador
E' qual outra cegarrega,
São piadas sem amor,
Mil pancadas descarrega
Como quem dá n'um tambor.

Idéa me vem ao caco
De que não faço mysterio,
Levando p'ra o seu tabaco
Não se importa o ministerio
Tem callo como o macaco!

A «matinée» na Trindade

Quando estalou o primeiro,
Fiquei passado de susto,
Era um tiro verdadeiro,
Só depois a muito custo
Vi que estalára um morteiro.

Que sempre fez um banzé
Que até mesmo parecia
Que havia exequias na Sé,
Com salvas de artilheria
Nunca assim vi *matinée*.

Foi tudo festa e folganças
De borla, sem gastar cobres,
Versos, arias, valsas, danças,
Um bodo a tresentos pobres,
Vestidos a seis creanças.

Percorro da historia os fastos,
Vasculho no mundo vario,
Vejo pergaminhos gastos
E não encontro emprezario
Como aquelle Sousa Bastos!

Passou em paz os noventa,
Rija e teza chega ás cem
E de velhice rebenta,
E' outro Mathusalem
Aquelle *Sal e Pimenta!*

Nunca ninguem conheceu
No mundo uma peça assim,
De repente envelheceu,
Pois nasceu depois de mim
Já é mais velha do que eu!

Uma charada

Bilhetes a cruzado, grande enchente
Hontem no parlamento, que inferneira !
N'aquella galeria muita gente
De bocca aberta em grande pasmaceira,
Olhos em alvo, ouvindo o presidente.

Eu arranjei já tarde uma torrinha,
Só ouvi, do que vi não dei noticia,
Em frente. um batalhão de guardas tinha,
Tinha em frente de mim toda a policia,
Mudára-se para alli a Parreirinha.

Evadi-me de lá com dór de peito,
Tal turbilhão de gente me apertava,
E encontrei de calor n'um mar desfeito,
No corredor um sucio que gritava:
—Roubaram um relógio a um sujeito!

Eu parei, que ficára atrapalhado
Ouvindo de repente aquella grita,
No chão como de sal fiquei pregado,
Todo o meu sangue em ondas se arrebita,
Puz-me a scismar, de olhar esbugalhado.

Porque além da policia com que encheu
De alto a baixo a espaçosa galeria,
Só a mim um logar se concedeu
E eu roubar um relógio não faria,
Dou a minha palavra, não fui eu!

Eu tal descaramento não teria,
Mesmo se fui ladrão, não dou noticia,
Um crime tão audaz não commettia...
Mas estava só eu mais a policia,
Eu não fui, eu não era, quem seria ?

Uma aventura

A' meia noite Saiu d'um cano, Coisas e loisas, Chrispiniano.	Foi ao Chiado, Comprou farpella, Lavou-se todo, Pôz-se á janella.	Mal que se tinha Sumido a lua, Chrispiniano Saiu á rua
N'uma calçada Passa um rapaz, Puxa d'um moço, Dá-lhe um cartaz.	Lança na folha Seus olhos castos, Lê: <i>Beneficio</i> <i>De Sousa Bastos.</i>	Parte ligeiro Como um foguete, Vae á Trindade Compra um bilhete.
E vê com pasmo Muito dinheiro, Toda Lisboa No bilheteiro,	Eis o que passa Chrispiniano, Que á meia noite Saiu d'um cano.	

Fado choradinho

<i>Em regra</i> é phrase da moda, <i>Em regra</i> diz toda a gente,	<i>Em regra</i> corre em Lisboa, <i>Em regra</i> modernamente.
<i>Em regra</i> o panno é fazenda, <i>Em regra</i> a madeira é pau, <i>Em regra</i> o gajo é marau, <i>Em regra</i> uma greta é fenda, <i>Em regra</i> o tributo é renda, <i>Em regra</i> casar é boda, <i>Em regra</i> cortar é poda, <i>Em regra</i> a casa é cortiço, <i>Em regra</i> a frescura é viço, <i>Em regra</i> é phrase da moda.	<i>Em regra</i> o pato não mia, <i>Em regra</i> o burro não fala, <i>Em regra</i> a casa tem sala, <i>Em regra</i> a escada tem pia, <i>Em regra</i> o cego não via, <i>Em regra</i> a má não é boa, <i>Em regra</i> a gente é pessoa, <i>Em regra</i> o gelo faz frio, <i>Em regra</i> o Tejo é um rio, <i>Em regra</i> corre em Lisboa.
<i>Em regra</i> o filho tem pae, <i>Em regra</i> a filha tambem, <i>Em regra</i> o pae não é mãe, <i>Em regra</i> o que vem não vae, <i>Em regra</i> o que entra não sae, <i>Em regra</i> um queixal é dente, <i>Em regra</i> atraz não é frente, <i>Em regra</i> as mãos teem dedos, <i>Em regra</i> sustos são medos, <i>Em regra</i> diz toda a gente.	<i>Em regra</i> quem ri não chora, <i>Em regra</i> quem diz não canta, <i>Em regra</i> á ceia não janta, <i>Em regra</i> a mulher namora, <i>Em regra</i> quem pede implora, <i>Em regra</i> o calor é quente, <i>Em regra</i> quem soffre sente, <i>Em regra</i> o juizo é tino, <i>Em regra</i> isto vae n'um sino, <i>Em regra</i> modernamente.

Motu continuo

O processo do *Mineiro*
Quatro dias tem durado,
Inda vão no réo primeiro,
Leva um anno bem contado
A chegar ao derradeiro.

Dez annos cada patrono
Deve levar a falar,
Berrando com certo entono,
Quando o processo acabar
Já ando morto de somno.

As columnas dos jornaes
Andam cheias do processo
E de outras coisas que taes,
E' desde o fim ao começo
Boletim dos tribunaes.

Quando forem condemnados
Já não existe o paiz
E já foram enterrados,
E' uma mumia o juiz,
São espectros os jurados.

Minha velha bisavó
Viveu menos, não é peta,
Que o processo acaba só
Quando soar a trombeta
Dos muros de Jericó.

Pois com aquella falacia
Dura de annos mais de um cento,
Tem mais folhas que uma accacia...
— Já parece o julgamento
Das obras de Santa Eufracia!

A' policia

Com franqueza o parlamento
Já parece o *Refilão*,
Desordens cada momento.
Vae sendo um sitio bulhento,
Qual rua do Capellão.

Quasi sempre os deputados
Armam bulha e zaragata,
Quasi sempre engalinhados,
Uns com outros espantados
Fazem motim e berrata.

Ficam côxas as carteiras,
Fica rasgado o tapete,
Desazadas as cadeiras,
As portas sen. chumaceiras
Fazem barulho por sete.

Em tasca onde ha carrascão
Nunca se viu coisa tal,
P'ra resolver a questão
Não chegava um batalhão
Da guarda municipal.

Insultos, injuria brava,
São dichotes mais de mil,
Coisas em que eu nem pensava;
Com franqueza, não chegava
Toda a policia civil.

Parece a gente nas hortas
Quando está com a pinguinha,
Se as coisas correrem tortas,
E' mandar fechar as portas
Como se fez á *ginginha*.

Emfim!

Uma grande novidade
Que encheu hontem a cidade,
Que estalou
Mais forte do que um morteiro:
—O processo do Mineiro
Acabou!

Ha tres annos hem contados
Tinham ouvido os jurados
O libello.

Foi um processo moderno
De metter o Padre Eterno
N'um chinello!

Seis dias este gastára,
No seguinte descançára,
P'ra formar

Ceus e mar e mundo inteiro.
Mais se gastou p'ra o Mineiro
Condemnar!

Ficou sem voz o Moncada,
Tem a larynge arrombada
Pois falou

Como não fala um possesso,
Mas afinal o processo
Acabou!

De rhetorica mil flores
Vomitaram os doutores,
O escrivão.

Do processo no decurso,
Nunca vi tanto discurso,
Que injecção!

Mal que a sentença votaram,
Cinco boccas appellaram,
Ai de mim!

Vae haver novo berreiro,
Que o processo do Mineiro
Não tem fim!

Hontem dizia um jurado,
Berrando como um damnado
Pelo *forum*,

Agitando enorme trecula:
—Processo *per omnia secula*
Seculorum!

Fado do Joaquim Silva

Desde Faro a Santa Comba,
De Alfarellos a Almeirim,
Tudo vem vêr o Joaquim
Fazer o *Homem da Bomba*.

Toda a gente da cidade
Faz hoje um grande comicio,
Tudo vae ao beneficio
Do Joaquim Silva á !rindade,
De manhã o palco invade,
Os camarotes arromba,
Cae, atropela se e tomba,
Assassina o bilheteiro.
Vae lá Portugal inteiro
Desde Faro a Santa Comba.

Mais negro do que um tição,
De cabellos refulgentes,
O Joaquim mostra os dentes,
Uns postiços, outros não,
A todos aperta a mão
Por entre enorme chinfrim,
Recebe prendas sem fim,
Presu itos, caixas de figos,
Que é homem que tem amigos
De Alfarellos a Almeirim.

O janota afiambrado,
 O burguez pantafaçudo,
 O rapazola telhudo,
 O velho desconjunctado,
 O saloio apatetado,
 O quadrilheiro, o malsim,
 O jarreta, o beleguim,
 A Carolina, a leiteira,
 A Maria de Oliveira,
 Tudo vem vêr o Joaquim.

Vae ser uma noite cheia,
 É festa de causar pasmo,
 Que palmas, que enthusiasmo,
 Que beneficio, que ceia!
 Ha de haver pargo e lampreia,
 Perdiz, gallinhola e pomba,
 Vou comprar uma maromba
 Para sair da *chásada*,
 Vou vel-o de madrugada
 Fazer o *Homem da Bomba*.

Mau dia

Caro dia de finados
 Tiveram os batoteiros,
 Sem roletas sem dinheiros,
 Nos calabouços fechados,
 Por ferozes quadrilheiros
 A' noite catrafilados,
 Coitados dos batoteiros
 Caro dia de finados!

Se em vez de estar na batota,
 Andassem por essas missas,
 Não tinham mais essa nota,
 A contas com as remissas
 Saltos e cêrcos na sota,
 Pelas roletas sedições,
 Se andassem ouvindo missas,
 Em vez de estar na batota!

Se fossem ao cemiterio
 Fazer á tarde orações,
 Não soffriam as prisões,
 Não era o caso tão serio,
 Se fossem vêr os caixões,
 Orar ao santo mysterio,
 Não soffriam as prisões
 Se fossem ao cemiterio!

O Veiga da Parreirinha
 Que na cidade governa
 Largou, deitou-lhes á perna
 Toda a policia damninha,
 Se a pensar na vida eterna
 Andassem como convinha,
 Não tinham agora á perna
 O Veiga da Parreirinha!

Que ficaram depennados
 Os desgraçados dos *pontos*,
 Sem vintem ficaram tontos,
 Pobres dos *pontos*, coitados!
 A declarar andam promptos
 Que este dia de finados
 Foi para todos os *pontos*
 Um dia de *depennados*!

As barbas do visinho

Deu á costa o ministerio
No paiz das castanholas
E baixou ao cemiterio,
Nas arcadas hespanholas
Anda o caso muito serio.

O ministerio caiu,
Foi-se pasta sobre pasta,
Nas profundas se sumiu,
Salvou a cousa o Sagasta
Que os ministros refundiu.

D'este lado da fronteira,
O ministerio não cae,
Não ha modo nem maneira,
Se algum dos ministros sae,
Outro logo se empoleira.

Lá pouco tempo resiste,
Logo sae fóra da calha,
Cá tremer inda o não viste,
Que crise ou coisa que o valha
É coisa que não existe.

Ninguem o póde abalar,
É pegado com obreia,
Não vae de pernas ao ar,
Porque é de cal e areia,
É de lavar e durar!

É mau comtudo esquecer,
Deve estar debaixo de olho,
Que elle ha morrer e viver,
Ir pondo as suas de molho,
Vendo as do visinho a arder!

Noite de Natal

Venho da missa do gallo,
Beije o pé ao Senhor,
Mal que soou o badalo
Junto ao altar me fui pôr
A suar como um cavallo.

Mettido na multidão
De tal forma me aqueci
Por entre aquelle apertão
Que sobre brazas me vi
Ardendo como um tição.

Fui á Sé, ao Sacramento,
Ouvi mais de quatro missas,
É o meu divertimento
Por entre velhas sedições
Kojadas no pavimento.

Fiquei feito em ovos molles,
Toda a gente me apertou,
Cri que estava em Rilhafolles,
O barytono cantou,
Tocou a gaita de folles.

Vou d'aqui direito á ceia
D'esta noite de Natal,
A fome é negra e tão feia
Que não me deito afinal
Sem ter a barriga cheia.

Fazer bem á barriguinha
É um prazer, um regalo,
Dá-me a conta, tem a linha...
—Venho da missa do gallo,
Vou-me á canja da gallinha!

Fado do Burnay

O Burnay falou ás massas,
 Fez discurso de espavento,
 Foi um caso nunca visto
 No seio do parlamento.

O que antiga musa canta
 Tem que por força cessar,
 Outra coisa anda no ar
 Que mais alto se levanta,
 Toda Lisboa se espanta,
 Nas ruas, beccos e praças,
 O' transeunte que passas,
 Não mais deixarás de ouvir
 Os eccos a repetir:
O Burnay falou ás massas.

Discursou de tal maneira,
 Fez um discurso tão bello,
 Que até metteu n'um chinello
 O padre Antonio Vieira.
 Levantou se da cadeira,
 Falou com arte e com tento,
 O Burnay é um portento
 Quando dá á taramella,
 Ih! Jesus! Que bocca aquella!
Fez discurso de espavento.

Mesmo o *Rei da Madureza*
 Ficou mettido n'um canto,
 Mirabeau não vale tanto
 Como o Burnay, com certeza.
 Eloquencia rija e tesa
 A que jamais eu resisto,
 Nem mesmo o Carlos Calixto
 Largava assim uma bomba,
 Foi um discurso de arromba,
Foi um caso nunca visto.

O Demosthenes coitado,
 Se não tivesse morrido.
 Também ficava corrido,
 Também ficava arrombado,
 O Zé Augusto ao seu lado
 Não vale nem um por cento,
 Palavras leva as o vento,
 Mas as d'elle fazem mingua,
 Porque é mestre em dar á lingua
No seio do parlamento.

Uma receita

A nacional verborreia
Anda n'um vivo exercicio,
Não ha dia em que eu não leia
Que vae fazer-se um comicio
N'aquella, ou n'est'outra aldeia.

Hoje ha quatro em varias terras,
Quatro comicios por junto,
Orador, de balde berras
Tratando do mesmo assumpto
Por montes, valles e serras!

Este governo não cae
Com discursos em sessões,
Pensae n'isto e medita
Que só vae aos empurrões
E d'outra forma não vae.

Fazes de cuspo despeza,
Que se te sóme o falar
o peito na profundeza,
E's capaz de entisicar,
Ficas com tosse e fraqueza.

Em vão te matas e ralas,
Porque é prégar no deserto,
Pouco fazes, muito falas,
E nada ganhas decerto,
Posto que tanto badalas.

Tudo se faz sem barulho,
E' demais tanto discurso,
Fecha a bocca n'um engulho,
E' melhor *comida de urso*,
Em vez de voz, ... estadulho!

Augmento de formato

Seis paginas de prosa e variada
Hoje apanha o leitor, que mais deseja?
Seis paginas de prosa, salvo seja,
Que não conto com esta versalhada.

Tres horas gasta a ler e não é nada,
Que em tres horas a prosa não despeja,
De si, palavra de honra, tenho inveja,
Que eu não li, de fazer tive a massada.

De manhã, o leitor na sua cama,
Entre pão com manteiga, entre chá preto,
Seis paginas de prosa o leitor grama.

Tal gosto hei de cantar, juro, prometto,
Mil vezes celebr.r tão justa fama,
Que isto não é jornal, é um folheto!

A politica lê n'um grande artigo,
Sabe o que se passou no parlamento,
De noticias encontra mais de um cento,
Coisas interessantes que eu não digo.

Sabe o que se passou em França, em Vigo,
No mar, na terra, inferno e firmamento,
O que deseja encontra n'um momento,
Que tal vae de saude um seu amigo.

Vê os preços dos fundos, lê mil lérias,
Que ha pelo continente e pelas ilhas,
Sabe de coisas tristes, coisas sérias.

Lê telegrammas vindos de cem milhas
E acaba por se rir d'estas pi herias
Por ler, modestia áparte, as gazetilhas.

Seis vezes seis columnas tem a folha,
Tem muitas mais que o caes das sobreditas.
Columnas para ler, á noite escriptas
Por gente de feição, gente de escolha.

Aqui se expande e espalha a minha bolha,
Aqui ha coisas varias e catitas,
De ler toda esta prosa não evitas,
Só pondo n'esses olhos uma rolha.

Isto é um novo *Times* pequenino,
O *Times* cá da terra, cá dos nossos,
Esta folha leitor bebe do fino.

A placa de dez réis não quebra os ossos,
Que é comprar um jornal e superfino.
Por preço de pevides ou tremoços!

Carta d'uma carteira

Meu caro amigo: A carteira
Mais velha do parlamento
Feita de pau de nogueira
Com verniz e polimento
Na encarquilhada madeira,

A's carteiras do paiz
Envia muito saudar
E camadas de verniz,
No chinfrim parlamentar
Vae metter o seu nariz.

A minha tampa arrombada
Tem um lenho mesmo ao centro,
Uma travessa quebrada,
Metteram-me os tamos dentro,
Fiquei tórta e desazada.

Mandaram-me um carpinteiro
Que ao ver-me assim, feita em cacos,
Mandou que o meu corpo inteiro
Fosse em pequenos cavacos
Remettido ao fogareiro.

Tenho eu culpa das refregas
Que se dão constantemente?
Nós, carteiras, somos cegas,
Persegue-me iniquamente
Monsenhor Santos Viegas.

Peço pois a quem mandar,
P'ra acabar as chinfrineiras
Do circo parlamentar,
Pregue em todas as carteiras,
Pregos. . de bico para o ar.

A troça ao Dias

Matam o capitão com tanta troça,
São damnados os démos dos rapazes,
De tudo os diabretes são capazes,
Nada lhes põe empeno ou lhes faz móssa.

Inda vão dar-lhe um dia alguma cóça,
Ao capitão e mais aos seus sequazes,
Porque se expandem mais que os proprios gazes,
Se um dia dão de si, ha scena grossa.

Eu ri-me da estação com a partida,
Achei soberba enorme a diabrura,
Foi uma troça boa e bem cabida.

Já tenho dó da pobre creatura,
Querem agora até queimal-o em vida,
Põem o capitão á dependura!

*

Nas cautelas de prego, d'ora ávante,
 Figura o capitão como empenhado,
 Cartas escreve em verbo namorado,
 A's sopeiras abrindo o peito amante.

Se qualquer dia vir, ninguém se espante,
 O proprio capitão guilhotinado,
 Que vão vel-o também ser enforcado
 É ha quem seu nome inglorio em verso cante.

Metteu-se o capitão com boa gente,
 Quiz se mostrar valente e muito torto,
 Sae-lhe caro o ser torto, o ser valente.

Quando o protesto viu, ficou absorto,
 Chora agora na cama. E' parte quente,
 Mas livra de sezões depois de morto.

*

Um doce dou ao homem se fizesse
 Outra campanha assim, não cae na rede,
 Que borrou a pintura e a parede,
 Não cae n'essa esparrella, até parece !

Elle bem diz agora :— Se eu soubesse,
 Não tinha aos estudantes tanta sê le !
 Gentes de genio mau, no caso vê le
 O que muitas das vezes acontece !

Elle prendeu, feriu, teve energias,
 Usou do bengalão e do terçado,
 Andou pelo café ás correrias.

Das contas, afinal, ficou banzado,
 Bem diz agora o desgraçado Dias :
 — Eu fui p'ra cortar lã e vim tosquiado !

Fim do anno

Entre lenções de panno enxovalhado
Que em tempo mais feliz passou por branco,
Soltando a custo o derradeiro arranco,
Jaz o *noventa e quatro*, o desgraçado.

Ao pé de si, o fato amarrotado,
Um casaco, umas calças, um tamanco,
Uma vella de sebo sobre um banco
E um pobre catre velho e derrancado.

Tem a vida a finir por um minuto,
Não tem o desgraçado onde se acoite,
De tísica a espichar e de escorbuto.

Que, ventos cá de fóra qual açoite,
Lá vae puxando a trouxa como um bruto,
Ao badalar fatal da meia noite!

*

A pupilla em febrão se lhe illumina
E em voz pesada e fria assim começa,
A descarnada mão n'uma tripeça,
A desfazer-se em mormo e cholerina :

«Meus dias vão findar, que a minha sina
«Se vae cumprir. É o final da peça!
«Pouco tempo vivi, morro depressa,
«Porque o destino assim m'ò determina,

«Tenho vivido em grande bambochata,
«A larga sustentei enorme malta,
«Disturbios commetti em grande data.

«Em vida protegi muito peralta,
«A molestia senil ora me mata,
«Mas morre muita gente que faz falta!»

Ao lado da *rebeca* do velhote,
 N'um berço de palhinha aconchegado,
 Jaz o *noventa e cinco* agora nado,
 Um saudavel e gordo rapazote.

Entra aos soccos na roupa, dá pinote,
 Não póde estar um pouco socegado,
 Já tem o tosco berço estrapalhado,
 Que anda tudo com elle n'um virote.

O pae morre de gosma pobre e rôto
 Elle dorme n'um somno de chimera,
 O leite maternal dá-lhe no gôto.

Anda ali a crear mais uma fera,
 Ha de sair d'ali um bom maroto,
 Porque quem sae aos seus não degenera!

Considerações de pelintra

Não agradou a peça de espavento
 Hontem no parlamento annunciada,
 Que nunca ouvi tão forte piteada
 Como a que hontem ouvi no parlamento.

Na galeria ou seja no urdimento,
 Fez a policia enorme chinfrinada,
 Eu nunca vi tamanha feijoada,
 Eu nunca vi tão grande movimento.

Eu tenho visto recitas na feira,
 Verdadeiros fiascos e bodegas,
 O que se chama enorme pepineira.

Mas nunca vi andar assim ás cegas
 E declaro que ao ver tal borracheira
 Gostei mais do Dallot que do Viegas.

*

Mas deixemos de parte aquelle assumpto,
 Que já nauseas me faz de repetido,
 Que um verso não merece. nem partido,
 N'esta locubração do meu bestunto.

Ao leitor que me lê com dó pergunto
 Se não foi de manhã accommettido
 Por um typo bem posto e bem vestido,
 Com cara de agiota e de defunto.

Um typo que nem feito de encomenda,
 De original e celebre feitio,
 De rosto singular e voz tremenda.

Um typo escangalhado, um velho esguio,
 Um typo que da casa exige a renda,
 O maldito phantasma: o *Senhorio*?

*

Vinte e cinco de maio e de novembro,
 Data fatal de enguiço e de quisilia,
 Grande escolho do chefe de familia,
 Do chefe, sogra, mãe, de qualquer membro.

Não ha mez, de janeiro até dezembro,
 Que me desgoste assim, qual chá de tilia,
 São mezes que nos levam a mobilia
 E tudo o mais emfim que não me lembro.

O infeliz *Inquilino* em sonho sua,
 Que ha de por força dar o seu dinheiro
 Ou ir mais os tarecos para a rua.

Dá vontade de ser um caloteiro,
 Ou dormir ao relento, á luz da lua,
 Ou seis mezes morar no Limoeiro!

25 de dezembro

Boas festas, leitor ! Dá-me um abraço,
 Aperta com vontade estes meus ossos,
 Tu és da confraria, és cá dos nossos,
 Não é demais por isso o que te faço !

Eu quero garrotar-te esse espinhaço
 N'um amplexo febril, qual dão colossos,
 N'estes compridos dedos, tortos, grossos,
 Essa dextra estreitar feita em melaço.

Que comas um Perú tão saboroso
 Como um faisão d'aquelles dos mais finos,
 Que tenhas um jantar appetitoso !

Que tenhas um Natal dos mais ladinos,
 Que te sirva esse dia de almo goso
 A ti, a tua esposa, aos teus meninos !

Vou á missa do gallo. Lá te espero,
 Na Sé, em São Christovão, no Loreto,
 Mette-te no apertão que eu tambem metto,
 Vamos ouvir resar, que eu tambem quero.

A gaita ronca e toca, olé *salero* !
 A cerimonia dá um tom faceto,
 As beatas além vestem de preto,
 A devoção é muita, o mais é zero.

Vamos beijar o pé á loira imagem,
 O menino nasceu por obra e graça,
 Envolto do seu berço na roupagem.

Faça-se a meia noite, faça, faça,
 Eia ! Fartar o ventre, villanagem,
 Ha bacalhau com couves e vinhaça ?

*

O rapaz dos jornaes, o meu barbeiro,
O engraxador, continuos e criados,
O meu guarda nocturno, os desgraçados,
O marçano, a sopeira, o meu carteiro

Fazem de boas festas um berreiro,
Com bilhetes e versos mal rimados,
Que eu fiquei sendo o rei dos depennados
Com um rombo fatal no meu dinheiro.

Só por vergonha é que eu não peço nada,
Que é sempre mau pedir uma pessoa,
Pertencendo a pobreza envergonhada.

Que era grande lembrança e muito boa
Que o leitor me mandasse a consoada
A redacção do *Seculo*, Lisboa!

Dia de S. Martinho

Regorgita de boccas a taberna,
Em balburdia infernal pedindo vinho,
Presidindo n'um gancho ao borborinho
A solitaria e funebre lanterna.

O alcool dá leis, junto ao balcão governa,
Junto ao balcão de descarnado pinho,
Bebei, honrae o grande São Martinho,
O' vós que andaes em bebedeira eterna!

Salta o licor nos copos fumegante,
Em mil flocos de espuma se espadana,
Fumegante, espumante e saltitante.

O' que isso é vinho e vinho d'uma canna,
Ponham-me tres almudes adeante,
O' deuses immortaes da çarraspana!

*

Assim berrava um bebedo zangado
E todo se estorcia e se esmurrava,
Tinha o nariz da côr da beterrava
E o pobre chapéu alto amacucado.

Jazia no basalto estatellado,
Grunhia surdos gritos com voz cava,
A torcida farpella esfarrapava,
A cabeça na poça do lançado.

N'isto, surdiu aos es d'outra rua
Um bebedo que tal, brezundelleiro
Que o santo festejava á luz da lua,

Tropeçou no chapéu do companheiro
E cahiu com um peso de charrúa
Sobre o corpo do bebedo primeiro.

*

A queda fez-lhe mal que remechido
Tinha o pobre diabo a tripalhada
E entrou a vomitar sobre a calçada
Do bebedo primeiro ao pé do ouvido.

Este inclinou o corpo contundido,
Poz-lhe por cima a dextra descarnada
E o segundo fitou n'uma mirada
A ver se tinha ao pé um conhecido.

Os olhos para olhar com furia esfrega
E, ao vel-o vomitar, soltando um urro,
Da calçada nas pedras escorrega.

Ergue a mão com furor formando um murro
E exclama, dando um socco no collega:
— Mal empregado vinho n'este burro!

Primeiro de dezembro

Os *sol-e-dós* da cidade,
Mil diversas musicatas,
Vieram dar funçanatas;
A' porta da redacção,
A noite estava chuvosa,
Na rua ninguem cabia
E tão sómente se ouvia
O hymno da Restauração.

Um dos do grupo, expansivo
Entre aquelle espalhafato,
Soltou um viva pacato
A não sei quê, não me lembro;
Tocou se mais uma polka
E seguiu a musicata,
Celebrando a grande data
Do primeiro de Dezembro.

Um policia que no largo
Pensava n'uma sopeira
Ouviu o viva, á carreira
Logo foi como um damnado,
Dirigiu-se á Parreirinha,
Disse em ar de pavorosa:
— Agora... rua Formosa...
Tudo revolucionado!

Logo o Correia, chamando
Os seus mais fortes sequazes,
Exclamou: — Olá rapazes!
Vamos em busca da hydra!
E montando um guarda chuva
Como um fogoso ginete,
Lá partiu como um foguete,
Todo a tremer, côr de cidra.

Chegado á rua, dois gatos
Seu casto amor arrulham,
Com terna furia miavam,
Ninguem passava na rua,
No céo pesado e sombrio,
Por sobre a rua Formosa,
Uma nuvem vaporosa
Fazia festas á lua.

— Alto frente! E toda a força
Puxou de immenso chanfalho,
Decidida a n'um frangalho
Fazer a bicha feroz,
Carregaram bacamartes,
Por largo tempo esgrimiram,
Mas só os gatos fugiram
N'uma carreira veloz.

— Destroçar! Fulo o Correia
Bradou coruscante ás massas,
E logo todas as praças
Deram volta ao calcinhar,
Voltou a rua ao silencio,
Voltou o silencio á rua,
Voltou a nuvem á lua
E os gatos ao seu miar.

Gostei d'aquella aventura,
Ri á farta, á bocca cheia,
Muito me ri do Correia
E dos seus guardas ufanos!
Todos ficaram comidos,
Foi uma troça, acabou-se,
Porque a tal hydra safou se
P'la calçada dos Caetanos!

A's armas!

Mais de um milhão de navalhas
 Tem a policia apanhado,
 São tantas como as migalhas
 De um pão de vintem torrado
 Em fogo de maravalhas.

Não ha fadista de Alfama
 Que no seu bairro não queira
 De faquista ter a farda,
 Ter consigo a *companheira*
 Como essa gente lhe chama.

Decerto meia cidade
 E' de gente que usa faca,
 E' uma calamidade,
 Todo o mundo se escavaca,
 Assassnam-se á vontade.

Os da secreta ligeiros
 Por minuto prendem sete,
 Vão fazer mais Limoeiros,
 Guerra contra o canivete,
 Folgam com isso os armeiros.

Dizem que o Moraes Sarmiento,
 Vendo as navalhas ás mil,
 Teve um grande pensamento
 De no governo civil
 Pôr grande estab'lecimento.

Não é vinho ou capillé,
 Nem loja de funileiro,
 Um ferrageiro é que é,
 Com o seguinte letreiro:
 — Navalhas à *bon marché!*

Novo espectáculo

Contra-annuncio no cartaz
 Poz hontem o parlamento,
 Foi falta de agua ou de gaz,
 Não andou pelo urdimento
 Das côrtes o Zé Rapaz.

Teve folga a companhia,
 Grande gaudio o contraregra,
 Ensaaios durante o dia
 Das novas coplas do *Em regra*
 Com côros e symphonia.

Tonsurado ensaiador
 Que officia em lausperenne,
 Presidente e monsenhor,
 Arranjou a *mise-en-scène*,
 A peça é posta em rigor.

Dispoz em ordem selecta
 Nos bancos da galeria,
 Sentados em linha recta,
 A grande comparsaria
 De policias da secreta.

Funcionou um alçapão
 Por onde o actor *Governo*
 Que faz um bom *canastrão*
 Ha de mandar ao inferno
 A gente da opposição.

O que eu acho que é massada
 E' que quem vae assistir
 A tamanha patacuada
 Ha de por força applaudir,
 Não póde dar pateada!

Fado dos bebedos

São Martinho milagrento,
 Dá-nos sopas, dá-nos vinho,
 Dá nos *piteira, murraça*,
 Viva o grande São Martinho!

Venham dois do carrascão.
 E um pastel de bacalhau,
 Que este vinho não é mau,
 Que este vinho é um vinhão,
 Quero tomar um pifão
 D'este summo summarento
 Se bebo mais um rebento,
 Mas venha mais um almude,
 Lá vae á tua saude,
 São Martinho milagrento.

Encham mais uma canada
 Que eu quero, a fitar a lua,
 Fazer ss n'essa rua
 Com uma enorme tachada,
 Venha mais meia dobrada,
 Venham copos de cachaça,
 Bebam, acabe-se a raça
 D'este licor verdadeiro,
 O' maldito taberneiro,
 Dá nos *piteira, murraça*.

O puro do lavrador
 Não tem mistela nenhuma,
 N'estes copos faz espuma,
 Dá gosto ver esta cõr,
 Que delicado sabor,
 Dá me um naco de toucinho,
 N'esta toalha de linho
 Quero beber quanto corra,
 Tira-o de cima da borra,
 Dá-nos sopas, dá-nos vinho.

Se não vem o *sino grande*,
 Eu refilo, eu recalcitro,
 Salta de lá meio litro,
 Eu mando, não ha quem mande!
 O vinho idéas expande,
 Faz da gente um passarinho,
 Venha lá verde do Minho,
 Tragam-me cá a frasqueira,
 Viva a santa bebedeira,
 Viva o grande São Martinho!

Fado do Pina

O' Pina dá cá um beijo,
 O' Pina vem-me abraçar,
 Correste com o Marianno
 Do *Diario Popular*.

Vou pespegar n'uma esquina
 Um cartaz de papel pardo
 Dizendo em grande bastardo:
 — Não ha homem como o Pina.
 E' qual outro Catulina
 Nascido á beira do Tejo,
 E' Pina e não come queijo,
 Mais valente que um arrocho,
 O' Pina, dá cá um chocho,
 O' Pina, dá cá um beijo.

O Cyrillo foi á serra,
 Já deu baixa de Catão,
 Partiu logo de Azeitão,
 Do Olympo desceu á terra,
 Barafusta, grita e berra,
 Vae Presado convidar,
 Outro jornal qu r fundar,
 Anda agora n'uma lida,
 Foi uma grande partida,
 O' Pina, vem me abraçar.

Ámanhã n'essas calçadas
 Os garotos, n'um fadario,
 Apregoam o *Diario*,
 Mas por partidas dobradas,
 Duas folhas condensadas
 N'uma só, ora o magano,
 És qual outro Floriano
 Que correu c'o Zé di Mello,
 Sem ser com pau de marmello,
 Correste com o Mar anno.

O *Popular* que hontem vi
 Não tinha letras no centro,
 Vinha mais branco por dentro
 Do que a neve, eu nada li,
 Cyrillo comeu te a ti,
 Seu poder te quiz mostrar,
 Quiz, ó Pina propelar
 Que é grande a sua vontade:
 — Irou te a *outra metade*
 Do *Diario Popular*.

A chegada

Já chegou o commandante
Do batalhão da policia
Que ha tempos andava errante,
Dou-lhes a grata noticia
Trememente e febricitante.

Ha pouco nascera o dia
No céo desfeito em morrinha,
Do comboio elle descia,
A' porta da Parreirinha
Não salvou a artilharia.

Trazia uma mala cheia,
Presentes em muitos maços,
Ovos, linguica, lampreia,
Para o Dias mil abraços,
Beijinhos para o Correia.

Logo que o viram chegar,
Fizeram tal inferneira
Que elle ficou a suar,
Tirou o lenço o Teixeira,
Tinha os olhos a chorar.

Da policia o batalhão
Completo se apresentou,
Encheu aquella estação,
Nem um só guarda faltou
A' solemne recepção.

Que a policia, costumada
Ao seu querido Sarmento,
Já ficou mais descansada.
—E' o mesmo que um jumento
Quando põe a cabeça!

Annos reaes

O rancho foi augmentado
E coube na divisão
Um grão a cada soldado,
Todos comeram o grão,
Ficou tudo consolado.

Nas ruas, em casas varias,
Enormes bicos de gaz,
Profusão de luminarias,
Nos coretos *fun-ga gás*
Assoprando enormes arias.

Não ha falúa que deixe,
Não ha vaso, não ha barco
De pôr luzinhas em feixe,
De pôr bandeiras em arco
E signal no pica-peixe.

Os corpos de infantaria,
As guardas municipaes
E toda a cavallaria
Garbosos officiaes
Destacaram ao meio-dia.

Mobilia nova na sala
De variados matizes
Na jantarada de gala,
Trufas, faisões e perdizes
E coisas que a musa cala.

Aprendei agora ó manos,
O' gente grada sabei,
Desvendae estes arcanos,
Porque eu queria ser rei...
— Só no dia dos meus annos!

Os cães da alteza

«Para o sr. infante D. Affonso chegaram de Londres dois cães que foram avaliados oficialmente em 30 libras.— *Gazetas varias*».

Tenho devido ao padeiro,
Devido ao homem da tenda,
Já devi ao sapateiro,
Da casa não pago a renda,
Sou um grande caloteiro.

Gasto sempre os ordenados
Mesmo antes do fim do mez,
Tenho fatos empenhados
E pedido muita vez
Cinco tostões emprestados.

Não tenho de meu dez réis,
Só visto fatos de ganga,
Não gasto nada em pasteis.
Que anda sempre na *piranga*
Quem rabisca nos papeis.

Gasto n'um dia o que ganho,
Fico ás vezes sem comida,
Gasto a vapor o que apanho,
Mas nunca na minha vida
Fiz *cães* d'aquelle tamanho.

Que ás vezes não ter dinheiro
E' salvação da pessoa,
Em pagar sou marralheiro,
Mas tenho *cães* em Lisboa,
Não tenho *cães* no estrangeiro.

Que é muitissimo melhor
Pelo estrangeiro dever,
Não anda a gente com dôr,
Não anda a gente a tremer
De se encontrar co' o credor!

Primeira representação

Grande cartaz de espavento,
Letra grande e papel rubro,
Se vae pôr no parlamento:
«Circo Equestre de São Bento,
«Segunda-feira um de outubro:

«*Matinée*, funcção de gala,
«Espectaculo attrahente,
«Grandes bandeiras na sala,
«Vão ouvir a grande fala,
«E' gratis para toda a gente».

Já comprei uma cadeira
Apezar de ser de graça,
Custou cara a brincadeira,
Mas vou ver a pepineira,
Vou rir de tanta chalaça.

Se fôr bem representada
A farça que se annuncia,
Por mim não dou pateada
E até faço uma chamada
Vindo o autor á coxia.

Se, porém, não me agradar
A tal representação,
Inda me vou informar
Se posso ou não patear,
Que quero dar-lhe tacão.

Será ou não borracheira,
Ha por lá boas mulheres,
A farça já foi na feira?...
—Lá vou na segunda-feira,
Que eu não falto ás «*premiéres*».

Falta de chá

Os do Japão são damnados,
Fizeram grossas chacutias,
Altos feitos denodados,
Deram morte a seis mil chinas,
São uns valentes soldados.

Reduziram tudo a lixo,
Mataram todos os chins,
Pobres homens viram bicho,
Morreram os mandarins,
Não lhes valeu o rabicho,

Mandaram dizer de lá
Que de Yedo immensa tropa
A Coréa occupa já,
Vamos ficar na Europa
Sem uma folha de chá.

A China levou remoque
Com as forças derrotadas,
Corrida de caixa a toque,
Adeus ó chá e torradas,
Adeusinho ó *five-o'clock!*

Não mais do solo chinez
Doce bebida nos serve
Um creado portuguez,
O cançado chá que serve
Com esta a setima vez.

Maldito seja o Japão
Mais tanta furia guerreira,
Vamos passar a sezão
Bebendo chá de parreira...
—Em vez da China, o Quintão!

Uma aspiração

Diz que outra vez vae haver
Conventos cá no paiz,
Não ha tal, não póde ser,
Não é certo o que se diz,
Não acredito sem vêr.

Mas emfim, se fôr verdade,
— Sendo mentira lamento
Não tenha veracidade —
Eu vou entrar n'um convento,
Vou sentar praça de frade.

Quero de papo p'ra o ar
Dormir enormes somnecas,
Comer, beber e gosar,
Quero viver com padrecas,
Quero aprender a resar.

Ser bojudo fradalhão,
Ter anafada barriga,
Usar contas e bordão,
Ouvir no côro á formiga
As femeas de confissão.

Saber ler o breviario
A's tardes nas sabbatinas,
Saber abrir o sacrario,
Saber cantar as matinas,
Sandalias e escapulario.

N'um prompto chegava logo
A ser reitor ou abbade,
Tenho tal geito e tal fogo
Que havia de dar um frade
De alto lá com esse jого!

Manobras no Porto

No Porto, ninguem se entende
Com cheiro a gente ferida,
Que toda a tropa aguerrida
Anda por lá aos baldões,
Manobras por toda a parte,
Tiros em todos os lados,
Por toda a parte soldados,
Numerosos batalhões.

O vinte e seis da primeira
De um corpo de infantaria
Já mandou dizer á tia
Que é sopeira em Mattosinhos
Que o sangue corre nos campos
Qual gatuno perseguido
Que das balas o zumbido
Fez assar dez passarinhos.

Um cabo de caçadores
Que namora uma tricana
Já mandou dizer á mana
Da dita cuja menina
Que dissesse á namorada
Que esteve hontem de plantão,
Hontem dia ao batalhão
E que hoje está de fachina.

Corre a voz de serra em serra
Mais fria que uma navalha,
O' que tremenda batalha,
Que grande, que enorme liça!
As munições já não chegam,
As forças andam cançadas,
Já lá vão tres tonelladas
De feção com hortaliça!

Folha de parra

*Eu vi um grillo enxofrado
Com uma grilla a discutir.*

(Burro do sr. Aicaide.)

Em prol da moralidade,
Pede magnanimas rolhas
Um collega da cidade
Contra as noticias das folhas
Feitas com grande maldade.

Não quer que a vil reportagem
Conte grandes pormenores,
Não acha n'isso vantagem,
Tem medo que os seus leitores
Lhe cerceiem a tiragem.

Grossas palavras estrugem
Na gente ao ler tal artigo,
Cheira de longe a ferrugem,
Tal prosa, meu velho amigo
Não é moral, é rabugem.

Na gazeta sobredita,
Vem tambem uma local
Que os nervos todos agita,
Artigo muito moral
Que coisas feias evita.

Sobre os grillos da seara
Fala com mil pormenores,
Citando, entre coisa rara,
Uns *passageiros favores*
D'uma grilla aos grillos cara.

Eu com franqueza não tenho
Contra a folha da cidade
Ou raiva ou qualquer empenho,
Mas, se isto é moralidade,
Eu vou alli e já venho.

Pan y toros

De politica nem nada,
Nenhum assum pto se agita
Nos entrefolhos da arcada,
O Ze só pensa em *Guerrita*,
O Zé só vae á tourada.

A gente régia desbanca,
Dois dias em polvarós,
Vae ganhar dinheiro á banca,
Já chegou de Badajoz,
Vae partir p'ra Salamanca.

Tão depressa aqui dê fundo,
Tão prompto acabe d'alli,
Gastador, fero, iracundo,
Lá vae a Valladolid,
Lá chega ao cabo do mundo.

Soffre tratos de polé,
Constantemente ruscado,
Amarrado ao tirapé,
Quer ver um touro *cuadrado*,
Guerrita n'um *volapié*.

Não lhe importam os tributos,
A' casa não tem amor,
Só por passar uns minutos
Vendo em praça um picador,
Só pensa em morte de brutos.

Sempre é um povo feroz,
Que, a ver de sangue os despiques,
Passa a vida em Badajoz
E vota o Campos Henriques
Ao silencio mais atroz!

De viagem

Vou outra vez de batida
A's terras de Badajoz,
Isto é que é gosar a vida,
No comboio catrapoz
Por essa varzea florida.

Cá vou. Lá rompe a manhã
Nas balizas da fronteira
Sobre a relva temporã,
Põe-me a carroça ronqueira
Na *calle de San Juan*.

Traçam *niñis* a mantilha
Pelos balcões assomadas
A cantar a *seguidilla*,
Livre estou d'estas massadas
De fazer a gazetilha.

Guerrita com fatos de giro
Lá corre no redondel,
A fera rompe de estoiro,
Lá vae varado um corcel
Por sobre as hastes do toiro.

Na praça, é grande o clamor:
— *Que buena planta, compadre,*
Tiene el outro picador,
Olé, que viva tu madre,
Olé, Guerra, el matador!

Porque ninguem imagina
Como tudo alli palpita,
Isto é que é coi-a da fina,
Antes gosar o *Guerrita*,
Que fazer versos ao Pina!

Exultam os bebedos

Taberneiro que vender
O vinho falsificado
Bem se pôde arrepender
Que é logo preso e multado
E condemnado a morrer.

O governo legislou
Contra os falsificadores.
Graves peras decretou,
Alérta, alérta amadores,
Agora a pinga mudou.

Já se pôde ir ao Quintão
A beber dois de Bucellas
Ou quatro do carrascão,
Já lhe não deitam mistellas,
E' vinho sem confeição.

Com sardinhas de escabeche
Póde ir agora um quartilho,
No vinho já ninguem mexe,
Nem deita café e milho
E sangue e pau de campeche.

Um bebedor de filé
Que bebe vinho e mais nada,
Um devoto da aguapé
Tomou hontem tal tachada
Que nem pode ter-se em pé.

A rainha das cardinas
Fel-o na rua exclaimar,
Os olhos já sem meninas:
—Agora é que eu vou tomar
Bebedeiras genuinas!

Começo de temporada

Sempre abriu. Houve parada,
Muito e muito regimento,
Gente na rua estacada,
Sempre abriu o parlamento,
Já começou a massada.

O discurso ainda não li
Que a magestade botou,
Supponho que já o vi,
Foi o mesmo que passou,
E' mais aqui, mais alli.

Entre varias referencias,
Diz que as coisas vão famosas,
Não ha muitas exigencias,
Vae tudo em maré de rosas,
As relações co'as potencias.

Vão começar as sessões,
Palavras, nenhuma ideia,
Grandes, enormes sermões,
Torrentes de verborrheia,
Trabalhos em commissões.

De discursos grande ruma
Por divertir o auditorio,
Grandes projectos em summa,
Muito e muito palavrório,
Utilidade nenhuma.

Fóra a lyra de vez deito,
Deixo os jornaes socegados,
Faço o meu dito, meu feito,
Se, além de quatro apoiados,
Se fizer coisa de geito!

Os Mariannos

*O Mané l Oéguinho
Ai dom celidom!
Já não tem pimenta*

O Marianno Pina Ai dom celidom Já não tem jornal, Que o <i>Catão de sebo</i> Ai dom celidom Pôl-o fóra, a mal.	Eu li, que massada, Ai dom celidom Taes barbaridades, Era uma gazeta Ai dom celidom Com quatro metades.	O Pina foi posto Ai dom celidom No andar da rua. Com gazeta e tudo Ai dom celidom Mandado á tabua.
Vieram p'ra a rua Ai dom celidom Com dois <i>Populares</i> , Artigos de fundo Ai dom celidom Asneiras aos pares.	Eu ri em S. Roque Ai dom celidom Como n'um theatro, Que o grande Cyrillo Ai dom celidom Palmou todas quatro.	Tu és, ó Carvalho, Ai dom celidom Homem genial, O Marianno Pina Ai dom celidom Já não tem jornal!

Onde está o homem?

Do Cairo e Malta e Nazareth, do Egypto,
Das cinco partes com que o mar confina,
Um batalhão de gente tem-me escripto
Noticiando-me onde está o Pina.

Um diz que o homem pelas praias anda,
Outro que gira por qualquer floresta,
Outro que o viu a banhos na Outra Banda,
Outro que estava aqui, ao fazer d'esta.

Eu com franqueza já não sei quem mente,
Nem adivinho por qualquer palpíte,
Que, ao ler as cartas de toda essa gente,
Farto de as ler, não sei qual acredite.

Só sei que o homem nunca mais foi visto
N'esta cidade erecta á beira-mar
Com grande gaudio, enorme, vejam isto,
Do Marianno e mais do *Popular*.

Que é d'elle o Pina, aonde pára em summa,
No mar, na terra, no apogeu, no inferno?
—É que não pára agora em parte alguma,
Exactamente como o Padre Eterno!

Um requerimento

Illustrissimo senhor
juiz Veiga, corregedor.

Eu tenho casa e familia
E n'este mundo parentes,
Tenho tarecos, mobilia,
Tenho coisas differentes.
Isto faz-me uma quizilia,
Que me dão certos repentes
De viver, qual vive a tilia
Por entre as aguas correntes.

Quizera ser só no mundo
Sem ninguem que me prendesse
E tenho um pezar profundo
Que isto assim acontecesse.

Morro de raiva e de tedio,
N'isto a pensar não descanço,
Mas não tenho mais remedio
Que aguentar-me no balanço.

Vossa excellencia permite
Que eu lhe passe a formular
Uma pergunta que evite
Que depois me vá queixar ?
Recebi hontem convite
De um amigo p'ra jantar,
Fiquei com certo appetite
De ao banquete me atirar,
Mas p'ra que isto o não irrite
Oiça lá, queira escutar :

Emquanto eu fóra de casa
Encho á farta este barril,
Essa gente que anda em braza,
Os gatunos, mais de mil,
Que em Lisboa fazem vasa,
Não entrarão no covil,
Fazendo em tudo uma raza ?

Não levarão os tarecos
De repente,
Tratando como bonecos
Toda a gente ?
Quando eu venha de jantar,
S S faça,
Não terei de me aguentar
Co'a mordação ?

Vossa excellencia já vê
Como a questão vae disposta,
Queira mandar-me a resposta
E Receberá Mercê.

Falta de maioral

Inda não tem presidente
A côrte dos deputados,
Ninguem quer ser o gerente,
Que é pagar negros peccados
Governar aquella gente.

Aquillo é grande inferneira,
Tudo ali a dar aos folles,
Tudo é troça e chuchadeira,
Hospital de Rilhafolles
Ou do conde de Ferreira.

Um pobre de um desgraçado
Que empunhe a tal campainha
Vê-se ali atrapalhado,
Fica ali sem moleirinha,
Vem de lá amachucado.

Esses homens são capazes
De matar seja quem fôr,
Traquinas, doidos, falazes,
E' melhor ser professor
De um collegio de rapazes.

E' preciso ser casmurro,
Fingir-se ser Ignez de horta,
Dar o seu sócco, o seu murro,
Ser surdo como uma porta,
Ter paciência de burro.

Com franqueza, com franqueza,
Só conheço uma pessoa
Que possa occupar tal mesa,
Só um homem em Lisboa:
—E' o Rei da Madureza!

A policia de Lisboa

Eu vivo n'um paiz que o não mereço,
Vegeto n'uma terra abençoada,
Não ha reino no mundo, não ha nada
A que se possa dar tamanho apreço.

Policia como a nossa não conheço,
Intelligente, audaz, disciplinada,
Outra não ha no mundo comparada
Com esta que está cá, não é de gesso.

Ha gente genial na segurança,
Ha gente extraordinaria na secreta,
Não tem policia assim Paris de França.

E' gente de primor, toda etiqueta,
Que hontem, por acatar antiga usança,
Mudou a calça branca em calça preta.

A gente vae na rua, é assaltado,
Não apparece um guarda, um só que seja,
Eu dou um olho a alguem que um guarda veja
Se um dia eu for em casa amordaçado.

Posso morrer na rua assassinado
Que fico ali sem orações de igreja,
Posso gritar em vão, embora esteja
Afflicto, enfermo, doido, atrapalhado.

A policia não vê, de um olho é cega,
E' surda de um ouvido e nas fileiras
Se surge um guarda são, já não se emprega.

A casa, o cidadão são brincadeiras,
Melhor é frequentar qualquer adega
E namorar varinas e sopeiras.

*

Se vocês querem ver o que é policia,
É dar á coisa um tom de pavorosa
Que, fera, fula, enorme e bellicosa,
Vão ver apparecer toda a milicia.

Leiam vocês na folha essa noticia
D'essa prisão tão celebre e famosa
Que a bordo hontem se fez, tão perigosa
Que a não descreverei, com pudicicia.

Que inda se ha de fazer um monumento
Ao Veiga e ao major, architectado
Por homem que disponha de talento.

No pedestal, a folha de um terçado,
Os dois sobre a memoria e um jumento
Aos coices cá no chão, como um damnado!

A Amelia Barros

Eu aposto em como á noite
 Não ha ninguem pela rua,
 Passeiando á luz da lua,
 A pé, de carroça, em carros,
 Que tudo vae á Trindade,
 No mais infernal bulicio,
 Assistir ao beneficio
 Da grande Amelia de Barros.

A brigada de montanha
 E os soldados sem camisa
 Partem nas azas da brisa
 Sobre o *Cazengo* a vogar,
 Ninguem vae ao bota fóra,
 Tudo foge e torce a venta,
 Vae tudo ao *Sal e Pimenta*
 Rir, applaudir e gosar.

No Tejo um bom nadador
 Faz coisas phenomenaes,
 Exercicios taes e taes,
 De pé, deitado, de rastos,
 Mas ninguem quer saber d'isso,
 A ver não ha quem se affoite,
 Tudo vae ouvir á noite
 A peça do Sousa Bastos.

Tambem eu com ser criança
 Lá vou á noite ao theatro,
 Faço barulho por quatro,
 Dou palmas como ninguem,
 Vejo a plastica ás coristas,
 Tudo o mais que não lhes pinto,
 «Sou o carro do Jacintho,
 «Quem quer vir por um vintem!»

Tropa para a Africa

Direito a Lourenço Marques
 Vae partir um regimento,
 De tropa e de mantimento
 Já se estão fazendo embarques,
 De artilharia vão parques,
 Vae o *Pimpão*, o diabo,
 De lhes dizer não acabo
 Do que parte a quantidade,
 Pois só ficam na cidade
 Quatro soldados e um cabo.

Dizem que o negro gentio
 Tem por lá feito o demonio,
 Que nos valha Santo Antonio
 Com tamanho desafio,
 A tropa, n'um rodopio,
 Direita á terra das cobras,
 Da bolacha come as sobras,
 Disposta a tudo vencer,
 Agora é que se vão vêr
 Os effeitos das manobras.

Lourenço Marques zangado
 Deve ser fero e terrivel,
 E' um homem irascivel,
 Tem um genio arrebatado!
 Olha se eu fosse soldado,
 Eu nem sequer n'isso penso,
 Um susto teria immenso,
 Suór o rosto me alaga,
 Que aquelle não é de Braga,
 Mas tem por nome Lourençol

O' santa virgem Maria
 Dá-nos valor, vê se podes,
 Já dizem que o Cecil Rhodes
 Anda por lá, não sabia.
 As forças da monarchia
 Une, anima, incute, integra,
 Esses soldados alegra,
 Faze que, em summa, vençamos,
 A vêr se nos affastamos
 D'esse maldito do *Em regal*

De chapa

Uma das nuvens da bateria chapou-se em frente do ministerio da justiça. *Novidades.*

Não sei, não posso atinar,
E eu não sou um toleirão,
Faz-me este caso scismar...
— Porque é que se hão de chapar
As mulas da expedição?

Lá que chapem os soldados
Por traz, ao lado, na frente,
Emfim, por todos os lados,
Não vejo inconveniente
Nos homens serem chapados.

Mas ver a chapa mofina
Nos pobres machos ronceiros
E' coisa que me encazina,
Tratal-os de cautelleiros
Ou de gallegos de esquina!

Esses pobres animaes
Que puxam a bateria,
Entes eguo burricaes,
Postos na cathogoria
Do vendedor de jornaes!

E que soberbo logar
Elles foram escolher
Para os animaes chapar,
Melhor não podia ser,
Pódem dois tentos lavar!

Negra chapa malfadada
Que a todos n'este torrão
E' fornecida, applicada,
Falta só que a expedição
Seja tolíce chapada!

Santa Barbara!

A trovoadá ribomba
Qual peça de artilharia,
Parece mesmo uma bomba,
Que enorme fuzilaria,
Que se ouviu em Santa Comba!

A chuva forte e pesada
Cae em bategas no chão
Deixando a gente encharcada,
Lá se ouviu outro trovão,
Continúa a trovoadá.

Que desordem vae no céu,
Que tremenda zaragata,
Que ruido, que escarcéo,
Tudo se come e se mata,
Do tempo se rasga o véo.

As nuvens foram ás hortas,
Tomáram o seu pifão,
Regressaram muito *tortas*,
E bumba, chuva e trovão
De partir todas as portas.

É qual outra Madragôa,
Mudou-se o céu em inferno,
Era uma ideia bem boa
Dar de prenda ao Padre Eterno
A policia de Lisboa.

De pranchadas fartadella
Dava ás nuvens de repente,
Tudo mettia na cella,
O céu ganhava e a gente
Ficava assim livre d'ella!

Ministro heroe

Sem demora, parta, vá,
Barra fóra, já, já, já!
(Burro do sr. Alcaide)

Lá vae a nau Catrineta,
La vae o Neves Ferreira,
Lá vae a nau cacilheira
Caminho da Lybia ardente,
Lá vae o navio á vella,
Lá vae a sardinha bôa,
Lá vae, sentado na prôa,
O dextro nauta valente!

Deixa a farda de ministro
Pela pesada armadura,
Que valente creatura
A commandar uma nau!
Troca a pasta da marinha
Pelos combates da terra,
Lá vae caminho da guerra
N'um cavallinho de pau!

Uns dizem que a coisa é certa,
Uns dizem que a coisa é troça,
Mas varia gente e da grossa
Diz que o homem sempre vae.
Nos campos de Aljubarrota,
No Bussaco e no Vimieiro,
Nunca se viu um guerreiro,
Como o Ferreira. Pasmae!

E dizem que lá por fóra
Se fazem coisas pasmosas,
Que por cá tudo são rosas,
N'este burgo abençoado!
Portugal, paiz de heroes,
Os collegas pôe de banda,
Que é o primeiro que manda
Um ministro degredado!

Fala um carapau

Senhor: Nascido no rio
Que as praias do Tejo banha,
Vindo de terras de Hespanha
Fazer vida n'estas dunas,
Casei com lula formosa
Por amor que o peito abraza
E fui morar n'uma casa
Ao pé do Caes das Columnas.

Era o mais feliz dos peixes
Era o modelo do rio,
Tinha já no Monte-pio
Uma pequena fortuna,
Tinha os filhos no collegio,
Tinha relógio e corrente,
Quando um dia de repente
Caiu ao Tejo a columna!

Cavei na rocha um abrigo,
Mandeï cair a cosinha,
Por criada uma tainha
Arranjei desde essa data,
Conseguí do peixe espada
A quem o rio pertence
Um lugar de amanuense
No leme d'uma fragata.

Fiquei sem casa e sem femea,
Sem filhos e sem ninguem,
Fiquei sem ter um vintem,
Sem badanas e um bugalho,
Do lugar fui despedido,
Julguem da minha afflicção,
Tenham dó e compaixão
De um carapau sem trabalho!

O carro do Jacintho

Quem não fôr hoje à Trindade
Ver o *Carro do Jacintho*,
Pratica uma necedade,
De lh'o dizer muito sinto
Mas é a pura verdade.

Se tiver gosto, o leitor,
Mais os filhos e a madama,
Faça-me um grande favor,
Leia o seguinte programma
Que em metro e rima vou pôr:

De manhã ao levantar,
Toma um banho de agua fria
Se gosta de se lavar,
Costumado fato enfia
E trata de ir almoçar.

Lê depois a versalhada
Que aqui costume fazer,
Diz tres lérias á criada,
Vae depois espairecer
Um pouco para a sacada.

Põe o seu chapéo lustroso
E, emfim p'ra matar o vicio,
Vae ás côrtes pressuroso
Janta e vae ao beneficio
Da grande Carmen Cardoso.

Este programma acceitando
Que eu fiz em rimada glosa
De rir ha de vir impando,
Dois espectaculos gosa
Um de borla, outro pagando!

Ao meu senhorio

Depois de ámanã, senhor,
Fica sendo vosselencia
Meu inimigo e crédor,
Tenha santa paciencia,
Mas faça-me este favor:

Gastei durante a semana
Tudo o que tinha a gastar,
Fiquei sem uma plangana
E não lhe posso pagar
A renda lá da cabana.

Para arranjar andei milhas
Qualquer coisa que lhe désse,
Souço rei dos farroupilhas,
Agora, se lhe parece,
Penhore-me as gazetilhas.

Sorte negra ou quer que é
Sem dó me deita os galfarros,
Deu-me um grande pontapé,
Primeiro estão os cigarros
Que a renda lá do *coté*.

Eis porque eu digo, senhor,
Porque peço a vosselencia
Que me faça este favor,
Tenha santa paciencia,
Meu inimigo e crédor.

Commigo não mais engorda,
Meu intento não recúa,
Se ralhar, não dou a borda,
Se me quizer pôr na rua,
Só se fôr a pau e corda.

Um dia triste

Que domingo tão insonso,
 Não houve um divertimento,
 Mais triste do que um responso,
 Nem abriu o parlamento,
 Eu andei feito um palonço.

Na Avenida, um conselheiro,
 Uma sopeira e um *guita*,
 Uma varina, um padeiro,
 Nem uma mulher bonita
 Foi hontem ao picadeiro.

O sol a luz espádana,
 De chuva não ha um pingo,
 A brisa as folhas abana,
 Mas nunca vi um domingo
 Tanto dia de semana.

As ruas desertas, mortas,
 Mais mortas do que um defunto,
 Nem peixe frito, nem hortas,
 Nem um ranchinho por junto
 A girar fóra de portas.

Nem um grupo se juntou
 A discutir nas arcadas
 O que em côrtes se passou,
 As sóvas descabelladas
 Que este governo apanhou.

Ora assim não ha maneira
 De alegrar a minha lyra,
 Não tarda que eu não requeira
 Que o domingo se transfira
 P'ra segunda ou terça feira!

Ainda ao senhorio

Afinal andou com sorte,
 Que eu nunca fui caloteiro,
 Apanhou o seu dinheiro
 Sem lhe faltar um real,
 Já cá tenho o seu recibo
 Em cursivo intelligivel,
 Parece até impossivel,
 Mas foi assim tal e qual.

Permitta Deus que esses cobres
 Que eu ganhei com tanto custo
 Aqui, no mister augusto
 De rabiscar nos jornaes,
 Sejam gastos na botica,
 N'uma doença mofina,
 Que elles sejam a ruina
 De seus fartos cabedaes.

Permitta Deus que ao gastal-os
 Parta um braço, uma costella,
 Ou que lhe caia a espinhella
 N'um montureiro de lama,
 Encha o corpo de mazellas,
 Tenha no ventre mais flatos
 Do que baratas e ratos
 Ha no meu quarto de cama.

Eu tanto bem lhe desejo
 Como você me causou,
 Que por sua causa estou
 Sem um vintem, a *tenir*!
 Deus arranje uma maleita
 Que me mate aquella prenda,
 Para que não pague a renda
 Do semestre que ha de vir!

Ainda não

Bem disse eu que o julgamento
Do tão falado Mineiro
Nunca tinha acabamento,
De que hei de morrer primeiro
Já eu fiz um juramento.

Começou segunda feira,
Toda a semana durou,
De acabar não ha maneira,
Para a semana ficou
E que acabe não me cheira.

Como eu lamento os jurados
Ninguem póde calcular,
São uns pobres desgraçados,
Porque em vez de condemnar
São elles os condemnados.

Condemnados a soffrer
Aquella enorme massada,
Sem dormir e sem comer,
A rhetorica estafada
Ouvir sem nada entender.

Sentados n'uma cadeira
Ali ficam feitos monos
Em continua pasmaceira,
Cheios de fome e de somnos,
Inchados da madraceira.

Este caso brada ao céo,
Brada a todas as instancias,
E' de tirar o chapéo,
Eu n'aquellas circumstancias
Antes queria ser réo.

Presentimento errado

Ninguem póde calcular
Como eu fiquei abysmado
Hontem quando vi chegar
O collega encarregado
Da sessão parlamentar.

Perguntei logo: — O' menino
Houve nas côrtes pancada?
E respondeu-me o mofino:
--Não houve, não houve nada,
Foi só falar *por lo fino*.

-- Nem uma carteira manca,
Um copo de agua partido,
Um socco n'um pé de banca?
— Não. Tudo tinha vestido
Casaca e gravata branca.

Em seguida ao temporal,
Vem a fagueira bonança,
Ruge fero o vendaval,
Logo a brisa o sopro lança,
Succede-se o bem ao mal.

Que as sessões dos deputados
São cousa que faz espanto,
Lembram-me dois namorados
Que ora se beijam n'um canto,
Logo ficam arrufados.

Tinha certa a pepineira,
Tudo a fazia esperar,
Não ficava uma carteira...
— Que hontem foi dia de azar,
Era treze e terça feira!

No parlamento

Pelas côrtes tem havido
Varia e seria discussão,
Muito e diverso alarido,
De nada sei dar razão
Porque não tenho lá ido.

Vomitam os deputados
Perante a attenta plateia
Varios tropos inflammados,
Torrentes de verborrheia,
Avalanches de apoiados.

Serio e grave o presidente
Atura aquella massada
Muito evangelicamente,
Tem a batina coçada
De dormir placidamente.

D'uma sessão no decurso,
Um tachygrapho coitado,
Das palavras perde o curso,
Chega ao fim atrapalhado
De escrever tanto discurso.

Os continuos n'uma fragua,
Quaes mulas de americanos,
Cançados, cheios de magua,
N'aquelle trabalho insano
De encher e dar copos de agua.

Conheço um doutor casmurro
Que é mestre na panaceia
Que anda a ver se arranja a murro
A cura da verborrheia
Com sangue de egua ou de burro!

Tudo triste

Hoje é dia de finados,
Toda Lisboa anda triste
E eu, por mal dos meus peccados,
Hei de andar de lyra em riste
A fazer versos rimados.

Hei de á força achar assumptos
Com que em quintilhas troçar,
Dar cabo d'estes bestuntos
E nem me deixam resar
Por alma dos meus defuntos!

Ao pé de mim tudo serio
Com ar de gato pingado,
Com certo tom de mysterio,
Cada collega um finado,
O jornal um cemiterio.

De luto tudo se veste,
Tudo fala em cantochão,
Não ha um dito que preste,
E' o tinteiro um caixão,
E' a caneta um cypreste.

Pela Avenida, no Aterro,
O pobre, o rico, o ministro,
Na liberdade, no encerro,
Tudo é funebre e sinistro
Como um annuncio de enterro.

Ponho ponto ao versejar,
Vou suspirar, vou dormir,
Porque não posso troçar,
Porque não me posso rir,
Quando tudo anda a chorar!

Camara dos pares

Hontem não houve berrata,
 Nem desordem, nem motim,
 Nem *banzê*, nem *zaragata*,
 Nem barulho, nem chinfrim,
 Foi uma tarde pacata.

O café do *Refilão*
 Mais as suas camareiras,
 O parlamento, perdão,
 Não partiu hontem carteiras
 Porque não houve sessão.

Só nas côrtes da velhada
 Frei José se apresentou
 Com enorme *bispalhada*,
 Grande *Te-Deum* celebrou,
 Sermão e missa cantada.

O palacio de S. Bento
 Tinha um ar de sacristia
 Desde a sala ao guarda vento,
 Com franqueza, parecia
 Templo em vez de parlamento.

Vejam lá que diferenças
 Entre o par e o deputado,
 De um lado só desavenças,
 Orações por outro lado,
 Rezas cá, de lá offensas.

Fazem lembrar a beata,
 Velhota de carrapitos,
 Cabello e corpo de gata,
 Que, emquanto rosna os bemitos,
 A aggreir tudo desata.

O calculista

Marianno de Carvalho
 Pódes ir cavar batatas,
 Pois que, por mais que te matas,
 Nada consegues, nem eu.
 Em mathematica sabes
 Como ninguem n'esta terra
 Mas não pódes fazer guerra
 Ao homem do Colyseu.

Um figurão que calcula
 Varias contas de repente,
 Conserva aquillo na mente,
 De cór os numeros diz,
 Faz as contas mais depressa
 Do que eu arranjo um soneto,
 Pintae a cara de preto
 Guarda-livros do paiz!

A gente o dia em que nasce
 Diz ao homem que calcula,
 Mais veloz que um sapo pula,
 Minutos, o que se queira,
 Se a gente nasceu á terça,
 Quanto ainda tem que viver...
 Agora é que eu vou saber
 A idade do Silva P'reira!

Se adivinha com batota,
 E' muito bem combinado,
 Que fica um homem pasmado,
 Em mil applausos se expande,
 Vou-lhe pedir qualquer dia
 Se me sabe calcular
 Em que cifra irá calhar
 D'esta vez a sorte grande.

Syndicatices

Novo escandalo de arromba
Este paiz apoquento,
Rebentou como uma bomba
Cujos rastilho rebenta,
Já diversos deputados
Vão ás camaras a custo,
Andam de susto passados,
Andam passados de susto.

N'estes tempos do Mineiro,
De gatunos hespanhoes,
Syndicatos de dinheiro
Não valem dois caracoos,
E' coisa que passa breve,
E' um negocio barato,
Incommodar-nos não deve
Um pequeno syndicato.

O pobre ganha fossando
Toda a noite e todo o dia,
O rico passa gosando
Toda a vida na folia.
Uns lidam constantemente
Em dura necessidade,
Conheço outros que são gente
A' custa da humanidade.

Dá-me graça ver as folhas
Contra a tramoia a berrar,
E não haver leis das rolhas
Que as obriguem a calar,
Já não póde haver desmancho,
Posto lhes saibam as baldas,
Vão-lh'os tirar com um gancho,
Porque o remedio... é das Caldas.

Trancas á porta

Hontem, passei em S. Bento,
Era já tarde, horas mortas,
E, olhando p'ra o parlamento,
Vi-o com trancas nas portas,
Que grande acontecimento !

Os *mineiros* em sessão,
Como diz o *Popular*,
Tiveram grande questão
E resolveram fechar
As côrtes cá da nação.

Achei graça ao ler aquillo
Que o Marianno tivesse
Taes liberdades de estylo,
Com franqueza, não parece
Ser piada do Cyrillo.

Mas, voltando á vacca fria,
Nunca tal coisa se viu
Em tempos da monarchia,
O parlamento falliu,
Grande Deus, porque seria ?

E' que o grave monsenhor
Andou durante a semana
N'um virote, n'um calor,
Deu com a loja em pantana,
Que tinha muito credor.

Hontem, um sucio exclamou,
Ao que ouvindo outros se riram,
Tão grande chiste se achou :
— Tantas carteiras *partiram*
Que o parlamento *quebrou* !

Protesto

Hontem, tinha-tencionado
Ir ouvir ao parlamento
Discursar um deputado,
Aproveitar o momento
De me rir um bom bocado.

Eu tinha ouvido falar
N'um certo negocio escuro,
Outro novo *acompanhar*,
Quiz ver se achava algum turo
A que poder versejar.

Acabára o julgamento
Do celebrado *Muneiro*,
Só tinha divertimento,
Eu que sou rapioqueiro,
Nas côrtes, no parlamento.

Puz-me á porta era meio dia
E já tinha conseguido
Por um pé na galeria,
Quando foi tudo corrido
Entre enorme gritaria.

Bem me fartei de gritar,
Quer em voz grossa ou falsete,
Mesmo assim fui posto a andar.
Eu já tinha o meu bilhete,
Ninguem m'o pôde negar.

N'um theatro, o bilheteiro
Sempre que não ha funcção
Torna a dar o *gallinheiro*,
Nas côrtes cá da nação,
Nem bilhete nem dinheiro.

Gazetilha symbolica

Sobre a meza do jantar,
Um grande perú assado,
Entre o molho a fumar,
Em batatas sepultado,
Jaz de barriga p'ra o ar.

Como um phantasma medonho,
Vejo em sonhos o animal,
Sobre a cadeira me ponho,
Tenho um frfo sepulchral,
O' que tristeza de sonho !

O tostado corpo nú
Salta-me sobre um joelho,
Contemplo afflictio o perú...
-- Perú velho ! Perú velho !
-- Grú, grú, grú, grú, grú, grú, grú !

Abro a bocca tiritando,
O monco mette primeiro,
Vae, entrando, vae entrando,
Entra o perú todo inteiro,
Seus pés nas tripas ficando.

De suor meu corpo estúa,
Vou saindo de mansinho,
Transpondo a porta da rua,
Bebo tres litros de vinho,
Que formidavel *perúa* !

Sobre a calçada me puz
A cantar uma cantiga,
Berrando como um lapuz,
Mostrando enorme barriga...
-- Merca o casal de perús !

Fado do Dias

*Defender os patrios lares,
Dar a vida pelo rei
E' dos lusos valorosos
Caracter, costume e lei.*

Meu pobre capitão Dias,
Desgraçado capitão,
Vaes ser agora o pião
Das nossas academias,
Tu, coitado, não sabias.
No França o *banano* ao dares,
Convulso nos teus esgares,
Que te fariam tal guerra,
Não se póde n'esta terra
Defender os patrios lares,

Diz que te vão enforcar
Na fórma de um espantalho,
Fazem de ti um frangalho,
Bem te pódes retirar,
Não vale a pena passar
Trabalhos em pró da lei,
Abandona a tua grei,
Volta á vida tarimbeira,
Que é tremendissima asneira
Dar a vida pelo rei.

Capitão, rapa os bigodes,
Capitão, atira um berro,
Chamam-te o *homem de ferro*,
Quando não passas de Herodes,
Com tanta troça não pódes
Dos rapazes verrinosos,
Teus instinctos bellicosos
Capitão enfreia e vence,
Que o futuro a Deus pertence,
E' dos lusos valorosos.

Deixa lá falar quem fala,
Passa ó Dias á privada,
Que a policia não dá nada,
Só te consome e te rala,
Antes morrer d'uma bala,
Ou de outra morte que eu sei,
Um conselho te darei
Das profundas d'estes cacos :
— Manda pentear macacos
Caracter, costume e lei.

Torradinhas com manteiga,
Torradinhas em fatias,
O major e mais o Veiga,
O Teixeira e mais o Dias.

Mettido em talas

Capitão Dias, coitado,
Trata do teu testamento,
Ficaste bem arranjado,
Tens á perna um regimento,
Que os rapazes das escolas
Dão-te cabo da fressura,
Todos te atiram com bolas,
Fazem toda a diabrura.

Fazem papel verrinoso,
Querem vêr a tua urina,
Relaxaram te ao Lombroso
Nas aulas de medicina,
Vão tirar-te da milicia,
Tirar te os galões doirados,
Já não mandas da policia,
Commandas alienados.

Faze a trouxa, rico filho,
Vae fugindo emquanto boles,
Que te arranjam um sarilho,
Dão comtigo em Rilhafolles,
Vê se o ministro te acode,
E gratifica o teu zelo,
Porque ficas sem bigode
E vão cortar-te o cabelo.

Tens á perna os estudantes,
Tenho dó de ti, ó Dias,
Já não és quem eras d'antes,
Ao bigode corta as guias,
Manda á fava os teus sequazes,
Do mundo desaparece,
Quem se mette com rapazes...
--Já sabes o que acontecel

A toirada

São sete os bichos que hão de ser corridos: o *Caneças*, o *Jervilha*, o *Mastodonte*, o *Lyrio*, o *Almirante*, o *Festas*, e o *Redondinho*. Todos matreiros e de muito pé.—*Correio da Noite*.

Compadre *Zé Jaleco*, aficionado,
Critico mór de touros e corridas,
Tem hoje sete rezes escolhidas,
Que me dizes, compadre, d'este gado ?

Lá te verei no curro afressurado
A vêr se ha bandarilhas bem mettidas,
A vêr se ha *revolcones* e *cogidas*,
Se rebenta algum moço de forcado.

Touros de muito pé, touros matreiros
Devem dar que fazer, amigalhaço,
Ao *diestro*, ao picador, aos cavalleiros.

Não consentem as farpas no cachaço,
Não marram. Toca a pôr, bandarilheiros,
Bandarilhas de fogo no espinhaço!

*

O primeiro, o *Caneças*, é gravito,
Listão e de sentido, abarbellado,
O segundo, o *Fervilha*, é aleijado,
Terceiro, o *Mastodonte*, é bem bonito.

Quarto, *Lyrio*, é cabano e pequenito,
O quinto, o *Almirante*, é requeimado,
O *Festas burriciego* e levantado,
Redondinho bocalvo e maneirito.

Comem milho e centeio e trigo e fava,
Dormem durante a noite e todo o dia,
São sete matutões de raça brava.

Nas pastagens, ninguem d'elles se fia,
E dentro das lezirias só entrava
Dos cabrestos o jogo ou maioria.

*

Ó rapazes da Moita e Villa Franca
Que *malessos* pegaes n'essas touradas,
Vesti as vossas fardas já rasgadas,
Vinde ver qual de vós mais se desbanca!

Quatro palmas batei, o bicho arranca,
As jaquetas lá vão empandeiradas,
Que as cabeças são rijas e damnadas,
E' valente a valer cada carranca.

Vem a mula das farpas. Pela arena,
Os capinhas volitam quaes gaivotas,
Vae começar a grande, enorme scena.

Compadre *Zé Jaleco*, as tuas notas!
Lá vae um boi p'ra dentro. O ceus, que pena!
Venham touros de morte. Fóra o Botas!

A resenha

Pois sim senhor, o gado era matreiro,
 Mas foi bandarilhado e foi corrido,
 Era todo de pé e de sentido,
 Mas não desfeiteou o cavalleiro.

Forcado, picador, bandarilheiro,
 Nem um só felizmente foi colhido,
 O gado era matreiro, era sabido,
 Mas saiu-lhe o collega bem mosqueiro.

Apanhou bastos ferros no *morrillo*,
 Que tudo espicaçava a carne crua,
 De frente, *cambio*, *quiebro* e *sobaquillo*.

Parece cada boi uma perúa,
 Nenhum d'elles já póde co'o pampilho,
 E' gado matulão. Vá p ra a charrua!

*

O *Caneças* foi todo espicaçado,
 O *Fervilha* ficou todo ferido,
 O *Mastodonte* todo contundido,
 O *Lyrrio* ficou todo desfolhado.

O *Almirante* foi todo derrotado,
 O *Festas* ficou todo remexido,
Redondinho ficou todo despido,
 Foi um dar á má cara em todo o galo.

Houve pégas de cara celebradas,
 Que os moços de forcado foram testos,
 Não tinham medo a tombos e pancadas.

De nada lhes valeram os cabrestos,
 Inda se hão de correr em mais toiradas,
 Porque é vindima até lavar os cestos.

*

Eu, se fosse qualquer dos ruminantes
 Que hontem citei na minha gazetilha,
 O *Festas*, o *Caneças*, o *Fervilha*,
 Os collegas, emfim, preopinantes,

Eu não tornava a ser como era d'antes,
 Eu deixava de ser da camarilha,
 Comprava quatro copos e uma biilha,
 Eu ia agua vender, refrigerantes.

Porque animaes assim escorraçados,
 Como estes foram e hão de ser agora,
 São uns tristes bichinhos desgraçados.

São bois de exportação, são bois de fóra,
 Devem ser bois á canga acostumados,
 Não são bois de correr, são bois de nóra !

Mais um

Esquecemo-nos do nome de um
 outro *bicho*, que fez parte do curro,
 e que fóra destinado para curiosos — o *Abbate*.

Aqui deixamos este outro mote
 ao *Esculapio*. — *Correio da Noite*.

O collega enganou-se com certeza,
 Na sua informação não ha verdade,
 Porque eu não vi no curro o tal *Abbate*,
 Que me dizem ser bicho de defeza.

Traria a conducção grande despeza,
 Não poderia entrar cá na cidade,
 Teria o bicho alguma enfermidade ?
 Não sei, eu tudo ignoro com franqueza

Mas posso-lhe jurar, não foi corrido,
 Escapou, fosse lá pelo que fosse,
 Porque é toiro matuto e de sentido.

Não é para toireiros de agua doce,
 E' bicho só de *espadas* escolhido.
 -- Emfim, o tal *Abbate* tresmalhou-se

*

Mas calculem vocês, ó do *Correio*,
 Que o bicho, o tal *Abbade*, vinha a praça
 E topava de frente um Calabaça
 Que dois ferros lhe punha mesmo em cheio.

Punha-se a escoicear da praça ao meio
 Como um tigre feroz a quem dão caça,
 E como é bicho fero e de má raça
 Dava cabo da gente do toireio.

Não havia Reverte nem *Guerrita*
 Que podesse aguental-o no capote,
 Nada do seu furor a furia evita.

Fazia andar a gente n'um virote,
 E' bicho de tremer, ó Costa apita,
 E' bicho que escouceia e dá pinote !

*

Deixa-o nas lezirias ir pastando
 Qual misero cavallo lazarento,
 Que se o vejo na praça eu arrebento,
 Se o vir erguendo a testa, vir bufando.

E' todo lambedellas, senão quando
 Se ergue feroz, facinora, incruento,
 Mata de lidadores mais de um cento,
 Nas tripas o focinho esmurraçando.

Aquillo é que se chama um bom *malesso*,
 Fazer-lhe uma festinha, isso agarral-os,
 Que entra a berrar, mais doido que um possesso.

E' fugir d'elle e não soffrer dos callos,
 Ousar p'ra com elle de um processo,
 Como se faz aos bichos p'ra amansal-os.

Homens de saias

Que este mundo anda ás avessas
 Já eu de ha muito sabia,
 Que isso é coisa correntia
 Desde os tempos saturninos,
 Diz-nos agora a policia
 Que prendeu uns atrevidos
 Mariolões revestidos
 De atavios femininos.

Usavam saia, espartilho,
 Calças rendadas, corpete,
 Cós cingido com colchete,
 Ligas, toucas, sapatinhos,
 Tinham *visite e tournure*,
 Tinham ganchos nos cabellos,
 Eram uns homens modelos,
 Verdadeiros cupidinhos.

Bem empregado cacete!
 N'aquella tropa fandanga,
 Dar-lhe com gana, com zanga
 E começar outra vez,
 Pôr-lhes a cara n'um bolo
 A' força de bofetadas,
 Mas d'aquellas bem puxadas
 P'lo gigante aragonez.

Que a policia fez tolice
 Em prendel-os por tal feito,
 Pois faz mesmo mau effeito
 Que taes honras elles tomem.
 Deixal os andar de saias,
 Qual outra Dona Maria,
 Eu tão sómente os prendia
 Se os visse vestidos de homem!

Tudo fechado!

Doze mezes são passados
 Sobre a pacata Lisboa,
 Doze mezes bem contados,
 E vê sempre uma pessoa
 Todos os coios fechados.

Poz taipaes o sapateiro,
 Fechou a tabacaria,
 Trancou portas o barbeiro,
 Encerrou-se a vaccaria.
 Não havia um taberneiro.

A cidade estava morta,
 N'uma afflictta soledade,
 Porque a coisa estava torta
 E andava toda a cidade
 A dar co'as ventas na porta.

Ia em Lisboa o diabo,
 Immersa em tristeza eterna,
 Quasi de si a dar cabo,
 Quem comesse na taberna
 Passava fome de rabo.

N'esses tempos que lá vão,
 Tudo em mim era fechado,
 Hoje, todo eu sou paixão,
 Ando agora apaixonado,
 Trago aberto o coração.

Só o governo, que as tropas
 Manda n'este Portugal,
 Velhos, creanças, cachopas,
 Não segue a regra geral,
 Fechado está mas... em copas!

Uma miseria!

Nas arcadas, o governo
 Não faz nada que se veja,
 Tudo vae bem, salvo seja,
 E' bonançosa a maré.
 A politica anda á solta,
 Não ha mesmo uma noticia,
 Não faz prisões a policia,
 Nem faz tratos de polé.

Não ha um crime taludo,
 Um desastre, um homicidio,
 Não ha um só suicidio,
 Tal silencio nunca vi.

Os jornaes vomitam prosa
 Em trechos desconchavados,
 Por mal dos nossos peccados,
 Foi-se embora o Frégoli.

Como não ha um assumpto,
 Anda a gente aparvalhado,
 Semsabor, atarantado,
 Mono, palerma e ronceiro.
 A musa das gazetilhas
 Ja não faz espalhafatos,
 Anda agora como os gatos,
 Tambem tem o seu janeiro.

Fado do governo

Este governo não cae,
 Não ha medo que se mude,

Por mais que lhe façam guerra
 E lhe atirem a matar,
 Não o podem derrubar,
 Ninguem o deita por terra,
 Tudo grita e tudo berra,
 Mas elle ao charco não vae,
 Do poleiro nunca sae,
 Nada vale a gritaria,
 E' feito de alvenaria,
 Este governo não cae.

Por mais que lhe assaquem vicios
 E outras quejandas mazellas,
 Por mais que esfalfem guelas
 A berrar pelos comicios,
 Só lhe fazem beneficios,
 Com elle a gente se illude,
 Por mais que a gente lhe estude
 Do seu mal qual o bacillo,
 Tem o Queiroz a cobril-o.
 Não ha medo que se mude.

E' feito de pedra e cal,
 Anda pegado com grude.

E' qual torre de um castello,
 Não vae a tiro de bala,
 Por mais que a turba se rala
 Já não vae, nem a martello,
 E' filado o *Caramello*
 E o *Mineiro*, outro que tal,
 Mas o governo afinal
 Não vae de ventas ao cano,
 Este governo tyranno
 E' feito de pedra e cal.

E' mais facil co'uma mão
 Dez estrellas arrancar,
 Fazer o sol esfriar,
 Ter cinco pernas um cão,
 Ser esperto e toleirão,
 Ter vinte litros o almude,
 Vêr dentro de um ataúde,
 Mas o governo ir p'ra quinta
 Isso é que está-se na tinta,
 Anda pegado com grude.

Onde está o gato ?

Um gordo gato amarello,
Bicho da minha afeição,
Mais gordo do que um marmello,
Entra cá na redacção,
Vem á procura do Mello.

—Como está? Diz-lhe o collega,
Faz favor de se sentar!
N'uma patinha lhe pega
E ficam a conversar,
Muito baixinho, á socega.

O que n'aquella entrevista
Se passou é um segredo,
Entre o gato e o jornalista.
Fiquei a chuchar no dedo,
Nada me disse. E' paulista.

O gato desorelhado,
Com falta de carapau,
Sahiu, cambaio d'um lado,
Miando um longo *miau*
Horriavel, desconsolado.

O Mello apertou as patas
Do bichano seu amigo,
Das barbas torceu as mattas,
Poz-se a escrever um artigo
Com a epigraphe: *As gats*.

Então, olhando o tinteiro
Onde elle a penna molhava,
De letras vendo um milheiro,
E' que eu percebi que estava
Em trinta e um de janeiro!

Oração á Virgem

Virgem Santa, padroeira
D'estes reinos do Occidente,
A quem hoje toda a gente
Vae ás egrejas rezar,
Desce do throno doirado
Onde a multidão te adora
E vem girar por hi fóra,
Ver, aprender e gosar.

Vem ver fechadas as côrtes,
Em bulhas os deputados,
Os governos apostados
Em dar cabo da nação,
Os artigos das gazetas,
Os dichotes nas arcadas,
As mil e mil fantochadas
Que dia e noite se dão.

Vem ver, assistir ás rusgas
Da policia aos batoteiros,
Caramellos e Mineiros
Caminho dos tribunaes,
Entra, fala, observa, mira
N'essas baiucas do Estado,
Vem conversar um bocado
A's redacções dos jornaes.

Verás cousas nunca vistas,
De morrer de pasmo e espanto,
Na rua, por qualquer canto,
Nos outros, em todos nós,
E dirás, de volta ao nicho,
De volta á sacra cadeira,
Que é melhor ser padroeira
De uma nação de Esquimós.

A Restauração

Hoje, ha festa na Avenida,
Junto ao grande monumento,
Luminarias de espavento,
O recinto embandeirado,
O povo por essas ruas
Todo vaidoso e contente,
A cantar marcialmente
Portuguezes é chegado.

Fun-ga-gás mirabolantes,
Atraz, immensos *mirones*,
Abundancia de trombones,
Quatro ou cinco clarinetes,
Sessões solemnes, discursos,
A' noite, um ruido enorme,
Tropas de grande uniforme,
Morteiros, bombas, foguetes.

O encerramento das côrtes,
Que era um assumpto obrigado.
Já deixou de ser falado,
Eu já d'elle nem me lembro,
Em casa, pelas tabernas,
Onde se vive falando,
Toda a gente anda pensando
No primeiro de Dezembro.

Tudo compára a proeza
Dos nossos antepassados
Aos casos ora passados
N'este paiz de tyrannos,
Relembrando eras de outr'ora,
Tudo de magua rebenta...
—Mil seiscentos e quarenta,
Já lá vão trezentos annos!

Boas novas

Chegaram as andorinhas,
Noticiam os jornaes,
Já dão bom tempo as folhinhas,
Não mais temos temporaes,
Nem enxurradas damninhas.

A chuva, em pingos de tocha,
Não nos cae pelo chapeu,
Já ninguem se vê á brocha,
Nuvens azues ha no ceu,
Põe-se de parte a galocha.

Já pode a gente na cama,
Dispensar o cobertor,
A porca e maldita lama
Já não faz mudar de côr
As saias de uma madama.

Correm as ondas no mar,
Direitas quaes linhas rectas,
Vão-se na areia deitar
Socegadas e quietas,
Seus membros espreguiçar.

Dá gosto andar pelo rio,
N'uma doida guitarrada,
Com sucios e mulheroio,
Antes sol que trovoada;
Antes calor do que frio!

Com tal mudança socego,
Abençoado calor,
Tem bons effeitos, não nego,
Tenho estes dias que ir pôr
O sobretudo no prego!

O meu gabão

N'uma baiuca em S. Paulo,
 Comprei, sabbado, um *varino*,
 Vivos azues, do mais fino
 Que me deram a escolher,
 Era um gabão confortavel,
 Com muito forro encarnado,
 A gente pelo Chiado
 Parava, só p'ra me vêr.

A' noite, com a chuvada,
 Enverguei o *gabinardo*,
 Transportando aquelle fardo
 Debaixo do temporal.
 Ao chegar ao meu destino,
 Eram já luzes accesas,
 Tinha as costas muito presas,
 Comecei-me a sentir mal.

O *varino*, em vez de forro,
 Por sob a felpa encarnada,
 Tinha uma sacca pintada,
 Antiga e com muito breu,
 De forma que, com a chuva,
 Levou comsigo a fazenda,
 O *varino*, aquella prenda,
 Grande malandro, encolheu!

Tem-me isto preocupado,
 Tanto a mente me ensarilha,
 Que não faço a gazetilha,
 Sem que o caso em verso metta,
 Um caso que bem merece
 De se narrar no supino,
 Como eu sahi de *varino*
 E regressei de jaqueta!

Falsificações

O *Caramello*, coitado,
 Vae até ao Limoeiro,
 Outra vez catrafilado,
 Por fazer falso dinheiro,
 Dinheiro falsificado.

Fez dinheiro de sucata,
 Para passar aos balcões,
 Arranjou obra barata,
 Placas de cinco tostões
 De outro metal que não prata.

Acho injusta tal prisão,
 Com arrojio aqui revello
 Esta minha opinião,
 Pois acho que o *Caramello*
 Bem mereceu da nação.

Deve ser remunerada
 Tal acção, nada me veda
 De o dizer em versalhada,
 Pois que a casa da moeda
 Não faz senão papellada.

Nunca mais em Portugal,
 Desde que os taes papellinhos
 Invadem a capital
 Se viram dois tostõesinhos
 Do mais impuro metal.

Homem como este em questão,
 Que emette dinheiro em prata,
 Por dentro todo latão,
 Por fóra todo sucata,
 E' benemerito ou não ?

Guerra á sota

A policia jurou guerra
Ao pobre do batoteiro,
Outra vez anda na berra,
Nas furnas do Limoeiro,
Banqueiro e *pontos* encerra.

Não dorme á noite o Ferreira,
Não descança o Sacarrão,
A descobrir a maneira
De aos *pontos* lançar a mão,
De acabar a brincadeira.

Co'as fainas do parlamento,
Toda a policia occupada
Não tinha seu um momento,
Mas ficou mais descançada
Desde que fechou S. Bento.

Os ladrões não quer prender,
Nunca d'isso se occupou,
O crime está a morrer,
O *Caramello* acabou,
Não tem nada que fazer.

Se ha de andar dias inteiros
Em continencia aos alferes
E aos capitães tarimbeiros,
Em vez de fazer colheres,
Faz rugas aos batoteiros.

Minhas armas apresento
Ao Veiga, juiz janota,
Em curvado cumprimento,
Antes fechada a batota
Do que aberto o parlamento.

O Ferreira

Grande troça vae na arcada
Contra o ministro Ferreira:
Na assignatura passada,
Levou, por ser *frigideira*,
Um marujo na almofada.

D'esta troça não ha meio
De livrar o dito cujo,
Que tudo lhe cae em cheio,
Pois que, além do tal marujo,
Levava atraz o correio.

Só lhe faltou, afinal,
Que levasse na trazeira
Da carruagem real
Um policia, uma sopeira
E um guarda municipal.

Disse alguém da camarilha
Que elle disse ao marinheiro,
Junto á porta do *Fervilha*:
Tres apitos — ó gageiro,
Abra aqui esta escotilha!

Anda o pobre n'uma fona,
Pois que, ao ouvil-o, até treme,
Dizendo:— ó ventas de lona,
Dize-me ao homem do leme
Que me casse a bujarrona!

Hei de vel-o encasacado
Pela cidade, o Ferreira,
Dragonas, chapéu armado,
Dentro d'uma canhoneira,
A tres cavallos puxado.

O meu barometro

O céo hontem botou luxo,
 Todo vistoso e taful,
 Fechou de vez o repuxo,
 Vestiu a farpella azul,
 D'esta vez, perdeu o bruxo.

O sol, mais alliviado
 Da passada macacôa
 Que o deixou atrapalhado,
 Mostrou-se, em toda Lisboa,
 Das canellinhas puxadô.

Consola o sopro da briza,
 Na tarde primaveral,
 Não molha a chuva a camisa,
 Foi-se embora o temporal,
 O mar sereno deslisa.

Dava gosto na Avenida
 Varrida já d'essas lamas
 De que estava revestida
 Ver, em passo grave, as damas
 Na alameda concorrida.

Andavam todos em braza
 Donairosas e *coquettes*,
 Tudo andava n'uma raza,
 Molhadas as *toilettes*,
 Sem poder sair de casa

O tempo mau e tyranno
 Não as deixa andar na berra,
 Tristezas lhês causa e damno.
 — As senhoras cá da terra
 São o meu saragoçano!

Chuva e vento

Vão dizer á enxurrada
 E ao ventinho palmellão
 Que deve ser respeitada
 A casa do cidadão,
 Inviolavel e sagrada!

Qual peça que se dispara,
 O temporal foi tamanho
 Que subiu mais de uma vara,
 Lisboa tomou um banho,
 Lisboa lavou a cara.

Hontem, toda se lambia
 Em grande consolação,
 Como ella se presumia,
 Porque era uma operação
 Que ha que tempos não fazia!

Entrou nas casas a lama,
 Andava tudo a nadar,
 Foram-se as roupas da cama,
 A chuva tudo a chupar,
 A chuva que tudo mama.

Foi-se collete e camisa,
 Foram-se meias e anaguas
 Levados na forte brisa,
 Que era em Lisboa mais aguas
 Do que as cheias do Tamisa.

Que, com tal dysenteria,
 Nem a corrente se escôa,
 Pelos canos, dir-se-hia
 Que a cidade de Lisboa
 Tivera uma hydropesia!

321

Cidadão d'esta cidade,
Que andas sempre a passeiar,
Treme um dia de encontrar
O trezentos vinte e um,
Que, por nada que tu faças,
De dia e noite, á tardinha,
Vaes parar á Parreirinha,
Sem ter feito mal nenhum.

E' dos guardas mais ferozes
Dos batalhões da policia,
Mesmo não tenho noticia
Que outro assim um dia abordes.
Traz á cintura um chanfalho,
Traz o major no umbigo,
Se um dia embirrar comtigo,
Vaes logo preso. São *ordes!*

E' um policia damnado,
E' um policia embirrento,
E' um policia bulhento,
E' um policia mordaz,
E' um policia atrevido,
E' um policia bregeiro,
E' um policia ligeiro,
E' um policia sagaz!

Antes morrer enforcado,
Antes cair n'um lameiro
Antes comer um tinteiro,
Antes soffrer um jejum,
Antes partir uma perna,
Antes levar com um coiro,
Antes ter na frente um toiro
Que o tresentos vinte um!

Proezas do velho

Zangou-se o velho Saturno,
Em duas quebrou a foice
E, enfadado e taciturno,
Nas nuvens ferrou um coice,
Que até partiu um cothurno.

Logo a negra tempestade
Sobre as nuvens se montou,
Qual n'outra cavallidade,
Toda raivosa, pairou
Sobre a marmorea cidade.

Dando tres soccos no céo,
Desfez tudo n'um momento,
Das nuvens rasgou o véo
E atijou tão riço vento,
Que me estragou um chapéo.

A chuva cae em cascatas,
Anda tudo n'uma fragua,
Sobre os campos, nas batatas,
Despede bategas de agua,
Com enormes cataractas.

Ouve-se ao longe o trovão
Com seu medonho estampido,
Anda perto o furacão,
Todo o mar foi remexido,
Treme a terra, treme o chão.

Póde o mar entrar nas quintas
E o tufão que tudo arrasa
Deixar familias famintas,
Mas eu sair mais de casa
Isso é que está-se nas tintas!

Mais um!

O maldito temporal
Que causou tanto sinistro
Não cessa de fazer mal,
Já temos mais um ministro
Nos reinos de Portugal.

É o terceiro Ferreira
Que gere a nossa marinha,
E' a pessoa terceira
Que, n'esta nossa terrinha,
Gere a pasta marinheira.

Não foi inda, por enquanto,
Nomeado no *Diario*,
Mas vac sel-o hoje no emtanto,
Ministerio extraordinario,
Padre, Filho, Esp'rito Santo.

Ficou o novo Ferreira
Já nas suas sete quintas,
Toma posse da cadeira,
São tres pessoas distinctas
E uma pasta verdadeira.

Deve ser pasta pesada,
Como não ha nos registros
Das casas matas da arcada,
São precisos tres ministros,
Cocó, Reineta e Facada.

Que a tal pasta na verdade,
Nas pastas do ministerio
E', sem troça e sêm maldade.
O verdadeiro mysterio
Da Santissima Trindade!

Chuva de leis

Sobre nós chovem decretos
Como agua em grande pancada,
Vae a gente na enxurrada,
Anda n'elles a nadar,
O governo sobre a gente
Decretos a rôdo vasa,
Uma tijella da casa
Constantemente a vasar!

Do *Diario do Governo*,
Os pobres compositores
Andam afflictos com dôres,
N'um desalento profundo,
Que, se chovem os decretos
D'este modo extraordinario,
Ficará sendo o *Diario*
O maior jornal do mundo!

O *Fervilha* tudo inunda
Com trechos de varia prosa,
Qual coisa calamitosa
Que destróe telhas e tectos,
Não sei qual é mais terrivel,
Qual fará mais agonias
Se o temporal d'estes dias,
Se o temporal dos decretos!

Irra com tantos *ukases*,
Que nem ha tempo de os lêr,
Não póde a gente comer,
Dormir, falar, ir á missa,
Não acaba á tempestade,
E' uma chuva pegada.
-- Não me apanham mais na arcada,
Sem ter boias de cortiça!

Começa o Entrudo

Ao beindito São Vicente
 Faço aqui os meus respeitos
 Da sua imagem na frente,
 Bato constricto nos peitos,
 Com gesto de penitente

Vae por todo o Portugal
 Um barulho e tanto e tanto
 Que chega a ser infernal.
 —E' no dia d'este Santo
 Que começa o Carnaval.

Tempo de troças e bulhas,
 Tempo alegre e galhofeiro,
 Tempo de bobos e grulhas.
 —Em vinte e dois de janeiro,
 Já se pódem metter pulhas.

Já comprei basto tremoço,
 Tenho *cocotes* de areia,
 Arranjei um papo grosso,
 De arame uma centopeia,
 Vou fazer grande destroço.

Vou suar as estopinhas
 N'este entrudo que ha de vir,
 Rir, dançar com pastorinhas,
 A' tremoçada esgrimir
 Com visinhos e visinhas.

Vou d'aqui com brevidade,
 Satisfeito e tão contente
 Qual obeso e alegre abbade,
 Ver se, emfim, o São Vicente
 Foi ao baile da Trindade.

O parque

Voltam de novo a falar
 N'aquella cousa esquecida
 Que ha tempos andou no ar,
 Mais um parque na Avenida
 Diz que vão edificar.

Elaborou-se um projecto,
 Obra sabia, obra profunda
 P'ra se dar um novo aspecto
 A toda aquella rotunda,
 A começar no coreto.

Vão fazer jardins e caes,
 Cascatas, pontes e bosques,
 Retiros primaveraes,
 Cafés, theatros, kiosques
 De tabacos e jornaes.

Tem cascatas e regatos,
 Varias carreiras de tiro,
 Rochedos, lagos com patos,
 Que fica melhor retiro
 Que o *retiro dos Pacatos*.

Que deve ser menos mau
 Ir para o parque comer
 Peixe frito ou bacalhau,
 Mais freguezes deve ter
 Que a velha *Perna de Pau*.

Falta saber se o projecto
 Se acabará de fazer
 Depois de muito decreto,
 Quando estiver a morrer
 O filho de um meu bisneto.

Isso agarral-o!

Na policia, toda a gente,
Do guarda mais lambareiro
Ao mais fino, intelligente,
Anda em busca do banqueiro
Que fugiu ultimamente.

O Veiga, na Parreirinha,
Nem um momento descança.
Tudo remexe, esquadrinha,
Anda sempre n'uma dança,
Mais veloz que a ventoinha.

Não tem havido um cantinho
Onde o não tenham buscado,
E' tudo espiolhadinho,
Tudo visto e procurado
Com o maior cuidadinho.

A policia corre, vôa,
Anda de carro e de trem,
Interroga uma pessoa
E com certeza que tem
Visto já toda Lisboa.

Não encontram o banqueiro,
De o prender vão desistir,
Não achou que o Limoeiro
Fosse bom. Antes fugir,
Pôr-se a salvo no estrangeiro.

Se me tivessem ouvido,
Nenhum tempo se perdia
Em procurar o perdido.
— Com franqueza, eu já sabia
Que o homem tinha fugido!

A grande guarda

Tambem fui ao funeral,
Tambem fui, atraz, a pé,
Ao lado de um general,
Tambem vi *au grand complet*
A guarda mnnicipal.

Ia atraz da guarnição,
No seu *rana cataplana*,
O' que enorme batalhão!
A guarda pretoriana
E' mais que uma divisão!

Ficavam todos parados
Tres horas, vendo-a passar,
Em mil pelotões formados,
Não cessavam de marchar
Soldados e mais soldados.

Tomava toda a Avenida,
Quasi não coube em Lisboa,
Que aquella gente aguerrida
Tinha uma legua e bem boa,
Mas uma legua comprida.

Desde o maestro Gaspar
Até passar o major,
Ouvi tres horas soar,
Que grande estado maior
E que de gente a rufar!

Que se ha quaesquer alvorotos,
A guarda municipal
Deixa-nos mortos e rôtos,
Que é mais prejudicial
Que a praga dos gafanhotos!

Fez elle muito bem

Sobre o caso do banqueiro
Que para as terras de além
Fugiu com grosso dinheiro,
Acho que fez muito bem
E é talento verdadeiro.

De que serve uma pessoa
Ser honrada e não fugir,
Com credores pela prôa,
Ter que andar sempre a tenir
N'esta maldita Lisboa?

Vae assim bem governado,
Pode ter carros e amantes,
Ser por todos respeitado,
E' tão rico como d'antes,
E' qual outro potentado.

Sem a potencia das notas,
E' qual sem ouro uma mina,
Sempre nas mãos de agiotas,
Tem que ir ser moço d'esquina,
Ou passar a engraxar botas.

Quem trabalha honradamente
Ou passa fome de cão,
Ou morre pobre, indigente,
Porque um homem rouba um pão
Ha de gritar toda a gente?

Levou fortes cabedaes,
Permitta Deus que não morra
E os gose em brodios reaes,
Pois só lhe gabo a pachorra
De não ter levado mais!

Dia de Reis

Hoje, ao perú se põe termo,
Nunca mais se come brôa,
Hoje, festeja Lisboa
Dos Magos a regia grei,
Hoje terminam as festas,
Põe-se termo á consoada
Na cidade atafulhada
Em nacos de bolo rei.

O engraxador, de joelhos,
Não mais nos pede dinheiro,
Não mais nos massa o carteiro,
Não mais os temos á perna,
Ao jantar, ha mil guisados,
Varios vinhos, ovos molles,
Gallega gaita de folles
Ronca á noite na taberna.

Toda a gente, os sapateiros
Teem seus dias consagrados,
Teem seu dia os finados,
Fructos são de eternas leis,
Teem seu dia varios santos,
Teem seu dia os patriarchas,
Não ficam mal os monarchas,
I tambem ha dia de Reis.

Só n'isto encontro vantagem
Sobre a tal democracia
A' vetusta monarchia
Que ora rege varias gentes,
Que embora muito avançada,
Sendo um systema tão vario,
Não tem no seu kalendario
Um dia de Presidentes!

Theatradas

Corre no mundo o caso escandaloso
D'uma actriz que quer ir para um convento
Depois de ter gorado um casamento
Com certo endinheirado poderoso.

Conseguiu que um rapaz todo baboso
Não a possa tirar do pensamento
E, ou por amor, ou manha, ou fingimento,
A' força quer casar, ebria de goso.

Mas o pae, que dá mostras de atilado,
E que é homem anti-casamenteiro,
Foi quem fez que ficasse assim gorado.

Elle partiu p'ra a quinta de um parceiro,
Um tio, lavrador muito abastado,
E ella vae dar entrada n'um mosteiro.

*

Preferiu aos ensaios as matinas,
Prefere ao camarim a negra cella,
A vida da oração á bersundella,
Aos personagens mil as sãs doutrinas.

Em vez de guarda roupa, quer batinas,
Alvas, estollas a pintada tella,
Não mais do ensaiador seringadella,
Ribaltas, gambiarras, lamparinas.

Não quer viver n'aquelle amphitheatro,
Desde o proscenio ao ultimo urdimento
Onde anda ás vezes o diabo a quatro.

Arrependida quer, n'este momento,
Transformar o convento n'um theatro,
Transformar o theatro n'um convento.

*

Calculem que as actrizes portuguezas
 O proceder seguiam da collega
 É que todas vão ser, se a moda pega,
 Leigas, noviças, freiras, priorezas.

Rebanho de talento e de bellezas
 Que a santas orações todo se entrega,
 Na santa devoção tão viva e cega,
 Ante a cruz, a apagar luzes accesas.

Nunca se viu convento tão catita
 Com freiras tão formosas e tão bellas,
 Que a santa fé dos mais em fogo irrita.

O que se passaria em suas cellas?
 —Eu fazia-me logo jesuita
 P'ra ouvir de confissão a todas ellas!

O bacoco

Tem muita gente entupido
 Porque, em principios d'este anno,
 Caso ha pouco succedido,
 No paço o Zé Luciano
 Não tivesse apparecido.

O caso fez sensação,
 Foi falado nas arcadas,
 Houve grande discussão,
 Muitas palavras trocadas
 E diversa opinião.

Sobre o caso a discorrer,
 Com mais pachorra que um boi,
 Toda a gente quer saber
 Porque foi que elle não foi
 E deixou de apparecer.

Nos jornaes, de gazeteiros
 Grande chusma se juntou,
 Atrevidos, linguareiros,
 Porque é que o homem faltou
 A discutir, os bregeiros.

A coisa está intrincada,
 E' qual outro hierogliphos
 Ou coisa mais complicada,
 Ninguem mata o logogrifho,
 Ninguem decifra a charada.

E, n'esta terra, ha quem diga
 Que inveja a sorte a fulano
 Que é grande trumfo! Que espiga!
 --Não póde o Zé Luciano
 Ter uma dôr de barriga!

Anno novo

Adeus, ó anno passado,
Sê benvindo, ó anno novo,
A' vida agora lançado,
Por clero, nobreza e povo
Ha tanto tempo esperado.

Toca a trombeta da fama,
Canta um côro de meninos,
Arde o sol com nova chamma,
Preside aos nossos destinos
Uma creança de mama.

Ao tempo preside já,
Sem precisar conselheiro,
Um fedelho--ora não ha!
Que ainda veste cueiro,
Mal sabe dizer *papá!*

Um petiz da malagueta
Que inda não sabe o que faz,
Dá sopapo na gaveta,
Um badameco, um rapaz
Que ainda chucha na teta!

Inda não póde andar só,
Não dá sequer um passinho,
Coitado d'elle, faz dó,
Vou comprar-lhe um cavallinho,
Vou comprar-lhe um pão de ló.

Acho estas coisas incriveis,
Que os annos, por este andar,
São nocivos, são terriveis,
Já nos querem governar
Na massa dos impossiveis!

Noventa e cinco

Foi-se o tal *noventa e quatro*
Sem deixar uma saudade,
Qual peça sem novidade
Que não pega n'um theatro.
Subiu e desceu o panno
Sem quatro palmas contadas,
Deram doze badaladas,
Lá-se passou mais um anno!

Em principio de janeiro,
Nós entrámos com saude,
Tangendo o meu alaúde,
Vou sendo gazetilheiro.
Mais uma vez hoje brinco
N'esta minha versalhada,
Que começa á gargalhada
Este meu *noventa e cinco*.

Que não falte, Deus louvado,
Assumpto n'este anno novo,
Muito obrigado meu povo,
Meu povo muito obrigado,
Que, por bem d'este bestunto
Se isto vae n'esta belleza,
Quasi que tenho a certeza
Que hei de ter sobra de assumpto.

Que o Eterno em suas leis
Me acolha com certo afinco,
Cheguei ao *noventa e cinco*,
Que chegue no *noventa e seis!*
Corra tudo em céo de anil,
Vá tudo ás mil maravilhas
E que eu faça gazetilhas
Té ao anno de *tres mil!*

Carnaval

Já na rua os mascarados
Troçam de todos e tudo,
Chegou o tempo do Entrudo,
Mais veloz do que um onagro,
Os bailes impam de gente,
Brinca-se ás cegas, á bruta,
Saiu a dança da lucta,
Foi hontem domingo magro.

O meu chapéu tão lustroso,
Todo secio, envernizado,
Ficou já rombo d'um lado,
Deu mais tombos que uma pella
Sob as luvas com areia
E as fitinhas encarnadas
Que as meninas engraçadas
Lhe atiraram da janella.

Fervem as pulhas bregeiras,
Fervem na rua os dichotes,
Serpentinos e *cocottes*,
Pózes de gomma e tremoços,
A chuva de papellinhos
As nossas costas alaga,
Impera a grossa bisnaga,
Que nos molha até aos ossos.

Em breve, o domingo gordo
Chegará todo folia.
Em breve chega esse dia,
Em breve á porta nos bate.
N'esta semana, os domingos,
Um magro, um gordo, são dois
Um antes, outro depois
De tomar o chocolate!

Os «camareiros»

Toda a gente anda damnada
Contra os novos *camareros*,
Fazem-lhes troça, assuada,
Armam-lhes grossos berreiros,
Arranjam grande tourada.

A *Paca* teve um *cheliq*ue,
Ficou sem fala, coitado,
E exclamou, com arrebique:
—Para que estava eu guardado,
Para servir de debique!

A *Maria dos tamancos*
E o *Joaquim dos Camarões*
Choram com grossos arrancos
Vermelhos quaes pimentões,
Elles, coitados, tão brancos!

A *Gorda*, falando a custo,
Grossa lagrima a chorar,
Mostrando os hombros e o busto,
Tem-se farto de gritar:
—Ai credo, ó mana que susto!

Os papalvos, mais de mil,
Que os ha em todas as eras,
Pelo governo civil,
Foram ver as novas feras
Mettidas no seu covil.

E eu, já farto de quintilhas,
Que o assumpto é refilão,
Embora com graças ás pilhas,
Vou-me a comprar um sabão
P'ra lavar as gazetilhas!

Dominó!

Fui ao baile da Trindade
E um dominó encarnado,
Senhora de meia idade,
Fez-me andar todo intrigado,
Mangou commigo á vontade.

Tinha um corpinho líró,
Que me faz arder em chammas
E andar mordendo no pó.
— Prefiro jogar as *damas*
A jogar o *dominó*!

Era a dama reforçada,
Che a de espirito e leda,
Um pouco mal educada,
Custosa meia de seda,
Sapatos de meia entrada.

Tinha uns modos elegantes,
Era airosa e maneirinha,
Tinha uns gestos provocantes,
Na delicada mãosinha,
Anneis de vivos brilhantes.

Dominó do coração,
Que me dá tanto trabalho
A' minha imaginação,
Quero ir comprar um baralho,
Quero metter o *carrão*!

Vi-te as mãos e vi-te os pés,
Todo eu ardo em santo fogo,
Desde o leme ao gurupés...
— Juro aqui que *fecho o jogo*
Quando souber quem tu és!

O fim da festa

Acabou-se o Carnaval,
Voltou á mesma a cidade,
Terminou a bacchanal,
Não ha baile na Trindade,
Caminho do tribunal
Passa enorme sociedade,
Foi-se o chinfrim infernal,
Voltou á mesma a cidade!

Não mais pulhas nem dichotes,
Nem tremoços na Avenida,
Nem soccos, nem piparotes,
Nem a chalaça atrevida.

Não mais velhas com capotes
Pela turba remexida,
Nem bisnagas, nem *cocottes*,
Nem tremoços na Avenida.

Adeus ó tardes de orgia
Até ao anno que vem,
serpentinos, gritaria,
Rapazes dentro d'um trem,
Danças da lucta, ingrezia,
Redemoinho, vae-vem,
Adeus, ó semsaboria
Até ao Anno que vem!

Brrr !

De frio treme-me o queixo,
Tremo eu todo, treme tudo,
Ando mais frio que um seixo,
Dentro do meu sobretudo
As mãos de fóra não deixo.

Os copos de cambrinha
Já não me fazem calôr,
Tenho a cara mirradinha,
Eriçado me vou pôr
Qual corpo de uma gallinha.

Morrer de frio ainda espero,
Nem *cognac*, nem absintho
Me aqueceram como eu quero,
Tenho os pés que não os sinto,
Mil graus abaixo de zero.

Trago em cima do corpete
Dez casacos de abafar,
Um cobertor, um tapete,
Nada me póde encalmar,
Que todo eu sou um sorvete.

Que largue o fogo não tarda
Ao meu corpo, quero arder
Até gritar ao da guarda !
Vou já passar a comer
Tições com couve lombarda!

Sómente ao Senhor eu peço
Que me incline a ser bombeiro,
Que eu vou fazer um successo.
— Vou me deitar n'um brazeiro.
A ver se, ao menos, aqueço !

O meu programma

A mascara no rosto afivelando,
O doido Carnaval entra em Lisboa,
Anda nas ruas bisnagando á tôa,
Com tremoços e fitas atirando.

Sae a dança da lucta, sae o bando,
Ha cegadas na Alfama e Madragóa,
Sobre o triste chapéo d'uma pessoa
Fitas, luvas, vassouras vão pingando.

No baile da Trindade tudo valsa,
N'uma folia e pandega pegada...
-- Arreda que te espeto ! Diz o *salsa* !

Anda aos soccos a tudo a matulada,
N'uma alegria doida, imposta, falsa,
Tempo da porcaria e da gebada !

*

Vou alugar um trem e, na Avenida,
Andar á tremoçada ás hespanhoias,
Comprar uma colher e mil *quartolas*
Na calçada deixar sem pêllo e vida.

Uma femea arranjar muito atrevida
Que bata o fado e toque castanholas
P'ra fazer no Chiado cabriolas
Depois de entrar com força na bebida.

Entre as *cocottes*, girarei contente,
Mais leve que uma sopa de repolho,
Hei de intrigar por força toda a gente.

E descançar por fim, pôr-me de môlho
Quarta feira de cinzas, finalmente,
Sem fato, sem dinheiro e... sem um olho !

Semsaborias

Bisnaga rôta e fato esfarrapado,
O doido Carnaval passa offegante,
Leva quatro *cocottes* no turbante,
E no trazeiro um rabo pespegado.

Vae sujo, semi-nú, embriagado,
Uma figura, emfim, desopilante,
Negra de lama a seda roçagante
E o nariz da caraça amachucado.

Serpentinos, seringas e borrachas
Espremendo, atirando, passa o dia,
A rir, arreganhando as negras tachas.

A correr, a saltar, todo alegria,
Leva um sacco de lérias e larachas
E um letreiro que diz : *Semsaboria!*

*

Lá te vi, meu leitor, n'uma carroça,
O casaco do avesso e mal vestido,
A fazer insolencias de atrevido,
Exposto ao retalhar da minha troça.

Tive ganas de ir dar-te enorme coça,
De te deixar cortado e contundido,
Quando te vi de *salsa*, intromettido
Com sucia de taberna e malta grossa.

Vi-te á noute no baile, afogueado,
A dançar co'uma velha, exposto ao riso,
Vi-te, ao pagar da ceia, atrapalhado.

Demonstraste no caso pouco siso,
Foi bem feito, eu gostei, foi bem pregado,
Porque idade já tens de ter juizo !

*

E' bom que hoje, ámanhã, fiques dormindo
E não saias á rua em tal figura,
Em casa co'a familia, tens fartura
De casos mil e á farta te vaes rindo.

Bisnaga da metade o rosto lindo,
A' sogra faz enorme diabrura
E não venhas cá fóra, ó creatura,
Avalanches de mofa produzindo.

Eu cá fico na cama, é parte quente,
Não ha medo de ser atropelado,
Por ti, por todo o mundo e toda a gente.

Deixa-me o carnaval arrelampado,
Se anda tudo a chorar, ando eu contente,
Mas, se tudo anda alegre, ando eu zangado.

Ode ao das naus

Isto de ser ministro da marinha
E' coisa que é por muitos desejada,
Eu não sou, nem serei, que não vae nada,
Geito não tenho, nem terei, nem tinha.

Tenho p'ra tal encargo pouca linha,
Eu nunca frequentei a nossa arcada,
Não percebo negocios lá da armada
E sou, além de tudo, um patetinha.

Detesto o fardalhão; não vestiria
Um traço tão safado e peralvilho.
Detesto tudo o que é secretaria.

Antes morrer de gosma ou garrotinho!
Nem que me dessem dez mil réis por dia,
Depois do julgamento do Castilho!

*

Na verde mesa, a turba dos parceiros
Co'os olhos come a tão fatal roleta,
Este joga na branca, outro na preta,
Quem comem, afinal, são os banqueiros.

Chovem notas e fichas e dinheiros,
Uma libra, um tostão, uma *peseta*,
Quando um dos *pontos*, ao ficar sem *cheta*,
Sae furioso, em passos bem ligeiros.

Pois, depois do processo tão falado,
Caso sem nome e digno de registro,
Em todas as gazetas trasladado,

Depois de tal desastre e tal sinistro,
Aqui declaro já, mal comparado,
Que antes ser o tal *ponto* que o ministro!

Eu cá, se fosse o Neves, o Ferreira,
Partia já d'aqui, sem mais demora,
Preferia ir viver d'aqui p'ra fóra
Que assim ficar por cá, d'esta maneira.

Se fica, acho que faz tremenda asneira,
Deixe a pasta, homemsinho, e vá-se embora,
Retire-se á privada, porque, agora,
Se alguem o toma a sério, é chuchadeira.

Não queira ser ministro da corôa,
Um pateta que engendra gazetilhas
Lhe diz que o retirar-se é coisa boa.

Vá p'ra a Russia, p'ra o Cairo, p'ra as Antilhas,
Não pode ser ministro de Lisboa,
Só pode ser ministro... de Cacilhas!

Contra a lei

Art. 18.º—A sessão real da abertura será todost
os annos no dia 2 de janeiro.—*Carta Constitucional.*

Hontem metti-me n'um carro
Fui girar até São Bento,
Disse fumando um cigarro:
—Vaê abrir o parlamento;
Um homem não é de barro.

Sobre o largo pespegado,
Sem me importar com demoras,
Fiquei um grande bocado,
Deram na torre seis horas
E o parlamento fechado.

Nem viva alma na janella,
Pela fachada sombria,
Com um frio que enregella,
Matava a semsaboria
De arma ao hombro a sentinella.

Só, quando a lua velada
Entre nuvens surgir vi,
De estrellas acompanhada,
E' que então me convenci
Que a coisa fôra adiada.

Gente meuda sabeí,
Vêde, sem luz de lanterna,
Que de nada serve a lei
E agora quem nos governa
E' o governo do rei!

Por isso eu digo e repito,
Ao vêr a nação já farta
D'este processo inaudito,
Que é melhor em vez de *carta*
Ter antes um *sobrescripto*.

O santo carpinteiro

Tangem os sinos da Sé,
Ha festa no episcopado,
Anda Lisboa ao laré,
E' dia santificado
O dia de São José!

As lojas todas fecharam,
Férias teve a caxeirada,
Mil orações se resaram,
Houve gaudío e theatrada,
A' solta todos andaram.

O amanuense, influido
Por não soffrer o desconto,
Não ser, emfim, despedido,
Não foi assignar o ponto,
Andou em fôfas mettido.

As criadas, a suar,
Tiveram um dia em cheio,
Já sem poderem parar,
Que mais um prato de meio
Fizeram para o jantar.

Toda a cidade, vestida
Com fatinho domingueiro,
Toda secia e delambida,
A' tarde, no picadeiro,
Andou fazendo Avenida.

São José ficou afflicto,
Nunca tal lhe aconteceu,
Rasgou os livros do rito
E dizem que resolveu
Ir outra vez p'ra o Egypto.

Casos de arromba.

Dois casos de sensação
Trazem Lisboa pasmada :
Fechou a porta o Quintão,
Adeus noites de tachada,
Bucellas e carrascão !

Outra grande novidade
De prosa as folhas traz cheias :
Annunciam na Trindade
Que precisam femeas feias
E velhas em quantidade.

A' porta do taberneiro,
Já não se pôde passar,
Um inferno verdadeiro,
Decilitros a chorar,
Pipas fazendo berreiro.

No theatro, das escadas
Té aos confins do salão,
Ha empurrões, bofetadas,
Formam enorme cordão
As tortas e corcovadas.

Commandando taes meninas,
Dizem que vem no cartaz,
Em letras grossas e finas,
O Venancio, o Zé Rapaz
Vestidos de bailarinas.

Na fachada principal,
Vão pôr—não poupam os gastos,
Taboleta magistral:
«Antonio de Sousa Bastos
Com loja de cabedal.»

O congresso republicano

(Musica da Grã-Duqueza)

Alteza, que atroz situação,
 Que traição!
 Corrido, aqui venho a correr,
 A gemer!
 Que os bolas dos taes congressistas
 Deitaram as listas
 Sem eu perceber!
 Deixei de ganhar um *crachat*,
 A partida dos taes não foi má,
 Vejam lá!

Bis { E aqui vem,
 Por este processo,
 Um pimpão sem ter visto o congresso !

*

A' porta o Sarmento bateu,
 Mal que deu
 De cara com varios ratões
 Sabichões,
 E, ainda não tinham falado,
 Já tinha annullado
 Quarenta sessões !
 Só yi, não venci, mas cheguei,
 Que codilho que eu apanhei !

Bis { Que traição!
 E aqui vem,
 Por este processo,
 Um pimpão sem ter visto o congresso !

Uma bisca

Congresso republicano
Reuniu n'esta cidade
Contra o systema tyranno,
Contra a sua auctoridade
E o seu poder sobrehumano.

Certo jornal esbraveja
Por ser a cousa á calada,
Que tudo contem, deseja,
Não nos faltava mais nada,
Tem piada, salvo seja.

Em silencio muito brilha
O governo reunido
Em secreta camarilha,
Que eu já o tenho zurzido
N'esta minha gazetilha.

Ninguem lá vae perguntar
O que foi que se passou,
Nem ninguem nos vem contar
Se a discussão se azedou,
Se houve mosquitos no ar.

Saber o que a gente disse
Será muita novidade,
Dizer, contar é tolice,
Passa de curiosidade,
Chega a ser besbilhotice.

Ponha ao lado taes idéas,
De prosa de sensação
Já tem as columnas cheias
E é falta de educação
Mexer nas vidas alheias!

O seguro morreu de velho

Vou comprar uma armadura
Feita de bella ferragem,
Ferro ou aço, cousa dura,
Não me ponha a gatunagem
Em Lisboa á dependura.

Não venha a chusma atrevida
Que as lojas tem assaltado
Com tanta furia homicida
E que eu fique escavacado
P'ra os dias da minha vida.

Não quero que o meu focinho
Tão rubicundo e tão bello,
Com seu gentil bigodinho,
Sirva de pasto ao cutello,
Como manta de toucinho.

Qual se fôra uma maçã,
Não desejo ser aberto,
Vou andar em pés de lã,
Que a cidade é um deserto
A's tres horas da manhã.

Não quero que haja noticia,
Que eu tenho certo rebuço
Sobre questões de sevicia,
De que me faça algum Russo
O que elle fez ao policia.

Se ao guarda que em *zaragatas*
Deve ser lesto e expedito
De nada servem bravatas,
A mim comiam-me frito,
Ou guisado com batatas!

A academia

Vae chegar a estudiantada
A' pacifica Lisboa,
Temos brodio e vida airada,
Rijos pagodes á tôa
Pela fresca madrugada.

Chegam levas de trocistas
Morenos, negros e loiros,
Dão ferias aos tratadistas,
Tenham cautella os caloiros
Co'as pastas dos quintanistas.

Vão vêl-os n'essa cidade
De capa, batina e gorro,
Todos vida e mocidade,
Batina rôta e sem fôrro,
Capinha de antiga idade.

Tenham cautella as meninas,
Porque esse bando de rôtos
Traz rasgadas as batinas,
Mas são uns vivos marotos,
São brejeiros e traquinas.

Tenham os paes cuidadinho
Que as filhas... era uma vez,
Ficam alli p'lo beicinho,
Que fazem o que não fez
Mafoma ao branco toucinho.

Deus as guie, Deus as ajude
Contra esses *tunos* perversos,
Em casa as pegue com grude,
Porque, antes de fazer versos,
Tambem eu fiz o que pude!

Bohemios

Palpita a mocidade esperançosa
E mil vivas rebentam na cidade,
Lá vae a turbulenta mocidade,
A mocidade alegre e generosa.

São como as folhas de um botão de rosa
Que tivessem vigor e identidade,
De tudo ri a turba e tudo invade,
N'uma bohemia viva e descuidosa.

Eu quizera fazer mil gazetilhas
Cheias de *verve*, novas, palpitantes,
Ter versos de morrer e graça ás pilhas.

Vêl-os passar na rua, doidejantes,
E eu a fazer quintilhas e quintilhas
Sobre batinas negras de estudantes!

*

E' vel-os tirar sons de uma guitarra,
Sons maviosos, funebres do fado,
E cantar, mas n'um canto maguado,
Como o cantar soturno da cigarra.

Uns trahidos amores este narra,
Aquelle, enaltecendo o ente amado,
E fica a gente, ouvindo, transtornado,
E' qualquer coisa, emfim, que nos agarra!

Como eu adoro essas cabeças loiras
E esses morenos de olhos flammejantes,
Deuses do canelão e das tesoiras.

Eu quizera escrever por uns instantes
Versos rubros, mais rubros que cenoiras,
Sobre capas traçadas de estudantes!

*

Quem me dera viver na vida airada
D'essa turba senhora da sebenta,
N'essa orgia de amor, que a testa esquenta
N'essa pandega rija e despegada!

Como entrar nos Geraes, não saber nada,
Deve ser um prazer, como isso tenta,
Quando a conta das faltas já rebenta
E o pae, no fim do mez, tira a mezada!

Ir então pelos campos do Mondego
Fazer mil berzundellas com descantes,
Bacchanaes de arrazar e sem socego!

São da minha feição esses tratantes,
Quem me dera chegar onde eu não chego,
Que são filhos de Deus os estudantes!

A Amelia Vieira

A actriz Amelia Vieira
 Tem se visto atrapalhada,
 Já não tem uma cadeira,
 Nem camarotes, nem nada,
 Tem sido tal a inferneira,
 Que anda deveras cançada
 A actriz Amelia Vieira!

Dizem que faz beneficio
 Com a *reprise* da *Tosca*,
 Parece a casa um comicio,
 Não cabe lá uma mosca.
 O povo, em grande bulicio,
 Dá mais voltas que uma rosca,
 Dizem que faz beneficio!

Os beneficios da Amelia
 Mettem sempre *zaragata*,
 Quer faça a palida Ophelia,
 Quer faça a *Tosca* gaiata,
 São festas de contumelia,
 Que são sempre grande data
 Os beneficios da Amelia!

A João de Deus

Vá de rimas alegres e bregeiras
 E toca a dedilhar coisa mais fina,
 Que a guitarra da troça desafina,
 Parte as primas, segundas e toeiras.

Vá de dizer chalaças galhofeiras,
 Parta-se a lyra alegre n'uma esquina,
 Deixe a musa de ser tão viperina
 E vá de reinações e brincadeiras!

Que o Pegaso veloz que tudo espanta,
 Deixe de andar a chôto e com mysterio,
 Ponha-se hoje de lado a *Sulipanta*.

É pequeno, acanhado o planispherio,
 Cesse tudo o que a musa antiga canta,
 Que eu, quando quero ser, tambem sou serio!

*

Tambem eu quero, cá do meu cantinho,
Engrinaldar o vate da *Cartilha*,
Curva a espinha dorsal a *Gazetilha*,
E exclama termos taes devagarinho:

—Anda cá João de Deus, dá-me um beijinho,
Porque eu sou como tu, de Deus sou filha,
O meu corpo, ante o teu, se me arrodilha,
Põe um beijo dos teus no meu focinho !

Collega, n'esta vida dos sonetos,
Sou misero corneta e tu és cabo,
Mas vale um verso teu que mil tercettos.

Posso gabar-te a ti, que eu não me gabo,
Differem muito os brancos sobre os pretos,
Tu és João de Deus, eu do Diabo !

*

Quando em casa do rico ha goso e festa,
Vae ante elle prostrar-se o proletario,
Qual devoto que resa ante o sacrario,
Qual vestal adorando a deusa Vesta.

E' o que me acontece ao fazer d'esta,
Que eu vejo em ti um santo relicario,
Ao pé d'esse teu genio extraordinario,
Envergonha-se musa tão modesta.

Deita por sobre mim o olhar fadado
A contemplar o ignoto. Eu sou gorgulho
Que ando a pisar a terra acostumado.

Pisa-me agora aos pés, não tenho orgulho,
Serás por mim, ó vate, abençoado,
Que isto não é rimar... isto é entulho !

O Silveira e o Valle

Lisboa pacata
 Não come, nem bebe,
 Faz tal *zaragata*,
 Que o Veiga recebe
 Mil queixas por dia,
 Que ha tal vozeria,
 Conflictos, tumultos,
 Que, á pancadaria,
 Creanças, adultos
 Se encontram na rua;
 O sol mais a lua
 Não brilham no céu,
 Encontra-se gente
 Com cara de réo,
 Ha outra contente
 Nos largos a rir,
 A turba inclemente
 Só quer assistir,
 Qual n'outro comicio
 A' festa ideal,
 Que enorme bulicio!
 Do Ernesto do Valle,

Que faz beneficio
 No Principe Real,
 Gosar a *primeira*,
 A turba sentada
 Na sua cadeira,
 Da peça falada
 Do Eugenio Silveira,
 Que é nosso collega.
 A peça, se pega,
 Vae dar que falar,
 Já dizem na arcada
 Que ha coisas no ar.
 E' coisa afamada!
 Que, á chucha calada,
 Eu, mais satisfeito
 Que um leve foguete,
 Vou d'aqui direito
 Comprar um bilhete,
 Balcão ou cadeira
 P'ra a festa ideal
 Do Eugenio Silveira,
 Do Ernesto do Valle!

Ralham as comadres

O Burnay mais o Navarro
 São duas caras de fé,
 Mas os dois, qual mais galfarro,
 Andam hoje ao pontapé,
 Cá pilho, acolá te agarro,
 Fazem enorme *banzé*,
 Ch eira a ponta de cigarro,
 A navalha, a tirapé.
 São negocios. Elle é barrro!
 Porque outra cousa não é,
 Dizem coisas que eu não narro,
 Chamam-se nomes até:
 O' *seu* alma de chicharro,

Seu lobo, *sêu* jacaré!
 Cada artigo com que esbarro
 Faz-me tratos de polé,
 Qual será maior masmarro,
 Qual o mais *gajo* olaré!
 São copos com muito sarro,
 Vasilhas com muito pé,
 No pelourinho os amarro
 P'ra que os veja bem o Zé,
 Pois cá p'ra mim veem de carro,
 São duas caras de fé,
 O Burnay mais o Navarro,
 O Navarro e o Burnay!

Procissões

Uma nova epidemia
Em Lisboa agora grassa,
Pois que é muito raro o dia
Em que á tarde se não faça
Processional romaria.

Todos, com cara de enterro,
Dão ao sol os espinhaços,
Ha de gente um longo aterro
A vêr procissões dos Passos,
Graça, Belem e Desterro.

Passam muitas confrarias,
Pregam-se varios sermões,
Não param nas sacristias,
Todô o dia procissões,
Procissões todos os dias.

Um bulicio extraordinario,
Um ruido nunca visto
N'este burgo solitario,
Com mil imagens de Christo
Levando a cruz ao Calvario.

Vê-se grande multidão,
Filas de tropa a marchar,
Sete anjinhos, um pendão,
Não ha mais que perguntar,
E' dos Passos procissão.

Jesus já disse aos beatos,
Mais massado do que um figo,
Com tantos espalhafatos :
—Agora é que andam commigo
De Herodes para Pilatos !

Prenda de annos

Faz hoje annos, quinta-feira,
O senhor Princez da Beira.

Ao theatro o dom Princez
Vae pela primeira vez.

Anda alegre a magestade,
Não lhe cabe um feijão frade.

Nunca viu subir os pannos,
Vae hoje, que hoje faz annos.

Vae hoje deitar as vistas
A's comparsas e coristas.

Ver as damas com decote
Sentadas no camarote.

Ver os typos de casaca,
Se a casa está boa ou fraca.

Ver as scenas de mil côres,
Bambolinas, bastidores.

Bastidores, bambolinas
E pernas de bailarinas.

Tambem eu vou d'esta vez
Ver a cara do Princez.

Ver se as caretas reaes
São differentes das mais.

Faz um barulho por quatro
E quer ir sempre ao theatro.

Que o comer e o coçar
Está no principiar.

O rei do Congo

Dom Alvaro Agua Rosada,
Rei do Congo e de além-mar,
Tinha a bexiga estragada,
Veiu cá para se curar
E foi o mesmo que nada.

Tanto a escura magestade
Como a regia comitiva,
Andaram pela cidade
Em constante roda viva,
Divertiram-se á vontade.

Na terra da pretalhada,
Ao contarem a viagem,
Vão vêr a turba assombrada,
O povo ignaro e selvagem
De guela escancarada.

D'este nosso Portugal
Dizem cobras e lagartos,
Que é um paiz ideal
É como ficaram fartos
No Restaurant Liberal.

O rei, n'um canto a contar,
Deitado como uma lesma,
Dirá coisas de pascar:
—A bexiga está na mesma,
Mas fartei-me de gosar!

Pretos, sahindo á formiga,
Do mais nobre ao mais mondongo,
Levam as mãos á barriga.
—Vão vêr os pretos do Congo
Todos com dôr de bexiga!

A peça do Silveira

Nas ruas da capital,
Mais subtil que o lycopodio,
Passa uma turba infernal
A gritar: *Herança de Odio*,
Hoje, Principe Real!

E' que o Eugenio Silveira,
Collega cá da gazeta,
Faz hoje a festa primeira
E reune alli, á preta,
Em peso Lisboa inteira.

Um banqueiro que eu conheço,
De todos o principal,
Um perdulario confesso
Já hontem uma geral
Pagava por todo o preço.

Desde Alfama aos Terramotos,
Carros puxados a quatro
Trazem de sitios ignotos
Gente que vae ao theatro,
D'esses bairros mais remotos!

A turba é tanta e tamanha,
Que de tal não dou noticia
Por França, Italia, Allemanha,
Até a propria noticia
Se vê em palpos d'aranha!

Vê o Silveira um calor
Lá no Principe Real,
Já fretou o elevador
P'ra trazer cá p'ra o jornal
Os seus direitos de auctor.

Nova reforma

A reforma eleitoral
 Já hontem foi publicada
 No *Diario* official,
 Já foram feitas em nada
 As côrtes de Portugal.

Os pobres dos deputados
 Que inda esperavam sessão
 Ficaram aparvalhados,
 Da tal representação
 Corridos, escorraçados.

O *Diario* traz a norma
 Das futuras eleições,
 Ensina o processo, a fórmula
 De eleger os *cidadões*,
 E' uma nova reforma.

Fala do recenseamento,
 Das mesas eleitoraes,
 Do futuro parlamento,
 São as dez tabuas geraes
 Do palacio de S. Bento.

Tem mil e varios quindins,
 Leva muito tempo a ler,
 Tem certos e varios fins,
 Já se podem entreter
 Uns dias os galopins.

Mas dizem os diplomatas
 Que só falta á lei, p'ra dar
 Notas perfectas, exactas,
 Qual a fórmula de guisar
 O carneiro com batatas.

Tudo podre!

Rescendem os jornaes a mil miserias,
 Entulhos revolvendo e porcarias,
 Em *chantages* falando e velharias,
 Em mil diversas asquerosas lérias.

Parecem a falar outras Imperias
 Como as que a gente vê todos os dias
 Nas immundas vielas. Quaes harpias
 Babujando honradez e coisas sérias.

N'este tempo de festas, centenarios
 Ao santo popular dos mil milagres,
 Dá nojo casos vêr extraordinarios.

Que o paiz, norte a sul, do Minho a Sagres,
 Parece um lupanar de salafrarios,
 Qual outra enorme rua dos Vinagres!

*

Quem com olhos de ver mira e remira
A podridão que vae por toda a parte,
Não tarda muito tempo que se farte
D'este entulho moral de sola e vira.

Eu cá vou dedilhando em minha lyra,
Com prosapias de ter engenho e arte,
Mas fogem os parceiros ao encarte,
Que a satyra não é coisa que os fira.

Isto só vae á força de vasculho,
Já não péga a virtude da agua benta,
Que não póde matar tanto gorgulho.

Ou a chaga se cura e se rebenta,
Ou no Tejo se lava tanto entulho
Como quem desinfecta uma sargenta!

*

Isto de andar um homem direitinho,
Ganhando a sua vida honradamente,
Já não agrada, emfim, a toda a gente
Que viva da desgraça do povinho.

Eu vivo como sei, no meu cantinho,
Sem um vintem de meu, mas tão contente
Que me confesso um ser omnipotente,
Modesto, pobre sim, mas honradinho.

Mas fosse eu um perdido ou um diabo
E com mais rônha em mim do que cabelo
E veriam vocês se ia ás do cabo!

Faria andar o mundo n'um novello
E comia a fartar, como um nababo,
Em vez de iscas comer, no Cotovello!

Fado do centenário

Santo Antonio de Lisboa
 Vae ter o seu centenário,
 Correm velhas, raparigas
 A beijar-lhe o escapulario.

Vão fazer festa falada
 Ao santo casamenteiro,
 Ao santinho milagreiro
 Protector da namorada,
 Vae ser festa celebrada
 De Belem á Madragôa,
 A voz da fama apregôa
 Mil cousas que anda no ar,
 Só se pensa em celebrar,
 Santo Antonio de Lisboa.

O santo, todo contente
 Com honra e festa tamanha,
 Dá pulos sobre a peanha,
 Bate o fado santamente,
 Diz cousas a toda a gente,
 Mandou chamar o Macario,
 Já lhe disse Santo Hilario,
 Aos pontapés ao demonio :
 —Com que então, *sei* Santo Antonio
 Vae ter o seu centenário...

O pobre do sacristão
 Tem se visto em calças pardas,
 Poz ao santo quatro guardas
 P'ra no santo terem mão,
 Santo Antonio folião
 Canta vermelhas cantigas,
 Ai amor, a quanto obrigas,
 Amor, obrigas a tanto,
 Que, junto ao altar do santo,
 Correm velhas, raparigas.

A minha avó, que os setenta
 Já passou ha dez janeiros,
 Projectos casamenteiros
 Inda, coitada, alimenta,
 Se não se casa, rebenta,
 Seja pobre ou milionario,
 N'esse constante fadario,
 Hontem a vi n'um cantinho
 Toda agarrada ao santinho,
 A beijar-lhe o escapulario.

O crime do pau

Quasi, quasi por um triz
E não sei como escapou,
Foi um acaso feliz,
Que, por sorte, não ficou
Desgraçado este paiz.

Um grande pau de bandeira,
Anarchista com certeza
E quasi um pau de fileira,
Foi cair, mas de surpresa,
Sobre a real mioleira.

Na praça, treme o *Guerrita*,
Toda a gente se ataranta,
Todo o mundo berra e grita,
Grande clamor se levanta
E até mesmo o Costa apita.

Mas o pau dá um pinote,
Tudo foge com receio,
Não foi desastre de lote,
Porque o pau caiu em cheio
Nas bordas do camarote.

O pau, commettido o crime,
Cujo movel lhes não cito
Mas de que nada o redime,
Confessou o seu delicto,
Todo a tremer como um vime.

Não houve desastre algum,
O paiz ficou illeso
Sem ferimento nenhum...
— Ouvi que o pau fôra preso
P'lo trezentos vinte e um.

As hortas

Segunda dos sapateiros,
Enchente á cunha nas hortas,
Imensos bresundeleiros,
Reinatas fóra de portas,
A' sombra dos castanheiros.

Buliçosa guitarrada
Entre as cearas do milho,
Enorme decilitrada,
Farto jogo de chinquillo
Com peixe frito e sallada.

A' noite, brodio na feira,
Sardinhas e mexilhão,
Dois dedos de cavaqueira,
Um café no *Refilão*,
Queijadas na queijadeira.

Ir de manhã muito cedo
Até ás hortas flanar
N'um innocente folguedo,
Beber bem e petiscar
Sob o frondoso arvored.

Ver na feira os bonifrates
Pelo regresso das hortas,
Dar á festa os seus remates
A's tantas, por horas mortas,
No caminho dos penates.

E convença-se o leitor
Que esta vidinha deleita,
Não ha pandega melhor
E é, sobretudo, recêita
Contra o maldito calor!

A escaldar!

Hoje é que não póde ser
Eu fazer coisa de geito,
Ando a suar a escorrer,
Ando delido e desfeito,
Tenho os miolos a arder.

Tenho inveja dos cavallo,
Dos cães, do boi, do jumento,
Das rãs, dos gatos, dos galgos,
Todo eu me mato e rebento
Por não poder imital-os.

Quizera, fóra da cama,
Sem das roupas o *frou-frou*
Ter no corpo, que se inflamma,
Andar vestido de nú,
Qual como anda o Gungunhama.

Irra que uma creatura
Sente os tutanos dispersos
De calor com tal agrura,
Não se podem fazer versos
Com esta temperatura.

Toda esbofada em calor
Se esbodéga a gazetilha,
Encruada e semsaber,
Parece cada quintilha
Uma caldeira a vapor.

Antes que isto se desfaça,
Vou banhar-me totalmente,
Que este tempo está sem graça
Quente, quente, quente, quente,
Como a questão do Nyassa!

Novos fardamentos

De capacete ideal
E farpella carmezim,
N'um ginete sem igual,
Vae cavalgando um clarim
Da guarda municipal.

O seu pennacho encarnado
Mais vivo que um rabanete,
Qual de outro porta-machado,
Dá saltos sobre o ginete
De carmezim debruado.

Os vivos do fardamento
Mais brancos que a branca neve,
Vão pulando ao som do vento
Sobre o cavallo, mais leve
Que o mais ligeiro jumento.

N'uma carreira sem fim,
Na calçada pula o pôtro,
Lá surge mais um clarim,
E outro, e outro, e outro, e outro
Vão passando ao pé de mim.

Que luzida cavalgada,
Carmezim, vermelho e rôxo,
Fralda cinzenta, encarnada,
Lindos olhos tem o môcho,
Que bonita mascarada.

Garotos como bezoiros
Vão zunindo junto a mim
E um diz, com grandes estoiros,
Ao ver correr um clarim:
--Lá vae o bando dos toiros!

Fado da guarda

Lindos olhos tem o môcho
 Mais lindos tem o Queiroz,
 Quando vae no seu cavallo,
 Poz, catrapoz, catrapoz!

Cheira a mortos na Avenida,
 O medo os pellos arranca
 E os *guitas*, de luva branca,
 Vão marchando de corrida,
 A *mancipal* aguerrida,
 Os clarins de branco e rôxo,
 E' batalhão todo côxo,
 De enfeitiçar as sopeiras,
 O' que lindas charlateiras,
Lindos olhos tem o môcho.

Os metaes luzem vistosos
 Nos arreios dos ginetes,
 O' que lindos capacetes,
 Que pennachos tão formosos,
 Soldados belligerosos
 Do general vão em poz,
 Vão marchando á sua voz,
 Que lindeza de selins,
 Lindos vivos nos clarins,
Mais lindos tem o Queiroz.

Move a batuta o Gaspar,
 Tocam flautins e tambores,
 Que lindas, vistosas côres,
 O' que garbo militar,
 Lá se queimou o jantar,
 Deixou a *sopa* queimal-o,
 E' mocetona de estalo,
 Moça flammante e catita,
 O' que lindo que é um *guita*,
Quando vae no seu cavallo.

E' pena que o *peixe-espada*
 Faça doer as costellas
 E obrigue a dar ás canellas,
 Aos tombos pela calçada,
 Que a tropa desarvorada
 Se carrega sobre nós,
 E' mais lesta e mais veloz
 Que o mais ligeiro rocim.
 Toca a dar ao canellim
Poz, catrapoz, catrapoz!

Torradinhas com manteiga,
 Por cima quatro do rôxo,
 Notem bem os que me escutam:
 —*Lindos olhos tem o môcho!*

Piú!

Quem ha de ouvir o Queiroz
 Hoje, impado e marcial,
 No cavallo catrapoz!
 Mandando a municipal
 Com grande e solemne voz!

Quem ha de ver a sopeira
 A queimar o refugado
 P'ra ver o dez da terceira,
 Falar ao seu namorado,
 Todo alegre e *frigideira*.

Quem ha de ver a Avenida
 Cheia de gente da guarda,
 Belligerosa, aguerrida,
 Qual se fôra uma bernarda
 Qual se fôra uma mexida!

Quem ha de ver, em camada,
 Pelas ruas o povinho,
 A correr á desfilada,
 N'um enorme borborinho,
 Com medo do *peixe-espada*!

Quem ha de ouvir a corneta
 Pela Avenida a tocar,
 Tudo de nova fardeta,
 Tropa sem nunca acabar,
 Como a cauda de um cometa!

Quem ha de rir, mas n'um frouxo
 De fazer perder a vida,
 De deixar o labio rôxo,
 Quando as ouvir na Avenida:
 --*Lindos olhos tem o môcho!*

Adeus, ó tuna!

Já se vão por hi fóra os estudantes,
 Levados em carreira vaporosa
 Retira a mocidade estudiosa,
 Ficamos nós sósinhos como d'antes.

Adeus capas, batinas e descantes,
 Adeus ó turba alegre e ruidosa,
 Cá fico eu agarrado á triste glosa,
 Sem mais vos ver passar, enebriantes!

Saudades ás tricanas e ás vareiras,
 Guerra de morte ao lente escamurrado,
 Bastas orgias, brodios, petisqueiras!

Que acaba tudo em bem, tudo approvedo,
 Pouco trabalho, estudos e canceiras
 E muitos, muitos dias de feriado!

*

Eu vi hontem na rua as raparigas
A chorar, compungidas, desoladas,
Olheirentas, afflictas, embeaçadas,
Ao comboio infernal fazendo figas.

—Porque choras Maria? Acaso intrigas
São causas d'essas lagrimas maguadas?
—Nãs senhor foi um *tuno*, um tal Barradas,
Que o coração me poz desteito em migas!

—Não chores, que esse amor era fingido,
Não póde crer em tal uma menina,
Faltam sempre ao que houverem promettido!

—E' que o *tuno*, senhor, era obra fina,
Levou-me o coração adormecido,
Deixou-me de penhor uma batina!

*

A loira Magdalena, uma pequena
A quem eu dediquei meu puro affecto,
Correu-me hontem de si qual ente abjecto,
E promoveu-me em casa enorme scena.

Guardava no corpete uma melena
De um quintanista grave e mui correcto,
De seu amor é esse agora o objecto
E eu tenho de arranjar uma morena!

O coração das damas de Lisboa
Na lusa Athenas jaz, andou nas pernas,
Qual se diz em calão, que é lingua boa.

Adeus morenas doces, loiras ternas,
Que fica reduzida uma pessoa
Ao coração de vacca das tabernas!

O Bitoque

Ora graças a Deus que a maldita
Da chuvinha mordaz, inclemente
Nunca mais com furor nos irrita,
Encharcando as farpellas da gente.

Ora graças que a lama na' rua
Não nos corta o calçado sebento,
Já se póde gosar sol e lua,
Sem trovões, sem aguadas, sem vento.

Já se póde, no campo á tardinha,
Posto ao sol como fazem os gatos,
Comer coisas, gosar á fresquinha
O *Bitoque* do *Zé dos Pacatos*.

Beber vinho debaixo da parra,
Comer peixe, sallada e canôas
E ir ouvindo, tocando guitarra,
O céguinho cantando-nos lôas.

Já se póde jogar o chinquillo,
Ver os homens regando nas hortas,
E, á vontade, de fato casquillo,
Ir a *butes* té fóra de portas.

Folga a gente, que a vida é tão boa,
Que esta vida depressa se passa,
E' melhor que viver em Lisboa
Onde abundam questões do Nyassa.

Frégem peixes, temperam salladas,
Fazem môlhos no bom carapau,
Que é melhor do que andar nas arcadas
Ser frécheiro da *Perna de Pau*.

Que o leitor as campinas invoque
E vá n'ellas gosar maravilha,
Dá mais goso uma tarde o *Bitoque*
Que aturar um minuto o *Fervilha* !

Um mantenedor

O trezentos vinte e um
 Não tem emenda possivel
 Bebe muito vinho ou *rhum*,
 E' um homem irascivel.
 Proprio mais de pim, pam, pum !

Hontem fez uma bernarda
 De que o jornal dá noticia,
 Viu-se de espada e de farda
 E chamou toda a policia
 Mais os soldados da guarda.

Se o deixassem apitar
 Como elle tinha vontade,
 Ninguem podia parar,
 Que amotinava a cidade
 Desde Alfama a Ribamar.

Bebeu lhe demais uns goles,
 Entrou pela *cambrainha*
 E deu-lhe para dar aos folles,
 Transformou a Parreirinha
 No hospital de Rilhafolles.

E' um guarda arrebatado
 O fero mantenedor,
 E' um policia damnado,
 Todo elle é sanha e furor,
 Porque anda sempre zangado.

Hei de vêl-o, e não pareça
 Que isto seja troça em mim,
 E' bem que tal aconteça,
 N'uma jaula do Jardim
 A tres vintens por cabeça!

As festas do thaumaturgo

Mil e tantas procissões,
 Oitenta festas de igreja,
 Mil e quinhentos sermões
 Se vão fazer, salvo seja,
 P'ra quem gosta de orações.

Que as festas do centenario
 Trazem d'isto grossa lista,
 Lá se escangalha o sacrario,
 Morre a suar o sacrista,
 Lá se derrete o Calvario!

Ambrosia Mendes Barata,
 Frecheira em São Nicolau,
 Velha devota e beata,
 Fica como um bacalhau
 Se a ver a festa desata.

Diz que dos portos visinhos
 Vae partir um galeão
 Com rosarios e bentinhos,
 Conduzindo no porão
 Carregamento de anjinhos.

Os padres sim que, mascando
 Tanta somma de latim,
 Fartos dinheiros ganhando,
 Hão de gostar do festim
 Que lhes estão preparando.

Um ouvi, que é levadinho,
 Levadinho do demonio,
 Que hontem disse em tom baixinho :
 —Co'as festas do Santo Antonio,
 Chegou omeu São Martinho!

Coplas do principe Cornelio Gil

FALA O 321

I

Em certa escada os estudantes
 Guitarra tocam, bândolim,
 Soltam cantigas e descantes
 Que me impressionam muito a mim,
 Eis fecho a porta e de um apito
 Tiro do bolso e, sem parar,
 Eu berro, eu corro, eu mordo eu grito,
 Fico tres horas a apitar,
 Logo se move em crua guerra
 A escada, o Carmo e o paiz...

(Altivo)

Veja, major, o que se diz
 De mim nas gazetas da terra!

O SARMENTO

E' talvez certo o que se diz
 De si nas gazetas da terra!

*(Passa á direita, rindo)*O 321 *(falando)*

Não termina ainda... Oiça o resto.

(Lendo)

II

Mas os jornaes cá da cidade
 Chamam-me bruto e coisas taes,
 Que me confundem, na verdade,
 Com repugnantes animaes,
 Chamam-me tolo e descarado
 E coisas mais que eu não sei ler,
 Que sou pateta e malcreado
 E o mais que, emfim, querem dizer,
 E ando eu agora ahi na berra
 Pela cidade e no paiz!...
 Veja, major, o que se diz
 De mim nas gazetas da terra!...

O SARMENTO

E' talvez certo o que se diz
 De si nas gazetas da terra!

(Ri ás gargalhadas).

A batalha das flôres

Tanta corda entretecida,
Tanto palanque se fez,
Tanta madeira mettida,
Parece um bilhar chinez
O demonio da Avenida.

Quem atravessal-a queira
A pé, de carro ou de trem,
De vagar ou á carreira,
Não póde fazel-os em
Ir de ventas á torneira.

Que ha tanto arame espetado,
Tanto pau e tanto prego,
Tanto barrote enterrado,
Que eu veio bem, não sou cego,
Mas fiquei estatelado.

Li ha pouco n'um jornal
Que da coisa dá noticia,
Que p'ra a batalha floral
Vae tambem toda a policia
E a guarda municipal.

Supponham que na batalha
Se dá um qualquer chinfrim,
Toda a gente se embaralha,
Que ás-vezes faz-se motim
Por dá cá aquella palha.

Com tal somma de madeira,
Não se escapa uma pessoa,
E' presa queira ou não queira,
Que fica toda Lisboa
Dentro de tal ratoeiral

A festa do trabalho

Chega o Maio, o mez das flôres,
Da primavera ridente,
O mez dos grandes calores,
Em que, a suar, anda a gente
Com fatos de niveas côres.

Hoje, de Maio o primeiro,
Faz se a festa do trabalho,
Folga e gosa o mundo inteiro,
Férias da serra e do malho,
Do fundidor, do pedreiro.

A forja fica apagada,
O martello tem descanso,
Fica a lima enferrujada,
Cheira á socego e ripanso
Pela officina fechada.

Na cama o trabalhador
Passa a manhã resonando,
Veste o fatinho melhor
E em procissão vae marchando,
E' hoje o rei e senhor.

Mais alegre brilha o céu
E a natureza, horas mortas,
Leve o demonio o bailéo,
E' a vinhaça nas hortas
De se tirar o chapéo!

A serra que a leve um raio
E as officinas sombrias,
Venha chouriço com paiol
—Ah! que se todos os dias
Fossem primeiros de Maio!..

Um viva

Na chegada do ministro,
 --Não digam nada a ninguém--
 Eu dei um viva sinistro
 A' tal coisa do vintem.
 Fiquei surpreso, abysmado,
 Fiz na *gare* sensação,
 Berrei com todo o pulmão
 E não fui catrafilado!

Ou tinha a fera policia
 O tympano a concertar,
 Ella que nunca repouisa
 Quando ouve um grito atrevido,
 Ou já não é prohibido
 Dar vivas até fartar

A' tal coisa!

Os tres oitos

Põe de parte o prumo e a trolha
 A grande massa operaria
 Com a força extraordinaria
 Com que rebenta uma bolha,
 Qual do vidro salta a rolha
 Quando o Champagne fermenta,
 A massa toda rebenta
 De furor e entusiasmo,
 Fazendo o terror e o pasmuso
 Da burguezia sedenta.

Vae na cidade um bulicio
 Mais em todo o planispherio,
 Discursos no cemiterio,
 Affirmações no comicio,
 Abandona o seu officio
 O explorado proletario,
 Vae, cumprindo o seu fadario,
 Das idéas na vanguarda,
 E' dia santo de guarda
 No grande mundo operario

Vão marchando as lavadeiras
 Ao lado dos fabricantes,
 Vão caminhando os brochantes
 Ao lado das costureiras.
 A idéa não tem barreiras,

A patria não tem limites,
 Burguez, por mais que te irrites
 Tens que ouvir as ladainhas,
 Vão-te fazendo escovinhas,
 Como o *Minuto* nos *quites*.

Calculem que de verdades
 Hontem os párias disseram,
 O que elles hontem fizeram
 Por todas essas cidades.
 Vingança de iniquidades
 Tomaram da escravidão,
 Vomitam como um vulcão,
 Abalam a redondeza,
 Só perderam com franqueza
 As que caíram no chão.

Calculem como Inaudi,
 Pintem com mão de pintor,
 Retratem com viva côr
 O que no estrado eu ouvi,
 As notas que recebi,
 As caretas dos *mirones*,
 Digam pelos telephones
 A figura verdadeira
 Do commissario Teixeira
 Ouvindo o Guedes Quinhones!

O Faz tudo

O *Faz tudo* que no circo
 Faz as delicias do Zé,
 Fez ha dias um banzé
 N'uma viela afamada
 E, levado ante as justiças
 D'este afamado paiz,
 Declarou ante o juiz
 Que não tinha *feito nada*.

Apezar da negativa,
 Foi o pobre condemnado,
 De uns cobres desembolsado,
 Prisão a multa remida.
 Fez o *Faz tudo* berrata
 E exclamou fero e trombudo:
 —Apezar de ser *Faz tudo*,
 Fizeram-me esta partida.

Dizia o *Faz* que não fez,
 Que fez disseram do *Faz*,
 Coitado, pobre rapaz,
 Pobre rapaz, coitadinho!
 Tanto faz fez lhe disseram,
 Tanto fez fez embirraram,
 Que o *Faz tudo* transformaram
 Em *Compadre Chegadinho!*

A patifa da primavera

O douto Saragoçano,
 P'ra quem na celeste esfera
 Não ha mysterio ou arcano,
 Não nos diz se a primavera
 Nos visita ainda este anno.

Que eu vejo constantemente
 Chuva e lama, vento e frio,
 Parte-se o céu de repente
 E as nuvens n'um corropio,
 Engalfinham-se na gente.

O sol anda com vontade
 De fazer uma sortida,
 Não o deixa a tempestade,
 Que a chuva vem de batida
 Com toda a velocidade.

O temporal é eterno
 Mais as chuvas e os trovões,
 Já não ha céu, ha inferno,
 Fazem gréve as estações
 Contra o maroto do inverno.

Tenho ouvido annunciar
 Uma batalha de flôres
 Que se vae realizar,
 Quero ver, com taes horrores,
 Onde é que os irão buscar!

Fugiu de todo o calor
 Por esta quadra invernosa,
 E eu tenho de ir, quando fôr,
 Passar a estação calmosa
 N'uma caldeira a vapôr!

Despedida

Collega Neves Andrade,
Que é cá da corporação,
Bom amigo na verdade
E que, atraz da expedição,
Já partiu d'esta cidade,

O sujeito encarregado
De fazer estes versinhos
Dá-lhe um abraço apertado
E manda lhe tres beijinhos
Em metro de pé quebrado.

Oxalá que dos sertões
Venha forte, gordo, obeso,
Sem febres nem comichões
E muitissimo mais teso
Que um pinheiro com pinhões.

Durma sempre em fôfa cama,
Mande noticias de truz,
Ganhe nome, sebo e fama
E com balas de arcabuz
Tire um olho ao Gungunhama.

Ande nas aguas do mar
Como eu ando na Avenida,
Faça por não trabalhar,
Coma excellente comida
E beba até se fartar.

Mais um aperto de mão
Lhe mando em papel de officios
Com toda a veneração
E saudades aos patricios
Da preta do mexilhão!

Não sae!

Já não sae Francisco Veiga
Da policia,
Que a noticia
Foi balela propalada,
Arranjada,

Preparada,
Simulada,
Foi um bom carapetão,
Já não vae Francisco Veiga
P'ra o Fundão.

Torradinhas com manteiga,
Por cima café limão!

Já não sae Veiga Francisco
Do logar,
Tem alli o seu aprisco,
Ninguem lh'o póde tirar,
Que o juiz,
No paiz,

E' um grande figurão,
Já não sae da Parreirinha
P'ra o Fundão,
Eu logo vi que não tinha
Fundação
A balela

De sahir o Chico Veiga,
Torradinhas com manteiga,
Por cima café canella!

Para o Fundão

Mais choroso que um chorão,
Dou ao leitor a noticia,
Noticia de sensação,
De que o Veiga da policia
Vae em juiz p'ra o Fundão.

Manteiga com torradinhas,
Torradinhas com manteiga,
Cante o faduncho o *Calcinhas*,
Nunca mais temos o Veiga
A mandar nas Parreirinhas.

O Fundão vae a vapor
No caminho das cidades,
Terra de grande valor,
Tem duas auctoridades,
O juiz e o lavrador.

O Ferreira, o Sacarrão,
O Lourenço e o Aguiar
E toda a corporação
Tem-se farto de chorar,
Que o juiz vae p'ra o Fundão.

O pobre Moraes Sarmiento
Todo se mata e se esfola,
Sonhando a todo o momento
Com policias de pistola,
E desusado armamento.

Acho razões mais de mil
Para esta crise tremenda,
Que o Veiga é homem subtil
E foi feito de encommenda
Para o governo civil!

No alto mar

O vapor *Peninsular*,
Quasi, quasi naufragado,
Viu-se em pancas no alto mar,
Parecia a nau do estado,
Quasi que esteve a garrar.

Era medonho o fracasso,
Nem um soccorro de terra,
Um temeroso embaraço,
Nem um só vaso de guerra
Que podesse dar um passo.

Já toda a tripulação
Deitava fóra a farpella,
Olhando desde o porão
Se apparecia a *Palmella*,
Ou se se via o *Pimpão*.

Tudo, farto de esperar,
A negra sorte maldiz,
Entrando tudo a pensar
Que os navios do paiz
Não são de pôr e tirar.

Os vasos modernamente,
Seja qual fôr o seu risco,
Só no Tejo fazem frente,
Agarrados ao marisco,
Lá ficam eternamente.

Era melhor pôr a nado
No nosso Tejo tão rico
De mexilhão agarrado
Uns vasos de mangerico
Com seu crayinho encarnado!

Annos da Carta

Faz hoje sessenta e nove
Annos que foi outorgada
A Real Carta Adorada,
D'este Olympo egregio Jove,
Ella que em tudo governa,
Com seu cutello e baraço,
Desde o solar e do paço
Até á pobre taberna.

Eu tenho lido a cartilha,
Mas nunca li a tal Carta,
Mas oiço dizer á farta
Que é perfeita maravilha,
D'ella já ninguém se importa,
E não ha ninguém que a leia,
Pois dizem á bocca cheia
Que o que diz é lettra morta.

E' carta sem sobrescripto
Por que se rege o paiz,
Mas ninguém sabe o que diz,
Já não é carta é um mytho,
Que esta nação portugueza
De tanto brilho e esplendor
Liga-lhe menos valor
Que ás cartas da *Grã-Duqueza*.

O' Carta que já não és,
Carta que foste adorada,
O' Carta que estás virada
Da cabeça para os pés,
Já não és da monarchia
O desejado conchego,
E's qual carta de um gallego
Com erros de orthographia!

Hoje ha festa na cidade,
Ha luminarias nas ruas,
Salvam no Iejo as falúas,
Dá jantar a magestade,
Vestem de galas as tropas,
Ha ferias, não ha trabalho,
Mas tu, Carta, no baralho,
Não passas de um az de copas!

O caso das Trinas

Em audiencia secreta
Nos jornaes annunciada,
Va ser em breve julgada
A casta soror Collecta.

Dizem as folhas á gente,
A quem lêr, bem entendido,
Que a condemnam certamente
Na prisão... que tem soffrido

Ser Collecta condemnada
Na prisão que já soffrera
Faz-me lembrar a pescada
Que, antes de ser, já o era!

O papão

Corre pela cidade uma noticia,
Que tem feito pasmear a mais de um cento:
—O commandante mór Moraes Sarmento
Vae armar de revolver a policia!

Uh! Papão! Que de um guarda uma caricia
E' peor do que um coice de jumento,
A criticar tal ordem eu rebento
De offensas á moral e á pudicicia!

Por qualquer coisa agora que se faça,
Ha sempre um bacamarte engatilhado
E d'esta p'ra melhor a gente passa

Pois já se diz e corre no mercado
—Não sei se é troça, ou dito, ou *blague* ou graça—
Que vae ser meio mundo fuzilado!

*

Irra, que ver um guarda de chanfalho'
E revolver ao lado mette medo,
Pois se sobre o gatilho dá ao dedo
A gente dá de ventas no cascalho.

Commigo não terão tanto trabalho,
Que eu fujo de Lisboa ou tarde ou cedo,
Que o caso fique aqui muito em segredo,
Não me mate antes d'isso algum paspalho.

Dizem que do Sarmento o fogo é tanto
Que vae armar a tropa de alabarda,
Mudar a Parreirinha p'ra o Monsanto.

Vae mil mortes haver, tiros em barda,
E vão dar, por causar terror e espanto,
Uma peça de doze a cada guarda!

*

Arsenaes ambulantes os espias,
Cada qual mais valente e qual mais bruto,
Semelha se um policia a um reducto,
Qual outra fortaleza de Caxias.

Rebentam por ahi fuzilarias
De atravessar á gente o cocuruto,
O balasio transforma-se em tributo
Que a gente hade pagar todos os dias.

Ver um pimpão de formidavel busto,
Terçados, armas, peças, barretinas,
E' de poder falar a muito custo.

Augmentem pelo menos as sentinas,
Não faltarão decerto, com o susto,
Multas de dez tostões pelas esquinas!

Senhora da Saude

Já do sino o badalão
Nas ruas se está ouvindo,
Cresce, engrossa a multidão,
Já do templo vae saindo
Da Saude a procissão.

A turba gritos arranca
Em medonha vozeria,
Toda alegre, rude e franca,
Magalas de artilharia
De capinha azul e branca.

Com azas de pintinhos,
Saias até aos joelhos,
Com lanças, dados, espinhos,
Caminham sete fedelhos
Sarapintados de anjinhos.

Quasi todo um regimento
Com capas de varias côres,
Muito e vario paramento,
Beatas traz dos andores,
O pendão ondeando ao vento.

Já por toda a Mouraria
A gente se acotovela,
Vae passando a confraria,
Menina pela janella,
Bandeirolas á porfia.

A pensar na procissão
Passei a noite á fadista,
Sem dormir, n'esta impressão,
Se hei de ir de anjo ou de sacrista,
Se hei de ir pegar ao pendão!

Fado do mocho

Nunca mais na minha vida
Repetirei, tó carocho!

Uns olhos de cigarreira
De olhar doce e namorado
Provocaram de um soldado
Esta phrase corriqueira,
Foi no sitio uma inferneira,
Que a *mancipal* aguerrida
Fez uma enorme mechida,
Cabeças feitas em mólhos,
Não mais direi *lindos olhos*,
Nunca mais na minha vida.

Houve pancada bravia,
Socco, murro e coronhada,
Houve basto *peixe espada*
E farta pancadaria,
Era enorme a gritaria,
De fazer correr um coxo,
Antonio Antunes Rebôxo
Já hontem disse á mulher:
—Nunca mais se Deus quizer,
Repetirei, tó carocho!

Esta phrase conhecida
—*Lindos olhos tem o mocho.*

Andou a tropa de linha
A' bulha co'a *mancipal*,
Foi um tumulto real,
Tudo puchou da *sardinha*,
Foi aberta muita *pinha*,
Muita cabeça partida,
Tudo andava de corrida,
Tudo corria e saltava
E toda a gente citava
Esta phrase conhecida.

Se alguém encontrar um *guita*
Pelas ruas da cidade,
E' fugir com brevidade,
Chame logo o Costa apita,
Que a tropa toda se irrita,
E' mais torta que um arrôcho,
E' melhor pedir-lhe um chôcho,
Fugir a toque de caixa,
Do que dizer-lhe, em voz baixa:
—*Lindos olhos tem o mocho.*

Fim de Quaresma

A Quaresma terminou,
Poz-se de banda o jejum,
O tempo santo acabou,
Vem a carne em vez do atum,
Já tudo se confessou.

Já ninguem mais quer rezar,
Ninguem pensa na Paixão,
Abandonaram o altar
E agora, na reinação,
Toca a rir, toca a gosar!

Hoje, Lisboa cançada,
Se o tempo estiver ameno
E a tardinha socegada,
Vae toda ao Campo Pequeno
Para assistir á toirada.

Dépois, a roda mais fina
D'esta nobre capital
Nos camarotes se empina
Que no Principe Real,
Faz beneficio a Adelina.

Hontem domingo, o jantar
Metteu gallinha, arroz doce,
Metteu vinhos a fatar
E vinhos e mais que fosse
Para a Paschoa festejar.

Bem diz o rifão que cabe
Citar agora. Isto apure
Quem por acaso o não sabe:
Não ha mal que sempre dure,
Nem ha bem que não acabe!

A Alleluia

Apparece a Alleluia. A claridade
Vem succeder-se á treva. Tudo canta.
Enche o templo uma luz divina e santa,
De nova e peregrina magestade.

Comem-se mais amendoas na cidade,
Recosida gallinha o povo janta,
Dos talhos e da tenda o luxo espanta,
Ha paios e presunto em quantidade.

Um cheiro a santidade tudo emana,
Um cheiro a confissão e a desobriga,
A Passos e a Senhor da verde canna.

Acabou-se a Paixão, com bem o diga,
Tanta amendoa comi n'esta semana
Que até já tenho um throno na barriga.

Na escola medica

A alegre rapaziada
Da escola de medicina
Tambem hoje faz parada,
De chanfalho e barretina,
N'uma parodia engraçada.

Os batalhões de sopeiras
Formam no pateo em quadrado,
Soldados e vivandeiras,
Fun gá-gá improvisado
De tachos e cafeteiras.

De espingarda serve um penso,
De chanfalho um bisturi,
De cinturão serve um lenço,
E os rapazes vão alli
Condecorar o Lourenço.

O Queiroz da *mancipal*
Todo em bilis se derrama,
Teve uma insomnia real,
A ler nos ferros da cama :
Batalhão intestinal.

Ha dias, não come nada,
Pelas paredes se roça,
Dá murros no camarada
Por lhe metterem á troça
A mavortica parada.

E já disse, em voz sentida,
Lá da guarda aos capatazes,
Sobre a festa da Avenida :
-- Os marotos dos rapazes
Fazem-me a autopsia em vida.

Tempo santo

Hoje o povo em grandes levas,
Com toda a solemnidade,
Vae ver officios de trevas
A's egrejas da cidade,
Enche á cunha o Sacramento,
O Loreto, a Encarnação,
Ouve de rezas um cento
Em latim de cantochão.

Dona Euphrazia Sá Moreira
Que ás egrejas vae por vicio
Dorme na sua cadeira
Emquanto rezam o officio,
A' porta da sacristia
Resona, toda nasal,
Já quando a vela Maria
Arde só no castiçal.

Accordando á barulhada,
Entre os gritos e assobios
Que dispara a garotada
Do templo aos eccos sombrios,
Toda ella então se atrapalha
E grita, em funebre nota :
— Esta maldita canalha
Não me deixa ser devota !

Os sargentos aspirantes
Namoram finas donzellas
Com sorrisos provocantes
E constantes olhadellas,
Os gatunos aproveitam
A medonha escuridão,
Fingindo que rezam, deitam
Ao nosso relógio a mão.

Os irmãos, de opa encarnada,
Com desusado fervor,
Do côro sóbem a escada,
Da pia á capella mór,
Rosnam gordos capellães
Compassadas ladainhas,
Pacientes sacristães
Vão apagando as luzinhas.

Quem me dera, dera, dera
Tambem saber cantochões,
Dizer missas eu quizera,
Prégar enormes sermões,
Dar a tudo bem sentido,
Metter em tudo o nariz,
De sacerdote vestido,
Sotaina e sobrepeliz.

Tenho uma bossa medonha
Para estas cousas de igreja,
N'isto a minha alma se enfronha,
Como um padre, salvo seja,
Acho graça e graça ás pilhas
Em rimar á devoção,
Que parecem gazetilhas
De quem já fo' sacristão !

Coisas tristes

Ante a morte, o sorriso desvanece,
A dôr veste de lucto a gargalhada,
O ironico mofar desfaz-se em nada,
Os labios titubiam n'uma prece.

O galhofar satanico emudece,
Como a noite seguindo uma alvorada,
Suffoca em pranto uma alma attribulada,
Que, em triste soluçar, seu riso esquece.

E' que a morte arrebatã o pensamento
Aos páramos sem fim d'esse infinito
Que synthetisã o proprio firmamento.

Sente-se a gente, emfim, tão pequenito
Que olha o mundo, o viver como um momento
Que em breve passa, como um ai, um grito!

*

Cançado trovador de insulsas trovas,
Versejador sem fogo, esconde a lyra,
Teu fraco coração gemẽ e suspira,
Que és fraco trovador em tudo provas!

As palavras que dizes não são novas,
Mais olympicos sons do peito tira,
Queima o fogo sagrado em tosca pyra,
Inunda de teu rosto as fundas covas.

Que onde o poder da musa não acóde
E uma alma quer, qual côxo n'uma rampa,
Subir d'onde por vil tudo a sacóde,

Cá por baixo, entre a turba, essa alma acampa
E, como toda a gente, tambem póde
Tres lagrimas soltar sobre uma campã.

Boas festas

Faça de conta o leitor
 Que estou falando comsigo,
 Devo crer que é meu amigo
 P'ra me fazer um favor.
 Supponha que eu me vou pôr
 Nos degraus da sua escada,
 Abre-me a porta a creada
 Como se eu fosse o padeiro
 E eu entro todo lampeiro
 Pela sala alcatifada.

Tenho dois metros de altura
 E um pequenino bigode
 Que á flôr do rostome acóde,
 Dos labios na dependura,
 Desarcada creatura,
 Grande trunfa de cabello,
 Fato de côr e com pello
 De feitio alargartado,
 E', emfim, o seu criado
 Um verdadeiro modelo.

Depois de ver se a sopeira
 Vale a pena namoral-a,
 Sento-me ao canto da sala
 Repimpado na cadeira,
 Olho a mobilia em nogueira
 Que me parece exquisita,
 E espero todo catita,
 A *toilette* fazendo,
 Que o leitor venha correndo
 P'ra me tomar a visita.

Entra o leitor, de chinellas,
Robe-de-chambre e bonnet,
 Logo me ponho de pé
 Entre as fartas bambinellas,
 Largo-lhe quatro olhadellas,

Faço-lhe o meu cumprimento,
 Mais repimpado me sento,
 Esboço quatro sorrisos
 E exclamo em termos concisos,
 Aproveitando o momento:

-- Não julgue vossa excellencia
 Que eu seja intruso ou larapio,
 Eu sou aquelle *Esculapio*
 Que lhe móe a paciencia,
 Venho aqui com reverencia,
 Com minhas falas modestas,
 Com tenções das mais honestas,
 Abraçal-o ternamente.
 -- Eu venho aqui, finalmente,
 P'ra lhe dar as boas festas!

Quasi, quasi que estou vendo
 A cara do meu amigo,
 Mal que esta phrase lhe digo,
 As feições todas torcendo,
 Mil coisas me irá dizendo
 E ficará sem falar,
 Mal que, emfim, imaginar
 E lhe acudir de repente
 Que eu fui lá tão sómente
 P'ra lhe comer o jantar.

Póde ficar descançado,
 Não lhe corre a coisa torta,
 Quando eu lhe bati á porta
 Já ia farto e jantado,
 E agora que o meu recado
 Já dei e as festas tambem,
 Ao seu dispôr cá me tem,
 Versos são como as cerejas.
 -- Vou visitar as egrejas,
 Viva, passe muito bem!

Devoção

Semana santa. Os cirios nas capellas
Ajouçados de pregos e agua benta,
Sacerdotes de roxa vestimenta,
O encapotado altar com muitas vellas.

Namoros nas egrejas, olhadellas,
O cheiro a rosmaninho invade a venta,
No confeiteiro, a montra succulenta,
Regabofes de amendoas e Bucellas.

A procissão á tarde. Muita gente,
Vae a tia, a cunhada, a mãe, a mana,
A turba nas calçadas reverente.

Vê-se padres aos mil, toda a semana,
Bochechas côr de almagre, a côr ardente
Da capa do Senhor da verde canna.

*

Nos officios das trevas, as beatas
Comem as contas do subtil rosario,
Mastigando orações ante o Calvario,
De joelhos, de cocaras, de gatas.

Impera o bacalhau mais as batatas,
Que é tempo de jejum extraordinario,
Sobre um altar, o lenho solitario
Assiste ás missas, festas, funçanatas.

A igreja, de devotas coalhada,
Devotas no Senhor todas suspensas,
Foi com negras cortinas transformada.

E' deixal-as rezar, respeito as crenças,
Ouvir missas e missas de enfiada,
Ramos, Trevas, Paixão, Paschoa, Endoenças.

*

No sabbado, as imagens e os anjinhos
 Entre flócos de luz, surgem nadando,
 Enquanto o cantochão vão murmurando
 E cantam sobre o adro os passarinhos.

Acabam-se os sermões e os rosmaninhos,
 Põe-se fim ao successo miserando,
 Vão do templo as devotas abalando,
 Recolhem se as amendoas e os santinhos.

Vae ser uma semana bem passada,
 De ficar divertido até aos ossos,
 N'uma bohemia louca e descuidada.

Não sei qual é melhor, dizei ó moços,
 Se de amendoas tomar uma pançada,
 Ou se uma indigestão de padre nossos !

O centenario

Vae ser de tres em pipa o centenario
 Do santo thaumaturgo de Lisboa,
 Que o programma das festas apregôa
 Um luxo, um fausto, um brilho extraordinario.

Ha *Te-Deums* e novenas, um fadario
 De rebentar, rezando, uma pessoa,
 Arraiaes de Belem á Madragôa,
 Festejos por Alfama e no Calvario.

Ha cortejos, regatas e toiradas,
 Corridas, serenatas, o demonio,
 Exposições, fogueiras, cavalhadas.

Ha coisas de pasmar qualquer camponio,
 Que é das sortes p'ra mim mais invejadas
 Ser durante tres dias Santo Antonio !

*

A cidade de marmore e granito,
N'um soberbo pagode transformada,
Vae ser de lés a lés embandeirada,
Qual immenso arraial com peixe frito.

O bonançoso Tejo tão bonito,
Correndo pela riba engalanada,
Mil barcos e balões, n'uma salsada,
Como um templo ideal do antigo Egypto.

O povo gira e gosa em seus descantes
Na praça da Figueira, e no Rocio,
Em brincos pueris, extravagantes.

E, pela margem do doirado rio,
Gira e gosa, a pensar que uns dias antes,
Ficou devendo a casa ao senhorio!

*

E' que eu conheço um typo, que é casado
E uns reles dez tostões ganha por dia,
Deve no carvoeiro, a mercearia
Quebrou, por ao sujeito ter fiado.

No emtanto, anda na pandega enfronhado,
Sempre em bailes, deboches, muita orgia,
Veste do bom e á lei da fidalguia,
Tem cavallos e trens, muito creado.

Que o centenario do fradesco santo,
A quem muito venero, meus senhores,
O milagreiro a quem venero tanto,

Antes deve chamar-se, e sem favores,
Sem qualquer impressão que cause espanto:
Centenario das casas de penhores!

O Zé Ricardo

Como quem pega n'um fardo,
Ou se despega da vida,
Ou se pica n'algum cardo,
Ante-hontem eu, na Avenida,
Abracei o Zé Ricardo.

Dei-lhe um aperto de esquelha,
Um aperto nunca visto
E, á noite, por dar-me a telha,
Fui vel-o no Theopisto
Do *Testamento da Velha*.

Dei enormes gargalhadas,
Que não pude resistir
Ouvindo aquellas piadas,
Emfim, fartei-me de rir
A bandeiras despregadas.

Vendo aquellas olhadellas
De tão comico Barata,
Lembrei-me das fartadellas
De pandega e *zaragata*,
Cá nas nossas berzundellas.

Os passeios horas mortas,
As ceias nos restaurants,
As funçanatas nas hortas,
As poeticas manhãs
Passadas fóra de portas.

N'estes pagodes baratos
Em que amor mette o seu dardo,
Em que ha sempre espalhafatos,
Que aquillo é um Zé Ricardo
Digno do Zé dos Pacatos!

Poisson d'avril

A estatua de Dom José
Andou hontem na Avenida,
Foi tomar um capilé,
E, á noite, estava caída
Junto das Cruzes da Sé.

O chafariz do Loreto
Subiu o ascensor do Lavra
De bengala e fato preto
E foi molhar a palavra
A' pharmacia do Barreto.

O theatro da Trindade
Foi hontem ao Dona Amelia,
Cahiu ao Tejo a cidade,
Othello bateu na Ophelia,
Leão treze fez-se abbade.

Andaram quatro sardinhas
No Rocio a passeiar,
Comi carne com espinhas,
Dormi no fundo do mar,
Já vi novellos sem linhas.

O Burnay mais o Navarro
Diz que fizeram as pazes,
Nunca fumei um cigarro,
Garotos não são rapazes,
Já vi camisas de barro.

Quejandas afirmações
Posso arranjar mais de mil,
Não creiam n'estes palões,
Hoje é *primeiro d'abril*,
São tudo carapetões!

Visita ao caes

Levantei-me hontem cedo e na cidade
Andei a vadiar um grande espaço,
Com lencinho de seda no cachaço
Por me livrar do frio e da humidade.

Meus passos dirigi com brevidade
Ao chamado Terreiro, ou que é, do Paço
E estive a contemplar, qual de um terraço,
Do altivo Tejo a ingente magestade.

Chocou-me a lufa-lufa dos barqueiros,
Lavando dos catraios o costado,
Entre a grita infernal dos catraeiros.

Tinha dormido pouco e mal deitado
E, acocorado ao pé dos candeeiros,
Desatei a dormir como um cevado.

*

Eis que um ruido de clangor medonho
Resoou de repente aos meus ouvidos,
Nunca ouvi, acordado, taes ruidos,
Que estava preso de um tremendo sonho.

Vi um typo de aspecto tão bisonho,
Alvos cabellos, hombros denegridos,
Que fiquei a tremer e sem sentidos,
N'um mal estar indomito, enfadonho.

Eis que a bocca se abriu do tal phantasma
Que saira do rio e de entre as dunas,
Como horrifica, enorme cataplasma.

E exclamou, entre phrases importunas,
Das que um proprio arrieiro ouvindo pasma :
—Eu sou aquelle Caes, sem ter columnas !

*

Logo um salto formou o monstro horrendo
 E, os membros fracturados repellando,
 Se poz ante meus olhos saltitando,
 O corpo sobre as pedras remexendo.

Acordei quando o sol me ia aquecendo,
 De rapazio ao pé um grosso bando,
 E fui pelas escadas passeiando,
 A sinistra visão do sonho vendo.

Desci, desci, desci. Ao lume de agua,
 Que as cançadas palhetas me sacode,
 Vi o rio batendo n'uma fragua.

E uma columna vi, n'este pagode,
 Coitada, a desfazer-se em pranto e magua,
 A gritar lá de baixo: — Quem me acode!

Superstições

Hontem, treze e terça feira,
 Dia de enguiço e de azar,
 Tudo correu de maneira
 Que, por mais que a gente queira,
 Ninguem se póde queixar.

O dia esteve molhado,
 Muita gente se molhou,
 O céo um tanto nublado;
 O mar um tanto agitado,
 Mas á noite serenou.

A gente da redacção,
 Gente velha e da moderna,
 Tudo estava vivo e são,
 Todos disseram que não
 Tinham partido uma perna.

Não houve um fogo valente,
 Não houve um assassinato,
 Não falleceu muita gente,
 Lisboa toda contente
 Não quebrou sequer um prato.

Não consta que houvesse nada
 No mar, na terra ou no céo,
 Não houve cousa falada,
 Não foi a paz alterada
 Pelo equilibrio europeu.

Apenas o ministerio,
 Que muito se discutiu
 Nas arcadas com mysterio,
 Não baixou ao cemiterio,
 Segurou-se e não caiu!

O ferrabraz

Deve estar quasi a acabar
Do servicinho o jejum
Que lhe deram p'ra gosar
O trezentos vinte um,
Que ando farto de cantar.

No lyceu, a estudantada
Continua como d'antes
Em continua guitarrada,
Fervem por lá os descantes
E as rapiocas na escada.

Não me consta que a policia
Tenha tido que fazer,
Os jornaes não dão noticia,
Não ha nada que dizer,
Vae no largo uma delicia.

E' que, andando com licença
O ferrabraz supradito,
A moral não soffre offensa,
Não puxa do seu apito,
Nem a policia em tal pensa.

Fez bem, portanto, o major
Em lhe dar ferias, coitado,
Nunca fez coisa melhor,
Que anda tudo socegado
De Lisboa em de redor.

Já consta que a estudantada
Ao Sarmento pedir pensa,
N'esta semana chegada,
Que se lhe dê mais licença,
Mas licença illimitada.

O Judeu ¹

Corria branda a noite. A seje de um *sereno*
Trotava silenciosa, em trote mui subtil;
O cavallo da mão erguia o rosto ameno
Pela rua da Paz, um mez depois de abril.

São hoje *vinte e cinco*; um figurão ao largo
Bradava, a suspirar, do Tejo o manto azul;
Tinha de um suicida o já mortal lethargo,
Nas ventas o affagava, em cheio, o vento sul.

Oh! dia *vinte e cinco*! Oh! dia de tormento!
Em que a renda da casa havemos de pagar!
Carteiras sem vintem! De dividas um cento!
As ruas da cidade, emfim, p'ra passejar!

1 Parodia á *Judia*, de Thomaz Ribeiro.

Se o triste do inquilino ouhasse ter desejo
De casa sobre a terra, o biltre do *Judeu*
Mandava-lhe a correr mandados de despejo,
Que o predio, diz o biltre, é seu, só seu, só seu! . . .

*

.....
Corria branda a noite; a seje do Lagoia
Chegava, triste e só, d'uma calçada ao fim;
Um typo se apeou de dentro da tipoia,
E disse alarvemente. A voz dizia assim :

«Pague e não bufe a ruinosa renda,
Kija prebenda que eu não recebi,
Faça impossiveis, vou tirar-lhe a vida,
Venha á *bebida* do recibo aqui!

Pague! eu cá fico a acalentar-lhe a *massa*,
Em réis se faça, sem vintem ganhar!
Pague e não bufe e não me dê manteiga,
Que eu digo ao Veiga, se não quer pagar!

Renda da casa, loiras libras bellas,
Sem ir sem ellas já de mim não vás,
Ha de seguir-te um *cabrion* de fama,
Mesmo na cama se dormindo estás!

Onde gastaste, onde esollaste a renda?
Riquinha prenda que não tens tostão?
Em Seca? em Meca? por Belem? Na feira?
Tu sem carteira, eu sem dinheiro?! Oh! não.

Papel sellado que a justiça impelle
Tira te a pelle, que um pimpão eu sou!
Cão que, n'um anno, se alimenta, cresce,
Ri, disapparece e nunca mais pagou!

Grande tratante perseguido e pobre,
Dá-me o teu cobre, este recibo lê!
Sempre na seje a vir bater-te á porta,
Vae muito torta e olha a contra-fé!

Porque ha de a renda não pagar-se em dia,
 Dá-me a quantia, deixa-me um penhor !
 Porque esta casa sem pagar a renda,
 Divida horrenda que me faz horror !

Prego ! Meu prégo, que me dás consolo !
 Tolo ! Meu tolo, dá-me a renda já !
 Oh ! renda ! Oh ! renda ! Vamos, ó cocheiro,
 Vae p'ra o chiqueiro, que eu não volto cá !

Pague e não bufe a ruinosa renda,
 Rija prebenda que eu não recebi,
 Faça impossiveis, vou tirar-lhe a vida,
 Venha á *bebida*, que eu não volto aqui !

O final da Grã-Duqueza

O MAJOR, *ao 321, mostrando-lhe o terçado*

Eis o terçado da amargura,
 Que a estudantada revolveu,
 Conserva-o sempre na cintura,
 No cinturão ao lado teu,
 Déste tal prova de arrogancia,
 A's argoladas ao portão,
 Que rigorosa syndicancia
 Mandei fa-er um capitão,
 E's innocente, qual na infancia,
 Um rechonchudo rapagão !

CÔRO DE POLICIAS

Toma o terçado do major,
 E's da policia o tambor-mór !

O MAJOR, *pegando no terçado*

Eis o terçado da amargura,
 No cinturão ao lado teu
 Põe o chanfalho na cintura,
 Porque quem manda aqui sou eu !
 Pódes prender toda a cidade,

A estudiantada fuzilar,
 Dar soccos, murros, á vontade,
 Morder, ferir, assassinar,
 Que a syndicancia é a verdade
 É eu não permitto duvidar !
Entrega-lhe o terçado

CÔRO DE POLÍCIAS

Toma o terçado do major,
 E's da policia o tambor-mór !

O 321

Vae nas unhas, verão, de um pimpão destemido
 O terçado marcial do major. Sim, olá !
 Prenderei todo o mundo -- ou serei demittido !

O MAJOR

Prenderás todo o mundo !

TR.S DA TUNA, *á parte*

Não, não, — não prenderás !

CÔRO DE POLÍCIAS

Prenderás todo o mundo !

OS TRES, *como acima*

Não, não, não prenderás !

CÔRO, *com força*

Ha de prender !

OS TRES, *muito teimosos*

Não prenderá !

O 321 dá o terçado ao capitão Dias, que o contempla com admiração.

.....
 Os policias fecham os calaboiços. O major e os capitães enviam beijos ao 321, que os rest tue ao major unicamente. Os estudantes agitam as capas e tocam o fado do Hilario. Quadro. Cae o panno.

Tres assumptos

Um policia immaculado
O tresentos vinte e um
 E eu chamei-lhe malcreado,
 Chamei-lhe general Boum
 E vae ser canonisado!

E' um anjinho que tem
 A nossa casta milicia,
 Um innocente tambem,
 O' santinho da policia,
Ora pro nobis amen!

Rapazes e raparigas,
 Marchae ao som da guitarra,
 Entoaê doidas cantigas,
 A ver qual de vós agarra
 Mais grossós mólhos de espigas.

Com peixes fritos baratos,
 Cortae pelos trigos loiros,
 De gatinhas como os gatos,
 Até ao Poço dos Moiros
 E ao *Bitoque* dos Pacatos.

Ao caminho pondo os pés,
 Zé Povinho pela estrada
 Crê-se o mais feliz dos Zés,
 Vae assistir á tourada
 Da nova Praça d'Algés.

São tres assumptos. Nenhum
 Foi em verso bem tratado,
 Ficarão hoje em jejum.
 — Fica tambem reservado
O tresentos vinte e um.

A's armas!

Consta que o governo vae promover a coronel
 o Santo Antonio de Lisboa, o qual tem a patente
 de tenente-coronel d'infanteria que lhe foi conferida
 pelo fallecido monarcha D. João VI.

De barretina e pennacho,
 A mil manobras se entrega,
 Quando sair o despacho,
 E' Santo Antonio collega
 Do senhor Dantas Baracho.

Já muita velha se chupa,
 Andam doidas como um gallo
 Por ver, se o logar occupa,
 Santo Antonio no cavallo
 E o menino na garupa.

Uns boatos que eu não narro
 Começaram a correr,
 Diz que já disse o Navarro
 Que o governo quer dizer
 Que os coroneis... são de barro.

Outros dizem com desgosto
 Que é uma arbitrariedade
 De subir a côr ao rosto,
 Com o limite da idade
 Não pôde subir de posto.

Diz que já no batalhão
 Disse o tenente Sinfronio,
 Que é um grande sabichão:
 --Hei de ver o Santo Antonio
 Reformado em capitão!

Vou acabar o aranzel,
 Vou pôr ponto nos versinhos
 Que faço cá no papel.
 --Quem me dá cinco réisinhos
 P'ra a cera do coronel!

Cuspo engulido

Venham cá depressa, ó manos,
Que tenho um caso p'ra rir
Como não tenho ha dez annos:
— E' prohibido cuspir
Dentro dos americanos.

O que tiver comichões,
Catharro no gorgomillo,
Ou deite fóra os pulmões,
Pagará, conforme o estylo,
A multa de dez tostões.

Confesse, caro leitor,
Que a nova é novinha em folha,
D'ora avante o conductor
Vende um bilhete e uma rolha
Para na bôcca se pôr.

O que estiver constipado,
Se da lazeira não trata,
Vê-se a cuspir obrigado,
Tem que andar na rua á pata,
Não querendo ser multado.

Já cuspir é prohibido,
Quem de cuspir não repouisa
Deve andar aborrecido,
Se prohibem outra coisa,
Vejo-me em talas mettido.

Dizem que uns exploradores
Dos muitos que a Lisbia tem
Vão fazer, vejam senhores,
Para Bemfica e Belem
Carreiras de escarradores.

Para o Brazil

Como Ullysses, que arde em brasa
Sobre o mar das Trapizondas,
Joaquim Silva os céos empraça,
Caminhando pelas ondas
Como nós por nossa casa.

O barco singra veloz,
Qual ligeiro rodovalho,
O Gomes sente-se em voz
E o Alfredo de Carvalho
Canta coisas ao Queiroz.

Venancio ao mastro real
Sobe a vêr o céu azul,
A Calvo mostra o seu *sal*,
Choramingando o Gazul
Abraçado ao Portugal.

O scenario, no porão,
Somninho maroto faz,
Chora a Maria Falcão,
Dá ordens o *Zé Rapaç*
A toda a corporação.

Sentado n'uma cadeira,
Qual se fôra n'um palacio,
Bebe Azevedo piteira,
Recita versos o Accacio
A' Josepha de Oliveirá.

Sousa Bastos é marau,
Só elle conseguiria,
Indo o tempo vario é mau,
Fazer ir a companhia
N'um cavallinho de pau!

Adeusinho

Vae-se embora a companhia
Do compadre Sousa Bastos,
Adeus noites de folia,
Adeus nocturnos repastos,
Adeus pandegas rasgadas
E madrugadas nas hortas,
Adeus bacchicas noitadas,
Folias fóra de portas!

Eu quizera dar um berro,
Como o tiro de um obuz,
Ao vêl-os levantar ferro
P'ra as terras de Santa Cruz,
Eu quizera qué chegasse
Ao Brazil a minha dôr,
Ter braços com que abraçasse
De pôpa a prôa, o vapor!

Ter o dom da ubiquidade
Minha alma que além se guinda,
Vêl-os hoje na Trindade
E o mez que vem no Lucinda,
Com vocês, de braço dado,
Ir hoje ceiar á *Flôr*
E passeiar repimpado
Pela rua do Ouvidor!

Quizera fazer quintilhas
No Brazil, no meu paiz,
Fazer doidas gazetilhas
No *Seculo* e no *Paiz*,
Ir, fazendo de empresario,
A' frente da *reinação*,
Ou nas caixas do scenario
N'um cantinho do porão!

Adeus, pois, até á vinda,
Cumprimentos aos *di lá*,
Bastas glorias no Lucinda
E boa volta p'ra cá!
Lá vae um beijo, dois, tres,
Um cento, um milheiro, um sacco:
-- Quero vêr qual de vocês
E' que me traz um macaco!

Luminarias

Com olhar arregalado,
Olhos por casa da lua,
O Zé povinho, coitado,
Anda vendo pela rua
Todo 'o burgo illuminado.

Da Avenida n'um bufete,
Tres capilés extravasa,
Ante o fogo que derrete
E vae, caminho de casa,
Com a canna de um foguete.

Em desusado apertão,
Que aos calos faz dar um berro
Vae gosando a procissão,
Fala do homem de ferro,
Do São Jorge e do sermão.

Hoje, á praça da Figueira,
Vae, todo secio e liró,
Vêr os cravos, vêr a feira,
Vêr tocar o sol-e dó,
Vêr dançar a *farrapeira*.

No seu leito solitario
De um hotel da rua Augusta,
Pensa o triste salafrario
No dinheiro que lhe custa
A festa do centenario.

Sobre as fronhas sedentarias,
Diz o pobre ao travesseiro:
—Agora, em festas tão varias,
E' que eu sou o verdadeiro
Pateta das luminarias!

A romaria

Lá fui ao Senhor da Serra,
Não trouxe nenhum anel,
Mas merendei sobre a terra
Um bem cozido farnel,
Varias bebidas de guerra.

Andei pelos arvoredos
Vendo os doidos namorados
Segredando os seus segredos,
Ouvi na guitarra fados
Tocados por varios dedos.

Fui-me a rezar á capella,
Comprei do santo um registro,
Vi muita e muita mazella,
Fui vêr na matta o sinistro,
Onde queimei a farpella.

Comi melões ás talhadas,
Mazurkei no bailarico,
Vinho vi em carroçadas,
Não apanhei o meu *bico*,
Mas vi enormes tachadas.

O santo licor de Bacho,
Mais do que o sangue vermelho,
Bebido aos litros n'um caco,
Chegava até ao joelho
Do bebedor, por mais fraco.

P'ra ser rico, eu pediria,
Em dinheiro de contado,
Cinco réis, não mais queria,
Por cada litro lançado
A' volta da romaria.

Feminismo

A mulher, por tudo ser
Nos dominios masculinos,
Passou agora a fazer
Seus disparates taurinos,
Disposta a toiros correr.

Hontem, as *niñas* na praça,
Tendo á mostra as pantorrilhas,
Vestidas qual Calabaça,
Lá pozeram bandarilhas
N'um garraio de má raça.

Seus feitos são applaudidos
Por solteiras e casadas,
Que prestaram mil sentidos
A's voltas por ellas dadas,
P'ra torear ós maridos.

Uma dama esgrouviada,
Mulher d'um typo sardento
Que é sapateiro de escada,
Foi vêr o divertimento
E não perdeu nem pitada.

Quando á noite, ao regressar,
Na palestra das visinhas
Se poz aos dentes a dar,
Fez mil encomios ás *niñas*,
A quillo é que é torear!

—De toiros tenho tal fome,
Diz a typa toda em braza,
Tal coisa o corpo me come
Que vou agora p'ra casa
Bandarilhar o meu *home*!

Iberismo

Barafustam os jornaes
Affectos ao ministerio
Contra os grupos liberaes
Em tom grave e ma s que serio,
Com phrases pyramidaes.

Lançando o seu exorcismo
Aos supraditos tyrannos,
Sonham com um cataclysmo,
Dizem que os republicanos
São suspeitos de Iberismo.

Taes suspeitas não são más
P'ra fazer politiquice
Como este governo faz,
Mas não me lembro quem disse:
--Bem o prega frei Thomaz...

O povo não cae na rede
Porque os não costuma lêr,
De chinfrins andam com sêde,
Se não ha mais que dizer,
Limpem as mãos á parede.

Fala em vão o redactor
Que taes calumnias procura,
Porque o jornal, meu senhor,
Tem apenas a leitura
Do pobre do revisor.

Ballelas e mentirolas
Não pegam no jornalismo,
São coisas mais do que tolas:
--A respeito de iberismo,
De Hespanha... só hespanholas!

O inverno

A passos agigantados,
O inverno vem caminhando,
Em procellas transformando
Estes tempos socegados,
Murcha a bonina nos prados,
A relva está resequida,
Serve a casa de guarida
Contra a chuva que nos molha,
Começa a cair a folha,
Dos arbustos da Avenida.

Já lá vae esse calor
Que nos deixava n'um lago,
O perfume brando e vago
Da natura quando em flôr,
A terra muda de côr,
Pesada andaina se faz,
E' pouco o calor do gaz,
A cama está regalada,
Adeus, ó carapinhada,
Ferve no copo o *cabaç!*

Das praias vem retirando
Uma enorme multidão,
O mar rebenta em cachão,
Tempestades agourando,
Volta o papá venerando
Que jogava o voltarete,
Volta o filho, um diabrete
Que era o terror do Casino,
Volta a filha, corpo fino
Como a canna de um foguete.

Quantos namoros na areia,
Beijcs de todo o tamanho,
Quantos protestos no banho
A's horas da maré cheia,
Quanta e quanta centopeia
Ouviu suspiros amantes,
Quantos velhos delirantes
Arrancaram mil gemidos
Por se verem preferidos
Por sargentos aspirantes!

Parece que, por Cascaes,
Na Figueira e no Estoril,
Succederam mais de mil
Diluvios universaes,
Pois, levantando arraiaes,
Dizendo adeus ás conquistas,
Ao mar revirando as vistas
N'um adeus de atra saudade,
Vão atulhando a cidade
Regimentos de ex-banhistas.

A conselheira Assumar
Vem negra como um tição,
De namorar o barão
Por entre o sol de rachar,
A's Soisas fez-lhes o mar
O effeito de um sinapismo,
Vem peor do rheumatismo
O tonsurado Felgueiras,
A Praxedes vem de Oeiras
Com ataques de hysterismo.

Nos campos, a saloiada,
 Vindimando as verdes vinhas,
 Canta saudosas modinhas,
 Na mais alegre ranchada,
 Saltita a raparigada,
 De vermelho tom no rosto,
 Os cachos são de almo gosto,
 Os toneis replectos são
 E Baccho, o deus borrachão,
 Toma os seus banhos de mosto.

Eu que não tive o prazer
 De ser um de entre os primeiros
 E não sou dos derradeiros,
 Nem por ora o quero ser,
 Ando com ancia a viver
 Por escaninhos diversos,
 Meus sons ao vento dispersos,
 Fóra da turba da gente,
 N'este inverno permanente
 De versos, versos e versos!

Emquanto uns, tristes afflictos,
 Se affastam desconsolados,
 Outros, de goso irritados,
 Soltam contentes seus gritos,
 Uns despedem-se constrictos
 Do formoso e bello Espinho,
 Outros regressam ao Minho
 E eu vejo-os, em funda magua,
 Uns tomando banhos de agua,
 Outros tomando-os de vinho.

Bem fez el-rei que, passando
 As palhetas á cidade,
 Sua real magestade
 Anda em terras passeando,
 Tivesse eu o jugo e o mando
 D'este pequeno torrão,
 Que, em continua reinação,
 Andava e os meus vassallos...
 Esses... deixal-os falal-os
 Que elles calarão-se-hão!

A crise

Ha boatos de crise nas arcadas,
 Fala-se em que o *Fervilha* vae a terra,
 N'essas varias imprensas tudo berra
 Que as horas o governo tem contadas.

Ha fardas no Grandella encommendadas
 Para novos ministros e da guerra,
 Sectarios do governo vão á serra
 E desmentem noticias propaladas.

Consintam, meus amigos, que eu não creia
 N'essas crises ou coisa parecida,
 Aquillo está pegado com obreia!

O governo é um sol de muita vida,
 Tem mais pernas do que uma centopeia
 E não cae com qualquer insecticida!

S. Bartholomeu

Hoje sinto-me disposto
 A rimar de caco a rabo
 Todo o jornal e por gosto.
 Diz que anda á solta o diabo
 Em vinte e quatro de agosto.

Tenho de assumptos um cento,
 Coisas soberbas, opimas,
 Se não versejo, rebento,
 Tenho a machina das rimas
 Em continuo movimento.

A ventania que faz
 E corre por essa rua
 Faz-me o effeito de um gaz
 Que me eleva até á lua,
 Mais ardente que agua-raz.

Fui ao Terreiro do Paço
 Ver os cirios embarcar
 E descripção lhes não faço
 Do que me ri a fartar,
 Que tenho falta de espaço.

Vi as capas encarnadas,
 Vi os santinhos macanhos,
 Falúas embandeiradas.
 Os pobresinhos dos anjos
 Com azas arremendadas.

Rostos sujos de manteiga,
 Pareciam os coitados,
 Rostos de face tão meiga,
 Que eram a bordo levados
 Como os da rusga do Veiga.

Quando, muito ao largo, os vi,
 Farto do sol aturar,
 Da grande praça sai,
 Fui pelas ruas pensar
 Sobre a S. Barthélemy.

Recordando a rija guerra
 E a grande revolução,
 Olhos baixos sobre a terra,
 Formei a minha tenção
 De ir hoje ao Senhor da Serra.

E, a pensar sobre o bulicio
 E no povo que hoje dava
 Largas aos gosos e ao vicio,
 Lembrei me que hoje passava
 O meu dia natalicio.

Divagando na cidade
 Por becos que já não sei,
 Tristeza o peito me invade
 E, entre suspiros, pensei
 Que vou indo p'ra a idade.

Vi-me no berço mettido,
Envolto em branca toalha,
Vi-me depois, já crescido,
Vi-me depois de mortalha
Tristemente revestido.

N'estes assumptos perversos,
O dia passei assim,
Por sitios varios, diversos,
E exclamei fóra de mim:
—Vou vingar-me a fazer versos!

E' negra a face da terra,
Mil abysmos tem o mundo,
Grandes torpezas encerra,
Eu sou quasi um moribundo,
Não vou ao Senhor da Serral!

Antes, porém, que em torresmo
Meu corpo veja findar,
Versos mil fazendo a esmo,
Acabo os versos por dar
Os parabens a mim mesmo!

FIM





PQ
9261
F482D6

Fernandes, Eduardo
Dois annos de troça

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

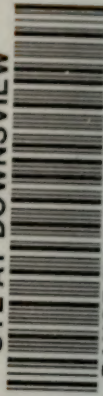
UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

Sédes da Empreza



LIVRARIA TYPOGRAPHIA
85-RUA AUGUSTA-95 || 35-RUA IVENS-37
LISBOA

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 06 02 15 004 0